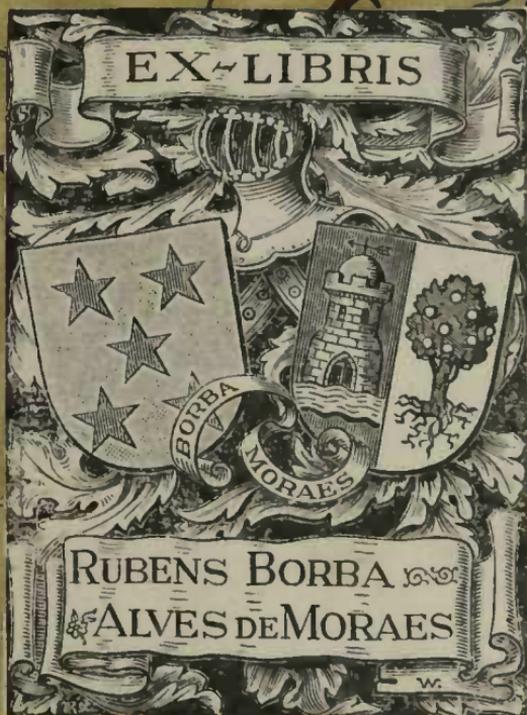


EX LIBRIS
BenediTo L. Peretto



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

(527)

3 vol.
1,500 —

O FORASTEIRO

AU MONDE ELEGANT
A. GENOUD
LIVRARIA - MUSICAS
CAMPINAS

OBRAS QUE SE ACHÃO A VENDA NA MESMA LIVRARIA :

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 4\$000, enc.	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch.	2\$000
enc.	3\$000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º, encadernados....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do pre- cedente. 6 v. in-8, br. 12\$000, encadernado	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$50,
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$000

Senio

O GAUCHO. romance brasileiro. 2 v in-8 br. 4\$, eno..	6\$000
PATA DE GAZELLA. romance brasileiro. 1 v. in-8 br.	2\$000,
enc.	3\$000
O TRONCO DO IPÊ. romance brasileiro. 2 v. in-8 br.	4\$000,
enc.	6\$000
SONHOS D'OIEO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc.	6\$000
br.....	4\$000

G. M.

DIVA, <i>perfil de mulher</i> . 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, <i>perfil de mulher</i> . 2ª edição. 1 v. enc.....	7\$000

J. Norberto de Souza e Silva

ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc.....	4\$000
BRASILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc.....	2\$000
FLORES ENTÃO ESPINHOS. 1 v. in-8º enc.....	2\$000

Rozendo Moniz

FAVOS E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8 br. 2\$000, enc..	3\$000
--	--------

Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fer- nandes dos Reis e annotada por *** 1 v. in-8º enc... 5\$000

V. Valmont

O ESPILHO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, tra- duzida por V. Colonna. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc... 3\$000
--

O
FORASTEIRO

ROMANCE BRASILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

SEGUNDA EDIÇÃO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69

AOS LEITORES.

Longe estou de ignorar, que em uma obra ligeira, como é de ordinario o romance, um prologo pecca sempre por demais; tambem não é um prologo longo e pretencioso, que pretendo impôr á reconhecida paciencia dos meus benignos leitores; é uma simples e breve explicação, de que entendi não dever prescindir.

O romance, que agora dou á luz da imprensa, é a minha primeira composição d'este genero: tinha eu sómente dezoito annos de idade, quando o escrevi, cinco annos antes da MORENINHA.

Cedo reconheci as imperfeições e os numerosos defeitos d'este meu primeiro trabalho; guardei-o muito tempo por isso; e quando, desejoso de offerecel-o ao publico, me vinha á idéa o fazer d'elle uma obra inteiramente nova, confesso que logo depois me faltava o animo para destruir com a reflexão do homem de mais de trinta annos a inspiração, embora extravagante, do joven de dezoito.

Eu guardava este meu pobre livro com o amor com que se conserva o anel de cabellos do filhinho roubado pela

morte: este meu pobre livro era como um objecto, que pertencêra á minha juventude já morta para mim, e encerrada no tumulto do passado: estimava-o principalmente por isso, e sómente por isso não desejava tocar n'elle.

Um meio unico havia para conserval-o sempre em sua completa originalidade, era não publical-o nunca: a isso estava resolvido; mas hoje que tive de ceder ás instancias de um amigo, convindo em que este romance fosse enfim impresso, pude apenas casar o respeito, que devo ao publico, com o empenho que eu tinha de não destruir a prenda, que me ficára da idade dos risos.

Assentei, pois, que devia conservar do meu primeiro romance tudo quanto pudesse ser conservado sem grave inconveniente, embora procedendo assim, elle se resentisse ainda muito da insufficiencia, da precipitação, e da incurria de um autor, que só contava dezoito annos.

Tomando esta resolução, limitei-me especialmente a corrigir os defeitos, que mais pertencião á fórma do que á materia da composição: sujeitei-me até ao estylo, que outr'ora adoptára, bem que outro preferiria hoje, e conservei mesmo capitulos inteiros, como os tinha escripto em 1839.

O plano da obra, o arcabouço dramatico, são os mesmos que erão.

Offereço, portanto, ao publico o meu *primeiro* romance, e nunca tive tanta necessidade da sua indulgencia, nem talvez tanto direito a ella, como agora.

Sobretudo, ao ler o — Forasteiro —, não se esqueção nunca os benignos leitores da idade que tinha o autor quando o escreveu.

Rio de Janeiro — 1856.



O FORASTEIRO

I.

O jantar á beira da estrada.

Estrangeiro, quem és tu ?...

Eschylo.

No dia 24 de Junho de 1743 descião da pequena, mas graciosa povoação de Itaborahy, pela estrada que vai ter ao rio Varzea, dous homens, que levavão marcha fortemente ligeira, como que muito tivessem de fazer ainda á luz do mesmo sol, posto, que então não pudesse ser menos de uma hora da tarde.

O exterior de ambos indicava que escassa era com elles a fortuna, e que a bom suar compravão o pão, de que se alimentavão, e as vestes que vestião ; mas tambem tudo n'elles parecia

estar dizendo, que o dia, que se ia passando, lhes era caro e festivo.

Posto que um dos dous sujeitos já devesse andar roçando pelos seus cincoenta annos, e o outro apenas pudesse contar seis lustros, erão em ambos iguaes e semelhantes o trajar, os modos e o contentamento.

Erão elles de alta estatura, e até certo ponto parecidos um com o outro: tinham cabellos pretos, bastos, e que talvez fossem bellos, se seus donos os não tivessem ordinariamente em desprezo: as mãos erão calejadas e grandes, assim como os pés, e todas as suas fórmãs abonavão um subido desenvolvimento muscular.

O rosto de qualquer dos dous mostrava-se crestado pelos raios do sol tropical; mas embora se parecessem ambos um com o outro, tinha o mais velho os olhos pardos, grandes, e o olhar doce, a boca rasgada, e um ar de franqueza que o distinguia bastante dos olhos pequenos e vivos, da boca sumida, e da expressão um pouco maliciosa do rosto redondo do mais moço.

Viubão ambos vestidos com estudada semelhança: seus chapéos erão de palha de taquarucú, trabalho em que, muito mais do que agora, primavão então os indios da aldêa de S. Barnabé, situada á distancia de duas legoas pouco mais

ou menos de Itaborahy: trazião compridas vestias de helbute desabotoadas, por sobre cujas gólas debruçavão-se os collarinhos da camisa um pouco aberta no peito: vestião calças de bombazina, e emfim, calçavão sapatos grossos, e rudemente feitos, aos quaes por seu pisar acanhado e irregular mostravão os dous caminhanes não estar muito habituados.

Deixárão os dous a povoação de Itaborahy, muito resumida n'esse tempo, descendo pela estrada, que hoje tem o nome de rua do Theatro, e chegando no fim de alguns minutos á margem do rio Varzea, ambos, como de ajuste, se abaixárão, e descalçando os sapatos, os pendurárão na ponta dos bordões, que sobre os hombros levavão; depois arregaçárão as calças até acima dos joelhos com um cuidado admiravel para não amarrotal-as, deixando á mostra suas pernas cabelludas e musculosas: isto feito, vencêrão de um salto o pequeno rio, e livres já dos sapatos, forão mais desembaraçadamente caminhaudo.

Logo depois despresárão primeiro uma estrada que lhes ficava á mão direita, e immediatamente uma outra, que para a esquerda se abria, e proseguirão, como que se dirigindo para atravessar o rio Aldêa no ponto chamado ainda hoje por alguns habitantes do lugar — Campo Redondo.

Posto que corresse o mez de Junho, e o dia estivesse fresco, os dous caminantes começarão a suar da fadiga, que lhes causava a marcha puxada que levavão; e já então principiavão a subir uma collina muito conhecida d'elles e dos seus, e que demora talvez a um quarto de legoa de Itaborahy.

Essa collina, bem que pouco elevada, e apezar de ser arida e toda cravada de pequenas pedras, fazia-se, e faz-se ainda hoje recommendavel por sua feliz posição: ao chegar ao seu cume, o mais bello panorama se desdobrava, do mesmo modo que agora succede, aos olhos d'aquelle que descia para o lado de Itaborahy, ou que de lá vindo, voltava os olhos para o caminho já vencido: a engraçada e nascente povoação apparecia surgindo d'entre os bosques, assentada sobre o cabeça do seu monte, dominando lindos outeiros, e pittorescas planicies, que a cercão como em vassallagem, e que ella risinha e candida os vigia e commanda sobranceira, como do alto do throno de seus esíados.

Em attenção á camada de pedras, que em seu dorso se encastão, esse outeiro era e é ainda actualmente chamado das *Pedras*, posto que alguns mancebos do lugar, levados dos senti-

mentos que experimentavão, quando ao deixar os campos de sua infancia, subindo aquelle outeiro, voltavão para traz os olhos, lhe dessem o nome um pouco poetico de *Collina das Saudades*.

Pois ião por ahi subindo os dous caminhantes, quando ao chegar ao cume do outeiro, disse o mais moço dos dous :

— Sabe o que é mais, tio Anselmo?... digo a vossa mercê, que isto vai a muito puxar !

— Pois para que ides correndo assim?... perguntou uma voz rouca, porém forte, que parecia sair do bosque.

Olhárão os dous para o lado d'onde lhes viera tão inesperadamente aquella voz, e virão logo á entrada da floresta um ancião, que descansava á sombra de uma frondosa arvore.

— Deos nosso Senhor lhe dê muita boa tarde ; respondeu o mais velho dos caminhantes, tirando o seu chapéo, no que foi logo imitado pelo companheiro : perdôe, meu velho, que não o havíamos attendido n'este andar em que imos ; mas é que quem móra, como nós, a tres quartos de legoa da freguezia, e não tem vontade de jejuar, quando o Sr. reverendo vigario o não recommenda, hade, como tambem nós o vamos fazendo, puxar pelos pés para tornar a tempo de ver as cavalladas.

— Pois se não é mais que o medo do jejum, o que vos leva á casa, vinde sentar-vos comigo, bons homens, e partilhareis da minha muito simples refeição.

— Mas, meu velho, é um grande favor que vossa mercê quer fazer a pessoas que lhe são estranhas.

— Estranhas?! e quem vos disse que me sois estranhos?... enganaes-vos; eu vos conheço a ambos: não longe da margem direita do Aldêa habitaes em uma casinha, que foi outr'ora levantada por vosso pae: trabalhaes desde o amanhecer até o pôr do sol: sois tementes a Deos, e amigos do proximo: vós sois o tio d'esse rapaz, que vos estima e respeita, como deve fazer ao irmão de sua mãe, que morreu ha dous annos: vós vos chamaes Anselmo, e vosso sobrinho se chama André.

Os dous caminhantes olhárão um para o outro admirados; e o mais velho d'elles disse ainda:

— É verdade, que tudo isso é tal e qual; eu, porém, não me lembro de ter visto a vossa mercê em parte alguma!

— Nunca me vistes?... exclamou o desconhecido.

Depois sorriu-se com amargor, e continuou falando por entre os dentes:

— Sim... eu vim de fóra... de bem longe...

E exhalou um suspiro doloroso.

— E esta?... como então póde saber tudo quanto nos diz respeito? será muita curiosidade perguntar quem é vossa mercê?

O velho cravou dons olhos brilhantes no rosto de Anselmo, e respondeu com voz pausada e grave:

— Eu sou o *Forasteiro*.

— O *Forasteiro!*... exclamarão ao mesmo tempo o tio e o sobrinho: o *Forasteiro!*...

E ficarão durante alguns momentos olhando espantados para aquelle homem: dir-se-ia, que esse nome, pelo qual se dava a conhecer o velho, tinha em si alguma cousa de mysterioso ou extraordinario.

— Sim, tornou o desconhecido, eu sou o *Forasteiro*: que vos espanta?... assombra-vos por acaso o meu nome?...

— Assombrar... não; mas é que desde quinze dias temos ouvido tanta cousa...

— Comprehando, tornou de novo o desconhecido: ha quinze dias apenas que cheguei á vossa terra, e já cem vezes tem chegado a vossos ouvidos o nome do *Forasteiro!*

— É certo.

— alvez tenhaes ouvido a meu respeito cou-

sas extraordinarias... mentirão-vos: vêde, eu sou um homem como qualquer outro.

— E vossa mercê veio então de muito longe?

— De muito longe!

— E como sabe tão bem, como qualquer de nós, o que nos é concernente?...

O semblante do velho pareceu annuiar-se: elle replicou com rudez e vivacidade:

— Basta de perguntas: eu sei, porque sei.

— Perdôe vossa mercê, que longe estava de o querer offender; disse Anselmo, pondo o chapéo na cabeça, e voltando-se para partir.

— Ficae! exclamou o desconhecido, suspendendo os dous: ficae! hoje haveis de jantar comigo: desculpae a impaciencia e a rispidez com que me tem marcado os annos e a desgraça: eu já fui bom e alegre... fizeram-me porém máo e melancolico: ficae, pois; mas não me pergunteis nada de mim proprio; dos outros ainda bem... de mim, não; porque me fareis lembrar do que fui; e isso é cruel, quando se tem sido feliz, e se é desgraçado!

E o velho mal acabou de fallar tirou de um alforge, que a seu lado estava, uma toalha, que estendeu sobre a relva, e sobre a qual offereceu aos dous lavradores a refeição, para que os convidára, e que, constando sómente de carno de vitella e de

carneiro, pão de milho e vinho, chegava comtudo para os tres.

Depois de alguns momentos de indecisão, e de se olharem ambos meio desconfiados, os dous lavradores fizeram sua oração, sentando-se defronte do velho, encruzárão as pernas e principiárão a comer com evidente demonstração de forte appetite.

André de instante a instante levantara, como a medo, os olhos, e de relampago os fitava n'aquelle homem singular: era este um velho que, pelo que mostrava, deveria contar cerca de sessenta annos, apezar do que uma organização feliz, e um desenvolvimento physico notavel attestavão forças superiores á sua idade decadente: cabellos brancos, brancos, que se dirião um capuz de algodão, cahião de sua cabeça magestosa sobre seus hombros largos: abaixo de sua fronte alta e proeminente, olhos grandes, negros e brilhantes, como os olhos da mocidade fogosa, lampejavão vistas ardentes, e ás vezes terriveis: tinha o rosto de um perfeito oval, mas tão vermelho, como se uma onda de sangue se espraiasse sob sua cutis: seu nariz era proporcional, e sombreado na parte superior pelas sobranceiras bastas e crespas, que ahí se confundião uma com a outra: a boca rasgada e guarneçada por labios eroticos,

que apenas nas commissuras se deixavão cabir como abatidos, escondião duas filas de dentes iguaes e do mais puro esmalte, e que alvejavão ás vezes sinistramente na ironia de seus sorrisos: sua estatura era agigantada, suas mãos não tremião ainda, suas pernas erão ainda firmes; mas o que, sobre tudo, fazia grave, respeitavel e grandioso o aspecto d'esse homem, era sua barba longa e branca, branca, como erão seus cabellos, e longa, que chegava a roçar seu peito!

Simples erão os vestidos do velho: calçava grandes botas de couro de veado, e que franzidas e dobradas em vinte pregas descião abaixo dos joelhos, e por dentro das quaes se ião esconder suas calças azues: vestia um quimão de baeta negra, largo, mas abotoado de cima a baixo: junto d'esse homem estavão depostos um chapéo preto e desabado, um longo ponche da mesma côr, e, emfim, um terçado, que da cintura lhe deverá pender.

Os vestidos do velho que hoje não inspirarião curiosidade, devião parecer extraordinarios no meado do seculo decimo oitavo, época em que ninguem se vestia assim.

Ao começar da refeição, o desconhecido tomára alguns pedaços de carne e pão, bebêra um copo de vinho, talvez para desafiar a boa vontade de seus hospedes; mas pouco depois pareceu esque-

cer-se completamente d'elles. Sentado á sombra da copada arvore, no cume do outeiro, e tendo o rosto voltado para o lado de Itaborahy, elle devasava as rusticas, pequenas, e pouco numerosas casas, que n'esse tempo formavão a povoação nascente : seus olhos estavam embebidos na nova Matriz, que acabava apenas de ser inaugurada, e que assentada no cabeço de seu monte coberto de verde gramma, ella toda branca e nova se diria uma garça interessante abrindo as azas na superficie de um oceano adormecido !

Immovel e extatico o velho mostrava deixar-se levar de mil diversas reflexões, que ninguem poderia adivinhar quaes fossem no segredo do seu silencio : sómente a expressão de sua phisionomia atraíçava ás vezes as sensações variadas que experimentava : ora brando e franco sorriso annunciava a lembrança do uma época feliz, e mitigava a dureza de seu rosto ; ora nos olhos faiscavão vistas ferozes, e seus labios convulsivamente tremião, sacudidos pela recordação de uma affronta, ou pela inspiração de uma vingança.

Quando os lavradores estavam já terminando o seu rude jantar, o desconhecido involuntariamente deixou escapar um longo suspiro, e uma grossa lagrima rolou por sua face : então, como se quizesse encobrir aquelle signal de dôr e de

saudade, enxugou com rapidez a lagrima, que lhe escapára, e voltando-se de repente para seus hospedes, disse :

— Uma bella festa... o povo alegre e satisfeito... e logo mais festas ainda : não é assim ?

— Sem dúvida ; e boa razão temos nós para alegrar-nos ; posso dizel-o a vossa mercê.

— Tambem o sei.

— A historia da nossa Matriz não é tão simples como talvez a vossa mercê pareça...

— Quereis que vol-a conte?...

— Mas é que tendo vossa mercê chegado a esta terra ha tão pouco tempo...

O velho interrompeu Anselmo, e disse :

— Não é esta já a terceira vez que se levanta a Matriz da vossa parochia ?

— Como?... pois vossa mercê tambem sabe!

Parece que o pensamento do desconhecido era tornar-se cada vez mais admiravel aos dous simples lavradores : e por isso talvez, lhes foi repetindo a mesma historia que elles lhe pretendião contar.

— No anno de 1679, disse elle, o curato de Itaborahy entrou na independencia da freguezia de Santo Antonio de Sá... ha mais de meio seculo, ha sessenta e quatro annos que isso se passou ; nenhum de vós tinha nascido ainda : mas vossos paes vos contarão a historia de vossa terra.

Anselmo fez com a cabeça um signal de approvação ; o velho continuou.

— Servio primeiramente de Matriz á nova freguezia a capella de Nossa Senhora da Conceição, que se vê ainda hoje, mas quasi abandonada, a algumas braças da margem esquerda do rio Iguá: não foi isto assim ?

— É verdade ; mas depois...

— Depois... oh! sim, depois commetteu-se um erro, querendo-se fazer um bom serviço: tinham invocado a Santa Mãe de Deos para Padroeira da nova freguezia... mudárão-lhe a invocação; devião lembrar-se, que não ha Santo que valha a Mãe de Deos, nem mesmo S. João Baptista !

— E o mais é, que tem vossa mercê toda razão ! balbuciou tristemente Anselmo.

Com effeito, proseguio o desconhecido ; vendo que a capella de Nossa Senhora da Conceição era em extremo pequena, um homem honvo que fez edificar outra mais espaçosa, consagrada a S. João Baptista, e situada n'aquelle mesmo monte, em que hoje tendes o vosso templo, e para a qual se mudou a Matriz da nova parochia.

— É verdade ; e esse homem...

— Chamava-se João Vaz Pereira.

— Tal e qual !... disse Anselmo boqui-aberto !

— Mas ainda depois, esse mesmo homem, ao

ver que cahia em ruínas essa primeira capella, que doára, mandou erguer outra vinte braças distante da primeira.

— Tem vossa mercê contado a historia da nossa terra, como se tivesse nascido e morado entre nós !... faltou sómente dizer-nos, que agora...

— Agora, disse o desconhecido interrompendo o lavrador, agora vós todos, ricos e pobres, embora mal coadjuvados pela governança do paiz, tendes levantado um bello e magestoso templo para servir de Matriz á vossa parochia, e hoje que o consagrastes ao Santo do cordeiro, exultaes de prazer e de regosijo, porque tendes na vossa Matriz um tabernaculo de paz e uma fonte de alegria e de esperanças : não era isto que me que-rieis dizer?...

— Tal e qual !

— E a manhã de hoje, proseguio o desconhecido, foi votada á religião ; houve sumptuosa festa no templo reedificado ; um sacerdote vos fez ouvir a palavra de Deos, e sabistes da casa santa com o coração cheio de fé e de felicidade !

— Foi assim ; não ha dúvida nenhuma...

— A tarde será ainda de festa ; mas não de solemnidade religiosa : vós a dedicaes ao prazer e aos divertimentos publicos : tereis de ver vossos mais dextros mancebos correr o jogo das cava-

lhadas. No entanto tudo se move e se prepara ; os cavalleiros animão e ornão seus ginetes, e ainda uma vez examinão seus vestidos e suas armas, e ouvem os conselhos de seus paes, que em seu tempo tambem lidárão nos mesmos jógos ; vossas damas tremem dentro do coração pelos cavalleiros de seus olhos, e dentro do coração ou ás escondidas promettem ornar o altar das Santas de sua devoção com as mais lindas flores do prado, para que os seus escolhidos tirem uma argolinha de ouro para lhes offerecer : a curiosidade tambem agita o povo ; vós todos ardeis por ver vossos mancebos, e segundo vossas sympathias, já de prevenção vos decidis uns por Paulino, a quem chamaes — o *Esquivo* — ; porque inda não houve bella que o captivasse, posto que muitas tenham tentado conseguil-o, como dizeis.

— Oh ! pois então vossa mercê sabe tudo?...

— Outros por Adolpho — o *Ruivo* — alcunha que deve a seus cabellos côr de fogo.

— Tambem esse?...

— Outros ainda por Jorge — o *Triste* — como o chamão alguns, porque o vêem sempre abatido ; ou Jorge — o *Filho do Onça* — como o designão muitos, fazendo reverter sobre elle a má reputação de que goza seu pae.

— Mas embora lhes dêem todos esses nomes,

observou Anselmo, não ha ninguem que não inveje a gloria que lhe está reservada: eu vou dizer a vossa mercê...

— Para que, se eu posso dizel-a a vós mesmos?... ha ahi em uma *fazenda*, na margem do Varzea, uma moça bella e encantadora, que é o amor de vós todos: cresceu a vossos olhos e tem um altar em vossos corações; o seu nome é Branca: é sobrinha e pupilla de um rico senhor, que se chama Raphael, o qual a destina para esposa de Jorge: o mancebo não deu um passo para isso... a moça ignora ainda, que se decide assim do seu futuro: Raphael e Claudio Goes — o *Onça* — tem tudo determinado entre si.

Os dous lavradores ouvião espantados aquelle homem desconhecido, e recém-chegado de estranhas terras, que tanto sabia de tudo e de todos do seu lugar: o *Forasteiro* sem dúvida para fazer garbo de seus conhecimentos ia continuar, quando foi interrompido pelo rinchar de um carro, que subia o outeiro.

N'aquelle tempo conhecia-se no interior do Rio de Janeiro dous unicos meios de viajar para aquelles que o não querião fazer a pé: um era o cavallo, e outro o carro puxado por bois: destinava-se o segundo particularmente para conducção das senhoras.

O carro que vinha subindo o outeiro era tirado por seis possantes bois, trazendo adiante como dianteiro um escravo, negro, que os guiava, e mostrando-se em pé sobre o cabeçalho do carro outro como carreiro, que animava os bois com seus gritos, chamando a cada um dos seis por um nome particular, e ás vezes castigando os mais preguiçosos com a aguilhada.

Dentro do carro, que estava forrado e coberto de esteiras do paiz, e que se defendia do sol pela parte anterior e posterior com cortinas de chita, vinha sentada uma respeitavel senhora, já velha, cercada de mocambas decentemente vestidas.

Um gentil mancebo acompanhava o carro cavalgando um formoso cavallo baio.

Tanto o desconhecido como os dous lavradores cumprimentarão a velha e o moço, que passavão.

Quando o carro ia já descendo o outeiro, o desconhecido disse aos dous:

— E aquelle carro, que além se vae sumindo, deixou um desgosto ao vosso povo: a velha Constança, que n'elle se retira, é uma nobre senhora Itaborahyense, e não quiz assistir ás cavalhadas, porque ellas são dirigidas pelo Sr. Raphael, seu figadal inimigo; mas o povo ardia por ver entre os cavalleiros, que hoje devem correr, o

joven que lá se foi acompanhando a resentida e obstinada velha.

— Ah! vossa mercê também conhece o Sr. Leonel?...

— Se conheço o Leonel!... exclamou o *Forasteiro* com ardor; se conheço o engeitado do Aldêa?... Perguntaes-me se conheço o bemfeitor, que mata a fome do peregrino, e que cobre a nudez do pobre?... aquelle, a quem vós todos abençoaes?... o joven destemido, que se sorri á borda do abysmo?... o engraçado extravagante, que repete em voz alta todas as suas innocentes loucuras?... o genio benéfico e modesto que esconde todos os donativos, e consolações que espalha?... o rico, que abraça o pobre?... o homem generoso, que defende a donzella desvalida, e que protege o velho sem amparo?... oh!... se o conheço!!!

— É assim! é assim mesmo!... exclamou batendo palmas André, que fallava pela primeira vez.

— São passados apenas quinze dias, proseguio o *Forasteiro*, vinha por solitaria estrada caminhando um triste velho, quando quatro salteadores cahem sobre elle... o combate era desigual... o velho ia succumbir... de repente ouve-se o tropear de um cavallo que corria á desfilada...

apparece um joven cavalleiro, que acode ao grito da victima, e que de improviso arroja-se contra os malvados, que fogem covardemente.

— E esse joven...

— Esse joven animou o velho, acompanhou-o até perto d'estes lugares, e sem querer ao menos dizer como se chamava, desapareceu em seu feroso cavallo: ah! vós o adivinhaes, bons homens; exclamou o *Forasteiro* com os olhos cheios de lagrimas: vós o adivinhaes, esse joven era elle...

— O Sr. Leonel?...

— Sim, era elle; e o velho... era...

— Quem?

— O *Forasteiro*.

— Era vossa mercê?!!

— É verdade: era eu.

— Bravo, o Sr. Leonel!... viva o Sr. Leonel!... bradou André, atirando ao ar o seu querido chapéo de palha.

— Por tanto, continuou o velho enxugando as lagrimas; esse mancebo é digno do amor de todos vós... Quanto a mim... não vos importa isso.

— Sabe uma cousa, tio Anselmo?... disse André: não posso mais ver com gosto as cavalladas.

— Cala-te lá, rapaz; respondeu-lhe o tio; não

é bom te intrometteres na conversação dos mais velhos.

N'esse momento ouvio-se o toque dos tambores que annunciava que em breve começariam as cavalhadas. Anselmo e André erguerão-se.

— É tempo, disse o *Forasteiro* levantando-se tambem : é tempo : ide.

— E vossa mercê não vem?

— Não sei.

— Depois das cavalhadas teremos uma mesa franca dada pelo Sr. Raphael; se vossa mercê quizesse...

— Não! não! bradou com rispidez o velho.

A colera pareceu accender-se por um momento no rosto do desconhecido : os dous lavradores retirarão-se apressados ; mas não havião ainda avançado muito, quando o *Forasteiro* lhes perguntou, gritando :

— O' lá, amigos : quantos cavalleiros suppondes que tomarão parte nas cavalhadas?

— Dezoito, com toda a certeza, respondeu Anselmo.

— Estaes enganado ; tornou o *Forasteiro*.

— Como ?

— Haveis de contar vinte.

Depois sumio-se pelo bosque.



II.

As cavalhadas.

Virão todos o rosto a d'onde havia
A causa principal do reboiço,
Eis entra um cavalleiro que trazia
Armas, cavallo ao bellico serviço.

CAMÕES — *Lusíadas*.

Os dous lãvradores não se tinham enganado: o rufar dos tambores annunciava com effeito, que chegára a hora em que devião ter começo as cavalhadas.

A povoação de Itaborahy, então apenas nascente, se compunha n'essa época de umas dez ou doze pequenas cazinhas, algumas das quaes cobertas de palha, que é o tecto privilegiado do pobre, e de mais tres ou quatro casas mais espaçosas e menos rudes pertencentes a alguns dos principaes habitantes da nova parochia; mas

a necessidade de accommodar a multidão que acodira para gozar as festas, fizera com que se improvisassem ruas de barracas, que emprestavão ao modestissimo povoado um aspecto verdadeiramente gracioso e aprazivel.

O povo da nova parochia concorrêra com enthusiasmo, e o das vizinhas com viva curiosidade para assistir á cerimonia da benção da Matriz, e á festa de S. João Baptista, orago de Itaborahy : a manhã do dia 24 de Junho, que era o que se estava passando, fôra consagrada a essas duas solemnidades religiosas, e ninguem tivera uma censura que fazer nem uma falta que lamentar n'ellas, tão brilhante e sumptuosa fôra a sagrada festa celebrada no novo tabernaculo do Senhor.

Satisfeito o dever religioso, o povo esperou com anciedade a hora das *cavalhadas*, que era o primeiro dos divertimentos publicos, que tinham de executar-se na tarde e noite d'aquelle dia.

Pouco depois das tres horas da tarde começarão a rufar os tambores e a tocar as trombetas, e a multidão curiosa foi deixando a povoação e descendo pela estrada, que depois se veio a chamar — *rua da Ladeira* — e que se chama hoje — *rua da Carioca*.

Posto que diante da nova Matriz se estendes- se um campo insufficientemente dilatado, para

que n'elle livesse lugar o jogo popularmente conhecido com o nome de — cavalhadas, — não julgáráo dever servir-se d'elle, porque achando-se a povoação assentada no cume de uma collina, o terreno era naturalmente desigual e ladeirento; preferirão pois para theatro do brinco guerreiro uma planicie, que se estende entre os dous insignificantes corregos chamados do — *Lava-pés* — e do — *Quarto*, — e que ainda hoje conserva o nome de — *Campo do Rocio*.

Ahi tinha-se preparado uma estacada completamente circular, guarnecendo o campo destinado aos cavalleiros: a estacada abria-se em dous pontos fronteiros um do outro, os quaes tinham recebido a denominação de *porta do oriente*, e *porta do occidente*, conforme a posição de cada uma: essas portas tinham de um lado um grande barracão, onde se devião recolher os cavallos que do sobreselente trouxessem os cavalleiros, e do outro um tablado alto, que seria occupado pelos tocadores de charamelas, tambores e outros instrumentos marciaes.

Em torno da estacada os homens ricos e importantes do lugar e das circumvisinhanças haviam mandado levantar estrados, palanques e cadafalsos, cada qual mais vistoso e elegante, para commodo proprio e de suas familias: um gran-

de espaço livre e aberto defendido apenas pelo parapeito da paliçada ficava reservado ao povo.

Dentro em pouco esses estrados e cadafalsos, assim como o campo adjacente á estacada foi sendo invadido pelos espectadores: era um espectáculo interessante e curioso, o que apresentava toda essa multidão que se lançava como uma torrente pela encosta da collina.

De mistura com uma chusma de mancebos folgasões e alegres moças, via-se o grave e rustico agricultor de mediocre fortuna conduzindo cauteloso e desconfiado sua familia, que toma o aspecto de uma fila de soldados; porque o velho marcha adiante, vem logo depois a mulher, segue a esta a filha mais velha, e depois uma a uma as outras filhas, que se succedem, segundo as idades, e depois ainda uma a uma as mucambas que fechão o prestito.

Em quanto aqui este outro lavrador, pobre e honrado, muito contente de seu trajar domin-gueiro, que se resume em longa vestia e calças de belbute e bombasina, se curva sobre os taboleiros das doceiras, e reparte doces e confeitos, que compra, com as sobrinhas e as afilhadas, que trazem vestidos de durante, e algumas mais felizes, vestidos de cabaia, e a cabeça tão cheia de flores naturaes, como o pescoço de rosarios e

bentinhos ; vê-se mais além, ou já orgulhosamente sentado no palanque um nobre e elegante figurão da terra : traz na cabeça um chapéo de tres bicos, e uma cabelleira de bueres, repartidos os cabellos no alto da cabeça, apolvilhados, e com alguns anneis atados nas extremidades e pendendo sobre as espadoas ; a casaca e os calções, que veste, são de velludo encarnado, se o collete é de velludo azul, ou se este é encarnado, são aquelles pelo contrario azues : as casacas tem os punhos revirados e presos por grandes botões de metal ou de madreperola, ou de vidro, e as casas agaloadas ; a gravata ou é de simples babados, ou por um requinte de tafularia rematão-se os babados com borlas, uma das quaes se vai prender graciosamente em uma das casas do collete, o qual pela sua parte é longo, e desce até os quadris ; as ricas fivelas dos calções, um espadim atirado bem para traz, os magnificos grilhões de um ou melhor ainda de dous relogios, meias primorasas, e sapatos altos com salto encarnado, completão este trajar afidalgado.

Notavão-se ainda passeando ostentosamente por entre o povo, ou tambem sentados nos seus vistosos cadafalsos, alguns officiaes de Ordenança e de Terços diversos, como de Itapocará, a que pertencia Itaboraby, de Santo Antonio de Sá, e

São Gonçallo : todos com suas longas fardas verdes forradas de encarnado, com os colletes d'esta côr, e os calções da côr das fardas, as meias brancas, e com botins pretos e justos os officiaes dos Terços, e com sapatos os de Ordenanças : distinguirão-se sobre tudo os de Itapocará pelos agaloados de prata nas casas das fardas e dos calções, e pelas dragonas da mesma côr.

Esta descripção resentir-se-ia de uma lacuna imperdoavel, se não fosse acompanhada ainda da pintura de alguma das senhoras mais elegantes que brilhão já á frente de seus estrados ; voltaremos pois os olhos dos nossos leitores para aquelle bello e gracioso palanque, onde exactamente se vão encontrar as vistas e as attentões de grande numero de espectadores.

É o palanque do Sr. Raphael, rico fazendeiro e proprietario do lugar.

O palanque se mostra todo forrado de seda branca, as cortinas já corridas erão de seda azul com apanhados da mesma côr guarnecendo a cimalha, e com formosos laços de fitas separando-os, e prendendo grandes e custosos festões nos dous angulos superiores da tribuna.

A frente do palanque está occupada por algumas senhoras, das quaes tres devem merecer muito especial menção.

No centro, sentada em uma cadeira de espaldar com assento de couro ornado de caprichosos labores, vê-se uma senhora, que contará talvez bem perto de cincoenta annos : seus cabellos, que devião ter sido formosissimos, mas que começam a embranquecer, prestão-se ainda a um elegante penteado : traz um vestido de seda côr verde-mar bordado de ouro ; das orelhas pendem-lhe ricos brincos de ouro com grandes diamantes no meio, e tintos de preto por detraz : cahe-lhe em tres voltas sobre o collo um precioso rosario, do qual pende um relicario de subido valor, tudo d'aquelle mesmo metal : calça, emfim, sapatos de setim branco bordados como o vestido, com os bicos um pouco revirados, com os saltos altos e forrados de setim, e com o laço no lugar da altura.

Esta senhora chama-se Alda, e é a esposa adorada de Raphael.

Embora tenham já passado para ella os annos da mocidade, adivinha-se que teria sido encantadora : sua estatura é alta, e ainda mais o parece por sua demasiada magreza : tem a fronte ainda bella, posto que, como exprimindo uma dôr interna e profunda, seus supercilios tendão sempre a contrahir-se, e a encrespem com algumas rugas levantadas por essa contracção ha-

bitual; seus olhos azues como o anil, langorosos e tristes derramão vistas doces e melancolicas em torno d'elles: suas palpebras um pouco roxeadas, cerrão-se molle e vagarosamente como uma nuvem escura que por momentos nos esconde o brilho de uma lua formosa: seu rosto é comprido, oval e pallido; o nariz, justamente proporcional, apenas deixa notar que pende um pouco, e tão pouco que mal se percebe, sobre o labio superior: dir-se-ia que uma afflicção abafada deprime e abate todo seu semblante: sua boca seria por certo graciosa, se os musculos labiaes não se curvassem tambem, cedendo talvez á mesma causa: a despeito de sua magreza, tem o collo e o peito perfeitamente encarnados: uma virgem lhe invejaria a cintura, uma princeza as mãos, e uma fada ou um sylpho os pés pequenos e mimosos.

Alda tinha sido uma belleza; alguma dôr occulta perturbava a harmonia dos traços de seu rosto, que o tempo, e quiçá o soffrimento não haviam podido ainda desfigurar.

À direita de Alda sentava-se uma moça de dezeseis annos: trazia um vestido de seda branca tambem bordado de ouro, e em tudo mais trajava como a esposa de Raphael: brincos, ro-

sario, o relicario, e enfim ainda os sapatos n'ellas duas se assemelhavão.

A moça chama-se Branca, e é sobrinha e pupilla de Raphael.

Imaginae uns cabellos longos, finos, bastos e annelados e de uma côr que medeia entre o castanho e o preto; uns cabellos que soltos ondêão em mil caracões sobre um peito alabastrino e sobre as mais formosas espadoas, e que destendidos, não os póde alcançar em toda sua extensão o braço de sua dona; uma fronte alta, lisa e branca como os jasmims; olhos rasgados e pretos, porém mais ternos do que ardentes; faces levemente córadas; um nariz pequeno e delicado; uma boca ornada de labios humidos e puros da côr das petalas da rosa, escondendo duas ordens de dentes iguaes, pequenos e brancos como a neve; um rosto um pouco redondo e resplandecendo com o viço da juventude, com a pureza da innocencia, e com a serenidade de uma vida calma e ditosa; uma covinha graciosa no mento, duas outras não menos graciosas nas faces, quando um celeste sorriso as vem abrir; um collo pouco alto, mas perfeitamente torneado; um peito, que arfa suavemente, como se os mais angelicos desejos de leve se agitassem dentro d'elle; seios que se adevinhão bellos, palpitanes e ento-

nados, como pombinhos brancos prestes a abrir o vôo; uma cintura que com as duas mãos se abrange toda; braços de perfeição admiravel, mãosinhas de cherubim, que ninguem apertaria sem receio de as quebrar, e, finalmente, pés delgados, pequenos e macios, e tereis feito uma idéa aproximada da suave belleza de Branca, se lhe ajuntardes uma estatura mediana, e um corpo flexivel e delicado, e se puderdes conceber a graça, que um sopro divino parece derramar nos modos, no movimento, no olhar, no rir, e no falar dos seus escolhidos.

Do outro lado de Alda está sentada uma outra moça da mesma idade de Branca: chama-se Iveta: é filha da ama de leite da pupilla de Raphael; é collaça, e irmã de criação de Branca.

Iveta penteou-se e vestio-se como sua collaça: a seda de seu vestido é sómente um pouco inferior ao da pupilla de Raphael, os bordados são de prata: traz ao pescoço um relicario de ouro pendendo de um cordão de coraes vermelhos: os sapatos são tambem bordados de prata, e tem os saltos pintados, em vez de os ter forrados de setim, como as duas primeiras senhoras.

A mãe de Iveta era uma india arrancada do seio do deserto e das trevas do paganismo pela

luz benéfica da religião: antiga cathecúmena dos jesuitas, achára nas agoas do baptismo a regeneração de sua alma, e na sociedade dos portuguezes um esposo, que morrendo prematuramente lhe deixára uma filha, verdadeiro e completo typo d'essa raça ardente e impetuosa, que proveio da união e da mistura dos europeos com os gentios do Brasil.

Esbelta e graciosa, Iveta tem os cabellos negros e tão compridos que, quando os solta, ficão a um palmo do chão; os olhos pretos, ardentes, e á flôr do rosto brilhão talvez demasiadamente atravéz de longos cilios, e a despeito das sobrelhas também muito pretas, e que se desenhão arqueando-se levemente sobre as orbitas: a proporção suave e bella de seu nariz é apenas perturbada pela dilatação um pouco exagerada de suas narinas, que ás vezes parecem respirar ondas de ar abrazado: seus labios vermelhos e bellos são grossos e parecem tão proprios para abrirem o céu de um riso de amor, como para acompanharem com um gesto atrevido um olhar de desprezo, que cahisse de seus olhos: seus dentes são de admiravel brancura, e como se ainda mais alguma cousa devesse vir augmentar a magia d'essa formosa boca, um buço quasi preto e finissimo, delicada e voluptuosamente se

desenha por sobre o labio superior, tornando-se mais pronunciado ao terminar-se um pouco acima do ponto, em que se encontram os lábios: em seu rosto, da côr do jambo, brilhão de mistura ardor e pureza, assim como abaixo de seu collo garboso e alto involuntaria voluptuosidade arfa em um peito anhelante, e liso como a superficie de um lago agitado pela brisa: a delgadeza de sua cintura torna ainda mais evidentes as proporções desenvolvidas, e encantadoras de seu corpo: suas mãos, um pouco compridas, nem por isso são menos bellas, e protestão a favor da harmonia que guardão com seus pés, escondidos a todas as vistas pela barra do vestido.

Mas o que torna sobre tudo Iveta interessante e perigosa para aquelle que a contempla, é uma atmospherá de ardente voluptuosidade, que parece rodeal-a: seu olhar tem um fogo que abraza; seu sorrir tem um feitiço que attrahe; seus gestos um não sei que, que provocão, e seu andar produz uma impressão que allucina.

Depois d'estas tres senhoras, com as quaes trataremos mais de perto no correr d'esta historia, seguiam-se no palanque de Raphael algumas outras amigas, comadres e afilladas de Alda: e, emfim, exactamente por detraz da cadeira de Branca, via-se uma velha cabocla vestida decen-

temente, e olhando com uma indisivel expressão de orgulho para Iveta, e muitas vezes tambem inclinando a cabeça para melhor contemplar a sobrinha de Raphael.

Essa velhá cabocla chama-se Cyriaca: é a mãe de Iveta, e a ama de leite de Branca.

Muitos invejosos, que apesar seu não podião arrancar os olhos do florido palanque, criticavão desapiadadamente a velha cabocla; e d'entre os pobres, aquelles que não tinham no coração um só átomo de generosidade para bemdizer a felicidade e a abundancia que lhes faltava, e em que vivia a collaça de Branca, tomavão a nobre gravidade de seus modos por altivez, e no meio dos motejos, graçolas e insultos que contra ella em voz baixa dirigião, chamavão-a — *Iveta, a mameluca.*

Tambem a moça não se daria por offendida se os ouvisse chamal-a assim: desde criancinha se habituára a ser por todos chamada a principio por gracejo, e depois por habito — *Iveta, a mameluca.*

Mas os motejos e as censuras se suspenderão. a curiosidade dos espectadores accendeu-se de subito, porque os foguetes que ao perto estouravão e as trombetas, charamelas e atabales, que soavão, e os gritos e applausos da multidão, que

chegava, annunciavão que os cavalleiros ião entrar no circulo.

Um momento depois a cavalgada executando uma pequena volta por fóra do circulo, entrou pela porta do oriente. Adiante vinhão os tocadores de trombetas, charamelas e atabales.

Seguião-se immediatamente os bobos, que apenas entrárão na arena quebrárão a ordem da cavalgada, lançando-se em desordem pelo circo: erão uns oito mascarados, cada qual vestido mais grotescamente, cada qual mais miseravelmente montado: um enterrára na cabeça um grande chapéo de palha de taquaruçú arranjado á guiza de chapéo de tres bicos, e trazendo uma vassoura em lugar de pluma: outro apresenta-se com uma coifa branca coberta de grandes laços de fitas de mil côres em vez de chapéo: este vestio uma horrivel e monstruosa casaca feita de retalhos de cem diversos pannos; aquelle primã na extravagancia dos calções, e nos remendos das velhas botas; aquelle outro cavalga um feio pequirã, que traz uma esteira servindo-lhe de xai-rel; ainda um outro, emfim, que se mostra vestido á feição de macaco, vem dando saltos em cima de um enorme, ossudo e magro passista, que por unico ornamento tem um longo cipó prendendo-lhe primeiramente o queixo, e divi-

dindo-se depois em duas pontas, de que o cavalleiro se serve em falta de redeas.

A entrada dos bobos foi saudada com applausos e gargalhadas geraes, que elles proprios á porfia trabalhavão por provocar, fazendo mil tregeitos e gatimanhos, e simulando quédas de cavallo.

Logo depois dos bobos apparecêrão duas azê-molas carregadas de feiches de cannas, e de outros objectos necessarios ás cavalladas: vinhão adereçadas com ricos reposteiros, e conduzidas por azemeis muito bem vestidos.

Seguião a estes os dous escudeiros e os pagens, levando á dextra ginetes que vinhão cobertos de vistosos telizes, e trazião pendentes do lado esquerdo dos arções das sellas as adargas dos cavalleiros, nas quaes brilhavão ós motes e as diyisas.

Finalmente entrárão os cavalleiros, precedidos pelos *padrinhos* ou mestres das cavalladas, e marchando emparelhados a dous de fundo, levando as lanças bem traçadas, e assentados os punhos acima das coxas, fizerão a volta de todo o circulo, cortejando as damas e as pessoas gradadas que dos palanques os saudavão.

Os padrinhos abrião a marcha na frente dos cavalleiros: vinhão vestidos de casaca, collete e

calções pretos, meias por cima dos calções e botas: trazião na cabeça chapéos de tres bicos com plumas pretas: trajavão pois vestes negras, que ainda mais fazião sobre-sahir os ricos babados brancos com borlas, nos quaes se arrematavão suas grayatas: finalmente, vastas capas tambem pretas lhes cabião dos hombros, e podia cada uma d'ellas envolver o corpo de seu dono.

Após os padrinhos entrarão os cavalleiros dous a dous, como já dissemos; formavão elles duas filas, ou *quadrilhas*, como se intitulavão. Simulando até certo ponto no jogo das cavaliadas os antigos torneios, tinhão os cavalleiros, recorrendo a todos os meios que póde sugerir a arte, imitado as armaduras antigas, de modo que vestindo todos elles sómente setim e sedas, parecião cobertos de pesadas peças de ferro.

Os cavalleiros havião-se esmerado em seus vestidos, adornos e armas, tanto, quanto pretendião esmerar-se no desempenho do jogo, que ião executar: cada qual trabalhára por apresentar-se mais rica e brilhantemente.

As duas quadrilhas distinguião-se apenas pela côr dos mantos que trazião; os cavalleiros de uma das quadrilhas usavão todos mantos de setim azul, os da outra de setim branco, trazendo uns

os mantos ornados com cercaduras douradas, e outros com cercaduras de prata.

Em tudo mais furtárão-se á monotonia do uniforme, deixando a cada um o direito de vestir-se ao proprio gosto.

Nas celadas de fingido ferro tremião ao vento plumagens de diversas côres: uns vestião armas quarteadas de branco e azul, perfiladas de ouro: outros mostravão-se vestidos em cossoletes de armas brancas; estes trazião armas verdes, aquelles armas verde-louro: em alguns as calças erão pagiças e rôxas, com guarnições conformes: em outros de selim branco ou azul assoguilhadas, e todas de muita obra: estes lançavão sobre as armas uma banda preta com rondas de prata: aquelles uma pagiça, outros uma côr de rosa; e todos, enfim, trazião borzeguins e esporas castelhanas ou mouriscas.

Já dissemos que nenhum d'estes cavalleiros se cobrira de armaduras de ferro, mas todos simulavão trazêl-as, apresentando-se sob um aspecto verdadeiramente guerreiro.

Cavalgavão ginetes ricamente ajaezados, trazendo as crinas e as caudas enfeitadas com fitas, cujas côres condizião com as dos competentes cavalleiros: as sellas, as rédeas, as cabeçadas, os rabichos, e as pontas das cilhas erão amarel-

las nos ginctes d'aquelles, que tinham os mantos brancos; e azues nos outros: os xaireis erão uniformes com os enfeites e peitoraes de guizos; as ferragens, copos dos freios e os estribos, da quadrilha azul erão dourados, e os da outra prateados.

Havia verdadeira ostentação de riqueza e luxo: tambem os cavalleiros erão todos filhos dos mais ricos e nobres senhores do lugar. Um dos padrinhos era Raphael, e o outro um portuguez, velho official de milicias, fazendeiro tão abastado como aquelle.

Depois de haverem rodeado todo o circulo, e cortejado as damas e senhores dos palanques, as duas quadrilhas se separarão, e cada uma precedida pelo seu competente padrinho foi occupar o seu posto nas duas portas: o posto occupado pela quadrilha chama-se castello, e conforme a côr dos mantos, dizia-se o *castello azul*, ou o *castello branco*. O primeiro cavalleiro de cada quadrilha chama-se *quadrilheiro* ou *guia*. Algumas d'estas denominações se tem modificado com o tempo.

Já os musicos occupavão os seus tablados, já os pagens e escudeiros tinham recolhido os ginctes á dextra aos barracões para esse fim destinados; já os cavalleiros havião abraçado suas

adargas: mais um instante... e as cavalladas não começar.

Anselmo e André, os dous lavradores, que tinham jantado com o *Forasteiro* no alto do *Outeiro das pedras*, achavão-se postados não longe da *porta do oriente*.

Apenas entrarão os cavalleiros, o curioso André, lembrando-se das ultimas palavras do *Forasteiro*, contou-os duas vezes, e achando só dezoito, e não vinte, como aquelle desconhecido lhes affirmára, exclamou, puxando pelo braço do tio :

— São dezoito, tio Anselmo, está vendo, que são dezoito cavalleiros sómente, afóra os padrinhos?

— E que tem isso, André?

— Pois vossa mercê não se lembra, que o tal *Forasteiro* gritou-nos, que havíamos de contar vinte?

— E vinte contareis, disse uma voz rouca.

Os dous lavradores voltarão os olhos e virão um vulto embuçado n'um ponche negro, que ia retirando-se d'elles, e se approximando da *porta do oriente*.

— E esta !... disse André, que ficára de boca aberta.

— Silencio, André, acodio Anselmo: cala-te ;

elles vão começar... olha, lá estão os padrinhos mandando sair as quadrilhas.

Com effeito, elles ião começar; mas sentio-se um ruido e movimento estranhos do lado da *porta do oriente*, e logo depois o povo que estava d'esse lado principiou a gritar:

— Cavalleiros! cavalleiros!...

Um momento mais, e soou uma trombeta: os dous padrinhos reunirão-se e forão juntos saber o que occorria.

Todos os olhos, todas as attensões estavam voltados para a *porta do oriente*.

Dous cavalleiros seguidos de seus pagens aproximárão-se: um d'elles parou a alguma distancia, em quanto o outro se adiantou, e chegando-se aos padrinhos, pedio-lhes permissão de tomar parte nas cavalhadas com o seu companheiro.

— E vão ser vinte! murmurou André boquiaberto.

— Cala a boca, tolo: disse-lhe o tio, que entretanto não estava menos admirado.

O cavalleiro, que se adiantára, foi logo conhecido: era um nobre e rico mancebo de uma dás freguezias visinhas: o outro trazia viseira, e queria guárdar o incognito.

Os padrinhós hesitavão á vista d'aquelle mys-

terio ; mas o cavalleiro, que tinha o rosto descoberto, asseverou que respondia pelas qualidades, e pelo primor do seu companheiro, e á vista d'isso e das acclamações entusiasticas do povo, abriu-se a têa, e a permissão foi dada aos dous recém-chegados.

No instante mesmo em que os dous novos cavalleiros ião entrar no circulo, uma mão forte e pesada pegou no joellio do cavalleiro de viseira, e uma voz mysteriosa lhe murmurou estas palavras :

— Vai: desconhecido para todos, eu te conheço, e *ella* te reconhecerá: vai, e sê feliz.

O cavalleiro hesitou... pareceu querer reconhecer aquelle que lhe fallára ; mas vendo escapar-lhe o vulto negro de um homem embuçado, arremetteu logo para dentro do circulo.

O cavalleiro, que primeiro se adiantára vestia armas verdes com debruns de ouro, calças de setim branco altas, e assoguilhadas ; o seu manto era azul : trazia por divisa na adarga duas mãos, que se apertavão mutuamente : era um voto de amizade.

O segundo cavalleiro vestia-se todo de negro : a celada era d'essa côr, assim como as plumagens, que sobre ella vacillavão : negras erão as armas, negras as calças, negra a manta, negra

a adarga, onde por divisa via-se simplesmente uma perpetua branca, por baixo da qual lia-se a palavra — *sempre* —; o manto branco dos cavalleiros do castello d'essa côr pendia-lhe dos hombros: cavalgava um ginete alaranjado, com crinas e cauda pretas, tendo d'esta mesma côr os braços dos joelhos, e as pernas dos curvilhões para baixo.

Segundo o uso, fizeram os dous novos cavalleiros a volta do circulo, cortejando os espectadores: um, conhecido de muitos, pôde ouvir o seu nome repetido por centenaes de bocas: o outro, trazendo o rosto occulto com a viseira, foi apenas chamado pela côr de suas armas « o cavalleiro negro ».

Ou fosse que a influencia do mysterio emprestasse ao desconhecido graça, que talvez não tivesse, mostrando-se com o rosto descoberto, ou fosse que realmente n'elle se encontrassem todos os primores da arte da cavallaria, certo é, que as attenções de todos os circumstantes n'elle se fixarão, os olhos de todas as damas n'elle se tinham cravado, e ao passar por diante do palanque de Raphael, Branca e Iveta parecêrão ou admiradas ou sorprendidas, e como que uma á outra se interrogarão com um olhar ávido, e de repente trocado.

Emfim, os dous cavalleiros se recolhêrão : um foi misturar-se com os do castello azul, em quanto o das armas negras, agradecendo com expressivo gesto, todos os offerecimentos de precedencia, occupou o ultimo lugar da quadrilha branca.

Ao som de musicas guerreiras começárão as cavalhadas, como é do costume, pelas escaramuças ; as duas quadrilhas correm, e encontram-se, e ora separando-se, ora encontrando-se de novo, fingem atirar golpes de lança, descarregão tiros de pistola, ou cruzão no ar suas espadas : o espectaculo, que offerecem as duas quadrilhas escaramuçando juntas, renova-se ainda entre dous cavalleiros de cada vez, sabindo um de cada castello.

É bello então de vêr-se a firmeza e a graça dos cavalleiros, o ardor impetuoso dos cavallos, a certeza no atirar e no aparar dos golpes, e as espadas e as armas brilhando ao reflexo dos raios do sol.

Cada quadrilha, deveriamos tel-o dito antes, é guiada pelo primeiro cavalleiro, por alguns chamado — o quadrilheiro — e por outros simplesmente — o guia —. O castello azul tinha por quadrilheiro Jorge, o *Triste*, ou, como outros o chamavão, o *Filho do Onça*. Era um mancebo formoso como uma mulher bella ; mas d'essa for-

mosura feminina, que não assenta bem no rosto de um homem; trazia armas verdes, cavalgava um ginete castanho dourado, e tinha por divisa na sua adarga um coração traspassado por uma setta de gentio.

Que querería significar aquella divisa?.. Jorge, o noivo presumido de Branca, devia, segundo todos esperavão, trazer na adarga uma divisa allusiva á encantadora moça, de quem devia ser em breve o feliz esposo; mas esse coração traspassado por uma setta semelhante ás que usavão os indios do Brasil, não se podia naturalmente entender com Branca, descendente de portuguezes.

Depois das escaramuças seguiu-se a corrida das cabeças: quatro plinthos se achavão levantados em distancias iguaes uns dos outros na paliçada: sobre cada um d'estes quatro plinthos os pagens vierão collocar uma cabeça de papelão, ou grande mascara: duas d'essas cabeças chamavão-se de Tifeu, uma de Medusa, e a ultima de Polyfemo. Além d'estas quatro, mais duas forão depostas no chão e no meio da praça.

Contra essas cabeças arremette um cavalleiro de cada castello: as dos plinthos são, a todo correr dos cavallo, feridas com lança, dardo e

pistola: para ferir as do centro os cavalleiros lanção seus ginetes a toda brida, e dobrando-se a tempo, devem tocal-as com um golpe de espada dado de detrás para diante: fortuna ou destreza entre todos os cavalleiros, tres sómente obrárão o grande primor d'esta ultima carreira; o primor consiste em apanhar a cabeça com a ponta da espada, atiral-a ao ar, e cortal-a depois em dous pedaços, sem jámais moderar-se a carreira do cavallo. Os tres cavalleiros forão — Jorge, o quadrilheiro do castello branco, e o cavalleiro das armas negras.

As carreiras das cabeças succedeu o desafio das *alcanzias*. Chamão-se *alcanzias* umas formas de barro finas e ôcas, que se cozem com pouco calor, para mais facilmente se quebrarem: tem a feição de uma pequena laranja, e costumão pintal-as de diversas côres, e enchel-as de flôres, ou prender dentro d'ellas formosos passarinhos.

Os cavalleiros recebem de seus pagens tantas *alcanzias*, quantas podem conter em grandes bolsos, que para esse fim trazem: logo o quadrilheiro de um dos castellos arroja o seu cavallo para o castello contrario, e desde que d'elle se aproxima, atira ao ar, como em desafio, algumas *alcanzias*: o guia da quadilha opposta

aceita o desafio, e parte: então o desafiante inclina-se bem sobre o pescoço do cavallo, debruçando-se para a parte direita, e cobrindo-se com o escudo pela esquerda, e foge para ir buscar o lado esquerdo do seu castello, em quanto o desafiado lhe joga quantas alcanzias pôde, que devem todas ir quebrar-se sobre a adarga do contrario.

Apenas o desafiante se recolhe, o segundo cavalleiro da primeira quadrilha sahe, e tomando o papel de desafiado, repete a mesma scena, que é emfim desempenhada successivamente por todos os cavalleiros.

Ao desafio das alcanzias seguio-se o dos canas: é pouco mais ou menos como o precedente: em vez de se atirarem alcanzias, que se recebem nos escudos, atirão-se canas verdes do comprimento de cinco palmos, que os adversarios cortão no ar com um golpe de espada.

Vem ainda depois d'este a corrida do *estafermo*. O estafermo é um meio busto de madeira, semelhando a figura de um homem com um arnez no braço esquerdo, e com um azorague de oito palmos de comprimento na mão direita: prende-se o estafermo em um poste em torno do qual elle gyra com rapido movimento, logo que recebe o menor impulso no arnez.

Ambas as quadrilhas formarão-se em linha de batalha defronte do estafermo: Jorge, o guia da quadrilha azul, sahe da fileira, e arremette a toda brida, dirige a carreira de modo que o estafermo lhe fique á mão esquerda, e quando perfila com elle, fere-lhe o arnez com a lança, de que vai armado: o estafermo roda em torno do poste; o azorrague sibila nos ares; mas Jorge, o *Triste*, tinha ferido a tempo. Os bravos são.

A Jorge segue o outro quadrilheiro, e depois d'este um por um todos os cavalleiros: os applausos do povo e as musicas festejavão aquelles que escapavão ao fatal azorrague, em quanto estrondosas gargalhadas da multidão confundião ainda mais os infelizes que, em seu proprio corpo, ou no de seus cavallo, recebião o golpe do azorrague do estafermo.

Tanto se assemelhou com o desafio das alcanzias o das canas, como se assemelha com a corrida do estafermo a corrida da barquinha; em vez de um busto, uma barquinha pendurada a um candieiro por prisões que a segurão pelo gurupés e pela pôpa: em vez do azorrague do estafermo, a barquinha entorna a agua. de que está cheia, sobre o cavalleiro

menos déstro que n'ella tocou com a lança, e não soube escapar a tempo.

Todos estes jogos de corridas tinhão sido geralmente executados com habilidade, galhardia e destreza, e cada um d'elles offerecêra ao publico bem agradável espectaculo. Nas escaramuças se applaudira o bello effeito de brilhantes grupos de cavalleiros; na corrida das cabeças o acerto e promptidão dos golpes; na das alcanzias, vião-se, ao quebrarem-se estas, cobrirem-se de flôres os escudos e os cavalleiros, ou voarem, escapando assim de suas prisões, canarios e beija-flôres, que ião pousar nos palanques, ou se perdião de vista buscando as matas visinhas.

O cavalleiro de armas negras tinha até então primado em todos os jogos: cada vez que corria alcançava uma victoria; manejava a lança com tanta graça como destreza; não lhe falhára nunca um golpe de sua espada, nem um só instante perdêra, descuidoso ou abalado, a firmeza com que na sella se conservava; e seu foomoso alazão, ardente como a flamma, seguro como a fidelidade, ligeiro como o raio, obedecia á mão que lhe manejava as rédeas, como uma machina á chave que lhe imprime um movimento calculado.

Entretanto os *bobos* não se conservavão ociosos; de cada vez que os cavalleiros terminavão uma corrida ou um jogo, lá ião elles representar em caricaturas o mesmo quadro: correndo as cabeças, este apejava-se diante de Polyfemo para furar-lhe o olho: aquelle fingia cahir desmaiado, encarando a cabeça de Medusa, enquanto outro parava o seu pequirá para chegar a acertar um golpe: nas escaramuças brigavão ás vezes uns com os outros, e, depondo as lanças, jogavão o sôco; mas era principalmente nas corridas do estafermo e da barquinha, que estava o triumpho dos pobres bobos: coitados! aproveitavão todas as vergalhadas de um, e todos os banhos da outra.

A multidão batia palmas, e desfazia-se em gargalhadas, animando os bobos a repetirem as suas burlescas proezas.

Alguns espectadores, que por engraçados gostavão de ser tidos, excedião-se até o ponto de dirigir a palavra aos bobos, chamando por seus nomes de baptismo aquelles que, a despeito das mascaras, havião sido conhecidos.

— Olhem o Antonio tamanqueiro! gritava um d'esses: ó tamanqueiro! apanha a espada que te cahio da bainha furada!

— Não faz mal, respondia o bobo reconhe-

cido; tenho outra espada melhor guardada dentro da tua boca.

— Affonso Lopes! clamava outro d'ali: que é da tua cabelleira de ninho de guaxe?

— Larguei-a, dizia o outro bobo, larguei-a, por ser muito inferior á cabelleira que tomastes no jantar de hoje.

O povo então apupava os engraçados, tomando o partido dos bobos, que, se algumas vezes respondião com tal qual espirito, quasi sempre perdião por desenxabidos ou *realmente bobos*.

Emfim, chegou a hora da corrida das argolinhas: é o momento suspirado pelas damas, e preferido pelos cavalleiros.

A corrida das argolinhas é a mais interessante e a mais desejada entre todas as que se executão nas cavalhadas; porque os cavalleiros que têm a felicidade de tirar argolinhas assumem o direito de preñar com ellas as pessoas a quem mais desejão provar affecto ou respeito, e de ordinario vão offercel-as ás damas de seus amores, recebendo em troco lenços e flôres.

Os pagens collocarão a trinta passos da porta do oriente um candieiro, como o que tinha servido para o estafermo e para a barquinha.

As duas quadrilhas reunirão-se como n'aquellas duas corridas, formando-se em linha de batalha defronte do candieiro.

Um pagem foi pendurar uma argolinha de canotilho de ouro, que ficou presa pelo fiel pendurado do gancho do candieiro.

Um cavalleiro fez o seu ginete sabir da linha e avançar alguns passos: era Jorge; seus olhos como que procurárão o palanque de Raphael, e no primeiro instante parecêrão desprender chammias abrasadoras; um sorriso animador abriu-se em seus labios quasi sempre comprimidos.

O povo, que conhecia o projecto de casamento de Jorge e Branca, pensou que o cavalleiro procurava um olhar de amor de sua noiva.

Mas do fundo do palanque de Raphael ergueu-se o vulto de um homem que, com um lenço, fez um signal de approvação ou de animação a Jorge: era Claudio Goes, que se mostrava a seu filho, e este em vez de alentar-se, empallideceu e hesitou.

— Eia! disse-lhe ao ouvido Raphael, que era um dos padrinhos; eia! nma argolinha de ouro para a sua noiva.

Jorge não respondeu.

Dado o signal, o cavalleiro partio; e tão certo corria o seu cavallo, e tão bem dirigida e firme estava á sua lança, que antes de tempo já os applausos soavão; mas... ao ir tocar a argolinha, a lança por um movimento inexplicavel da mão do cavalleiro, desviou-se um palmo do alvo.

— É incrível!.. disse em voz alta Claudio Goes.

— É incrível: repetio Iveta em meia voz.

Branca não disse palavra, nem fez movimento algum.

O guia da quadrilha branca sabio, e mais feliz do que o primeiro, ganhou a argolinha.

Seguirão depois d'este um por um todos os cavalleiros: a destreza ou a fortuna premiou a alguns d'elles.

O ultimo foi o cavalleiro das armas negras, que mais uma vez teve de ser objecto dos applausos e das acclamações do povo.

Finda esta carreira, os cavalleiros felizes forão offerecer as argolinhas, que tinhão ganho.

Os guias das duas quadrilhas acompanhãrão, como cavalleiros de honra, ao das armas negras, que se dirigio graciosamente ao palanque de Raphael, e levantando a lança offereceu a Branca a sua argolinha d'ouro.

A sobrinha de Raphael córando de pejo, e de alegria, e córando ainda mais ao perceber um sorriso malicioso nos labios de Iveta, recebeu a argolinha, e prendeu na ponta da lança do cavalleiro o seu lenço branco.

Ouvio-se um longo sussurro em toda extensão da estacada: era o povo que approvava a acção do cavalleiro desconhecido, e da bella dama escolhida.

Jorge nem se mostrou sentido, nem zeloso.

Os cavalleiros voltárão de novo a formar-se outra vez em linha; porque devião repetir ainda duas vezes a corrida das argolinhas.

Começára a soprar fresca a brisa da tarde, e a despeito de todos os cuidados, a argolinha, que se suspendera no gancho do candieiro, vacillava, mudando de posição a cada instante pelo impulso do vento.

Tornára-se de extrema difficuldade a corrida; não importa: Jorge rompeu a carreira, e tão infeliz como da primeira vez, sua lança afastou-se ainda da argolinha.

— Foi o vento! disse com raiva Claudio Goes.

— Não foi o vento, balbuciou outra vez Iveta. O outro quadrilheiro tocou com a ponta da

lança na argolinha, mas perdeu-a porque não pôde impedir que ella cahisse na arena.

Mais outro, mais dous, mais oito cavalleiros... e a brisa servia de justa desculpa a todos elles.

Lá sahe Paulino, o *Esquivo*... finalmente, quebrou o encanto, e foi victoriado.

Seguem-se os outros, e todos perdem: eis o ultimo... é o cavalleiro desconhecido: o imprudente deixou na lança atado o lenço de Branca: restão-lhe apenas duas pollegadas de lança para tirar e conter a argolinha: os padrinhos apontão-lhe o erro, e elle por unica resposta atira seu cavallo a toda brida.

Um grito geral saúda o cavalleiro: ganhou segunda argolinha; mas d'essa vez a ninguem a quiz offerecer.

Terceira corrida: a fortuna protege emfim a Jorge, pois que a brisa serenou por momentos: eil-o vai... e perde!

— Que miseria! exclamou Claudio Goes.

— É calculo, murmurou comsigo mesma Iveta.

Aproveitando a serenidade do ar, os cavalleiros se apressão, e demonstrão muitos d'elles que fôra a brisa a causa da desfortuna passada.

Chega a vez do desconhecido: ainda não partio e já a multidão o acclama: os vivas se

ouvem, os bravos resoão, e no meio d'elles o cavalleiro rompe a carreira: mas chegando a vinte passos do candieiro, atira na arena a lança, solta as rédeas sobre o pescoço de seu ginete, cruza os braços sobre o peito, e passa por baixo da argolinha curvando a cabeça.

Não quiz mais triumphos: ganhára uma argolinha para offerecer a Branca: uma outra que guardára, ninguem sabe para quem: desprezou a terceira.

Emquanto os cavalleiros offerecem as argolinhas vencidas na ultima corrida, fazem os bobos suas grotescas proezas no mesmo jogo: prendem ao gancho do candieiro grandes rodas de cipó ou de palha, correm e tirão-n'as, como podem ou querem, e vão depois offerecel-as áquelles dos circumstantes, a quem devem mais zombarias n'essa tarde, e cuja posição social não torna imprudente ou perigosa essa vingança de bobos.

Finalmente a carreira dá despedida põe termo ás cavalhadas: as musicas retumbão; e os cavalleiros formados em duas filas, como tinhão entrado, percorrem o circulo, levando na mão direita um lenço branco, que agitão, como dizendo adeos ás damas e aos circumstantes.

Alguns pretendem, que o cavalleiro das ar-

mas negras levára na mão o lenço de Branca, e que o beijára ao passar por diante d'ella; e dizem mais, que então a sobrinha de Raphael se erguera um pouco, talvez para melhor deixar ver a sua argolinha de ouro presa no lugar do coração.

Os cavalleiros sahem pela porta do oriente, guardando a mesma ordem com que tinham entrado: fóra do circulo os dous, que inesperadamente se haviam apresentado, despedem-se dos padrinhos e dos companheiros: o que não trazia viseira dirige a Raphael por si e por seu companheiro os devidos agradecimentos, e instados ambos para tomar parte nos divertimentos, que devem ter lugar á noite, aquelle aceita por fim o convite, enquanto o desconhecido persiste em retirar-se.

Debalde perguntão quem é, debalde procurão adivinhar quem seja o cavalleiro das armas negras; feitas com gesto gracioso as ultimas despedidas, elle dá de rédea ao seu ardente ginete, que n'uma impetuosa carreira encobre-se primeiro em uma nuvem de poeira, e logo depois desaparece em uma volta da estrada.

Cavalleiros, damas e povo, que deixão o circulo e sobem a collina para tornar á povoação, fazem todos uma só pergunta:

— Quem será o cavalleiro desconhecido ?

E tambem Branca e Iveta, sorrindo-se uma para outra, perguntão-se muitas vezes :

— Quem será o cavalleiro das armas negras ?



III.

O mascarado.

PERO.

Oh! não se esconda, senhor embuçado, que já o des-
embuçou a minha perspicácia.

BERNARDIM (*tirando a espada*).

Arreda, que heide passar.

PERO.

Passareis, passareis, senhor das saudades; passa-
reis como quizerdes, mas não sem vos eu conhecer.

(GARRET — *Um Auto de Gil Vicente*).

A nascente povoação de Itaborahy achava-se engolfada em uma noite de prazeres e de encantos.

A nova matriz, e as casas que a cercavão, ainda bem pouco numerosas, estavam crivadas de luminarias, que não brilhavão bastante sómente porque a lua plena e clara inundava de sua luz mysteriosa e bella a festiva povoação.

O largo da Matriz e as ruas (ainda despidas de casas), que n'elle se vinhão abrir, mostravão-se atonetados de povo, surgindo aqui e ali do meio da multidão os carros cobertos de colchas ou esteiras, que tinhão conduzido as familias dos lavradores.

Vião-se encostados ás portas das igrejas ranchos de moças sentadas a conversar, tendo diante de si, em pé, os velhos paes, que as guardavão cuidadosos, olhando desconfiados para os mancebos que passavão e observavão.

Adiante, em uma pequena casa, ou em uma barraca, familias amigas, ou ligadas pos laços de parentescos, dansavão alegremente ao som da viola e dos rudes cantos de um habilidoso *tocador*, que improvisava cantigas ao tio embasbacado, e ás *primas* já maliciosas.

Toda essa multidão que passeava, que ria, folgava, e dansava, se reunia para gozar os divertimentos marcados para a noite, e que devião constar de dansas de mascarados, e de um vistoso fogo de artificio.

Entretanto uma grande parte do povo parava diante de uma casa que era das melhores da pequena povoação, e que se mostrava toda brilhante de luzes e ruidosa de alegria.

Essa casa, que pertencia a Raphael, era as-

sobradada, e tinha quatro janellas de frente olhando para o largo da Matriz; de ambos os lados da casa se estendia um muro de tijolos, o qual se prolongava muito para traz, fechando assim o quintal, que representava um quadrado oblongo.

Raphael tinha, logo ao começar da noite, regalado o povo com uma excellente ceia servida em mesa publica, sob um vasto barracão, e reunindo em sua casa os cavalleiros que haviam corrido as cavalhadas, e muitas familias de sua amizade, dava um sarão brilhante, que desafiava a curiosidade da multidão, que não podendo ser admittida nas salas, se contentava com olhar para as janellas.

Do lado de fóra os observadores designavão uns aos outros certas figuras que vião passar na sala por defronte das janellas, e conversavão sobre a festa, e a respeito do que durante o dia occorrêra.

— Olhe, dizia um, aquella cabeça linda e graciosa, é sem duvida alguma a da Sra. D. Branca.

— Veja... lá passa a *mameluca*, que está dansando o minuete.

— Aquelle é Adolpho.

— E aquelle outro é Jorge.

— Coitado! como vae triste... parece que a lembrança da sua má fortuna na corrida das argolinhas o está perseguindo no meio do sarão!

— Qual! triste sempre elle anda.

— Pois ao menos agora devia parecer alegre: não é qualquer cousa ir ser esposo de uma moça como a Sra. D. Branca, que a par de tanta formosura tem tão grande riqueza.

— Ora... quem sabe se o casamento se realisará... o mundo dá tantas voltas.

— Pois que! a cousa estava decidida ha tres dias, e talvez que no primeiro domingo o Sr. vigario nos faça ouvir o pregão antes da missa.

— Sim... sim... devia ser assim; mas...

— Mas o que?

— Não se lembra do *cavalleiro negro*?

— Que tem o *cavalleiro negro*?

— Offereceu uma argolinha de ouro á Sra. D. Branca.

— Que importa isso?

— Ha quem jure, que ella conhece o tal desconhecido.

— Como?

— E que esperava vê-lo chegar para tomar parte nas cavalhadas; ora, se isto fosse verdade...

— Que tinha?

— Seguia-se, que o *Filho do Onça* já achava o lugar occupado no coração da moça.

— Ainda mal que nada d'isso é verdade; disse um outro observador intromettendo-se na conversação, que entre dous lavradores se havia travado.

— E porque?

— Porque o dinheiro é que vale, e o maldito usurario tem caixões de ouro enterrados, e portanto hade casar o filho com quem lhe parecer, e ainda mesmo com a Sra. D. Branca, que merecia ser esposa de um filho de vice-rei.

— Pois eu digo, que não acontecerá assim, acudio um outro; até hoje de manhã o casamento podia ter lugar; mas, desde as cavalhadas que se tornou impossivel.

— E a razão?

— A razão é que, digão lá o que quizerem, e pensem o que pensarem, a Sra. D. Branca ama o *cavalleiro negro*, e não ama o *Filho do Onça*.

— Ora esta agora é boa!

— Para mim é cousa decidida: se ella amasse a Jorge, havia de sentir e mostrar-se triste quando o vio perder todas as tres argolinhas,

e todos nós vimos que, nem córou, nem pareceu magoada.

— Isso é verdade... é verdade... disserão algumas vozes.

— E se ella não amasse o *cavalleiro negro* não se lembraria por certo de pregar com um alfinete a argolinha de ouro, que d'elle recebeu, na parte esquerda do peito, e exactamente por cima do coração.

— Homem, e mesmo!.. disse um.

— Dado o caso que tudo assim seja, acudio o terceiro que fallára, não é menos certo que o Sr. Raphael e o usurario tratarão o casamento da Sra. D. Branca com Jorge; e todos sabem que o *Onça* fará tudo para lançar as unhas no dote da moça, e que o Sr. Raphael é um homem mais teimoso do que o nosso capitão-mór.

— Sim; mas é que vossa mercê esquece, que o *cavalleiro negro* deve ser alguma cousa n'esta vida, e que ainda quando seja pobre, como Job, e desvalido, como todos os pobres, tem a seu favor alguém, que póde mais que o Sr. Raphael e que o usurario juntos.

— Quem, então?

— O *Forasteiro*.

— O *Forasteiro*?.. exclamarão a um tempo

os quatro ou cinco que formavão o grupo conversador, e que se chegarão uns para os outros, como assustados.

— É verdade: todos aquelles que estavam perto da porta do *orient*e, quando os dous cavalleiros entrárão, virão um velho embuçado em um ponche negro fallar amigavelmente ao desconhecido: ora, esse velho tinha os cabellos, e a longa barba, tão brancos como o algodão: trazia na cabeça um chapéo desabado, por baixo do ponche percebia-se, pendendo de seu lado esquerdo, uma espada curta; e portanto era *elle*.

— Elle?..

— Sim, o *Forasteiro*.

— Quem sabe?

— Olhe, o tio Anselmo, e o seu sobrinho André o conhecêrão, e podião conhecê-lo bem, porque jantárão hoje com elle no *Outeiro das pedras*.

— Mas que poderá fazer o *Forasteiro*?

— Boa pergunta! o *Forasteiro* faz e consegue tudo quanto quer: vive pobrememente, e gasta com os pobres rios de dinheiro: d'onde lhe vem a riqueza?... ninguem sabe; mas elle a tem: é um velho de mais de sessenta annos, e comtudo dizem que tem mais força do que

quatro homens juntos; que é que lhe conserva o vigor, apezar dos annos?... ninguem o póde dizer; mas elle o conserva: além d'isso, que é que elle não sabe?... já curou tres doentes desenganados pelo licenciado Pero Lucas; conhece a todos nós, ás nossas familias e aos nossos paes e avós mortos ha dez e ha vinte annos, e nenhum de nós o conhece; nada como um peixe, corre como um veado, apparece em toda parte de dia e de noite, e sempre quando menos se espera; e, em uma palavra, é um sabio, que falla latim como um padre, segundo dizem!

— É um homem extraordinario!

— Sim, um homem que, onde chega, faz sempre e sómente o bem, e que entretanto causa medo á gente! é um homem que adivinha; um homem que descobre todos os segredos; um homem que não receia nada; que vive como uma féra no centro das florestas; um homem que tem fogo nos olhos; e que jámais deixa ver um sorriso nos labios! o seu poder não é natural por certo; a sua vida é cheia de mysterios: é um homem, emfim, que atterra!

— Eu já ouvi dizer uma cousa horrorosa...

— O que?... o que?

— Que elle tem pacto com o diabo! murmurou um dos do grupo com voz tão baixa que mal se ouviu.

E logo fizeram todos o signal da cruz.

— Não... não... menos isso; porque até hoje ainda ninguem o accusou de haver feito mal algum.

— Mas então que é elle?

— A julga-o pelas suas obras, é um amigo do pobre, um protector seguro do desvalido, um defensor poderoso do opprimido.

— E porque então nos assusta o nome do *Forasteiro*?

— É uma tolice nossa, da qual elle não tem culpa alguma.

— E que poderá fazer o *Forasteiro* a favor de D. Branca e do seu cavalleiro?

— O *Forasteiro* póde tudo quanto quer.

— Mas devéras elle fallou ao *desconhecido*?

— Fallou: posso affirmal-o, que mais de cem de entre nós o virão fallar-lhe em voz baixa.

— Portanto conhece-o?

— Está visto.

— E quem será o *cavalleiro negro*?

— Quem sabe... talvez algum fidalgo lá da cidade.

— Não, não; menos essa: gente da cidade não monta a cavallo com aquella sciencia.

— Da nossa freguezia não é elle.

— D'aquí não póde ser... nós conhecemos a todos os nossos mancebos.

— Se fosse algum filho do *Forasteiro*...

— O *Forasteiro* não tem filhos, nem parentes: vive só e isolado no centro de uma floresta, como um rochedo no meio do mar.

— Olhem, se a Sra. D. Branca sabe quem é o *cavalleiro negro*, mais alguma pessoa o hade saber tambem.

— Sim: o *Forasteiro*.

— Fóra elle.

— Quem, então?

— Iveta — a *mameluca*.

— N'esse caso tambem a velha Cyriaca.

— Vá com essa! a *mameluca* nem mesmo a sua mãe confiaria um segredo da sua collaça.

N'este ponto forão interrompidos os lavradores, que assim conversavão, pelos gritos e applausos da multidão, que se vinha approxi-
mando do lugar em que elles estavam.

— Que será? o fogo?...

— Não: são sem duvida os mascarados.

Erão com effeito os mascarados.

Duas turmas de mascarados, os de uma, com

pretensões de serios, vestidos todos ricamente á mourisca; e os da outra, francamente grotescos, trazendo as roupas mais extravagantes e ridiculas, que a imaginação ou o acaso lhes sugerira, tinham sahido a dansar pelas casas, antes de ir dansar para o povo, em um tablado, que para esse fim se levantára no meio do largo da Matriz.

Os *mouros* vinhão adiante e desafiavão a admiração do publico pela riqueza de seus vestidos: dirigião-se á casa de Raphael.

Seguião de perto aos *mouros* os outros, que trazião todos horrendas mascaras, fingindo velhos tortos, narigudos, desdentados, e carecas, cada qual mais feio, mais repulsivo, mais desfigurado por senões enormes. As crianças ao vêl-os agarravão-se, chorando de medo, com suas mães, emquanto o povo, batendo palmas e levantando altas vozerias, victoriava ós mascarados, que com tão máo gosto ridiculisavão e caricaturavão a velhice.

Os mascarados endireitando para casa de Raphael, ião pela rua fazendo tregeitos, dando saltos, e sapateando grotescamente afim de mover mais entusiasticos applausos da multidão, que os cercava, e que muitas vezes transformava os *bravos* em uma verdadeira assuada.

De repente novos e ainda mais estrepitosos gritos partirão de um lado do largo, onde o povo, comprimindo-se para uma e outra banda, deixava no meio aberta e livre uma passagem, como se recuasse diante de um touro, que o tivesse investido.

O que chegava não era um touro, era simplesmente um novo e inesperado mascarado.

Vinha, vestido não, mas ornado ao modo dos selvagens: trazia na cabeça um grande e brilhante cocar; cabia-lhe da cintura até o meio das côxas, e enfeitavão-lhe também os punhos formosos adornos de pennas; escondia o rosto com uma mascara, que tinha as orelhas e o labio inferior desfigurados com grandes furos; dos quaes pendião rudes fios de pedras de diversas côres: prendêra muitos guizos nos punhos, nos braços, nas pernas, na cintura e no cocar.

— Viva o indio! viva o indio! bradava a multidão.

E o indio, veloz como a flexa escapada ao arco manejado pelos filhos da sua raça, atirou-se adiante da turma dos *mascarados-velhos*, dando saltos verdadeiramente admiraveis, andando com as mãos sobre a terra, e com os pés voltados para a lua, e soltando de instante a instante

guinchos e *uivos* furiosos, ou imitando com a voz e com o assobio o canto das aves, o zumbir dos insectos e o bramar das feras.

Menos por ser um hospede ou companheiro intromettido na sua companhia, mas principalmente por se haver tornado o objecto exclusivo da attenção e dos applausos do publico, o chefe dos *mascaras-velhos*, ardendo no fogo da inveja, avançou para o traquinas recém-chegado, e já sem pôr cuidado em disfarçar a voz, deu-lhe ordem de se afastar, e declarou que o não queria misturado com os mascareados da sua dansa; mas o *indio* fez-lhe ouvir em resposta um terrivel bramido, e agil como uma onça, saltou sobre os hombros do chefe das *mascaras-velhos*, e agarrou-se-lhe ao pescoço: tal foi porém o impeto, com que o fez, que cahirão ambos por terra com grande prazer do povo, que desatou em ruidosas gargalhadas, e em *vivas* freneticos ao *indio*.

O *mascara-velho* acabava de provar tão evidentemente a força, a destreza e o peso do *indio*, que, levantando-se, não fez mais questão d'elle, e reunindo-se aos seus, apressou o passo, e tratou de entrar logo na casa de Raphael.

De sua parte o *indio* tambem não o perseguiu mais, e guinchando, uivando, zumbindo, bra-

mando, e saltando sem cessar, entrou com os outros mascarados na casa designada.

Raphaël tinha reunido no seu sarão as mais formosas e interessantes senhoras, e os mais elegantes cavalleiros, que havião concorrido á festa. A sala estava pois cheia de convidados; todas as senhoras sentavão-se de um lado, e inteiramente separadas dos homens, que occupavão o outro lado da sala.

No intervallo dos minuets e de outras dansas, que se executavão, conversavão as senhoras umas com as outras, e de sua parte tambem os cavalleiros: apenas um ou outro ancião podia uzar do direito de seus cabellos brancos para ir entender com alguma moça, dirigindo-lhe um leve gracejo: os mancebos vingavão-se da excessiva severidade dos costumes da época, dizendo furtivamente com os olhos e com o lenço o que lhes não era permittido dizer com os labios.

Reinava verdadeira alegria na sala: uma unica senhora se mostrava melancolica, era Alda; mas essa sempre tão triste como boa, sempre tão abysmada em reflexões, como se pesasse sobre sua cabeça um grande infortunio, desde muito que, apezar do mysterio de sua tristeza, tinha acostumado a todos a vel-a assim

cahida n'esse abatimento d'alma, e a ninguem mais admirava por isso.

Entre os homens, Raphael estava cuidadoso e preocupado, embora se esforçasse por não parecer-o. Claudio Góes, o *Que*, nem ao menos procurava disfarçar o despeito que o agitava, e em que ardia. Raphael sem querer pensava a todo instante no *caralleiro negro*, e começava a recer que o coração de sua sobrinha não estivesse tão livre como até então acreditára. Claudio Góes não podia esquecer a infelicidade de seu filho na corrida das argolinhas, e tendo perfeito conhecimento de sua destreza, attribua o desacerto de sua lança não ao acaso, não ao vento, não á desfortuna: mas ao firme proposito de não prender com uma argolinha de ouro aquella que lhe destinavão para esposa. E tanto mais d'isso se convenia Claudio Góes, quanto se recordava que pouco antes da hora das cavalladas ordenára a seu filho, que a ninguem, senão a Branca, offerlasse as *argolinhas de ouro*, que gahasse no jogo que ia correr.

Afóra Alda, que nunca se mostrava alegre, Raphael, que observava cuidadoso sua sobrinha, e Claudio Góes, que desconfiava de seu filho, todos os mais estavão satisfeitos, e se entrega-

vão exclusivamente aos gozos dos prazeres d'aquella noite de festa: muitas vezes tambem se lembravão do *cavalleiro negro*; muitas vezes uns aos outros se perguntavão, quem seria esse cavalleiro desconhecido e mysterioso, que viera inesperadamente tomar parte nas cavalhadas; muitas vèzes perseguião com perguntas indiscretas e inuteis ao companheiro do desconhecido; ainda algumas vezes tambem as camaradas de Branca em segredo gracejavão com ella a respeito do seu bello cavalleiro; mas nem por isso brillava menos a alegria que em todos os semblantes se mostrava accesa.

Erão pouco mais ou menos nove horas da noite, quando o sarão de Raphael foi interrompido pela entrada das dansas de mascarados.

Os *mouros*, que se apresentáráo primeiro, excutárão suas dansas socegada e regularmente; mas os *mascaras-velhos*, que entrárão depois, trazião já comsigo um verdadeiro inimigo da ordem no *indio* desconhecido, que se reunira a elles.

Desinquieta, impertinente, estrepitoso e infatigavel o *indio* misturava-se com a turba dos mascarados, fazia-os errar nas melhores figuras de suas dansas, perturbava e ensurdecia a todos com seus guinchos e uivos, com seu zumbido e seus

bramidos ; andava arrastando-se pela sala quasi com a velocidade de uma serpente, e saltava sobre as cadeiras, e d'ellas sobre os hombros dos mascarados com a ligeireza de um macaco. Muitas vezes tambem fugia d'entre os mascarados para ir fazer tregeitos e gatimanhos diante das senhoras, que reenavão suas cadeiras receiosas do turbulento *indio*, que chegava mesmo a dirigir-lhes a palayra, affectando os modos e o fallar dos selvagens.

O *indio* desastrado, que assim tão inesperadamente apparecêra, tinha-se approximado por diversas vezes de Branca : mas encontrando sempre a seu lado ou Alda, ou Raphael, que desconfiado o observava, fazia ouvir seus guinchos, e logo se afastava aos saltos : depois de algum tempo, e quando estava já a terminar a danza dos velhos, deu um pulo sobre uma cadeira, e como se quizesse depois saltar no meio da sala, fez tão grande esforço, que a cadeira voltou-se e elle foi cahir aos pés de Iveta, que a alguma distancia estava sentada.

A moça deixou ouvir um pequeno grito arrancado pelo susto ; o *indio* levantou-se logo e aproveitando a confusão, que com a sua desastrada, ou bem fingida quêda causára, disse em voz baixa ao ouvido da collaça de Branca :

— Iveta... preciso fallar-te ; vae ao portão em quanto se queimar o fogo.

A *mameluca* recuou um pouco espantada, e ia talvez gritar outra vez, quando o *indio* avançando para ella soltou um bramido retumbante, e disse-lhe outra vez abaixando a voz :

— Não grites, Iveta ; eu sou o *cavalleiro negro*, e preciso fallar-te.

Nada pôde exprimir o assombro que de subito se accendeu no rosto de Iveta ; o *indio* comprehendeu, que lhe convinha attrahir a attenção de todos os circumstantes para que ninguém reparasse na admiração e no pasmo em que ficára a *mameluca*, e atirou-se pois ao meio da sala, fazendo novas e mais entrepitosas loucuras.

Raphael, que desde o começo da dança começára a observar o turbulento mascarado, procurou saber do director, ou chefe da dança, quem elle era, e suas desconfianças redobrá-rão, quando veio ao conhecimento do modo porque se apresentára inesperadamente na rua ; determinou pois reconhecê-lo a todo custo, e sahindo por um momento da sala, ordenou que não deixassem retirar-se o mysterioso *indio* sem consentimento seu.

A ordem dada, embora em segredo, foi cor-

rendo de boca em boca, e passando de ouvido em ouvido até chegar a Iveta: quando a *mameluca* soube do que se tratava, pareceu fiar no primeiro instante aterrada; mas logo depois como se houvesse tomado uma resolução, levantou-se, e indo ter com a sua bella collaça, encontrou-se de passagem com o *indio* e fingindo-se medrosa dos momos e tregeitos desordenados que elle fazia, escondeu o rosto com o lenço, e deixou escapar estas palavras:

— Desconfião... fuge...

O *indio* não mostrou ter ouvido cousa alguma; voltou-se porém para o lado da porta, e vio-a meio cerrada, e como que guardada por seis ou oito homenzarrões, que tinham os olhos sobre elle: ainda assim não pareceu suspeitar nada, e continuou a doudejar pela sala.

As dansas dos *mascaras-velhos* tinhão-se em fim acabado, e elles se forão retirando, e passando um a um pela porta da sala: Iveta procurava debalde disfarçar a perturbação, que sentia, e que podia trahil-a... o ultimo dos *mascaras-velhos* ia já retirar-se... todos os olhos embebião-se no travesso *indio*... Raphael voltava-se finalmente para dirigir-se a elle: mas de repente, e sem que ninguem o esperasse, o *indio*, rapido como o pensamento, de um salto

foi parar junto de uma janella, de outro lançou-se no meio da rua, e desatando a correr desesperadamente por entre o povo, desappareceu a todos os olhos.

Durante alguns momentos a confusão e o ruído, que reinavão na casa de Raphael, se misturárão com os gritos e vozeria do povo, que applaudia ou apupava o *indio* que fugia a todo correr.

Depois o povo foi cercar o tablado, onde os mascarados *mouros* e *velhos* executavão as suas dansas, e os amigos de Raphael começárão a fazer juizos sobre o mysterioso *indio*, e a pretender adivinhar quem elle fosse.

— É celebre! dizia um; dous desconhecidos em menos de doze horas!

— Dous?... acudio outro; quem sabe se o *indio* mascarado não é o cavalleiro de viseira? quem sabe se elle não trocou as armas negras por ornamentos de pennas?...

— Eu juro que dava mil cruzados para saber quem é elle; disse Claudio Góes.

— E quem descobrisse o segredo ao velho *Onça* com a mira nos mil cruzados, levava calote seguro; observou um mancebo fallando ao ouvido de outro.

— Metade do segredo já está conhecido.

— Como?

— Já sabemos que o *indio* é o mesmo *cavalleiro negro*.

— Duvido d'isso, senhores; disse o cavalleiro que tinha acompanhado o desconhecido nas cavalhadas.

— E porque?

— Porque, o amigo, que veio em minha companhia tomar parte nos vossos jogos, deve estar a esta hora bem longe d'aqui; e se tivesse querido ou podido vir gozar este bello saráo, nada o impedia aceitar o convite que lhe fez o Sr. Raphael.

— Mas então que diabo de *indio* foi este?

— Fosse quem fosse, senhores, e ainda bem que nos não deu desgosto algum! acudio Raphael; esqueçamos o *indio*, os saltos que deu, e a bulha que fez, e tratemos de aproveitar a noite, que nos vai fugindo nas azas do prazer: não se diga que um louco mascarado nos fez esquecer a dança, a musica e o folgado.

— Mas eu dava mil cruzados para saber quem elle era! repetio Claudio Góes.

— Á dança! á dança, senhores! exclamou Raphael.

O saráo continuou ainda vivo, alegre e brilhante por uma hora, no fim da qual foi de novo in-

terrompido pelos primeiros foguetes, que subirão ao ar annunciando o começo do fogo.

As senhoras corrêrão para as janellas, accomodando-se o melhor que lhes foi possível para bem apreciarem o grande fogo que se ia queimar; os homens deixarão a sala, e forão collocar-se na rua em uma longa fila por baixo das janellas.

— Vem para perto de mim, Iveta; disse Branca: guardei um lugar para ti.

— Não, não; constipei-me esta noite, e receio que o sereno me faça mal.

— Mas de tão longe das janellas não poderás ver cousa alguma.

— Sinto doer-me a cabeça, minha irmã; vou recostar-me e descansar um pouco.

— Ah! não te gabo o gosto, Iveta; não se vê todas as noites um fogo como este.

— Paciencia; mas o que eu sinto não é gosto, que se gabe; é dôr, que me obriga a ir descansar alguns momentos.

— Pois vae, teimosa, vae; que eu prometto fazer-te inveja, descrevendo-te o fogo, que não queres ver.

A *mameluca* sahio da sala, e dirigio-se para o interior da casa, em quanto Branca e todas as senhoras se entregavão ao gôzo do espectaculo, que devia rematar a festa.

Dentro em pouco foi Iveta esquecida de sua propria collaça; o fogo occupava todas as attentões, ora encantando os olhos com a vivacidade e brilhantismo de suas vistas, ora desafiando ruidosas gargalhadas, ou dando lugar a movimentos de confusão e de susto nos momentos em que terriveis *busca-pés*, escapados por acaso, e doudejando pelo meio do povo, punhão em desordem as mulheres, e em pranto as crianças, que deixavão ouvir gritos de terror, obrigavão a correr e a pular aos homens, e fazião desemcabrestar os cavallos, e espantavão os bois, que sómente a muito custo erão sostidos pelos carreiros.

Em quanto esta scena, ao mesmo tempo festiva e tumultuosa, se estava passando no largo da Matriz, a *mameluca* segura de que por ninguém era observada, atravessou ligeira e furtivamente a sala de jantar e a cosinha, e sahindo para o quintal, deitou a correr, vencendo em poucos instantes toda sua extensão, e parando apenas diante de um portão, que no fim d'elle havia.

Ao mesmo tempo que Iveta parava, um homem trepando com admiravel presteza pelo muro dobrou a cabeça para dentro do quintal, e perguntou em voz baixa:

— És tu, Iveta?

— Sim, sou eu mesma.

— Ah! obrigado!

— Falla um pouco mais alto, disse Iveta; ninguém nos espreita, creio eu, e preciso reconhecer bem a tua voz; porque ainda tenho medo de que não sejas o *irmão-velho*.

— Cavalleiro-negro, indio, ou irmão-velho, como melhor te parecer, *mameluca*; respondeu o homem, que estava trepado no muro, deixando ouvir uma voz sonóra e já não contrafeita.

— Oh! ainda bem: agora estou socegada.

— Conversemos pois.

— Sim, mas depressa, porque podem dar pela minha ausencia e vir alguém procurar-me.

— Porque não trouxeste contigo a mãe Cyriaca?...

— Não sabia se te convinha confiar-lhe o teu segredo: hoje tens feito loucuras, irmão-velho.

— Não ha que reparar; é o meu costume.

— Mas hoje tem sido demais.

— Como?

— Quem te mandou apparecer nas cavalhadas, e tomar parte n'ellas?

— Tive vontade de offerecer uma argolinha de ouro a Branca.

— E depois para que te mascaraste de noite

e vieste disfarçado em *indio* a uma casa onde não podes nem deves entrar?

— Exactamente por isso: como eu não podia, nem devia entrar na casa de Raphael, entrou o *indio* por mim.

— E para que?

— Eu precisava absolutamente fallar a Branca, ou pelo menos a ti, Iveta.

— Pois bem; eis-me aqui.

— Iveta, queres saber porque tenho hoje praticado o que chamas loucuras?... é porque uma grande desgraça nos ameaça, um golpe terrível está prestes a cair sobre nossas cabeças.

— Como?... que ha então?

— Ah! com razão suspeitava eu, que nem tu, nem Branca sabião o que nos está preparado!

— Mas que é? que é?

— Nada menos do que um casamento já convencionalmente entre o paé do noivo, e o tio da noiva.

— Um casamento! um casamento! meu Deus!... e de quem?

— De Branca.

— Oh! é impossivel!...

— Nada mais certo, Iveta.

— E com quem?... dize, dize: quem é o noivo?...

— O noivo?... é Jorge, o *Filho do Onça*.

Iveta pôde apenas abafar um grito, que lhe partio do coração; mas tão fórté abalo lhe causou a noticia, que acabava de ouvir, que estendeu os braços para apoiar-se no muro, e não o podendo alcançar, tentou dar um passo e cahio por terra desmaiada.

O homem, que conversava de cima do muro, sempre rapido e prompto, apenas vio cair a bella moça, firmou as mãos sobre o muro, e lançou-se dentro do quintal, levantando immediatamente Iveta nos seus braços; deu porém esse salto tão de repente, e tão sem cuidado, que uma capa, em que se embuçava, escapou-lhe dos hombros, assim como se lhe desprendeu do rosto a mascara de indio, que ainda trazia, e mostrou-se então aos raios da lua um alto e elegante mancebo, de cabellos e olhos negros, e de formosa cabeça.

O ar fresco da noite reanimou em pouco tempo a pobre Iveta, que apenas recuperou os sentidos, afastou-se docemente do seio do mancebo, onde estivera apoiada, e murmurou baixinho:

— Meu Deos!

E levantou para o céu seus olhos pretos e brilhantes, como se do céu sómente lhe podesse vir remedio para a dôr que sentia.

— Iveta! Iveta! minha irmã, que tens?... perguntou o mancebo cuidadoso.

— O que eu tenho?... nada mais: estou boa; agora separemos-nos.

— Não te deixarei ir assim sósinha, Iveta.

— Oh! já não soffro mais nada; sabes, que é impossivel que me acompanhes; e se não tens mais alguma cousa, que me dizer, adeos!

— Pois bem, Iveta; ainda uma palavra.

— Falla depressa.

— Eu preciso, eu quero absolutamente fallar a Branca.

— Quando?

— Esta noite.

— É impossivel: seria uma nova loucura.

— Àmanhã.

— Duvido que o possas conseguir.

— Eu o exijo, eu o quero...

— Ah, meu irmão, muitas vezes se quer o que se não pôde alcançar!

— Iveta!

— Depois d'ámanhã vae encontrar-nos no *ingaseiro do Tingidor*.

— Oh! mas como heide eu viver até depois d'ámanhã?

— Como Branca e eu viviremos. Agora, cumpre que nos separemos: adeos!

— Adeos, Iveta!

E os dous jovens apertando affectuosamente as mãos um do outro, separarão-se.

O mancebo ficou parado no mesmo lugar até ver desaparecer Iveta, que se retirava com a cabeça baixa, e passos vagarosos; logo porém que a moça entrou em casa, tornou elle a embuçar-se na capa, e a esconder o rosto com a mascara, feito o que, trepou sôcegradamente pelo muro, e saltando para o lado de fóra, se foi retirando cauteloso; mas tinha apenas avançado alguns passos, quando de uma moita de arbustos, que crescião ao pé do muro do quintal de Raphael, surgio um vulto negro, que veio parar á beira do caminho.

O mancebo parou tambem, e disfarçando a voz, disse ao vulto:

— Quem quer que sejas, afasta-te: eu quero passar.

— Sim, e depressa; nem eu venho tomar-te o caminho, respondeu o vulto; mas não contrafaças a voz, porque eu te conheço, mancebo! passa, e vae depressa... tua velha mãe adoptiva ha muito que cuidadosa te espera; vae!

O joven mascarado estremeceu pela primeira vez, reconhecendo-se descoberto; atirou-se po-

rém immediatamente para o vulto, e com voz quasi ameaçadora perguntou-lhe:

— E tu quem és?

O vulto deixou cahir no chão um grande chapéo desabado, que lhe cobria a cabeça, levantou nobremente o rosto, que até então conservára occulto entre os braços, e á luz brilhante e clara da lua alvejárão como a neve seus longos cabellos brancos, e sua comprida barba da mesma côr.

— Conhece-me, disse elle.

— Oh! exclamou o mancebo; serás pois a minha sombra?... serás tu sempre?

— Sempre: respondeu o velho.

Era o *Forasteiro*.

IV.

Iveta e Branca.

« Porque te lastimas, joven donzella?...
teus dias não pertencem ainda á primeira
mocidade?... »

DAINO.

Era já alta noite.

Muito havia que a multidão que concorrêra ás festas da inauguração da nova matriz de Itabora-hy, tinha deixado a modesta povoação : succedêra o silencio a esse ruido immenso dos gritos dos carreiros, do relinchar dos cavallos, e mais que tudo isso, das vozes encontradas, das despedidas, e dos brados com que se chamavão os companheiros de viagem ; gritaria e estrepito prolongados de um povo, que se retira depois de uma festa concorrida, e que até certo ponto se pôde comparar a um exercito em debandada.

Uma longa hora tinha já corrido depois que o ultimo *carro* descendo a ladeira da povoação deixára ouvir de longe o seu *rincho* triste, monotonico e continuado, que viera avivar saudades nos corações de alguns que na povoação havião ficado.

Era já alta noite: reinavão as trévas e o silencio; as luminarias da igreja se tinhão apagado todas: os donos das casas havião feito recolher os lampeões e as luzes com que se illuminavão suas portas, e a lua, que tão formosa brilhára no alto do céo, escondendo-se por detraz de um monte, como que cahira adormecida em um leito de nuvens, ou se abysmára no mysterio do horizonte. Reinavão as trévas.

Atravez dos véos de espessa cerração descobria-se apenas uma luz-sinha fraca e isolada sahindo de uma das casas da pequena povoação.

A casa era de Raphael, e a luz partia de uma saleta, que deitava para o quintal duas janellas, das quaes uma se achava aberta.

A figura graciosa de uma mulher apparecia debruçada sobre essa janella.

Era Iveta.

A pobre *mameluca*, como a chamavão, e como teremos de chamal-a muitas vezes, apesar da impropriedade da denominação, a pobre *mameluca*,

que se fingira doente ao principiar o fogo para acudir ao chamado do *indio*, voltára da sua entrevista com elle verdadeiramente incommodada.

A noticia do proximo casamento de sua collaça com o filho de Claudio Góes, produzira n'ella tão forte e tão dolorosa impressão, que entrando de novo em casa, atirou-se sobre um banco da sala de jantar, e ficou por algum tempo arquejando anciada, como se tivera um peso enorme esmagando-lhe o coração.

Tão occupados estavam todos com o fogo, que nem Branca, nem a propria Cyriaca repararão na ausencia prolongada de Iveta; mas, emfim, o fogo terminou, e a sobrinha de Raphael, deixando a janella, e encontrando-se face a face com Cyriaca, perguntou:

— E Iveta?

A velha cabocla sentio-se como ferida por uma justa reprehensão, e por unica resposta ia voltar-se para procurar a filha, quando Branca precipitou-se apressada diante d'ella.

Chegando á sala de jantar e encontrando sua collaça pallida, tremula e abatida pela dôr, Branca estava a ponto de soltar um grito e de pedir soccorro.

— Silencio, minha irmã; disse Iveta contendo-a; eu estou doente... e nada mais.

— Oh!... mas...

— Silencio!... nem uma palavra... silencio!

— Iveta!

— Branca! por nós ambas, silencio: entendes?... por nós ambas... por nós ambas...

Branca sem comprehender o que lhe queria dizer sua collaça, chegou-se para ella, e apalpando-lhe a fronte, exclamou:

— Oh! o teu rosto está frio como a neve, tens a testa coberta de um suor ainda mais frio... tu vás desmaiar..

— Já desmaiei: murmurou a *mameluca*.

— Iveta!

— Silencio, Branca: eu sinto passos... alguém chega.

Era Cyriaca, que chegava, e que correu para a filha, a quem abraçou ternamente.

— Minha mãe, apressou-se a dizer Iveta; eu estou incommodada; mas é preciso não fazer bulha... é preciso que ninguem mais saiba que estou soffrendo.

— Minha filha, e porque?

— Oh!... porque me perguntarião o que é que eu soffro, e o que deú lugar aos meus soffrimentos.

— E então?

— Então?... repito, que é necessario que to-

dos ignorem o que em mim se passa: eu lhe contarei tudo depois, minha mãe: agora não; agora voltemos para a sala... sinto-me um pouco melhor... vamos.

E a fim de não ser demorada por novas observações, ou por embaraçadoras perguntas, Ivetta ergueu-se, enxugou o suor, que lhe inundava a fronte, e passando adiante de sua mãe e de sua collaça dirigio-se para a sala.

— Que quer dizer isto, menina?... perguntou a velha indigena á sobrinha de Raphael.

— Ah! eu não sei, mãe Cyriaca; mas seja o que fôr, é preciso não dizer nada: ouviu?

A velha abaixou a cabeça e retirou-se para dentro, murmurando palavras imperceptiveis, enquanto Branca voltava a reunir-se á sua collaça.

Uma hora depois o sarão chegava ao seu termo, e os convidados de Raphael retiravão-se todos, uns para suas casas na povoação, e a maior parte para seus *sitios e fazendas*.

Dentro em pouco todas as portas e janellas se fechárão e todas as luzes se apagarão na casa de Raphael: só uma janella ficou aberta; só uma luz se conservou accessa. Essa luz e essa janella erão de uma saleta, onde Ivetta devia dormir, e que communicava com uma outra que fôra destinada a Branca.

No momento em que se recolhião, a sobrinha de Raphael abraçando sua collaça, perguntou-lhe em voz baixa :

— Tens somno já, Iveta?... olha : se não tens somno, eu voltarei d'aqui a alguns instantes para conversarmos.

— Não, Branca ; esta noite, não ; minha cabeça me pésa ; quero ver se durmo.

— Mas tu estás soffrendo ainda, Iveta, e se não fosses má, deixar-me-ias dormir a teu lado.

— Minha mãe queria por força dormir ao pé de mim ; eu porém tanto instei, que acabou por deixar-me só : bem vês, minha irmã, que nossa boa mãe Cyriaca ficaria mal comigo se eu...

— Está bem, está bem, feia ! não acabes ; eu adivinho o que pretendias dizer-me : és uma teimosa insupportavel : adeos ! boa noite.

— Boa noite, Branca.

Iveta ficou só, e não se despio, nem apagou a luz, nem tão pouco se deitou ; sentou-se na cama, e ficou algum tempo a meditar ; no fim de meia hora, pouco mais ou menos, sentio-se ainda mais incommodada e afflicta ; tinha a cabeça pesada e tonta, o rosto abrasado, e os labios seccos e ardentes : pareceu-lhe que ia sufocar dentro d'aquella saleta fechada : levantou-

sê: fôl pé por pé até á porta do quarto de Branca; abrio-a de manso cerca de meio palmo, e applicando o ouvido, julgou ouvir a sua amiga resonando tão docemente, como uma criança que dorme: tornou a fechar a porta, e indo direita a uma janella, abrio-a, debruçou-se sobre ella, e ficou outra vez pensando.

A noite era fria como todas as noites do mez de Junho; mas além do rigor do inverno, além do orvalho que o céo lentejava, uma brisa enregeladora soprava vivamente: Iveta parecia insensível a tudo isso, e completamente abysmada em suas reflexões, nem sentia que a brisa lhe atirava sobre os cabellos, sobre o rosto e o seio o orvalho que cahia peneirado das nuvens.

Depois de um longo e doloroso scismar, a agitação em que se achava Iveta, como que foi serenando, e de repente a pobre moça desatou a chorar, soluçando com indisivel expressão d'angustia.

Que dôr immensa era essa que a *mameluca* escondia no silencio das trévas, e na solidão de seu quarto?... que motivo a obrigava a derramar essas lagrimas, que ella tão mysteriosamente enxugava do manto da noite?

A *mameluca* não fallava: como tinha em silencio meditado, assim, sem nada dizer, chorava: mas uma leve e delicada mãosinha pousou de leve

sobre seu hombro, e uma voz doce e amiga murmurou a seus ouvidos :

— Tu choras, Iveta?

A *mameluca* voltou-se assombrada, e como se a tivessem apanhado commettendo um crime ; encontrando porém a seu lado a querida collaça, em vez de responder-lhe, abraçou-se com ella, e continuou a chorar com mais força ainda.

Branca deixou que a companheira chorasse por algum tempo mais, e só quando percebeu que se abrandava aquelle pranto, lhe disse ternamente :

— Minha irmã, tu escondes no coração uma grande dôr, e isso é muito mal feito ; olha, eu não saberia nunca occultar-te um só segredo : deixa dizer-te : no meio d'essa tão profunda magoa, tu és má para mim.

— Ah! Branca! Branca!...

— Que tens?... falla ; quem sabe se eu poderei consolar-te?!

— Tu, minha irmã? tu?... tu consolar-me?... ah! e quem sabe tambem se terás necessidade de quem te console?...

— Iveta! queres assustar-me?

— Oh! não : muito pelo contrario, eu tenho procurado occultar-te os meus soffrimentos sómente para demorar os que tens de provar tambem : Branca, era melhor que não tivesses vindo

a meu quarto; porque pelo menos dormirias o resto d'esta noite.

— Que ha pois?... falla... oh, minha Iveta, eu tenho medo... falla!

— Choremos juntas, irmã; o raio que me fere, te fulmina tambem...

— Mas explica-te!

— Vamos em breve ser ambas muito desgraçadas... oh! muito!

— E como?... acaba.

— Irmã... irmã... tu vás casar.

— Eu?!?! perguntou Branca recuando um passo espantada.

— Sim, tu mesma!

— Tu estás louca, Iveta.

— Não, não, infelizmente não: vão casar-te, irmã.

— É impossivel!

— Oh! exactamente foi assim que eu disse: *impossivel* foi a palavra que me sahio dos labios, quando elle me deu a fatal noticia.

— Elle quem, Iveta?

— Elle mesmo.

— Mas quem é *elle mesmo*, minha irmã?

— O *indio*, Branca; tu não conheceste o *indio*?

— Sim... sim... suspeitei que fosse elle: dize, era *elle mesmo*?...

— *Elle mesmo!*

— E então?

— Não conseguindo fallar-te na sala, fingio cahir ao pé de mim, e fallou-me.

— Que te disse elle, Iveta?

— Pedio-me uma entrevista.

— E tu?

— Fui.

— Onde?

— No portão do quintal.

— Quando?

— Na hora do fogo.

— Ah! e me disseste que estavas doente!

— Querias que diante de todos te confessasse a verdade?

— Perdôa, Iveta; mas que te disse elle?

— O que talvez todos sabião, menos nós duas sómente.

— Explica-te...

— Que o Sr. Raphael contractou o teu casamento...

— Impossível!... exclamou Branca de novo.

— Não... não... é verdade, minha irmã.

— O meu casamento?... e com quem?

— Oh Branca!

— Falla!

— Com o Sr. Jorge, balbuciou a *mameluca*.

— Iveta !

— Branca !

— Oh ! não ! não !... isso não é possível.

— É mais que certo, minha irmã, *elle* m'o disse tremulo e agitado, e nós sabemos ambas que *elle* não mente.

— Meu Deos ! meu Deos !... exclamou Branca apertando a cabeça com as mãos.

Iveta não disse nada, chorava.

— Ah... e *elle* que te disse mais ?

— Que queria absolutamente fallar-te.

— E tu que respondeste, Iveta ?...

— Prometti-lhe.

— Para quando ?

— Para depois d'âmanhã.

— Onde ?

— No *ingaseiro do Tingidor*.

— Iremos pois, minha irmã.

As duas moças ficarão por alguns minutos em silencio, chorando e soluçando ambas, abraçadas uma com a outra. Foi Branca a primeira que outra vez fallou :

— Um dia de tanto prazer, uma tarde de tanta felicidade, como acabarão para mim !

— O meu coração previo mais cedo esta desgraça, Branca : olha, quando eu vi o Sr. Jorge, tão destro, tão habil cavalleiro, perder todas as

argolinhas, disse logo comigo : *aquillo é algum infortunio para mim!*

— Oh !... e eu que nunca amei, que não amo, que não poderei jámais amar a Jorge, como se deve amar a um esposo ! exclamou Branca.

— E eu que o amo !... murmurou Iveta com voz lugubre.

— Mas elle resistirá... elle resistirá !...

— Elle quem ?

— Jorge.

— Jorge resistir?... e por quem ?...

— Por ti, Iveta.

— Por mim?... pobre *mameluca!*

Foi tal a expressão de dôr, com que Iveta pronunciou essas palavras, que a sua amorosa collaça não pôde reter as lagrimas, que um momento antes havia suspendido, e apertando-lhe as mãos contra o peito, disse-lhe ternamente :

— Ah, minha irmã, que pensas ?!

— Penso, e digo o que é verdade, Branca : julgas, por ventura, que deslumbrada pelo amor, que me tens, e pelo carinho com que por tua familia sou tratada, ignoro o lugar que me pertence, o lugar que me é imposto, como a todos os da minha raça ?

— Iveta !

— Sou filha de cabocla, Branca ! nas minhas

veias corre o sangue dos vermelhos filhos do deserto, embora misturado com o sangue do portuguez, que no dizer de seus irmãos, foi bem vil para casar-se com a cathecúmena Cyriaca.

— Oh! tu és má!

— Não, não: eu sou franca e justa. Se Jorge amasse a uma filha, ou descendente pura de portuguezes, talvez que pudesse lembrar-se de resistir á vontade de seu pae; mas elle ama simplesmente a Iveta — a *mameluca!*

— Que tem isso, louca?

— Que tem?... ah, Branca, ou tu és muito innocente para não ver os terriveis prejuizos que condemnão a minha raça ao abatimento; ou és muito boa para nunca te lembrares d'elles, e mesmo para d'elles zombares, como até hoje tens feito; mas não julgues o mundo, não julgues os outros por tí, minha irmã; porque tu és candida, pura e santa como um anjo, e a maior parte dos homens são máos e vaidosos.

Branca não respondeu, e Iveta logo depois continuou:

— Jorge resistir! e de que modo?... olha: quando seu pae lhe impozer a sua vontade, creio bem, que elle terá fortes desejos de oppôr-se a essa ordem cruel, porque na verdade eu me supponho amada; mas o triste mancebo hade cur-

var a cabeça, e não saberá nem ao menos procurar uma evasiva; porque Claudio Góes lhe perguntará a quem elle ama, pois que chega a não agradecer a gloria que lhe preparão de ser esposo de Branca, e o misero não poderá responder a seu pae, e talvez que sinta subir-lhe ao rosto o rubor do pejo, lembrando-se que a sua desgraça o fez amar uma *mameluca*.

— Iveta! Iveta! a desgraça quasi sempre nos torna injustas.

— Como?... onde está aqui a injustiça?... ah, minha irmã! não sabem todos que eu sou filha da cathecúmena Cyriaca, gentia nascida e creada no deserto?... quem ignora a raça a que pertence Iveta a *mameluca*?... e que posição occupão na nossa sociedade os miseros selvagens de quem descendo?... oh! nós o vemos! aquelles que não preferem a independencia que d'antes gozavão nas suas *tabas* agrestes, ou são escravos dos colonisadores, ou deixão-se arrastar desprezados e abatidos pelos ultimos degrãos da escala social: a miseria de meus paes reflecta sobre mim: eu tenho um grande peccado original, Branca; eu sou Iveta a *mameluca*!

— Tu és formosa, minha irmã; formosa, como a estrella d'alva; formosa, como eu quizera sel-o.

Iveta apertou entre as suas as mãos de Branca, e respondeu :

— Supponhamos, que seja assim: qu'importa isso?... uma pobre mulher do povo, por mais bella que seja, poderá lutar sem imprudencia com uma grande e rica fidalga no empenho de conquistar o coração e o nome de um nobre cavalleiro?...

— Às vezes póde, Iveta; e tu então, que és pura e virtuosa, pódés ainda muito mais.

— Devia ser assim, Branca; eu o sinto; mas o mundo não pensa d'esse modo. A virtude, a innocencia, a pureza, uma vida sem mancha, um passado fiador irrecusavel do futuro, não supprem o que se chama *nobreza de sangue*: ha sómente uma cousa, que póde levantar o plebeo até o fidalgo; um certo encanto poderoso e forte, que póde transformar o sangue de não sei que miseravel còr do triste plebeo em sangue *azul* dos fidalgos — é o dinheiro!... eu porém sou pobre, minha irmã, sou da terra do ouro, é verdade: mas esta terra de ouro, em que nasci, é como os seios de uma ama escrava, que dão á força o seu melhor leite aos filhos alheios, ainda que os proprios chorem pela falta d'elle.

— Portanto... ia dizendo Branca...

— Portanto, disse Iveta interrompendo sua collaça; portanto, eu vou ser muito desgraçada.

— E eu, Iveta, e eu?!!

— Tu, minha irmã; quem sabe?...

— Ah! se é certo que meu tio contractou já o meu casamento com Jorge; que recurso me resta para escapar á desgraça?...

Iveta olhou com olhos espantados e ardentes para sua collaça.

— Que queres dizer? perguntou ella.

— Não me olhes assim, Iveta: não me olhes assim, que me fazes mal: eu poderia persuadir-me de que, pela primeira vez na tua vida, duvidaste de tua collaça.

— Perdão, Branca; perdão!... exclamou Iveta escondendo o rosto no seio da amiga.

Branca tinha sorprendido um raio fugitivo e rapido de nascente ciume no rosto da collaça; e esta, franca e nobre, não hesitára em confessar a idéa sinistra, que pela alma lhe passára como um relampago.

Branca respondeu:

— Socega, minha boa Iveta: tu me conheces condescendente e franca; juro-te porém, que nada será capaz de me obrigar a dar a mão de esposa a Jorge.

— Branca! Branca!

— Não m'ò agradeças, irmã; eu seria bem capaz de fazer por ti ainda mais do que isto; devo porém confessar-te, que a resistencia que heide oppôr a este projecto de casamento, será inspirada principalmente pelo amor que tributo áquelle que tu sabes.

— Obrigada sempre, minha irmã, obrigada!

— A desgraça, que eu receio, e de que te fallava, consiste só nos trances porque terei de passar, no rigor que meu tio hade empregar comigo, na vida de lagrimas, enfim, que viveirei de hoje por diante.

— Esperança, Branca, esperança!...

— Esperança!... oh! bem tristes e fracas podem ser minhas esperanças.

Iveta olhou para o horisonte: o dia vinha rompendo.

— Repara, disse a *mameluca* apontando para o oriente; repara, minha irmã: a cerração é densa... as trevas envolvem tudo ao redor de nós; d'aqui a uma hora porém o sol brilhará sobre nossas cabeças, e seus raios vivificantes derretendo a cerração e extinguindo as trevas, derramarão enchentes de luz, que darão vida, e mostrarão, coberta de festivas galas, a natureza.

— E pensas...

— Penso e creio que hasde ser feliz... penso e creio que tuas lágrimas se enxugarão, e que depois de alguns dias de amargura virão para ti annos de felicidade, como para a natureza brilha a luz do sol depois das trevas da noite.

— E tu, Iveta?

A *mameluca* fez tristemente um movimento com a cabeça, e disse:

— Eu não serei feliz; o coração me adevinha horriveis desgraças... tenho o coração cheio de luto... eu não serei feliz.

— Iveta!... minha Iveta!

— Entretanto voltemos-nos para aquelle que póde tudo; rezemos, minha irmã, rezemos por nós ambas, rezemos juntas.

E as duas moças ajoelhando-se ao lado uma da outra começárão a rezar, com os olhos pregados no céo.

Quando brilhou o primeiro raio do sol, ellas rezavão ainda.



V.

O engeitado.

Lá se escuta o som do vento
Na solidão pavorosa
De uma noite tenebrosa
Um innocente gemer...
Que tigre de raça humana
No maior agastamento
Póde ouvir este lamento
Sem jámais se enternecer ?

J. Eloy Ottani.

Vinte e tres annos, pouco mais ou menos antes da época em que succedêrão os factos que acabamos de expôr, teve lugar uma scena triste e enternecedora, que tendo intima relação com esta historia, não póde deixar de ser referida.

Em uma noite escura e feia, e já em horas avançadas, vinha rinchando pela estrada que da Praia-Grande se estende para Itaborahy, um carro puxado a bois e seguido por alguns cavalleiros.

Viajavão todos em silencio, como se viessem tristes; mas apesar do rincho do carro e do tropear dos cavallos, muitas vezes se ouvião distinctamente os soluços de alguém que parecia chorar com a dôr mais profunda e desesperada.

Era uma dôr de coração de mãe; a dôr mais vehemente e despedaçadora de entre todas as dôres: a dôr sanctificada no Gólgotha pelas lagrimas sagradas da Rainha das virgens.

Constança, respeitavel senhora itaborahyense, voltava para sua fazenda depois de ter na cidade do Rio de Janeiro abençoado, quiçá pela ultima vez, a Raul, seu filho unico, que lbe era arrebatado pela inquisição, e que preso ia ser arrastado para Portugal.

Qual o crime de Raul?... ninguem o sabia ao certo: dizião uns que fôra apanhado em uma noite trajando habitos de frade franciscano, e que portanto incorrêra em horrivel crime de sacrilegio; asseveravão alguns de seus amigos que elle cahira victima de uma nefanda traição armada pelo seu companheiro da infancia o joven Raphael: ninguem porém se animára a tomar ás claras a sua defeza: tão grande era o medo de cabir no desagrado, ou de desafiar as suspeitas e antipathias dos delegados do terrivel tribunal do santo officio!

O que parecia certo era, que Raphael, falso amigo de Raul, concorrêra de algum modo para a desgraça d'este; porque sendo sempre recebido como um filho na casa de Constança, nunca mais alli apparecêra desde a fatal noite da prisão, e no meio de suas lagrimas a pobre mãe amaldiçoava o companheiro de seu querido Raul, como a causa unica do golpe tremendo que lhe desfechára a sorte.

Constança correra, como dissemos, á cidade do Rio de Janeiro, em soccorro de seu filho; mas a despeito dos esforços sobre-humanos, que fizera, e do dinheiro avultado que espalhára a mãos cheias, tinha conseguido apenas a dolorosa consolação de abraçar e de abençoar o misero preso, alguns minutos antes do seu embarque.

O adeos, que rebentára de seus labios, abraçando pela ultima vez seu filho, fôra repassado de toda a angustia de uma despedida de moribundo: que esperanças poderia ter Constança de tornar a ver o infeliz Raul, quando erão as garras da inquisição, que o arrancavão de seu seio?... um homem preso pela inquisição, era quasi um finado: a inquisição era a porta da eternidade; era um tumulo.

A desolada mãe conservara-se na praia até que a seus olhos desapareceu o navio que lhe rou-

bava metade de sua alma: não enlouqueceu de dôr, porque era catholica, e tinha fé em Deos; mas cahio nos braços de seus amigos, e emfim voltava para sua fazenda esmagada pelo peso enorme de seu immenso infortunio.

Não ha viagem mais monótona, nem mais demorada, do que a que se faz em um carro puxado a bois, principalmente quando a estrada, que se tem de vencer, é de extensão de perto de oito legoas, como a que vai da Praia-Grande a Itaborahy, do qual era visinha a fazenda de Constança.

Era já tarde, e a noite estava tenebrosa: os viajantes ião atravessando uma floresta, que, além de um pouco longa, tinha uma reputação sinistra, e reputação tão justamente adquirida, que se sustentou até bem poucos annos. Contavão-se já n'aquelle tempo numerosos e fataes casos de viajantes accomettidos por salteadores, que n'aquelle floresta achavão couto seguro e preferido: alguns caçadores, que tinham ousado penetrar no interior d'ella, asseveravão ter encontrado esqueletos humanos, restos pavorosos das victimas immoladas pelos ladrões.

A floresta que de um outro lado, e ao bordar outra estrada, toma o nome de *mato dos mundéos*, é a mesma, que se chamava, como se cha-

ma ainda, *mato do gambá*, na estrada por onde ião passando os nossos viajantes. Esse nome, aliás muitissimo prosaico, e de infeliz lembrança de *mato do gambá*, tirou-o ella de um ribeiro pelo qual é banhada.

A tremenda nomeada d'aquelle sitio, a recordação de algumas scenas de sangue e morte de que elle fôra theatro, a hora adiantada da noite e a sua escuridão, o silencio, que reinava, tudo emfim concorria para inspirar receios e idéas lugubres aos viajantes: á excepção de Constança, que só da sorte de seu filho se occupava, todos os outros e ainda os mais animosos sentião-se dominados pela influencia da reputação terrivel, que tornava tão desagradavel aquella floresta; os cavalleiros tinhão-se chegado para perto uns dos outros, e trazendo nas mãos pistolas engatilhadas, marchavão cuidadosos.

Em uma volta da estrada appareceu á entrada do bosque uma luz que parecia partir de uma lanterna: o dianteiro do carro fez immediatamente parar os bois, e correu tremendo a avisar á sua senhora e aos cavalleiros. Constança estremeceu da cabeça até aos pés, como se a visinhança do perigo a tivesse arrancado de sua profunda afflicção; mas vendo que os cavalleiros se dispunhão a avançar para o ponto, onde se mos-

trava a luz, bradou com voz alterada ao carreiro :

— Vamos!... para diante!

E o tom com que o disse foi tal, que o carreiro obedeceu logo : o carro seguiu ; e quando passava por diante da luz, surgiu do bosque um homem todo embuçado em um longo capote, e exclamou :

— Pelo amor de Deos, meus bons senhores, pelo amor de Deos!

— Que é isto?... perguntarão os cavalleiros...

— Pára o carro! gritou Constança.

O carreiro fez parar os bois, e o embuçado aproximou-se ; abriu o capote, e ouviu-se no mesmo instante o vagido de uma criancinha, que parecia ter despertado ao contacto do ar frio da noite.

— Que quer, senhor?... perguntou Constança com um tremor de voz, que não estava de modo algum em relação com a coragem, ou sangue frio, que até então mostrára.

— Senhora dona, disse o embuçado, eu procuro amparo e protecção, procuro misericordia, para uma desgraçada creatura, que acaba de nascer, e que não tem pai nem mãe!

— Como?

— É um engeitado, senhora ; um filho que

não tem mãe, e que vos pede pelo amor de Deos que vos compadeçaes d'elle, e que queiraes ser sua mãe...

A criancinha chorava dolorosamente; Constança desatou a chorar tambem, e respondeu por entre soluços:

— Oh! pois bem! eu sou uma pobre mãe, que acaba de perder o unico filho que o céo lhe concedêra; recebo pois em nome de Deos e da Virgem Maria o pobre filho que apenas nasceu, e já não tem mãe!

— Eil-o, senhora dona; é um menino.

— Como se chama?

— Ainda não está baptisado.

— O nome de seu pae?

— Oh! não m'o pergunteis! chama-se desgraçado.

— O de sua mãe ao menos...

— A mãe do pobresinho sois vós, senhora.

— Virão reclamal-o um dia?

— Nunca.

— Ah! pobre criança!

— Velai por ella, minha boa senhora.

— Eu o juro pela Santa Virgem, que é a mãe e a protectora de todos os infelizes!

— Ella vos abençõe, e abençõe o misero engeitado.

O embuçado depoz um menino, nascido por certo a bem poucos dias, no collo de Constança, e envolvendo-se de novo no seu longo capote, apagou a luz da lanterna, que na mão trazia, e sumio-se internando-se pela floresta.

A criancinha adormeceu bem depressa aquecida no collo de Constança.

A viagem continuou sem o menor incidente, e chegando ao romper da aurora na sua fazenda, a boa senhora, que não quiz confiar o seu filho adoptivo aos seios de nenhuma de suas escravas, mandou immediatamente procurar uma ama.

Apresentou-se uma cabocla já baptisada e casada com um portuguez, a qual acabava de perder um filho, que morrera poucos instantes depois de nascer: era uma mulher socegada e de bons costumes, muito conhecida de Constança, pois que ao pé de sua fazenda morava: foi immediatamente recebida como ama do engeitado.

Essa cabocla chamava-se Cyriaca.

Alguns dias depois o menino foi levado á pia baptismal, onde Constança lhe servio de madrinha, e lhe deu o nome de Leonel.

Bem depressa o amor tomou exclusivamente a si o levar ao cabo a obra que tinha sido começada pela caridade: o pequenino engeitado era

tão galante, o seu sorrir tão feiticeiro, o seu olhar tão puro, que Constança começou a amal-o com verdadeira affeição maternal: no fim de poucos mezes já elle conhecia pelas pisadas a sua mãe adoptiva, e estendendo-lhe de longe os bracinhos, como que lhe pedia beijos e caricias.

Nada faltou a Leonel: vestia rendas e sedas, tinha sempre velando ao pé de seu berço ou Constança, ou Cyriaca, que extremosamente o amava: via satisfeitos todos os seus voluveis caprichos de criança, e quando principiou a andar e a balbuciar as primeiras palavras tornou-se o encanto de sua madrinha e de sua ama.

O primeiro pezar que sentio foi aos quatro annos de idade, quando se separou de Cyriaca, que tornou para o *sítio* e companhia de seu marido: consolava-se porém d'essa contrariedade, porque Constança o mandava levar de passeio todos os dias á casa da — *mãe Cyriaca* —, que era como elle tratava á sua ama, a qual sempre tinha de reserva para *seu filho* fructas, ovos e doces.

Aos sete annos era Leonel o mais travesso, o mais infatigavel, e ao mesmo tempo o mais engraçado dos meninos: subia ao pincaro da arvore mais alta para roubar aos innocentes pas-

sarinhos o ninho que de longe descobria com seus olhos de lynce; corria horas inteiras em torno do campo da fazenda no lindo *pequira*, que sua madrinha lhe dera para satisfazer um de seus caprichos; matava com a certa bala do seu bodoque a andorinha, que passava voando; e depois de passar toda uma manhã, ou uma tarde toda a lidar em violentas travessuras, voltava para casa, e atirava-se nos braços de Constança coberto de suor, com as faces abrasadas, com os cabellos em desordem, e arfando de fadiga.

No meio, porém, d'aquellas façanhas de criança traquinas, brilhavam já n'elle ricos dentes de um coração generoso e nobre: o aspecto da miseria fazia-o esquecer os seus mais estimados brinquedos; encontrando um pobre obrigava-o a receber todo o dinheiro que por ventura trazia comsigo, e se sua madrinha não lhe havia dado as pequenas moedas de prata, com que muitas vezes costumava contentar a sua ambição de mepino, tomava então o pobre pela mão, levava-o comsigo á presença de sua mãe adoptiva, e ahi obtinha sempre para elle pão, vestidos e dinheiro.

Brincando com os meninos filhos dos vizinhos, nunca mostrára uma só vez distinguir o

filho do rico do filho do pobre, e se no ardor das travessuras alguma desavença se originava, e naturalmente a luta seguia á desavença, Leonel apparecia necessariamente do lado do mais fraco, e a sua intervenção decidia de prompto a victoria, porque elle tinha uma intrepidez, que só podia ser igualada pela força de seu braço e pela agilidade de seu corpo.

De intrepidez, de força e de agilidade tinha Leonel com effeito uma grande fama espalhada por seus camaradas; mas o que elles tomavam por bravura, era exactamente o que Constança considerava o principal defeito de seu filho adoptivo; era a temeridade e a imprudencia com que Leonel affrontava todos os perigos, sem se abater nem se exaltar, e com um sangue frio e abandono de si proprio, que fazia com razão recear bem desagradaveis e funestas consequencias.

Tal era Leonel, aos sete annos de idade, quando um acontecimento para elle inesperado veio encher de alegria o seu innocente coração.

Um dia chegando á casa da mãe Cyriaca, achou-a de cama, e correndo para ella assustado, perguntou-lhe com vivo interesse:

— Mãe Cyriaca: você está doente?...

A amorosa cabocla sorriu-se docemente por aquella demonstração de amizade do travesso menino, e apresentando-lhe uma criancinha recém-nascida, respondeu-lhe :

— Não, meu filho ; estive doente, mas já estou boa : ôlhe, tenho uma irmã-zinha para você.

Com effeito, a mãe Cyriaca tinha no dia antecedente dado á luz uma galante menina.

Leonel saltou de contentamento, fez mil caricias á sua irmã-zinha, e, não podendo conter-se, correu para casa, e foi dar parte á sua madrinha do que acabava de saber.

Mas se o nascimento da menina lhe causára a mais agradável surpresa, não menos agradável foi a que sentio alguns dias depois ainda na casa da mãe Cyriaca.

Leonel não deixava mais passar um dia sem ir duas vezes visitar a sua pequena irmã-zinha, e acontecia sempre, que de manhã a achava mais bonita do que na tarde antecedente, e logo na tarde do mesmo dia descobria-lhe novos encantos, que lhe tinham escapado de manhã.

Assim se passarão duas semanas, e em uma tarde em que Leonel veio fazer a sua indispensavel visita á sua irmã-zinha, apenas entrou em casa da mãe Cyriaca, foi logo correndo para o

berço da criança ; mas em lugar de uma, encontrou duas meninas.

— Agora são duas, mãe Cyriaca!... exclamou elle batendo palmas.

— Sim, meu filho, são duas irmãs, que eu guardei para você.

Leonel chorou de alegria, depois rio-se, depois saltou pela casa, e enfim sentou-se junto do berço, e ali se deixou ficar contemplando as duas meninas até o anoitecer.

Tres dias depois as duas meninas forão baptisadas na mesma hora e na mesma pia.

A primeira chamou-se — Iveta.

A segunda — Branca.



VI.

A perpetua branca.

— Oh, mamãe, mamãe, disse ella entrando em casa : se soubesseis como corremos tanto hoje !...

Eu guardava silencio.

— E tu, meu filho, me perguntou minha mãe : tu não dizes nada ?... porque traz o teu rosto esse *ar* de tristeza ?

Eu tinha o paraizo no coração.

Foi uma tarde, de que me não poderei esquecer mais nunca !

Victor Hugo.

A segunda menina, que a mãe Cyriaca apresentára ao travesso Leonel, e que se baptisára com o nome de Branca, era filha de uma irmã de Raphael. A pobrezinha fôra marcada com o sello do maior infortunio um momento depois de passar do seio materno para o abysmo da vida : o seu primeiro grito de dôr misturou-se com o ultimo suspiro de sua mãe : a morte e a

vida encontrarão-se em um mesmo instante, e sobre um mesmo leito.

Sentindo, que ia morrer, a infeliz mãe, que conhecia e estimava a mãe Cyriaca, recomendou, que só a ella fosse confiada a pobre orphã, que deixava no mundo, e o misero esposo, que nunca podéra negar cousa alguma a sua mulher, cumprio a sua ultima vontade com tanto maior empenho, quanta era a confiança que elle proprio depositava na boa Cyriaca.

Bem que n'aquelles tempos, ainda mais do que agora, se impozesse aos filhos o dever muitas vezes injusto de perpetuar os odios que por ventura separavão os paes; nem por isso foi necessario impedir que se vissem e que juntos brincassem o engeitado e afilhado de Constança, e a sobrinha de Raphael.

Uma excellente razão houve para isso.

Os paes de Branca finbão tomado o partido de Constança, e considerando Raphael como o causador unico da desgraça d'aquelle de quem se dizia amigo, retirárão-se de um irmão e cunhado, cujo procedimento os envergonhava diante dos homens.

Constança foi naturalmente sensivel a esta prova de amizade, e de generosos e nobres

sentimentos, e apertou ainda mais os laços que a união com os dous parentes do seu ligadal inimigo.

Assim poderão Leonel e Branca brincar muito á sua vontade todas as vezes que se encontrão.

Os primeiros tempos da criação de Branca forão passados sempre no *sítio* da mãe Cyriaca, e ainda depois, e só por excepção, ião ás vezes as duas crianças passar com ella dias na fazenda de Pedro de Almeida, que embora amasse extremosamente sua filha, vendo-se viuvo e só, preferia com razão deixar Branca confiada aos vigilantes cuidados d'aquella mulher, que merecia a mais plena confiança, a trazel-a para sua casa, onde por muitas horas em cada dia, elle teria de deixal-a sómente cercada de escravas.

O *sítio* da mãe Cyriaca demorava entre a fazenda de Constança e a de Pedro de Almeida; meia legoa apenas havia entre uma e outra, e portanto a distancia não impedia a Leonel de ir todos os dias visitar a mãe Cyriaca e suas irmã-zinhas; nem mesmo o severo capellão de Constança, que se encarregara de ensinar a lér e a grammatica ao desinquieto Leonel, podia estorvar estes encontros diários; por-

que o menino conseguia sempre dar lição sabida, a tempo de montar depois no seu *pequira*, e correr a encontrar-se com Branca e Iveta.

Mais velho que ellas sete annos, Leonel carregou-as ao collo nos primeiros mezes, depois ensinou-as a andar segurando-as pelos bracinhos, e finalmente fez-se d'ahi por diante o seu *mestre de travessuras*. Que habilidade de mestre, e que progresso de discipulas!...

Os tres meninos se não se julgavão, pelo menos tratavão-se como irmãos.

Branca e Iveta chamavão a Leonel o *irmão-velho*; porque era realmente muito mais velho que as duas: nas primeiras idades sete annos marcão uma enorme differença.

Leonel e Branca chamavão a Iveta — *irmã* — quando com ella fallavão seriamente; mas se estavam em horas de gracejo e zombaria, — *mameluca* — era o nome que lhe davão.

Branca era tratada por ambos simplesmente com o título de *irmã*.

Quando Leonel chegou aos doze annos, e as duas meninas aos cinco, já pouca differença se poderia notar entre o mestre e as discipulas, na arte das travessuras: erão todos tres igualmente turbulentos e traquinas; vencendo o menino as

duas companheiras só na força, no vigor, e na idade.

Até então, e ainda durante alguns annos depois, Leonel que amava muito a ambas as irmãs, tinha uma predilecção decidida por Iveta.

Era uma predilecção bem facil de se explicar.

Iveta tinha todo o ardor, toda a impetuosidade e todo o fogo da sua raça: acompanhava o *irmão-velho* nas mais violentas travessuras, corria e saltava pelo campo, vencida de um pulo um regato, e trepava nas arvores como se fôra um menino; arrostava os ardores do sol e a fadiga de uma longa carreira, e nem mesmo se aterrava quando por acaso a tempestade a apanhava de improviso com seus dous irmãos um pouco distantes de casa: Iveta era pois muito naturalmente a companheira predilecta do ardente e infatigavel Leonel.

Não succedia o mesmo com a delicada filha de Pedro de Almeida. Travêssa como Iveta, não podia entretanto Branca mostrar-se tão forte, como ella: sentia-se abater aos raios abrasadores do sol, semelhante ás flôres da aurora; correndo pela campina ou á margem de um ribeiro, muitas vezes cahia extenuada de cansaço á sombra de alguma arvore, em quanto seus dous irmãos desaparecião a seus olhos: se um re-

gato corria diante d'ella, era preciso, que o *irmão-velho* a carregasse em seus braços para não vel-a molhar os pés-zinhos, e se emfim a tempestade rebentava sobre as cabeças dos tres meninos longe de casa, Branca tremia sempre de medo, e agarrava-se com Leonel, que tinha então de trazel-a carregada.

O que porém tornava Iveta uma *camarada* mais digna de confiança, do que sua collaça; era, que a *mameluca*, por mais quédas que dêsse, e por mais que soffresse d'esses ligeiros sinistros, tão frequentes no meio das travessuras das crianças, nunca chorava, nem fazia queixas; Branca, pelo contrario, desatava a chorar pela mais insignificante contrariedade.

Iveta era uma heroína, e Branca uma chorona; e por isso Leonel, sem deixar de amar a Branca, preferia Iveta; pelo menos foi assim, até que o afilhado de Constança chegou aos seus dezoito annos.

N'essa época forão as cousas mudando imperceptivelmente de face: o *irmão-velho* principiou a sentir, que a preferencia que até então dera sempre á filha da boa Cyriaca ia pouco a pouco desaparecendo, não porque diminuisse a affeição que a ella consagrava; mas porque crescia-lhe no coração a amizade que votava a Branca.

Tambem havia ainda uma excellente razão para se explicar esse phenomeno: as duas meninas já tinham tocado os seus onze annos de idade, e Leonel entrava nos dezoito.

As duas collaças erão ambas muito formosas. Iveta podia ser apresentada como um typo d'essas *bellezas morenas*, bellezas fascinadoras e ardentes, que respirão fogo e fogo dardejão de seus olhos negros como o carbunculo, e brilhantes como os raios do sol; Branca tinha em um rosto de jasmim faces em que se advinhavão rosas mal encobertas pelo véo de uma cutis alva e assetinada; seus olhos bellos, languorosos e ternos não abrasavão, não captivavão á força, mas exhibião de doçura e de suavidade o coração e fazião escravos-voluntarios. A formosura de Iveta era como o fogo do raio; a de Branca suavisava a alma, como o orvalho do céo ao homem perdido nos areaes da Arabia.

Leonel, que representava a força, pôde arrostar o poder dos olhos, que impunhão amor; mas deixou-se escravisar pelo encanto dos olhos, que convidavão a amar.

Se porém até pouco antes dos onze annos de idade Branca parecia doer-se, quando pensava que seu *irmão-velho* amava mais a Iveta do que a ella, e com afagos e meiguices procurava

sempre tornar-se tão cara a Leonel, quanto Iveta se lhe fazia, com as travessuras, em que o acompanhava; d'essa época em diante começou a modificar o seu procedimento, e como que receava acariciar de mais o *irmão-velho*.

Os mezes forão correndo, e esta mudança se foi tornando cada vez mais sensível, ao mesmo tempo que cada vez mais se augmentava também a amizade que por Branca sentia Leonel.

Ás vezes no meio dos seus folguedos Iveta sorprendia sua collaça parada á sombra de uma arvore meditando melancolicamente e com os olhos cravados no chão; e esquecendo que Branca já tinha treze annos, batia palmas loucamente e gritava:

— *Irmão-velho! irmão-velho!* olha nossa irmã como pensa nas cousas do outro mundo!

Branca despertava de sua terna meditação, córava, como se houvesse acabado de praticar uma acção má, e para occultar o seu enleio, deitava a correr pela campina.

E então por sua vez ficava Leonel parado, acompanhando com os olhos a graciosa fugitiva, que corria, e bem-dizendo a brisa e o impulso da carreira, que fazião voar os anneis dos cabellos da formosa menina, e que levantão um pouco seu leve vestido, deixando ver

seus pés ligeiros e mimosos e suas pernas até o tornozelo.

Um dia os tres irmãos reunirão-se como de costume, e como de costume Leonel trouxe flores e frutas, que repartio com as duas meninas: depois sahirão a passear.

Quando se sentirão um pouco fatigados, sentárão-se na relva; Iveta e Branca ao lado uma da outra, e Leonel defronte d'ellas.

Passárão-se alguns instantes de silencio, e Iveta começou a fallar.

— Não gósto d'isto assim, disse Iveta; quando a gente está calada, parece que se acha triste, e eu tenho medo de offender ao bom Deos, mostrando-me triste. Vocês dous cada vez se tornão peiores! d'antes tudo era rir e brincar; agora andão pensativos e distrahidos, como se tivessem grandes negocios de que tratar!... não gosto d'isto assim, repito.

— Pois falla tu, Iveta; disse Leonel.

— Estou vendo que me não ouve fallar! fallo, sim, e começo agora por dizer, que em breve ficarei mal contigo, *irmão-velho*.

— Mal comigo? e porque?...

— Ah! porque?... olha: ha muito tempo que eu estou para queixar-me de ti, e sempre

tenho deixado a queixa para o dia seguinte; mas agora chegou o dia.

— E como ella se finge séria!

— Séria e bem séria que estou...

— Vamos á queixa.

— Antigamente, quando eramos todos crianças, o senhor meu *irmão-velho* não fazia distincção entre mim e minha irmã; trazia-nos as suas frutas, e as suas flôres, e as repartia connosco com uma igualdade, que não causava ciúmes, e agora...

— Agora...

— Das frutas não digo nada; a respeito porém das flôres, senhor meu *irmão-velho*, porque é que as mais bonitas são sempre para Branca, e nunca para mim?...

— Iveta!... disse Leonel meio-confundido.

Iveta desatou a rir, vendo Branca toda córada de pejo.

— Ainda hoje! ainda hoje, continuou; tu me trouxeste uma rosa muito feia, e deste um formoso botão da mesma flôr a minha irmã: pois olha, é muito bem feito! a rosa tenho-a eu, apesar de feia, ainda nos meus cabellos: e o botão?... pergunta a Branca o que fez d'elle; tanto o prezou que o deitou fóra.

E rio-se de novo com infantil alegria.

Leonel olhou tristemente para a collaça de Iveta, cuja perturbação augmentava a cada momento.

— Deitaste fóra o botão de rosa que eu te dei, Branca?... perguntou Leonel com voz sentida.

A moça enleuada e tremula balbuciou apenas:

— Eu... não... nem sei... só se foi, quando corremos, que o perdi...

— Ah! mas Iveta correu tambem, e nem por isso a rosa lhe cahio dos cabellos.

Leonel curvou a cabeça por alguns instantes; depois ergueu-se e disse:

— Passeemos...

Branca, de tão commovida e vergonhosa que estava, pareceu não attender ao convite de Leonel; mas Iveta tomando-lhe a mão, puxou por ella, e obrigou-a a levantar-se, e como reparasse então que a irmã tinha os olhos cheios d'agua:

— Tola! exclamou: pois por tão pouco choras?... eu estava brincando, minha irmã!

E abraçou-se com ella.

Branca chorou ainda mais, e querendo esconder suas lagrimas, fez um esforço para arrancar-se dos braços de Iveta: mas ao recuar o

primeiro passo, saltou-lhe do seio um botão de rosa.

— O botão de rosa!... exclamou Iveta.

Leonel viu abrir-se o céu diante de seus olhos; Branca sentio-se desfallecer, e com voz sumida murmurou tremendo:

— Então... tinha-me cahido no seio...

Antes nada dissesse.

Iveta lançou um olhar, onde se lia a surpresa e a curiosidade sobre os seus dous companheiros, e tornando logo a rir-se de ambos, como já tinha feito, perguntou:

— Passeamos, ou não?...

— Passeemos, disse Leonel avançando.

— Espera, *irmão-velho*, tornou a *mameluca*; a nossa boa irmã está tão perturbada e confusa, que é capaz de esquecer o botão de rosa que lhe saltou do seio; vou apanhal-o.

Apanhou-o com effeito, e dirigindo-se a Branca, disse:

— O bom filho á casa torna, como diz nossa mãe.

E abraçando de novo a irmã, deitou-lhe o botão de rosa no seio.

Em todo o passeio e no resto da tarde Branca não olhou mais uma só vez para Leonel.

Iveta, esperta e maliciosa, como o póde ser

uma mocinha de treze para quatorze annos, que tem tido sempre a educação da virtude, começou a desconfiar que havia o quer que fosse de novo nos corações de seus dous irmãos; e curiosa, como todas as moças de todas as idades, sentio-se arder em desejos de conhecer o segredo d'aquelles corações; teve porém bastante paciencia para esperar que o *irmão-velho* se retirasse, e que se achasse inteiramente a sós com Branca, para pedir á sua collaça a decifração do mysterio.

Quando Leonel se despedio das duas irmãs, estavam ellas já em companhia da mãe Cyriaca; a noite estendia seu véo nebuloso pelos valles, e portanto não pôde Iveta sahir de novo com Branca, nem afastar-se da porta da casa. A mãe Cyriaca não deixou mais suas filhas, senão no instante em que ellas se forão deitar.

Dormião ambas no mesmo quarto, e suas camas estavam lão perto uma da outra, que podião conversar em segredo, sem receiar que podessem ser ouvidas por sua mãe, que dormia em um quarto contiguo.

Iveta esteve algum tempo calada esperando que Branca lhe dissesse alguma cousa; mas reparando que ella, apezar de suspirar de instante a instante, não se resolvia a quebrar o silen-

cio, deliberou-se a encetar a conversação, que desejava.

— Que tens, irmã? estás doente?... perguntou.

— Não, Iveta.

— Suspiras tanto hoje!

— Suspirar?... eu?

— Sim, tu.

— Só se é sem sentir... póde ser que eu não sentisse. Como estava pensando...

— Pensando em que, Branca?...

— Ora... pensando.

— Minha irmã, eu quando penso é sempre em alguma cousa, e suppunha, que te devia acontecer o mesmo.

— Sim; mas ás vezes a gente pensa em tanta cousa ao mesmo tempo, que é como se não pensasse em cousa nenhuma.

— Confia-me sempre algum dos teus pensamentos, Branca.

— Erão tolices de criança, Iveta.

— Não faz mal; eu creio que sou da tua idade.

— Ah, Iveta, não é melhor que durmamos?

— Não; eu quero que tu falles.

Branca não respondeu. Iveta deixou passar alguns momentos, e perguntou:

— Então, irmã?

— Não posso, disse Branca suspirando.

Iveta conhecia bem o coração de sua collaça; e sabia que, fingindo-se enfadada, triumphava sempre d'ella, que era boa, meiga e amorosa, como a mais santa das creaturas: deu portanto á sua voz um accento melancolico e resentido, e disse:

— Boa noite, Branca.

— Ah, Iveta! acudio a collaça: parece que vás ficar mal comigo?

— Ora... mal contigo porque?

— Porque eu não quiz fallar.

Iveta não deu resposta alguma. Branca incommodou-se com aquelle silencio da irmã, e finalmente resolveu-se a satisfazel-a: tambem sua alma tinha necessidade de expandir-se em uma confidencia, e ali, no retiro d'aquelle quarto e sem luz, o seu pudor de virgem soffria menos ao confessar o estado de seu coração.

Se se accrescentar a isto o quasi encanto que acha aquelle que ama pela primeira vez, em fallar de seu innocente e sagrado sentimento a uma pessoa em quem deposita confiança, facilmente se explicará o porque Branca se deixou vencer por Iveta, sem teimar por mais tempo em guardar silencio.

— Então desejas que eu te diga tudo, minha irmã?... perguntou a moça tremendo.

— Se quizeres, Branca.

— Pois bem... chega-te bem para cá... oh! mas não te rias de mim, Iveta!

— Eu, minha querida Branca?... não me conheces ainda?...

— Muito... muito... é por isso que me resolvo a fallar; porém o que vou dizer é um segredo, que se tu o revelasses a alguém, me farias por isso morrer de vergonha.

A curiosidade de Iveta tornava-se cada vez mais anhelante.

— Não tenhas medo, disse ella: tu sabes que eu te amo como a minha mãe, e um pouco mais do que ao nosso *irmão-velho*.

Ouvindo este ultimo nome Branca estremeceu.

— Falla pois, Branca.

Branca principiou com voz tremula, e apenas perceptivel.

— Iveta, dize-me primeiro: tu amas muito ao *irmão-velho*?...

— Muito, Branca.

— E como é que o amas?... tu o amas do mesmo modo que o amavas quando eramos crianças?...

— Tal e qual, minha irmã.

— Ah Iveta!... e porque é que eu tambem não o heide amar assim?...

— Como?... pois tu já não queres bem ao *irmão-velho*?... já não o amas?...

Branca sentou-se de repente na cama, e disse sempre em voz baixa, mas com inexprimivel ardor e sentimento :

— Oh!... se o amo!...

— Explica-me então isso, Branca.

— Tomára eu, que tu m'o explicasses, Iveta!

Tomou então a moça uma larga respiração, e proseguio animando-se pouco a pouco, á medida que o seu pudor de virgem ia sendo vencido pela paixão, que do seio lhe rompia em labaredas.

— Escuta, Iveta : até ha dous annos eu amava Leonel, e com elle brincava, como tu mesma o fazias : meus olhos se encontravão com os d'elle, os meus sorrisos com os seus, a minha mão apertava a sua, eu me deixava carregar apertada no seu seio, sem que minhas faces corassem, e sem que eu me sentisse estremecer...

— E desde dous annos?...

— Lembras-te?... Leonel nos trazia todas as tardes cestinhas de flôres, e eu consentia que elle coroasse minha cabeça com grinaldas de botões de rosa, e que enfeitasse meus cabellos

com jasmim e amores-perfeitos: depois elle beijava meus cabellos, dizia que eu era o seu anjinho, e corriamos juntos cobrindo a relva de flôres, que cabião de minha cabeça: eu ria-me de tudo, e nem ao menos me sentia morrer de pejo, se Leonel me beijava na face: o seu beijo não tinha fogo que abrasava: era um beijo de irmão; lembras-te, Iveta?...

— Lembra-me, sim.

— Isso foi até ha dous annos.

— E desde dous annos?...

— Ah ! desde dous annos tudo isso mudou para mim: como se mudou? não sei.

— Mas que sentes?

— O que eu sinto é uma cousa, que se não diz, que se não explica: sente-se.

— Branca... tudo que estás dizendo é extraordinario; porque eu não sinto nada, e sou para Leonel a mesma que era d'antes.

— É porque tu és feliz, Iveta!

— Quando começaste a experimentar esse sentimento novo, de que fallas, minha irmã?...

— Quando?... tambem não sei: não me é possivel determinar a hora, nem o dia, nem a semana, nem o mez: foi um sentimento que pouco a pouco veio se derramando em meu co-

ração, como a aurora que vem também pouco a pouco accendendo-se no céu.

— Mas se elle é como a aurora, deve ser bem bonito, Branca !

— Sim, é bello como o sol ; mas queima e abrasa também como elle.

— Explica-te mais, minha irmã.

— Ouve: desde dous annos que, sem eu, saber como, sem que alguém me avisasse, me aconselhasse, me dissesse cousa alguma, comecei insensivelmente a pensar, que Leonel não sendo meu irmão, não me devia beijar nas faces ; depois, porque não sei, não pude mais me sorrir para elle sem sentir meu rosto arder no fogo do pejo ; não pude mais encontrar fitos em mim seus lindos olhos pretos sem cravar no chão os meus ; nunca mais nossas mãos se apertarão, que a minha não estremecesse ; e quando passeamos no campo, ou nas margens do *Tingidor*, ou do *Varzea*, sinto-me sempre possuida de um vago receio, que também não se explica, que é prazer ainda, mas que não é mais o prazer antigo. Oh, Iveta ! meu coração está cheio de contradicções inexprimiveis ! se Leonel tarda um momento, se passa um instante sem chegar, além da hora em que costuma apparecer ; parecc-me que me falla alguma cousa

que é essencial para minha vida; logo porém que o avisto, ainda de longe, é tal o meu sobresalto, que mais se assemelha á dor, do que á alegria!

— Branca, eu vou agora entendendo um pouco o que tu sentes...

— Ás vezes vem-me á idéa que Léonel poderia encontrar no mundo uma outra mulher, a quem amasse mais do que a mim...

— E então?...

— Então, Iveta, penso que se tal acontecesse, eu havia de morrer.

— Branca!

— Emfim... minha cabeça de louca, ou meu coração inflammado repete-me todas as noites, todos os dias, e a todos os instantes, que pois que Leonel não é meu irmão...

— Deve acabar por ser teu marido, disse Iveta concluindo a phrase.

— Ah Iveta!...

— Pois sim; não ha nada mais claro, nem mais justo, nem mais possivel...

— Minha irmã!

— Digo-te isto, Branca; digo-t'ó de todo o meu coração.

— Pensas assim?...

— Certamente.

— Como tu és boa, Iveta !

— Sim; se estivesses mais perto de mim davas-me até um beijo : pois bem, repito, que não ha nada mais claro, nem mais justo, nem mais possivel : entretanto, Branca ! o que eu ainda não comprehendo é a razão porque andas agora sempre triste e pensativa !

— Iveta, quando sentires o que eu sinto hoje, comprehendel-o-has.

— Que é que tu sentes, Branca?... amas o *irmão-velho*, e fazes muito bem em amal-o : mas porque o amas, segue-se que devas abysmar-te em profundas melancolias?... olha : se chegar a minha vez de amar, juro que heide amar muito, sem que por isso deixe de viver alegre e satisfeita, como vivo agora.

— Pobre, ou antes feliz Iveta !

— Pobre ou infeliz, o que quizeres ; mas o que é verdade é, que o amor não deve ser senão uma fonte de alegrias e de felicidades : olha, eu amo minha mãe, a ti, e ao *irmão-velho*, e todos esses amores me dão delicias e ventura : todos os outros amores hão-de ser como esses, ou não serão amores.

— Ama, como eu, e verás.

— O que tem o teu amor?... por acaso Leonel te paga mal o que por elle sentes?... pelo

contrario: até de um certo tempo a esta parte demonstra bem claramente que te ama muito mais do que a mim: que te falta pois?

— Nada, e muito, Iveta!

— Não entendo isso, Branca; e de hoje por diante eu tomarei conta de ti; acabarão-se todas as tuas meditações e tristezas... sou eu que t'ó digo; não quero mais que te mostres triste: de amanhã para sempre havemos de rir, passear, brincar, e correr como d'antes: não é assim?

— Não, Iveta: a minha vida tem de soffrer uma modificação. Eu não brincarei nem correi mais pelos vales, e pelas margens dos rios com Leonel, como até aqui. O sentimento que se accendeu em meu coração me avisa de que não sou mais uma criança, e se eu fizesse ainda o que tenho feito até hoje, teria de que córar diante de Deos e de ti. Oh! tambem por tua causa... aquelle botão de rosa, que hoje saltou do meu seio, faz com que eu não possa fitar meus olhos nos olhos de Leonel sem córar igualmente diante d'elle.

— Minha pobre irmã!

— Já te disse tudo, Iveta; depositei no teu coração o segredo que no meu conservava encerrado: não me atraioarás, eu o sei; agora descancemos; boa noite.

— Boa noite, Branca; repetio Iveta com voz levemente melancolica.

E adormecêrão ou fingirão dormir.

D'essa hora de terna confidencia por diante, Branca tornou-se ainda mais reservada e perturbada sempre que se achava em companhia de Leonel, porque o seu mimoso segredo já tinha sido confiado a uma terceira pessoa, que embora fosse muito sua amiga, e a tratasse como irmã, sempre a fazia córar á menor acção, e á phrase mais ligeira, em que podêsse transluzir o terno sentimento que se aninhava em seu peito.

Leonel, que tão cheio de ardor e de esperança se ausentára na tarde em que vira saltar do seio de Branca o botão de rosa que lhe havia dado, voltára, no dia seguinte, nas azas de fogo de um amor, que já se reputava correspondido e feliz; mas teve de retirar-se desconsolado e afflicto, porque a mais querida de suas irmãs se recusára a sahir ao passeio costumado pelo valle, e não lhe soubera pagar os sorrisos que lhe déra e o olhar abrasado com que a olhára mil vezes.

— Estará doente hoje, indisposta, cansada, ou mesmo Iveta se arrufaria com ella, ou seu pae se terá negado a satisfazer algum de seus

caprichos de moça? perguntou elle a si mesmo: paciencia... ámanhã heide encontral-a menos triste, e saberá pagar-me a tarde que hoje me fez perder.

Assim pensára Leonel, procurando explicar o procedimento de Branca; mas o dia seguinte, e depois d'esse mais outro, mais dez, mais cem, vierão á porfia lançar-lhe a amargura e o desespero no coração.

— Que lhe fiz eu para tratar-me assim?... perguntava o mancebo a si proprio: será crime adoral-a, como se deve adorar aos anjos do Senhor Deos?

Branca teimava no seu proposito: sem maltratar, sem negar a Leonel nenhum signal de fraternal amizade, esquivava-se comtudo a facilitar-lhe qualquer occasião de se achar a sós com elle; ao vel-o chegar estendia-lhe a mão como d'antes; recebia as flôres que o mancebo lhe trazia, conversava agradavelmente com elle; não passeava porém mais, senão acompanhada pela mãe Cyriaca.

Estas contrariedades em lugar de arrefecerem, não fizerão senão atear ainda mais o amor que Leonel consagrava a Branca. O character impetuoso e ardente do engeitado de Constança não se pôde dobrar com paciencia nem com

resignação a esses primeiros golpes de uma aparente adversidade. O mancebo sentio-se cada vez mais arrebatado pela paixão, e acreditando-se infeliz, não vendo provas évidentes da felicidade porque suspirava, no proprio acanhamento, e nos receios e perturbação de Branca, entregou-se como louco ás garras do mais desesperado soffrimento.

Seu rosto tomou a còr pallida e a expressão abatida e deprimente de um padecimento profundo: seus olhos afundárão-se; seu corpo emmagreceu visivelmente, e a alegria habitual de seus modos trocou-se por uma tristeza silenciosa e rude. Passava os dias scismando e as noites velando. Exasperava-se quando lhe perguntavam o que soffria, e quando o inquerião sobre a causa de sua teimosa melancolia.

Esquecêra ou aborrecêra todos os prazeres ou distracções, de que se mostrára até então apaixonado: um só de seus antigos habitos conservava: era a visita diaria que todas as tardes fazia á mãe Cyriaca e a suas duas irmãs.

Constança observava cuidadosa e afflicta o seu querido afilhado: a mãe Cyriaca chorava muitas vezes ao vel-o.

Iveta accusava Branca de demasiada crueldade, e Branca principiava a perder o valor, com

que por tanto tempo se esquivára a corresponder claramente ao amor de Leonel.

Uma tarde chegou o mancebo á casa da mãe Cyriaca mais cedo do que costumava; estava mais pallido e mais triste do que nunca; mas tinha os olhos brilhantes de um fogo que se poderia dizer sinistro.

A mãe Cyriaca havia sahido, e Branca não se achava com a sua collaça.

Iveta estremeceu encarando Leonel.

— Que tens, *irmão-velho*?... perguntou ella: sabes que nos vás infelicitando a todos com essa afflicção, que te consome?

— A todos?... disse Leonel; não Iveta; a mãe Cyriaca, a minha madrinha, a ti, eu o creio; a todos, não.

— *Irmão-velho*, tu te esqueceste de nomear nossa irmã; se Branca te ouvisse, ficaria mal contigo.

Leonel sorriu-se tristemente.

— Póde ser, balbuciou elle.

— Irmão, irmão, não digas assim! olha, eu nunca te perguntei a causa de teus soffrimentos, porque a adivinhei...

— Tu?

— Sim, eu.

— Adivinhaste-a?

— Sim... respondeu Iveta hesitando; adivinhei-a.

— Iveta, tu não sabes mentir, córas quando mentes.

— Leonel!

— Vamos pois, minha irmã: qual é a causa dos meus soffrimentos?...

— Tu amas.

— Sim, eu amo: mas a quem?...

— Amas a Branca, Leonel.

O mancebo fez-se côr de sangue.

— É isso: ella t'ò disse?

— Supponhamos que assim fosse: faria ella mal em confiar-me esse segredo?

— Não; mas é claro que eu sou bem desgraçado, Iveta!

— Leonel!... tu não sabes o que dizes.

— Ella sabe que eu a amo, Iveta; ella vê como eu soffro, Iveta; ella deve comprehender que a paixão, que me devora, é capaz de me obrigar a fazer loucuras... e entretanto... tu o vês, Branca me despreza!

— Meu irmão...

Leonel interrompeu a *mameluca*.

— Irmã, Branca me descarregou por tuas mãos o ultimo golpe; eu te agradeço; um des-

engano completo vale o dobro de uma dubia e louca esperança: adeos!

— Escuta, Leonel.

Era tarde; o mancebo saltou sobre o cavallo, e partio á desfilada, não querendo attender aos gritos de Iveta que o chamava.

A pobre moça precipitou-se para o quarto de Branca, a quem encontrou chorando desesperadamente.

— Tu o matas, minha irmã!... exclamou ella.

— Oh! não!... não!... não me digas isso... eu o salvarei!...

Na manhã seguinte um portador da fazenda de Constança trouxe uma noticia, que derramou a afflicção e o mais acerbo pezar na casa da mãe Cyriaca: Leonel, cansado da vida de ocio, que vivia, e desejoso de adquirir, por seus proprios esforços, riqueza e nome, que não tinha, participára á sua protectora que partiria a procurar fortuna e gloria ao romper da proxima aurora. Uma resolução de Leonel era sempre infallivelmente realisada: o mancebo ia portanto ausentar-se.

O dia passou-se em lagrimas: de tarde Leonel appareceu: estava frio e calmo: vinha fazer as suas despedidas.

A mãe Cyriaca e Iveta abraçárão-n'ó e mo-

lhárão-lhe as faces e o peito com o seu pranto : Branca, que não correu a abraçal-o, chorava tambem recostada a uma mesa, e com o rosto escondido entre os braços.

Depois de algum tempo gasto em soluços, queixas e vãs rogativas, Leonel disse :

— Antes de partir quero tambem despedir-me das arvores, dos bosques, e dos lugares tão caros á minha infancia... eu volto já.

E sahio.

— Louco!... disse a mãe Cyriaca.

— Infeliz!... disse Iveta.

— Ingrato!... balbuciou Branca.

A *mameluca* lançou sobre a irmã um olhar, onde quasi que se lia a colera ; mas logo serenou vendo-a erguer-se com o rosto incendiado, e os olhos vermelhos, menos do pranto que tinha vertido, do que do fogo que os abrasava.

— Não partirá!... exclamou : oh meu Deos! não partirá!... é impossivel... seria o mesmo que matar-nos... porque pelo menos eu morreria de dôr!

E como arrependida do que acabava de dizer, correu para dentro.

Entretanto, Leonel visitára, talvez para mais nunca vel-os, os sitios queridos, onde passára os dias mais bellos da sua vida ; no fim de uma lon-

ga hora de passeio voltou, e antes de entrar em casa, quiz tambem pela ultima vez dizer o seu adeos de despedida ás flores de um jardim-zinho que havia contiguo á casa da mãe Cyriaca.

Entrou ; mas logo aos primeiros passos deu com os olhos em Branca, que provavelmente o esperava.

O mancebo pareceu hesitar. Branca avançou para elle, e com os olhos arrasados de lagrimas, perguntou-lhe :

— Com effeito : queres partir, Leonel?

— Sim, minha-irmã ; é absolutamente necessario que eu parta.

— Absolutamente necessario? e porque?

— Porque... oh!... não m'o perguntas.

— Leonel! tu não partirás.

— É inevitavel, Branca.

— Ah! eu t'o peço.

— Pedes-me um impossivel.

— Leonel!... sou eu que t'o peço... é a tua... irmã, que o pede.

— Custa-me a dizer-te que não ; mas eu heide partir.

— Leonel!... repetio ella acompanhando seu olhar de fogo com um sorriso cheio de meiguice e de encanto.

— Jurei que havia de partir: disse o mancebo cravando os olhos no chão para não vê-la.

— Leonel!... disse ainda ella com o mesmo olhar de chammas, com o mesmo sorrir de magia, com uma voz doce e meiga como a melodia de um anjo, e apertando entre as suas uma das mãos do mancebo.

— Não: já agora heide partir.

Branca deixou cahir a mão, que apertava, e dando á sua voz um tom menos doce e mais positivo, disse:

— Não partirás: eu t'o prohibo.

Leonel ergueu a cabeça e olhou para a bella moça.

— Tu me prohibes?... e porque, Branca?

— Porque tu me matarias, Leonel!...

— Branca!

— Leonel!...

— Oh!... eu comprehendo e te agradeço: a tua piedade será para mim uma consolação na ausencia: adeos!

— Leonel! eu não quero que tu partas! eu t'o prohibo, repito!

— Branca, sabes tu que eu já resisti á minha madrinha, á mãe Cyriaca, e a Iveta?

— Oh!... e por ventura não sou eu...

— Acaba!

— Não partirás, Leonel!

— Acaba o que pretendias dizer-me...

Branca não teve coragem: suas faces tingi-
rão-se de vivo rubor, e sua cabeça cahio sob o
peso do pudor virginal sobre seu peito.

— Adeos, Branca! disse Leonel.

A moça tremula, e com o rosto sempre ca-
hido, levou as mãos ao seio, tirou de dentro
d'elle um botão de rosa já murchô, e apertan-
do-o entre seus formosos dedinhos mostrou-o a
Leonel, e murmurou doce e ternamente:

— Não partirás, Leonel!

— Branca!... exclamou o mancebo cahindo
de joelhos.

— Leonel!... tu ficarás comnosco?

— Oh!... mas eu te amo loucamente!

— E ficarás comnosco?

— Porém tu?... tu me amas?

— Leonel!

— Falla!

— Ah!... não tenho eu dito de mais!...

— Amas-me então?

— Sim... muito...

— Branca!...

— Tu ficas, Leonel?

— Oh... para sempre!...

— Vem gente... exclamou a moça arrancando

sua mão de cherubim dos labios ardentes de Leonel.

O mancebo ergueu-se, e um instante depois appareceu Iveta chorosa.

— Iveta, disse Leonel, eu tenho uma cabeça de doudo.

— Eu o penso, meu irmão, e tanto que pretendes deixar-nos.

— Mas se eu já mudei de resolução!

— Como?... bradou a *mameluca*, rindo-se e chorando ao mesmo tempo.

— Vem; eu te contarei: vamos de passeio ao *ingaseiro do Tingidor*

— Vamos... mas Branca...

— Tambem ella, está visto: não virás conosco, Branca?

— Sim, *irmão-velho*, vamos.

— Antes de tudo porém quero enxugar as lagrimas da mãe Cyriaca.

E saltando e correndo, como dez annos antes, Leonel foi dar a feliz noticia á mãe Cyriaca.

Iveta abraçou-se com sua bella collaça.

— Ainda bem! ainda bem!... disse ella.

— Oh! mas custou-me muito!

— E agora?

— Sinto-me feliz.

Leonel chegava outra vez, e dando o braço ás

duas formosas moças, partio para o *ingaseiro do Tingidor*.

Iveta sentio que com a alegria lhe vinhão de novo as suas costumadas inspiraões de gracejo e de zombaria.

— Mas como foi isto!... perguntou ella: conta-me como mudou o nosso *irmão-velho* de resolução, Branca?...

Leonel sorrio-se e Branca fez-se vermelha.

— Então, não me respondes?... como foi que se operou este milagre, Leonel?...

Nenhum dos dous respondia.

— Peior! continuou a terrivel Iveta; um se põe a rir, e a outra fica vermelha?... aqui ha segredo... vejão lá, que se não me dizem, eu adevinho... Leonel sabe que eu adevinho tão bem como um feiticeiro... fallão ou não?...

— Iveta, disse Branca de repente, corramos!

— Branca! respondeu Iveta: olha que está ventando!...

A amada de Leonel tornou-se ainda mais vermelha.

— Iveta, disse este; não zombes de um sentimento, que esteve a ponto de nos tornár a todos desgraçados: não abusemos da felicidade.

— Ah! já confissão?... pois então dou-lhes os parabens, nada mais digo.

O passeio continuou tão agradavelmente, como bem se pôde pensar: dentro em pouco a confiança da amizade foi vencendo tanto, quanto o pudor da mais nobre das donzellas pôde deixar vencer em uma conversação; e Iveta, conforme disse, teve occasião de ir aprendendo umas cousas, que ella não sabia, e que precisava muito aprender.

Entretanto, as lições que ouvia erão simplesmente de um amor innocente e puro, que podia ser confessado aos ouvidos de Deos; lições, que a natureza ensina, e que, perfilhadas e dirigidas pela virtude, fazem sim córar a innocencia; mas não deixão nem o mais leve remorso no coração.

Para Leonel e Branca a aurora da felicidade acabava de despontar no céu do mais santo dos amores.

Passeando, rindo e brincando, chegarão finalmente os tres jovens ao sítio, para onde se tinham dirigido.

Era o *ingaseiro do Tingidor*.

Entre o rio Aldêa, que banhava a fazenda de Constança, e o rio Varzea, que atravessava o campo da fazenda de Pedro de Almeida corria ainda um pequeno ribeiro, a que chamavão, e chamão ainda o *Tingidor*, que passava por muito perto do sitio da mãe Cyriaca.

Em uma de suas margens havia um lugar encantador : era um muito limitado campo-zinho quasi circular, sempre coberto de verde gramma, cercado por todos os lados de arvores frondosas, e dominando um valle formoso, e grande extensão do ribeiro, que em mil voltas se espriguiçava murmurejando : á beira do *Tingidor* um *ingaseiro* se elevava molhando suas raizes na agua clara e transparente.

Embaixo d'aquella arvore feliz, sempre se encontrava uma sombra propicia de tarde, mercê da qual se gosava da frescura das auras, dos gorgeios dos gaturamos, das sabiás, dos coleiros, e do encanto do somnolento murmúrio do ribeiro.

Era esse, desde muitos annos, o sitio da predilecção dos tres filhos da mãe Cyriaca, e ainda uma vez n'esse dia de amorosa dita se dirigirão para passar o resto da tarde.

Chegarão, como fica dito, ao *ingaseiro do Tingidor*, e sentárão-se, como costumavão, as duas moças aos lados de Leonel.

— Ha que tempo ! disse o mancebo : ha que tempo que não vinhamos a este lugar aprazivel !... não tinhas saudades, Branca ?

— Muitas.

— D'ora ávante havemos de voltar aqui todas as tardes : não é assim ?...

— Sim ; atreveu-se Branca a dizer , embora sem olhar para Leonel ; sim ; mas tu tambem , *irmão-velho* , nunca mais te lembrarás de partir para longe de nós .

— Oh ! nunca , nunca mais .

— E se algum dia te entrar na cabeça o fazer uma loucura igual á que tinhas projectado effectuar ámanhã?... perguntou Iveta .

— Branca me fará chegar á razão empregando o seu talisman .

— O seu talisman?... e qual é elle?...

— Dize , Branca .

A moça còrou , sorriu-se e respondeu :

— É um botão de rosa , Iveta .

— Ah!... é o tal botão-zinho de rosa , que te saltou do seio n'aquella tarde ! bem fiz eu em apanhal-o .

— É verdade ; acudio Leonel ; Branca tem um talisman para vencer as minhas loucuras ; mas se alguma vez ella se mostrar má para mim , onde acharei eu um igual talisman , com que possa triumphar da sua crueldade?...

Branca olhou para Leonel , e com seu instincto de amante , comprehendeu o que elle queria dizer : depois de hesitar um momento , levantou-se e foi direita a um mimoso arbusto ,

coberto de flôres, que perto do ribeiro se mostrava. Era um pé de — perpetuas brancas.

A moça colheu a mais bella e viçosa das flôres, e tornando para o *ingaseiro*, offereceu-a a Leonel dizendo :

— Eis ahi o teu talisman, Leonel : é uma *perpetua branca* : sabes o que quer dizer ?

— Dize.

— Quer dizer : *sempre*.

— *Sempre* !... oh é a divisa mais nobre, que poderia tomar um cavalleiro !

Leonel parecia louco outra vez ; mas de prazer.

— Como vocês estão adiantados !... exclamou Iveta ; e o mais é, que começão a me fazer desejos de amar tambem !

— Pois ama, Iveta ; disse Leonel.

— Não ames, não, irmã ; disse Branca.

— O que me parece, tornou Iveta, é que o tal amor, que vocês sentem, é uma cousa que rebenta no coração sem se sentir... mas... ve-
jão só... o sol entrou, e nós ainda estamos fóra...

— É verdade !... voltemos para a casa.

Voltarão com effeito os tres jovens, e mais alegres do que nunca em outro tempo o tinham feito ; a alegria porém de cada um d'elles se demonstrava ou se occultava de modo especial.

Iveta mostrava-se contente e expansiva sem procurar conter as explosões de sua alegria.

Branca cobria o prazer que lhe inundava o seio com o véo do pudor, que lhe avermelhava o rosto.

Leonel arrancado inesperadamente pelas mãos da mais risonha e bemfazeja fortuna, do abysmo, em que se queria precipitar, tinha a alma tão cheia de felicidade, que a cada instante seus olhos se enchião de lagrimas, e o seu semblante exprimia tão agitada mente o jubilo, que ás vezes seria difficil adivinhar na sua physionomia o sentimento de que se achava possuido.

Quando chegarão á porta da casa, avistarão a mãe Cyriaca.

— Então, meus filhos, estaes contentes?

Branca vio o olhar de sua ama fito em seu rosto, e para occultar a perturbação que lhe causava, exclamou :

— Oh! muito! muito!... tornámos-nos crianças como ha cinco annos!... corremos e brincámos como n'esse tempo!

— Mas tu, Leonel? quasi que me parecees triste!

— Eu triste, mãe Cyriaca?... eu triste?... ah! os anjos, que me abrirão as portas do

céo, deverião fechal-as outra vez se eu estivesse triste!...

D'ahi a um instante, quando mais desapercebidos estavam os tres jovens, a mãe Cyriaca estendeu o braço, e sem ser sentida por elles, lançou, com os olhos em lagrimas, uma bênção piedosa sobre as cabeças de Leonel e Franca.

A ama tinha descoberto o terno segredo de seus dous filhos!



VII.

A saudade rôxa.

Menina, que serás martyr,
Anjo, que serás mulher.

V. Hugo.

Em tudo quanto diz respeito ao amor, a mulher dos nossos dias é a mesma mulher de todos os seculos! Debaixo d'esse ponto de vista a civilisação nada póde aperfeiçoar, e nada destruir. Eva subsiste sempre.

O amor transpira do coração de uma mulher, como o perfume do seio de uma rosa.

A menina adivinha amor antes de ser moça; a moça sonha com amor antes de ser amante.

Quando o amor não rebenta de repente no coração da moça, como uma flôr precóce: a

moça aproxima-se, encaminha-se para o amor, levada pelo instinto, ou pela curiosidade, como a borboleta de azas brilhantes, que vòa para a luz em que deve arder!

Arranquem uma menina recém-nascida do regaço de sua mãe, e vão creal-a na solidão de um deserto; accendão no espirito de outra menina todos os pharóes scintillantes com que a educação e a instrucção a deve dirigir sabia e prudentemente no caminho da vida; a desterrada do deserto e a discipula da civilisação sentirão amor da mesma maneira; a segunda o explicará melhor que a primeira; mas esta não o experimentarà menos que a outra.

O porque, é a natureza, que o deve dizer. O que nós sabemos é, que a mulher ama como as aves gorgeão, como as flôres rescendem, como as estrellas brilhão, como o fogo arde no seio da terra, e como o desejo desponta no seio da alma.

O amor é o unico e verdadeiro mestre de si mesmo: planta que nasce espontaneamente, brota no coração, e abre uma flôr, que deve ser colhida.

A curiosidade com que a mulher que ainda é anjo, procura saber o que é amor, não é mais do que o primeiro perfume da flôr do co-

ração, que ainda contém as suas pétalas envolvidas em botão.

No seio de Iveta o amor era ainda a flôr em botão; mas o seu primeiro perfume já tinha transpirado do coração, porque Iveta perguntava já o que era amor.

Branca poderia ter satisfeito a curiosidade de sua collaça, porque o amor amanhecera na sua alma como a flôr precóce.

O amor de Branca e de Leonel aguçava a curiosidade de Iveta; ella desejava conhecer, experimentar esse sentimento poderoso e despotico, que n'um momento tinha o poder de trocar os risos em lagrimas, e o pranto em alegria.

A borboleta approximava-se da luz.

Porque quereria ella amar?... não tinha visto o amor lançar o desespero na alma de Leonel, e abrir uma fonte de lagrimas nos olhos de Branca?... a afflicção de seus amigos não deveria ter sido uma lição de experiencia proveitosa para ella?

Porque ainda assim queria Iveta amar?

Porque as aves gorgeão, as flôres rescendem, as estrellas brilhão, a terra tem no seio o fogo, que arde, e a alma o desejo, que aspira.

A experiencia é sempre vã e impotente quando se trata de amor: uma provém da razão, o

outro nasce do coração ; nada tem que ver uma com o outro.

E o amor tem demais a seu favor o acaso, que sempre o favorece para abrir-lhe o primeiro vôo.

E depois?... depois o horisonte da vida é vasto para dar-lhe espaço a seus vôos : e desde que bate as azas a primeira vez, qu'importa o resto?... feliz ou desgraçado, é sempre amor.

Um acaso veio saciar o desejo de Iveta... inda mal para ella.

O acaso foi uma quéda ; tambem não importa isso ; o amor é cego, segundo o pintão ; não admira pois que comece ás vezes e começasse n'este caso por uma quéda.

Eis aqui a historia do amor de Iveta.

Uma tarde, em que Leonel tinha ido visitar suas duas irmãs na fazenda de Pedro de Almeida, descansavão os dous jovens amantes sentados sobre um outeiro verde e gracioso. O sol dourava com seus ultimos raios a cupula das florestas do occidente ; a poucos passos corria manso e vagaroso o tenue Varzea ; a hora do crepusculo approximava-se.

Leonel e Branca olhavão-se, suspiravão, e sorrião-se : a felicidade radiava no semblante de ambos !

Amavão-se como dous anjos ; a vida era para elles a bemaventurança, e o mundo o paraíso.

A virtude e a innocencia sagravão os laços de flôres, com que amor prendera aquelles dous corações.

Em seu terno e doce meditar, ao pé um do outro, Leonel e Branca havião esquecido a propria Iveta, que perto d'elles estava em pé observando-os curiosa.

— Que embriaguez ! pensava Iveta olhando para seus dous irmãos de criação ! que viver tão differente do viver de todos ! o amor que tem o seu mundo á parte, os colloca entre o céu e a terra, muito acima dos homens, e apenas abaixo dos anjos. Oh ! quando chegará tambem a minha vez de amar e ser amada !... como eu heide saber amar, meu Deos !... com que ardor, e com que fogo !... com que alma toda inteira abysmada n'esse mysterio a que se dá o nome de — amor !

E desatando um suspiro, repetio ainda :

— Quando chegará tambem a minha vez de amar e ser amada, meu Deos !...

Mas de subito a attenção de Iveta foi absorvida por um novo objecto.

Um joven cavalleiro atravessava o campo da fazenda a toda disparada de seu cavallo : debal-

de lutava, e empenhava todos os seus esforços para suspender o violento e rebelde animal; o ginete já não obedecia ás rédeas, e cego de raiva lançava-se aavez do campo sem escolher caminho, nem medir perigos.

A uma forte soffreada do cavalleiro, deu o cavallo tão grande salto que partio as rédeas, e abandonando o trilho, que pelo campo se estendia, como uma fita branca, atirou-se para um ponto, onde o rio se deslisava, por entre duas altas e escalavradas ribanceiras.

Rapido como o relampago, o ginete chegou á beira do precipicio, e arrojou-se n'elle com o furor e o desespero de um suicida.

Iveta, Branca e Leonel soltárão um grito de dôr e de espanto.

As duas moças ficárão immoveis por alguns instantes, e quando se lembrárão de correr ao theatró da catastrophe virão já Leonel descendo precipitadamente a ribanceira.

O joven cavalleiro estava cahido e sem sentidos na arêa, tendo metade do corpo dentro do rio.

O cavallo seguia a corrente bufando e manquejando.

Ao chegarem á ribanceira, as duas moças exclamárão ao mesmo tempo :

— Morto !

Leonel, que estava debruçado sobre o corpo do mancebo, levantou a cabeça e disse :

— Não : ainda lhe bate o coração : chamem alguém que me ajude a carregal-o para casa.

Pouco depois o mancebo achava-se deitado, e ainda sem sentidos, em um leito na casa de Pedro de Almeida.

No fim de uma hora Leonel chegou com um *Licenciado* de grande fama, o qual depois de um curto exame, achou que o doente, além de um desmaio, tinha um braço deslocado.

Pedro de Almeida e Leonel havião reconhecido o mancebo desde o primeiro instante ; era filho de um homem chamado *Claudio Góes*, e chamava-se Jorge.

Claudio Góes chegou para ver o filho, muitas horas depois do lamentavel acontecimento ; achou-o já livre do desmaio ; mas o seu estado era tão melindroso, que forçoso foi deixal-o na casa de Pedro de Almeida.

Nenhuma das duas moças tinha visto antes d'esse dia aquelle mancebo ; e enquanto se receiou pela sua vida, muito occupadas com o desgraçado fim, que o ameaçava, mal poderão reparar n'elle ; quando porém o *Licenciado* completou a dolorosa operação que reclamava o braço deslocado do doente, e deu as primeiras es-

peranças de seu restabelecimento, os olhos da mulher lançáram-se sobre o rosto do homem.

Branca declarou-o feio, porque não se parecia com Leonel.

Iveta nada disse.

Jorge era então um joven de dezoito annos; tinha o rosto oval e branco, os olhos grandes, azues e bellos, seus cabellos erã castanhos e annelados, sua tez assetinada, sua boca pequena e graciosa: tinha as mãos delicadas e finas como as de uma mulher: era delgado e bem feito, e seu semblante poderia ser tomado pelo de uma moça gentil, se a barba, macia e, virgem ainda, não lhe estivesse revelando o sexo.

Iveta, que não dissera nada, tinha-o achado formoso.

Dentro em poucos dias estabeleceu-se naturalmente a intimidade entre Jorge e as duas moças, que muitas vezes o ião ver em companhia de Pedro de Almeida, ou da mãe Cyriaca.

Claudio Góes quasi nunca visitava o filho, e sempre que o fazia, marcava a sua visita com um longo sermão, que prégava contra as loucuras de Jorge, lembrando-lhe com severidade que a sua quéda fôra um justo castigo, por ter comprado, sem a permissão paterna, aquelle maldito cavallo por um preço exorbitante.

O cavallo tinha custado uma dobra!

Tambem o annuncio de cada visita de seu pae assustava a Jorge, que fechava os olhos tão dolorosamente, quão doce e ternamente os conservava abertos, quando entravão no seu quarto as duas moças.

Jorge começava já a não sentir ter cahido do cavallo; Leonel, no caso d'elle, teria ido mais adiante, desejando cair de novo umas duas ou tres vezes, ainda que de cada vez quebrasse uma perna ou deslocasse um braço.

As duas bellas moças parecião a Jorge, como dous anjos que um sonho delicioso lhe pozesse velando á sua cabeceira.

Tinha ouvido fallar n'aquellas duas meninas; lembrava-se terem-lhe dito que erão bonitas: nunca porém as adevinhára tão formosas.

O olhar de Branca enchia de suavidade sua alma: o olhar de Iveta abrasava-lhe o coração. Sentio-se dentro em pouco capaz de ser um amigo dedicado da filha de Pedro de Almeida; o sentimento da amizade parecia-se com o olhar de Branca.

Quanto a Iveta, a amizade era muito fria para se parecer com o seu olhar de fogo, e não se passou muito tempo, que o coração lhe não dissesse a que sentimento se assemelhava o olhar

que tinha o poder de abrasal-o. O amor e o fogo tem pontos de contacto ou de semelhança muito salientes.

Entretanto os dias se passavão, as melhoras progressivamente se demonstravão, e Jorge, que já se sentia captivo dos encantos da filha de Cyriaca, não ousava manifestar-lhe o que por ella experimentava, em uma só phrase, d'onde transpirasse amor.

Timido e fraco por natureza, tinha medo de affrontar o poder d'aquella jôven mulher de olhos negros e brilhantes, e nem ao menos, quando a olhava apaixonado, via no vivo rubor que assomava ás suas faces côr de jambo, e na confusão em que a deixava, a confissão ingenua, incalculada e eloquente do seu triumpho ou da sua felicidade.

Iveta, a ardente *mameluca*, que tinha sonhado com amor, como uma fonte inexgotavel de ventura e de alegrias, e que tanto se havia admirado da melancolia e dos soffrimentos de sua collaça, começava a sentir por si mesma esse estado de anciedade e desassocego, esse viver de desejos vehementes, que uma alma innocente não pôde explicar mas que sente, esse scismar de horas inteiras durante o dia, e essas noites cheias de suspiros e de sonhos, tudo isso em-

fim, que cerca e acompanha o *amor* de um coração virgem, como um cortejo indispensavel e essencial.

Iveta achava-se presa do encanto dos olhos brandos e suaves de Jorge, de seu sorrir gracioso e amigo, de sua voz sonora e doce. Aquelle mancebo delicado e bello, cujo rosto tinha a lindeza mimosa de uma mulher, ajustava-se perfeitamente á natureza forte e vehemente da *mameluca*: parecia-lhe que encontrava n'esse homem formoso, e de tão melindrosa apparencia, não um senhor para obedecer-lhe como escrava, mas um *ser* quasi angelico para transformar-lhe a terra em um eden, e fazer dos dias de sua vida una corrente de flôres.

Até então porém nem uma palavra de amor trocada entre ambos; fallavão-se apenas com os olhos e sempre sem querer fazel-o; entendião-se com os sorrisos de um e o rubor do pejo da outra, e sempre sem pensar, que se estavam entendendo.

Este amor, que havia começado por um acaso, tinha de dever a sua manifestação clara e ingenua a um outro acaso.

Um dia Leonel passando de manhã pela fazenda de Pedro de Almeida, chegou para visitar suas bellas irmãs e o interessante doente.

Desde a tarde, em que Jorge cahira do cavallo, Branca e Iveta não tinham voltado ao sitio da mãe Cyriaca, e Leonel fazendo-lhes, como costumava, a sua visita diaria, teve de estreitar relações com o filho de Claudio Góes, e dentro em pouco a familiaridade e a confiança ligarão os dous mancebos.

Quando Leonel chegou, Pedro de Almeida não estava em casa, e em quanto Branca e Iveta não lhe appareção, entrou para o quarto de Jorge, a quem já encontrou de pé:

— Excellente! exclamou Leonel; dentro de tres ou quatro dias ao mais tardar, estarás bom e prompto para dar outra quèda.

Jorge sorriu-se.

Entretanto as duas moças tinham corrido á sala para receber Leonel; vendo porém que elle se achava no quarto de Jorge, onde ellas não entravão senão em companhia de Pedro de Almeida, ou da mãe Cyriaca, tornárão ambas para dentro.

Mas Iveta voltou do meio do corredor...

A grande varanda que corria em toda frente da casa de Pedro de Almeida, e que ainda ha pouco chamámos sala, abria portas para diversos quartos destinados aos hospedes, e ainda, em uma das suas extremidades, para uma pe-

quena, mas graciosa capellinha com um unico altar consagrado á Santa Virgem.

O quarto em que estava Jorge ficava exactamente ao pé da capella.

Iveta sentio um desejo ardente de ouvir o que conversavão os dous moços : Leonel já tinha grãcejado tantas vezes com ella sobre a sua predilecção por Jorge, que bem podia ser, que a seu respeito fallassem elles, que tão amigos já erão.

Curiosa e imprudente, vendo do corredor que a mãe Cyriaca deixava-se estar socegradamente sentada defronte de sua almofada de rendas, voltou para a varanda, e foi pé ante pé collocar-se junto da porta do quarto de Jorge.

Ignorava que o doente já se tinha levantado da cama ; não recebeu pois que pudesse chegar a sorprendel-a.

Acabava de praticar uma acção má ; teria de córar por isso : o primeiro castigo que o céo impõe ás donzellas imprudentes é o fogo do pejo abrasando-lhes as faces.

Iveta havia promettido a si mesma que fugiria logo depois de ouvir as primeiras palavras de Jorge.

Ouvio-lhe as primeiras palavras, e ficou ; era de esperar que assim fizesse.

Leonel continuou a sua conversação dizendo:

— Sim, em poucos dias estarás no caso de dar nova quéda; mas olha, Jorge, eu em teu lugar, não cahia senão no campo d'esta fazenda.

— Não se cahe sempre, Leonel.

— Ora que asneira! cahe-se mesmo de um cavallo magro... eu era capaz de cabir até de um cavallo de páo.

— Ainda bem que não precisas fazel-o!

— E como dizes tu isso com um ar tão triste!

— Não sabes que me chamão Jorge — o *Triste*?... — é porque o sou.

Leonel córou levemente, porque lembrou-se, que o povo injusto e máo, tornando o filho responsavel das maldades do pae, por odio que tinha a Claudio Góes, chamava tambem a Jorge — o *filho do Onça*.

Dissimulou porém, e sorrindo-se tornou:

— Não, Jorge, essa tua tristeza tem-me ares de tristeza nova...

— Não entendo bem o que me queres dizer.

— Pois eu sou inimigo de mysterios e de circumloquios, e digo sem cerimonia tudo quanto me parece que é verdade.

— Pois vamos lá, falla.

— Póde chegar alguém á varanda, e eu não quizera ser ouvido, e nem isso te faria conta.

— Vamos então para a varanda.

E tão promptamente sahirão os dous moços do quarto, que Iveta, não tendo tempo de fugir para dentro, não teve outro recurso senão esconder-se na capella.

Leonel e Jorge continuárão a conversar na varanda.

— Que ha? perguntou Jorge.

— Que ha? é, que estás triste porque te achas evidentemente restabelecido.

— Homem, essa é boa!

— E porque estando restabelecido não terás remedio senão tornar para a casa de teu pae e sahir d'esta.

— Então... eu...

— E porque, em uma palavra, tu estás apaixonado por Iveta.

— Leonel!

— É tal e qual! eu já tenho experiencia, e portanto não me engano.

Jorge abaixou a cabeça e ficou pensando tristemente.

Iveta sentia-se suffocada dentro da capella, d'onde estava ouvindo tudo.

— Acertei ou não?... perguntou Leonel batendo no hombro de Jorge: acertei ou não? dize; homem honrado não mente.

— Acertaste, Leonel.

— Ah!

— Mas de que me vale amar, adorar Iveta com toda violencia de uma paixão indomavel? eu, o triste, eu, de quem ninguem gosta... eu, o desprezado...

— Que é isso lá? estás doudo? —

— Não: disse uma verdade, que me péza.

— Tu desprezado? e por quem?

— Por todos, Leonel.

— Menos por mim, Jorge; disse o engeitado estendendo-lhe a mão, que o amigo apertou.

— Eu o creio.

— Menos tambem por umas poucas de pessoas do nosso conhecimento.

— Talvez.

— Vê lá quanta gente já! e, o que ainda mais te importa, menos por Iveta.

— Quem sabe?

— Eu.

— Tu? quem t'ó disse?

— Ora, adivinhei que ella te ama, do mesmo modo que descobri que amas a ella.

Jorge sacudio a cabeça.

— Já tenho experiencia, continuou Leonel: olha, em quanto estiveste em perigo, rezava ella horas inteiras ajoelhada aos pés do altar d'aquella capella; quando não houve mais re-

ceio pela tua vida, vinha todas as manhãs cobrir de flôres o altar, e dar graças á Santa Virgem: ora, um interesse d'estes, quer dizer alguma cousa... e depois: não vês como te olha tão perturbada?... como te falla tremendo?... como fica toda còr de rosa, quando lhe fazes o menor comprimento?... Jorge, estes signaes não falhão!

— E pensas...

— Não penso; sei de certo.

— Como?

— Até já lh'o disse...

— A quem?

— A ella: pois a quem havia de ser?

— Leonel!

— A cousa é simples: sou teu amigo, e estimo muito que ames a Iveta.

— Porém ella que disse? perguntou Jorge tremulo de amor e de esperança.

— Abaixou os olhos, e começou a revolver o lenço entre as mãos: signaes certos!...

— Mas não te disse que sim?

— E não me disse que não: signal certissimo, Jorge!

— Portanto a duvida...

— Qual duvida! ainda hontem à tarde coheu uma cestinha de saudades roxas para or-

nar com ellas o altar da capella, e quando eu e Branca gracejavamos com ella a teu respeito e exigiamos uma confissão: queres saber o que ella fez?

— Sim... dize...

— Abaixou muito os olhos, tornou-se muito vermelha, e balbuciou: « pois sim... confesso que o amo ».

— Leonel! Leonel!...

— Silencio! silencio... que eu prometti guardar segredo.

— Ah, Leonel, tu me dás a vida!

— Pois fica ahi vivendo, que eu saio e vou ver se encontro minhas bellas irmãs no seu jardim.

E o leviano e ligeiro mancebo sahio correndo, em quanto Jorge com o coração cheio de alegria, como até então nunca sentira, cahia de joelhos para agradecer a Deos tanta felicidade!

Mas de subito ergueu-se, dizendo com paixão:

— Oh! no altar! no mesmo altar em que ella rezava por mim!...

E abrindo a porta da capella, suspendeu-se de repente, encontrando-se face a face com Iveta.

A pobre moça suppoz que ia morrer de con-

usão e de vergonha; não se atrevia a levantar a cabeça, e tremula como um ramo de palmeira agitado pelo vento, nem tinha força para fugir aos olhos d'aquelle, diante de quem acabava de ser descoberto o mysterioso segredo de seu virginal coração.

Jorge hesitou no primeiro instante, julgando-se illudido por um sonho lisongeiro: duvidava de tão inesperada e tão preciosa dita; mas emfim não pôde mais resistir á realidade.

Era immensamente feliz.

Estendeu as mãos para Iveta, como um penitente eleva a sua alma para o céu.

— Não sonho, não?... é tudo verdade?... perguntou elle com os olhos brilhando por entre lagrimas de ineffavel prazer.

Iveta não respondeu.

— Oh! falle! falle!... eu tenho o meu coração suspenso á entrada do paraiso... não me faça com o seu silencio cahir outra vez nas trevas de uma duvida, que me atormenta!

Iveta fez um movimento para sahir.

— Não! não! já agora devo receber da sua bocca a sentença do meu futuro: senhora! pela imagem sagrada que do alto do altar nos está olhando, eu juro que lhe amo!

Iveta sentio dentro de sua alma misturarem-se

os sentimentos de pudor com os da mais indizível felicidade.

— Oh! falle! falle! se me ama também, se eu sou tão ditoso, que a aza de um anjo viesse tocar em meu seio, e que seus olhos lançassem um olhar benigno sobre mim: que eu o saiba pela sua bocca!

Iveta tremia convulsivamente, e chegava-se para junto do altar, como procurando a protecção divina.

Jorge deu um passo para ella e proseguiu:

— Ou se o pejo lhe embarga a voz, e se antepõe ao complemento da ventura que aspiro... senhora!... que sua mão me outorgue uma d'essas flôres com que ornou o altar da mais pura das Virgens!... essa flôr fallará por nós ambos, e será para mim uma resposta favoravel, e o primeiro laço da nossa futura união... Oh! dê-me uma d'essas flôres!...

Iveta julgou que estava prestes a desfallecer; seu braço se estendeu, e sua mão foi apoiar-se sobre o altar, e... (ainda o acaso!) Iveta encontrou entre seus dedos uma flôr: era uma saudade roxa!

Jorge vio a mão e a flôr, e exclamou:

— Iveta!... minha Iveta!...

E cahio de joelhos.

Iveta estremeceu... retirou depressa sua mão do altar onde se apoiára; mas a *saudade roxa* embarçou-se entre seus dedos... escapou d'entre elles depois que a mão de Iveta estava fóra do altar, e foi cahir sobre o peito esquerdo de Jorge.

Dir-se-ia que a *saudade roxa* de Iveta procurava o coração do mancebo.

— Oh! sou feliz!... disse Jorge levantando os olhos para a moça.

Mas Iveta já se tinha escapado da capella, vermelha, trémula e confusa, como se tivesse acabado de commetter um grande peccado aos olhos de Deos.



VIII.

A borboleta preta.

A mão do Fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender!

Gonzaga.

Leonel e Branca, Jorge e Iveta amavão-se todos quatro na primavera dos annos e no rir mais fagueiro da vida; todos quatro com os corações cheios de esperanças e as cabeças cheias de illusões; todos quatro poetas no ardor de seus sonhos; todos quatro anjos na pureza de suas virtudes, o seu amor devia transformar para elles o mundo dos soffrimentos em um eden de indiziveis e innocentes gozos.

Leonel e Branca, Jorge e Iveta amavão-se, e vião correr os dias e os mezes nas azas do

prazer e do encanto: nenhuma dôr toldava a limpida corrente de sua felicidade; nenhuma acção má, que desmentisse a innocencia de seus amores ennegrecia com o mais leve remorso a serenidade de suas almas, e a pureza de seus sentimentos.

Fôra tentar o impossivel querer acompanhar o amor dos quatro jovens em todos os seus interessantes episodios. Uma só phrase resume toda essa historia: elles amavão-se como os homens amão aos dezoito e aos vinte annos, e as mulheres aos quinze.

N'essa idade, e quando se ama, o amor é uma religião, o coração é um altar, o objecto amado é um idolo; mas o culto que se vota a esse idolo não offende a Deos; porque o amor é um sopro divino.

Querer pintar, descrever um d'esses amores com todas as suas nuanças; querer daguerreotypar todas aquellas santas alegrias, que fazem passar uma hora em um instante, um dia em uma hora; todas aquellas passageiras melancolias, todos aquelles engraçados enfados que tornão o prazer, a felicidade mais saborosos logo depois, como essas notas desharmonicadas que soltas no meio de uma melodia lhe dão mais realce e vigor; querer reproduzir esses

olhos que abrasão, e esses olhos que se curvãõ para a terra quando as faces se cobrem de purpura ; esses estremecimentos que causãõ duas mãos que se encontrãõ por acaso ; essas palavras que se decorãõ ; esses sonhos que se sonhãõ sem dormir ; esses suspiros não fingidos que contra a vontade rompem do coração ; querer, emfim, pintar o enleio, o pejo, o extasi, o enthusiasmo, a gloria ; é, repetimol-o, tentar o impossivel.

O amor da juventude, o primeiro amor, não se descreve, sente-se. Quem passou essa idade sem tel-o sentido, não o sentirã tambem mais nunca, e faz dó, porque teve incompleto o drama de sua vida, e perdeu d'esse drama o acto mais bello, mais encantador, mais sublime ; o acto, em que a terra mais se approxima do céu, e o homem mais se approxima do anjo.

O primeiro amor é o amor do espirito ; é tão nobre, que nunca se lembra de descer da alma para o corpo. É o amor da confiança, das crenças, das illusões, da fé, é um amor de fogo, mas o seu fogo parece-se com aquelle que ardia nas sarças do monte Horeb, e que não queimava as sarças :— é o fogo de Deos.

Não amesquinharemos pois um d'esses amores apertando-o ao ponto de podel-o conter nos

estreitos limites de uma descripção por mais longa e completa que ella fosse.

Leonel e Branca, Jorge e Iveta amavão-se: eis tudo.

Convém no entretanto deixar já bem marcado o character de Jorge, que ainda mal conhecemos, e tornar bem evidentes alguns traços, que muito o distinguão de Leonel.

Leonel, como ficou dito, era ardente, ousado e impetuoso; olhava para o futuro com a cabeça levantada e olhos ávidos; era forte por natureza, e por educação; tinha, por assim dizer, a sua fortaleza na sua organização, e essa fortaleza havia-se desenvolvido e crescido, porque o amor extremoso de Constança nunca se lembrára de domal-a, subjugando o animo exaltado do menino que lhe fôra confiado.

Jorge era filho de um homem avarento, máo e despotico, que nunca amára senão ao seu dinheiro; desde pequenino habituára-se a ler o seu destino nos olhos de seu pae, a empalidecer ao enrugar das sobranceilhas de Claudio Góes, a tremer e chorar a um grito que lhe ouvia, e a appellar sómente, em todas as difficuldades em que se achava, para o amor de sua mãe; essa mesma consolação bem cedo lhe faltou, porque vio-se ainda em tenra idade

orphão de mãe; e desde então sempre medroso, sempre contrariado, sempre curvo e tremulo diante de seu pae, acostumou-se á sua fraqueza, e quando se tornou moço não se lembrou mais de se tornar forte; bom, condescendente para com todos, incapaz por si mesmo de fazer mal a alguém, era sobretudo um instrumento cego, um escravo submisso da vontade paterna.

Não ignorava que seu pae era geralmente aborrecido; sabia que no empenho de amontoar riquezas elle sacrificava ao prazer infernal de sua avareza ricos e pobres, a quem ás vezes fazia desgraçados, não se importando de colher thesouros ensopados de lagrimas; mas, conhecendo tudo isso, Jorge que muitas vezes tinha vergonha das acções de seu pae, nunca se animára a deixar-lhe ouvir um respeitoso conselho de filho; pois sabia que em tal caso, além de desprezado o conselho, seria o conselheiro severamente castigado.

E muitos do povo, que mal apreciavão o character de Jorge, misturavão em suas maldições os nomes do pae e do filho, e como por escarneo, e para significar os instinctos ferozes do avarento, o chamavão Claudio Góes — o Onça — ou — Claudio-onça, — tambem por escarneo chamavão a Jorge — o filho do Onça!

Outros porém que bem conhecião o nobre e infeliz mancebo, davão-lhe uma differente alcunha, que muito melhor lhe assentava; como Jorge, pela sua educação comprimida, e pela convicção da má reputação de seu pae, andava sempre abatido e melancolico, assentárão de chamal-o — Jorge o Triste.

Tal era o mancebo que merecêra a gloria de ser amado por Iveta.

Se nas breves palavras, que acabamos de escrever, não ficou bem patente o character de Jorge e as qualidades que o tornavão muito differente de Leonel; uma curta conversação havida um dia entre os dous virá dar mais luz a este ponto.

Depois de se terem prendido pelos laços de amizade, e ainda mais pela fraternidade de seus amores, os dous mancebos encontravão-se muitas vezes para conversar sobre suas esperanças e sua dita, ou para irem juntos visitar Branca e Iveta.

Uma vez, passeando juntos a cavallo, travou-se entre elles esta conversação:

— Jorge, disse Leonel: quero confiar-te um pensamento que trago ha dias na cabeça!

— Dize-o.

— Está me parecendo que já é tempo de acabar com o mysterio do meu amor.

— Como?

— Muito simplesmente: confiando tudo á minha madrinha, á mãe Cyriaca e ao pae de Branca.

— Vê como são as cousas, Leonel: o que mais me atormenta é o receio de que se venha a descobrir o amor que tenho a Iveta.

— Então porque?...

— Oh! sou teu amigo devéras, e tanto o sou que te direi o que não diria a outrem; receio, Leonel, porque Iveta é pobre, e meu pae me ordenaria que não a tornasse a ver.

— E tu que farias?

— Ah Leonel, eu padeceria muito!

— E esquecerias Iveta?

— Eu esquecel-a?... nunca; isso nunca.

— Mas, Jorge, eu tambem sou pobre como Iveta...

— Bem: e se o Sr. Pedro de Almeida ordenasse a Branca que te não visse mais?...

— Eu havia de ver Branca e havia de amal-a, apezar de seu pae.

— E se tua madrinha...

— Apezar d'ella tambem.

— Leonel: tu não crês no impossivel?

— Creio em um.

— Qual é?

— Creio que é impossível que o homem não acabe por morrer um dia.

— Mas ha obstaculos tão fortes...

— O homem é mais forte que todos elles.

— Leonel, uma gota d'agua envenenada é de sobra para acabar com o mais poderoso dos homens.

— Jorge, um homem só é de sobra para acabar com um leão, que é o mais soberbo e tremendo dos animaes.

— Então: não tremes nunca?...

— Nunca.

Jorge curvou a cabeça tristemente.

— E tu, Jorge?

— Eu?...

— Se teu pae te prohibisse absolutamente que amasses Iveta?

— Leonel, eu havia de amal-a sempre no fundo meu coração... em segredo.

— Se teu pae te ordenasse que casasses com outra mulher?

— Oh! eu me deixaria morrer...

— Bem entendido, se teu pae não te ordenasse que vivesses...

— Leonel!... a zombaria vem bem pouco a proposito...

— Perdôa, Jorge; mas não comprehendo essa docilidade de criança, essa obediencia de escravo. Somos ambos muito amigos; mas os nossos caracteres são dous inimigos irrêconciliaveis.

— Sim; tu és forte, e eu sou fraco.

— Não digo tanto; mas tu és a prudencia, e eu sou a loucura; tu és a obediencia, e eu sou a resistencia; tu és a paz, e eu sou a guerra; tu és a quietação, e eu sou a impetuosidade: a consequencia é que cada um de nós tem os seus defeitos como os outros homens; porém...

— Porém tu és melhor do que eu.

— Não era isso o que eu queria dizer.

— Então o que era?

— Era que com todos os nossos defeitos ha muita gente peor do que nós.

Jorge sorriu-se, e a conversação parou abi, porque os dous cavalleiros acabavão de entrar no sitio da mãe Cyriaca, e de reconhecer Branca e Iveta, que os esperavão com os olhos embebidos na estrada.

Ao avistar as duas formosas meninas, Leonel e Jorge esquecêrão-se um de sua fortaleza e o outro de sua fraqueza: o primeiro sentio-se menos forte, o segundo reconheceu-se menos fraco, e ficarão ambos igualados pelo encanto e pela felicidade de seus amores.

Saltarão os dous mancebos de seus cavallos e corrêrão para Branca e Iveta ; mas ficarão tristemente sorprendidos ao encontral-as melancolicas, assim como á mãe Cyriaca que rezava sentada n'um canto da pequena sala de sua casa, e que se levantou para recebêl-os.

— Que é isto, mãe Cyriaca?... perguntou Leonel: vejo signaes de tristeza em todos estes semblantes, que sempre se mostram tão satisfeitos!... que quer dizer esta mudança?...

— Meu filho, ha cousas que se não podem explicar; estamos tristes porque tememos que alguma desgraça nos venha a acontecer...

— Mas como?... que desgraça?...

— Não sabemos; mas...

— Mas que?

— Temos máos presagios.

— Ora... mãe Cyriaca: pois é isso?...

— É, meu filho, e não é pouco; chegámos hontem, como sabes, da fazenda do Sr. Pedro de Almeida, e desde hontem reparámos todas, que o pobre *Fiel*, o cão-zinho estimado de Branca, não cessa de cavar a terra e de uivar dolorosamente! e ainda mais, esta noite sonhei com vestidos pretos e com musicas de igreja...

— É preciso não dar tanto peso aos sonhos: disse Jorge.

— Oh! os meus sonhos sahem sempre certos!...

— Pois este, graças a Deos, não hade ter fundamento algum, e será desmentido pela continuação da sua boa fortuna e dos seus prazeres.

Iveta fitou seus lindos olhos no rosto de Jorge, e disse :

— Ah! queira o céu que seja assim; mas eu temo e receio como minha mãe...

— Tambem a senhora?...

— Tambem; ainda me lembra que tres noites seguidas, antes d'aquella em que morreu meu bom pae, veio sempre uma coruja pousar na cumieira da nossa casa piando agouros terribes, que desgraçadamente se realisarão! Oh!... eu creio nos agouros!...

E a pobre moça desatou a chorar.

— Iveta! minha irmã! que loucura é essa? disse-lhe Leonel, tomando-lhe a mão.

— Se ao menos fosse eu a victima!

— A coitadinha teme que seja eu que tenha de morrer, observou Cyriaca.

— Não hade ser assim, não, Iveta; disse Branca toda tremula; olha: quem cava a terra e uiva com tanta dôr é *Fiel*, o meu pobre cachorrinho; está visto pois que sobre mim é que tem de cahir o raio.

— E eu digo que tudo isto é um temor de criança, uma fraqueza indesculpavel, que é necessario vencer. Vamos rir... vamos brincar... vamos esquecer esses tristes pensamentos.

— Não, meu filho; quando se tem sobre o coração um pezo, como este que nós temos, não se deve brincar, nem rir.

— Então deve-se chorar sem motivo?

— Tambem não; mas, pelo menos, deve-se rezar.

— Oh! sim!... rezemos, minha mãe!... exclamarão as duas meninas.

— Pois em tal caso rezaremos nós tambem.

— Sim, accrescentou Jorge; é justo: sempre se aproveita bem o tempo em que se está com o pensamento em Deos. Rezemos todos pela felicidade de tão santas creaturas.

A mãe Cyriaca olhou com viva expressão de gratidão para o filho de Claudio Góes, e logo depois abriu um pequeno oratorio, que havia sobre uma commoda, accendeu duas velas e ajoelhou-se.

Branca e Iveta, Leonel e Jorge ajoelharão-se tambem: as duas meninas quasi a par da mãe Cyriaca, e os dous mancebos a alguma distancia d'ellas.

Longa foi a oração; mas ao seu influxo pare-

cêrão ir serenando os temores e pezares das tres senhoras.

Finalmente fizerão todos cinco o signal da cruz, e já se ião levantando, quando Iveta e Branca soltárão ao mesmo tempo um grito de espanto e de dôr, e apontárão com suas tremulas mãos para um objecto que acabava de mostrar-se a seus olhos.

Uma grande borboleta preta entrára pela porta da casa, e depois de volvear em torno das moças, lançou-se instinctivamente para as duas luzes, e sapecando na chamma suas longas azas, voltou e foi cahir sobre a cabeça de Branca.

A filha de Pedro de Almeida pallida e convulsa, agarrou no misero insecto, atirou-o para longe de si, e exclamou :

— Ah!... meu pae!...

E desfez-se em lagrimas.

Ao tempo que isto acontecia, *Fiel* uivava no terreiro.

A mãe Cyriaca apagou as luzes, fechou o oratorio, e foi sentar-se no canto da sala sem dizer uma só palavra de consolação á sua filha adoptiva.

Iveta apertava entre as suas as mãos de Branca, que estavão frias como o gôlo.

Leonel e Jorge começavão por sua vez a re-

cear que aquelles funebres agouros não fossem chimeras, e que a borboleta preta podésse ser mysteriosa mensageira de alguma grande desgraça.

Reinava o silencio : nenhuma das cinco pessoas, que ali se achavão, atrevia-se a pronunciar a mais simples phrase.

Ouvia-se sómente o soluçar de Branca e de Iveta, e o sussurrar das rezas da mãe Cyriaca.

Fiel continuava a uivar.

De repente ouviu-se bater a cancella do campo: Branca deixou-se cahir sobre um banco.

— Ah! vem a má nova! disse a mãe Cyriaca: Deos se compadeça de nós!...

Ouvio-se o tropear de um cavallo.

Os dous mancebos precipitárão-se para a porta, e virão um cavalleiro que vinha correndo á desfilada.

Leonel sentio-se desfallecer, reconhecendo no cavalleiro um pagem de Pedro de Almeida.

— Quem é? perguntou a mãe Cyriaca.

Leonel não respondeu.

O pagem saltou em terra.

Leonel correu para elle.

— Que ha?... perguntou.

— É meu senhor, que acaba de morrer de repente.

— O Sr. Pedro de Almeida?!!

— Está morto.

Pedro de Almeida acabava de morrer inesperadamente, victima de uma apoplexia fulminante: Branca, sua filha unica, era pois a sua unica herdeira, e ficava senhora de uma fortuna mais que mediocre.

Mas Pedro de Almeida não deixára nem testamento, nem tinha parente algum no Brasil; e Branca, que ficára orphã, tinha de passar a ser governada por um tutor.

O tutor de Branca foi Raphael, seu tio materno.

Um abysmo separava já Leonel de Branca; porque Raphael era o inimigo figadal da velha Constança, e Leonel tinha aprendido desde criança a aborrecer o homem que fizera a desgraça do filho de sua boa madrinha.

Separada de Leonel, a consolação unica que restou a Branca, no meio da sua immensa dôr, foi a companhia e a amizade de Iveta, que não quiz viver longe d'ella; e a da mãe Cyriaca, que muitas vezes ia vel-a na fazenda do Varzea, que fôra de Pedro de Almeida, e para onde passou a estabelecer-se Raphael com sua familia.

Sobre o tumulo de Pedro de Almeida mostrou-

se Raphael erguendo-se como uma barreira entre Leonel e Branca.

O amor todo passado em risos, alegrias e esperanças, acabou!

Comêçara o amor ensopado de lagrimas.

Murcharão os risos, seccarão as fontes das alegrias; ficarão só as esperanças, que nunca morrem no coração do homem.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

O FORASTEIRO

AU MONDE ELEGANT
—
A. GENOUD

LIVRARIA - MUSICAS

CAMPINAS

Obras que se achão á venda na mesma casa :

Morceira de Azevedo

CRIMINOSOS CELEBRES. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. Episodios historicos. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
MOSAICO BRASILEIRO, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedoctas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
OS FRANÇEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico. 1 v. in-8º br	2\$000
LOURENÇO DE MENDONÇA, romance historico. 1 v. br..	1\$500

J. M. Pereira da Silva

JERONYMO CÔRTE REAL. 1 v. enc.....	3\$000
MANOEL DE MORAES. 1 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
GONZAGA. Poema. 1 v. in-8 enc.....	3\$000

A. Tavares Bastos

A PROVINCIA, Estudo de descentralisação no Brasil. 1 v. in-4º br. 5\$000, enc.....	6\$000
O VALLE DO AMAZONAS. 1 v. br.....	5\$000

A. Dumas Filho

O HOMEM-MULHER. 1 v. in-16 enc. 1\$500, br.....	1\$000
---	--------

Silvio Dinarte

A MOCIDADE DE TRAJANO. 2 v. enc. 6\$000, br.....	4\$000
--	--------

Eugenio Sue

A INVEJA. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc.....	3\$000
A IRA. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc.....	3\$000
A SOBERBA. 1 v. in-8º br. 6\$000, enc.....	8\$000

Victor Hugo

OS HOMENS DO MAR. 3 v. in-4º br.....	3\$000
--------------------------------------	--------

E. Gaboriau

DESMORONAMENTO, romance historico. 4 v. in-8º, enc. br.....	12\$000 10\$000
---	--------------------

Roberto Southey

HISTORIA DO BRASIL, traduzida da lingua ingleza para a portugueza pelo Dr. L. J. de Oliveira e Castro e annotada pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris.	36\$000
---	---------

Typ. FRANCO-AMERICANA, r. d'Ajuda 18.

O
FORASTEIRO

ROMANCE BRASILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

SEGUNDA EDICAO

TOMO II

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69

O FORASTEIRO

I.

O cavalleiro sem viseira e o indio sem mascara.

Sim, porque não sei ; mas d'este homem suspeito.
Não tens notado ainda seu singular aspecto ?...
Desde que o dia acaba, de nós em torno vaga.
Que faz n'estes lugares ?... Que vem aqui buscar ?...

A Noite veneziana.

Contámos já a historia d'essa criancinha recém-nascida, mysteriosamente confiada á caridade, e depois ternamente adoptada pelo amor de Constança : vimos crescer e desenvolver-se esse menino, na fazenda da Aldêa ; acompanhá-mol-o em seus brincos infantis, e depois nos seus innocentes amores com a bella filha de Pedro de Almeida ; dissemos já tudo quanto sabiamos a seu respeito ; em um ponto só deixámos de sa-

tisfazer a curiosidade, que por ventura tenha elle podido excitar; mas n'esse ponto não nos é ainda possível derramar luz alguma; o mysterio do nascimento de Leonel não deve, nem pôde ser por ora descortinado: Leonel é ainda para nós sómente — o Engeitado da Aldêa, — como o povo do lugar o chama.

Já apreciámos tambem em sua pura e innocente origem o amor, que liga os corações de Jorge, o *triste*, e de Iveta, a *mameluca*.

Tornemos agora a tomar o fio dos acontecimentos, cuja relação de repente suspendemos.

É desnecessario declarar, que fôra Leonel aquelle cavalleiro de armas negras, que nas cavalhadas attrahira a attenção geral, e que não tinha sido outro senão elle mesmo aquelle indio travêso e desinquietao que tanta desordem lançára no meio das dansas dos mascarados.

Branca e Iveta devião ter reconhecido logo o cavalleiro pela *perpetua-branca*, que era a divisa do seu escudo; e nas dansas, se a *mameluca* duvidou a principio que o indio fosse o *irmão-velho*, depressa teve de ver dissipadas todas as suas duvidas, encontrando-se com elle, e com elle conversando, em quanto se queimava o fogo de artificio.

Leonel, depois de ter alcançado de Iveta a

promesssa de que dous dias depois se encontraria com ella e Branca no *ingaseiro do Tingidor*, saltou, como vimos, o muro do quintal de Raphael, e retirou-se.

Achando-se todo o povo occupado em admirar e applaudir o fogo, teria o imprudente mancebo conseguido afastar-se da povoação sem ter sido reconhecido por mais alguém, fóra as duas moças, se não lhe houvesse sahido ao encontro o *Forasteiro*, que já lhe tinha fallado nas cavalhadas. -

De caminho para a fazenda de sua madrinha, Leonel não pôde deixar de roubar muitos momentos a Branca para reflectir n'esse homem mysterioso, que o seguia, como a sua sombra, e que o descobria através de uma viseira, ou a despeito de qualquer disfarce.

Seu segredo, e talvez a sua vida, estavam á mercê d'esse personagem desconhecido, que sabia tudo a respeito de todos, e a respeito de quem ninguem sabia nada.

As reflexões de Leonel perdêrão-se todas no vago das incertezas. O *Forasteiro* era um enigma indecifrável.

Chegando á casa, Leonel saltou do cavallo, e foi ter com sua madrinha, que o esperava velando.

— Eis-me, enfim, minha madrinha! exclamou elle entrando.

— E que fizeste, louco?

— Loucuras, minha madrinha.

— Conta-me tudo.

— Tirei duas argolinhas; aqui está uma, que lhe trago, para provar que não sou esquecido.

— E a outra?

— Offereci-a a D. Branca.

— Á sobrinha de Raphael?!...

— Não, minha madrinha; foi á filha de Pedro de Almeida.

— E a terceira?... passaste pela vergonha de perdê-la?

— Não, senhora; tive sómente o prazer de não querer tirá-la.

— E que mais fizeste, cabeça de vento?

— Dansei, saltei, gritei e corri vestido de indio.

— Onde?

— Na propria casa do vosso inimigo, no meio de cujas dansas lancei a confusão e a desordem.

— Não devias ter lá ido.

— Quem foi lá, não fui eu; foi o indio, minha boa madrinha.

A lógica de Leonel era convincente; Constança sorriu-se, e continuou perguntando:

— E ninguem te conheceu?

— Nas cavalladas fui de certo reconhecido por Branca e Iveta.

— Como?

— Eu cá sei, minha madrinha.

— E nas dansas?

— Dei-me a conhecer a Iveta.

— E para que, meu imprudente?

— Para uma cousa que tambem eu sei.

— E ninguem mais te conheceu?

— Juro, que não.

— Juras, Leonel?

— Espere, minha madrinha; creio que fui conhecido por um homem, a quem não conheço.

— E quem é elle?

— Chamão-n'o o *Forasteiro*.

— Tenho ouvido fallar n'elle: que personagem é essa?

— Uma especie de feiticeiro, na opinião do povo; e um homem, que eu não comprehendo, na minha opinião.

— Tens visto esse homem muitas vezes?

— Boa pergunta, minha madrinha! ha quinze dias que elle me faz o favor de seguir-me por

toda a parte, e de apparecer-me quando mal o espero!

— E com que fim?

— Com que fim?... exactamente é essa a pergunta que lhe tenho feito umas poucas de vezes, e sempre sem resultado.

— Fizeste algum mal a esse homem, Leonel?

— Certamente que não; pelo contrario, minha madrinha ha de se lembrar, que lhe viêrão contar uma certa historia de ladrões, na qual eu appareço representando o papel de valentão, e soccorrendo a um velho atacado por esses cobardes...

— Sim, chegaste a tempo para salvar...

— Qual salvar! acabei apenas a contenda mais depressa; porque o tal *Forasteiro*, apezar de velho, batia-se como um damnado!

— E porque não me contaste tu mesmo essa historia, Leonel?

— Porque não achei que valesse a pena de se fallar n'isso.

Lgrimas de ternura humedecêrão os olhos da boa velha.

— Meu filho, disse ella; penso como tu, que esse homem é bem extraordinario!

— Sim, senhora; mas eu tenho entendido, que devo acabar com todos esses mysterios, quanto antes.

— E de que modo ?

— Indo ter com o Sr. *Forasteiro*, e pedindo-lhe que, ou me dê as razões porque me segue, ou que me faça o favor de não me seguir mais nunca.

— Leonel ! tens a idéa de faltar ao respeito a um velho ?

— Não, senhora ; mas pretendo sustentar a independencia de um moço.

— Meu filho, os cabellos brancos de um ancião são tão respeitaveis, como a innocencia de uma virgem.

— Ninguem diz menos d'isso, minha madrinha.

— O *Forasteiro* não te espia como um inimigo ; acompanha-te como um amigo fiel.

— Mas com que direito ?

— Com o direito da gratidão talvez.

— Gratidão?... gratidão porque ?

— Já te esqueceste da historia dos ladrões ?

— É verdade, minha madrinha ; não me lembrava mais d'isso.

— Pois então...

— Mas é que tambem parece uma cousa um pouco incommoda um amigo, que se não conhece, e que não se deixa conhecer : pensará esse homem que eu tenho medo ?

— Não ; porém acreditará, que és um impru-

dente, e quererá defender-te em caso de necessidade.

— Minha madrinha, eu não tenho inimigos, e quando os tivesse, graças a Deos, sinto-me com o braço bastante forte e com o coração bem cheio de coragem para affrontal-os e abatel-os.

— Mocidade cega!... exclamou Constança com voz dolorosa e pungente: oh Leonel! meu Leonel!... ha inimigos que nos apertão a mão, e que se sorriem para nós, quando nos estão apunhalando! ha traidores, que se dizem nossos amigos, e que ao mesmo tempo preparão a nossa ruína; e contra esses homens-serpentes não ha, nem força de braço, nem coragem no coração, que chegue para affrontal-os e abatel-os!

— Minha madrinha, dizeis isso de um modo que me faz suspeitar alguma cousa!

— Não, não suspeites nada; eu me estava lembrando de meu filho!

— Ainda!...

— Sempre! quando é que uma mãe se esquece de seu filho?... oh Leonel! elle era joven, bello, e intrepido como tu és; era tambem, como tu, bom e nobre; e tambem como tu, me dizia que não tinha inimigos, e que se os tivesse, saberia arrostal-os; mas, olha, veio um dia a serpente da traição e mordeu-o...

— Senhora !

— E nem lhe valeu a força do braço, nem a coragem do coração ; porque elle succumbio e a serpente triumphou... e sabes, Leonel, quem foi essa malvada serpente ?

— Sei, e aborreço-a, senhora ; e se ella ainda se roja sobre a terra ; se a sua cabeça ainda não foi esmagada pelo pé da mais justa vingança ; vós o sabeis, senhora, a culpa não tem sido minha.

O fogo da colera brilhára nos olhos ardentes do mancebo. A velha Constança respondeu com accento grave e resignado :

— Não... não ! Deus nosso senhor não deu ao homem o direito de vingar-se : a vingança mancha a alma do christão : e tu, innocente o puro ainda, deves ter horror á vingança, que é tambem um crime.

Leonel curvou a cabeça, como se se dobrasse áquella lição de virtude.

— Mas deixa-me continuar no que ia dizendo, proseguio a velha : sabes, Leonel, sabes quem foi a serpente que mordeu e sacrificou meu filho ?

— Sim... foi...

— Foi Raphael ! é isso mesmo : foi Raphael, repara bem : Raphael é o homem da traição e da infamia : Raphael aperta a mão d'aquelle a quem

pretende assassinar d'ahi a pouco : lembra-te bem d'isto!

— Mas, minha madrinha... que pretendeis dizer?

— Leonel, tu nunca mentes?

— Nunca ; senhora.

→ E tambem, n'este caso, de pouco te serviria a mentira, porque eu sei tudo desde muito tempo.

— E o que sabeis então?

— Que tu amas a sobrinha de Raphael.

— Não, senhora : o que é verdade é, que eu amo a filha de Pedro de Almeida.

— O que vem a ser a mesma cousa : não te quero mal por isso, Leonel ; desde o começo do teu amor, acompanhei-te com os olhos, e nunca me oppuz a elle.

— Oh minha madrinha ! tendes sido para mim sempre a melhor das mães !

— Sim ; mas desde que Pedro de Almeida morreu, e que Branca passou a ser pupilla de Raphael, eu tremo por ti, e receio que acabes por ser victima de alguma traição !

— De quem?

— De Raphael.

— Ai d'elle, se...

— Menino ! tu és um pobre louco e nada

mais : o nosso inimigo, se não descobriu já, descobrirá em breve o teu amor, e levantará uma barreira insuperavel entre sua sobrinha e o afilhado de Constança.

— Eu destruirei essa barreira.

— Como?

— Como fôr : pouco importa o modo ; mas hei-de destruil-a.

— Oh ! a tua mesma imprudencia servirá ao seu odio : se elle quizer, colher-te-ha em seus laços, e sacrificar-te-ha, como sacrificou a meu filho.

Leonel impaciente e irritado, respondeu á ultima observação de Constança com um olhar abrado, onde se lia um desafio a Raphael.

— E portanto, continuou a velha, eu agradeço ao céo esse homem, que é teu amigo, e que te acompanha por toda parte.

— Quem?... o *Forasteiro*?...

— Dizem-me, que é uma personagem mysteriosa, que conhece a vida de todos, e que adivinha todos os segredos : quem sabe se elle não adivinhou já algum tenebroso trama de Raphael contra ti?...

— E que mais, minha madrinha?...

— E por isso incessantemente te segue para salvar-te, como tu o salvaste?

— Pois muito bem, disse Leonel; eu quero correr os meus perigos sem comprometter a ninguém: não quero hesitar em nenhuma acção com receio de sacrificar a outrem.

— Que queres dizer?

— Que agora, mais que nunca, me determino a fazer com que o *Forasteiro* me deixe em liberdade, e se resolva a não seguir-me mais nunca.

— Louco!

— Amigo ou espião, dispenso completamente os seus serviços; e amanhã mesmo...

— Leonel!

— Eu o farci, minha madrinha.

— Leonel! prohibo-te que, de qualquer maneira, ou por palavras, ou por acções, offendas esse homem.

— Senhora...

— Eu t'o prohibo, repito; eu t'o prohibo com toda a autoridade, que a gratidão me dá sobre ti.

— Então...

— Deixarás esse homem fazer o que melhor lhe parecer. O *Forasteiro* é por força um amigo.

— Vós o conheceis?...

— Que pergunta! como queres tu que eu conhecesse o *Forasteiro*?...

— Mas, confiaes tanto n'elle...

— Tu o salvaste: elle talvez te salvará ainda;

tenho presentimentos, e acredito em sonhos; sonhei que o *Forasteiro* te hade salvar.

Leonel fez um movimento para saber.

— Juras, disse-lhe Constança; juras, que cumprirás o que te ordenei a respeito do *Forasteiro*?...

— Bem, minha madrinha, obedecerei.

— Juras por Branca?... tornou-lhe a velha sorrindo-se.

— Não, não; mas juro por vós, minha madrinha; e presto assim um juramento sagrado.

— Maganão! lisongeiro! exclamou Constança abraçando o afilhado.

— Ora pois: estaes contente?...

— Sim, meu extravagante; vai dormir.

Leonel recebeu a benção da madrinha, e retirou-se, dizendo comsigo:

— É muito boa esta! Querem por força salvar-me, e eu não sei de que perigo! Trago atraz de mim um aio, como se eu fosse menino traquinas; e tenho, finalmente, um protector invisivel, que só se mostra ás vezes á guiza de genio encantado!

Leonel entrou no seu quarto, mudou de vestidos; mas em vez de tratar de dormir, como lhe recommendára sua madrinha, abriu uma janella, e recostando-se n'ella, deixou seu espiri-

to voar pela região dos sonhos nas azas da imaginação.

Pensava em Branca, e no seu amor; pensava também na pobre Iveta e no triste Jorge; e mal cuidava que ás mesmas horas, e também recostadas a uma janella, Branca e Iveta estavam pensando n'elle.

Tres dias antes da festa do templo *reedificado* Leonel recebêra da propria bocca de Jorge a noticia do projecto que tinham feito Claudio Góes, e Raphael, de casal-o com Branca.

— Tu resistirás, tinha dito Leonel; sabes, que Branca me pertence, como te pertence Iveta.

— Oh! sim! eu resistirei até o fim, respondera Jorge; mas só Deos sabe o que terá de acontecer.

— Que quer dizer resistir até o fim, Jorge?... perguntou o afilhado de Constança alterando-se.

— Leonel! tornára o fraco mancebo; Leonel, eu não me envergonho de vir pedir soccorro ao forte: em nome de Branca e de Iveta salva-me! salva-nos! porque eu, que me sinto capaz de lutar abraçado com um tigre, tenho medo de meu pae, e não sei o que será de mim!...

Leonel olhára com piedade para Jorge, e concluíra dizendo com o orgulho da força, que era um dos traços mais notaveis do seu caracter:

— Pois seja, farei tudo eu só; não te peço senão que me ponhas ao facto de tudo quanto occorrer.

Jorge abraçára chorando o amigo, e d'elle se afastára, envergonhado de sua invencivel fraqueza.

— Misera Iveta! dissera Leonel vendo Jorge partir: triste destino te espera!

Desde que recebeu a fatal nova, Leonel concebeu trinta mil projectos, cada qual mais extravagante; felizmente uns destruíam os outros, e por fim elle assentou, que devia declarar guerra a Raphael, e começar a luta apparecendo inosperadamente nas cavalladas, offerecendo uma argolinha de ouro a Branca, e até acabando por ir-lhe fallar no meio das dansas, na propria casa do seu inimigo.

Custou muito a Leonel obter de Constança a permissão de tomar parte nos jogos, que erão presididos pelo causador da desgraça do seu tão chorado Raul; finalmente, porém, o mancebo teimou e venceu, com a condição de levar o rosto encoberto por uma viseira; esta condição contrariou um pouco as idéas de Leonel, que queria apresentar-se com a face descoberta; mas não teve remedio senão sugerir-se: só lhe faltava achar um companheiro que o quizesse acompa-

nhar e figurar nas cavalhadas; sua madrinha incumbio-se d'isso, e o companheiro de Leonel veio de proposito, para nada se suspeitar, de uma das freguezias visinhas.

Já sabemos o que fez Leonel nas cavalhadas e nas dansas de mascarados; observemol-o agora recostado á janella do seu quarto.

Pensava em Branca, e no seu amor, já o dissemos.

Mas embora graves contrariedades ameaçassem o seu amor, Leonel não podia meditar languida e tristemente, como o faria Jorge, ou como o fazem quasi todos em identicas circumstancias: quando se recordava, quando passava pelo seu espirito a lembrança do projectado casamento de Branca, em vez de estremecer, ou entristecer-se, seus olhos se accendião, seu peito arfava e a colera transluzia em seu rosto; mas bem depressa sentia-se serenar, e parecia extasiado contemplar a imagem de Branca, que surgia diante de sua alma, e como que se mostrava a seus olhos em pé, a alguns passos d'elle, aos raios da lua, vagando no prado por entre as flôres, ou brilhando no céu no meio das estrellas.

Leonel nunca tinha experimentado os golpes do infortunio: marcado pelo dedo da desgraça ao entrar no mundo, fôra incessantemente feliz

d'ahi por diante : habituára-se á felicidade, e contava com ella : zombava da adversidade, por que a adversidade não o tocára senão uma vez, e n'essa vez unica elle não a poderia sentir, pois era apenas uma criança recém-nascida.

Era por isso que Leonel não se sentia desanimar com a noticia dos planos de casamento de Branca, forjados por Claudio Góes e Raphael ; e era por isso tambem que seus sonhos erão ainda todos dourados, quando por acaso não vinha tol-dal-os a colera.

Entretanto, mais alguma outra imagem, que não só a de Branca, se desenhava aos olhos de Leonel n'aquellas horas de longo scismar, que estava passando ; muitas vezes ao lado da linda filha de Pedro de Almeida, levantava-se tambem a figura agigantada, triste e grave d'esse velho mysterioso, a quem todos chamavão o *Forasteiro* ; o mancebo via seus cabellos brancos, e sua longa barba da mesma côr alvejando ao clarão da lua, via brilharem, como dous carbunculos, seus dous olhos negros e abrasados, e via, emfim, sua extensa capa negra desdobrar-se pouco a pouco á semelhança de uma nuvem tenebrosa que se dilata no horisonte.

Já era de madrugada, e ainda Leonel scismava, rocostado á janella, como em igual po-

sição conversavão Iveta e Branca; pouco faltava para abrir a aurora suas rosas no jardim do oriente, e ainda Leonel pensava em Branca e no velho mysterioso, quando ao fitar os olhos no campo, a alguns passos de sua janella, pareceu-lhe que uma figura agigantada e negra surgia do centro da terra.

O mancebo firmou a vista, e reconheceu que não era uma illusão de seus sentidos : um homem, quem quer que fosse, o estava observando.

Em um momento depois o vulto avançou para o lado da casa, e, quando se achou perto do mancebo, ergueu a cabeça e disse :

— É quasi dia ; dorme, Leonel.

Escravo sempre de seu primeiro pensamento, Leonel de um salto achou-se no campo e junto ao vulto mysterioso.

— Quem és tu?... perguntou.

— Pois não estás vendo?... respondeu-lhe o vulto atirando para traz sua longa capa negra; eu sou o *Forasteiro*.

Leonel não se moveu ; acabava de lembrar-se do juramento que fizera á sua madrinha; e o *Forasteiro* retirou-se vagarosamente, e desapareceu por entre os densos véos da neblina.



II.

O ingaseiro do Tingidor.

— Deixai-me ao menos ouvir ainda outra vez d'esses labios, que sois minha, minha só, minha para sempre; deixai-me aspirar á felicidade depois de tanto padecer; deixai-me...

— Escutai... escutai de novo... Não foi illusão!... O perigo está sobranceiro... Que será de nós se vos encontrão aqui!

A. HERCULANO.—*Monge de Cister.*

O segundo dia, depois d'aquelle em que tivera lugar a festa do templo *reedificado*, estava finalmente correndo; era de tarde.

Longos tinham sido esses dous dias, longos como dous seculos, para Leonel, que esperava o praso dado para encontrar-se com Branca e Iveta no *ingaseiro do Tingidor*.

Emfim, a hora se approximava: o sol ainda dardejava raios ardentes sobre a terra, quando o *engeitado da Aldêa*, tomando a sua espin-

garda de caça, sahio a pé, e dirigio-se para o sitio da mãe Cyriaca.

Leonel caminhava exclusivamente occupado do fim a que se dirigia; aves formosas voavão por cima de sua cabeça, ou pousavão nas arvores que se levantavão á beira da estrada; perto gemião as juritis, perto cantavão os inambús e as capoeiras, que vagavão aos bandos; e a espingarda descansava sobre o hombro do mancebo, que não se arrancava de seus pensamentos nem ao canto estridente da araponga.

Uma idéa sobretudo o preocupava.

— Conseguirão ellas vir encontrar-me?! perguntava a si mesmo.

E ferido por essa incerteza, sentia-se revoltar contra Raphael.

Quando se achou nas visinhanças do sitio da mãe Cyriaca, em vez de seguir a estrada, Leonel observou se alguem o seguia, e vendo que a estrada estava solitaria, e que não tinha que receiar olhar algum curioso, metteu-se pelo mato a dentro, e foi andando com essa admiravel rapidez e facilidade com que um sertanejo atravessa uma floresta.

No fim de um quarto de hora Leonel surgio do outro lado do pequeno bosque, e exactamente defronte do querido *ingaseiro*, do qual ape-

nas o separava o *Tingidor*, que elle passou de um salto.

Mas ainda era cedo : a impaciencia e o ardor do amante havião feito com que elle corresse ao sitio aprazado uma hora pelo menos antes d'aquella em que as duas moças poderião chegar.

Leonel supportou a custo a demora de suas bellas irmãs ; maldisse de Raphael, e já desesperado começava a receiar que Branca não tivesse podido alcançar licença para vir á casa da mãe Cyriaca, quando finalmente as duas moças apparecêrão, dirigindo-se apressadas para o *ingaseiro*.

Leonel precipitou-se ao encontro de Branca ; lançou-se de joelhos diante d'ella, e só se levantou para abraçar Iveta.

— *Irmão velho!* exclamarão as duas.

— Branca ! Iveta ! oh ! ha que tempo, ha que seculos que não nos achamos juntos !... Que dias de ~~amargura~~ de saudade ! sim... mas hoje havemos de nos ~~vingar~~ de tantos mezes de pesada e abominavel tristeza, consagrando esta venturosa tarde ao mais ardente prazer !

— Leonel de Leonel ! pois tu sentes prazer ?...
— E como não sentir-o, se vos tenho junto de mim, minhas irmãs ?... Ah ! mas ambas vós sois bem más, visto que me fizestes esperar tanto tempo.

— Então ainda não sabes, Leonel?

— O que?

— Mudámos de residencia.

— Como?

— Meu tio, de volta da freguezia, mostrou-se triste e pensativo toda a manhã de ante-hontem, e de tarde repentinamente determinou a nossa mudança para a sua fazenda, onde dormimos logo aquella mesma noite.

— É notavel! Desconfiaria elle de alguma cousa?...

— Não sei ; talvez.

— E tua tia, Branca?

— Minha pobre tia, nunca reprova nem approva nada.

— Embora! é apenas mais meia legua de caminho.

— Oh! mas custou-nos muito a obter licença para vir ao sitio da mãe Cyriaca: foi necessario que minha tia interviesse a nosso favor, e se compromettesse a vir buscar-nos ao entrar do sol.

— E elle consentio que viesseis sós?

— Não; acompanhou o nosso carro até á cancella do sitio, e foi logo depois para a casa do pai de Jorge.

— Pois que converse largamente com o seu

amigo usurario; façamos o mesmo nós, com a differença que elles planejam desgraças e devem por isso estar carrancudos e sombrios; e nós somos bons, nós amamos, nós queremos a vida com a virtude e o amor, e por isso devemos mostrar-nos contentes, e...

— Leonel! é impossivel!

— Branca! Branca! eu me sinto n'este momento louco de amor e de alegria!

— Oh! e esqueces, irmão?...

— Não me chames mais nunca irmão, Branca!

— Pois bem, Leonel, tu esqueces...

— O que?...

— O abominavel projecto que póde fazer a desgraça de todos nós?

— Sim, disse Leonel estremecendo de repente; o projecto do teu casamento com Jorge; foi para fallarmos d'elle que eu me empenhei por alcançar esta entrevista.

— Estás vendo, Leonel, que nós não hesitámos um momento em vir. Oh! a noticia que déste a Iveta cahio como um raio sobre nossas cabeças; nós ignoravamos tudo.

— Eu o pensava, Branca.

— Querem matar-nos, Leonel; matar-nos, sim, porque é matar-nos acabar com aquella doce vida, que se vive pelo coração! Leonel, Leonel, tu te

lembras de que eu fui sempre acanhada e fraca; mas agora eu fallo e grito, porque intentão matar-me, e eu não quero morrer!

E a triste moça cahio nos braços de Leonel desfazendo-se em pranto...

— Branca! não chores assim, que me despedaças o coração: reanima-te; confia em mim; eu não consentirei que sejas desgraçada.

E todo occupado de sua formosa amada, o mancebo não via a pobre *mameluca* que, silenciosa e abatida, conservava-se em pé, encostada ao tronco do *ingaseiro*.

— Oh! disse Branca; mas como é que has de salvar-nos, Leonel?... dize, dize.

— Digo que te hei de salvar, e basta.

— *Que te hei de salvar!*... murmurou Iveta: e portanto ninguem se occupa de mim! nem elle!

— Iveta!... exclamou Leonel, Iveta!... minha irmã!...

— Nem Iveta, nem irmã; respondeu a moça com voz lugubre: chama-me *mameluca*; n'este nome se encerra o meu destino.

— Que dizes?...

— *Mameluca*, sim! *mameluca*, filha de cabocla... fructo vil de arvore desprezada... chama-me *mameluca*...

— Irmã, tu estás louca: *mameluca*, tu és tão

pura, e portanto tão nobre, como Branca: quem ousaria insultar-te, Iveta? dize, quem?... tu tens um irmão sobre a terra, tens um homem que bebeu o leite dos peitos de tua mãe, e que ha de defender-te, se fôres atacada; e vingar-te, se fores ultrajada.

— Sou *mameluca*: repetio com voz rouca a afflicta moça.

— E eu o que sou?... tu ao menos sabes o que és: e eu?... um misero engeitado, um homem, que foi repellido por sua mãe, e desprezado por seu pai: o que sou eu?... quem m'o dirá, se eu mesmo não o posso dizer?... mas tu vês que nem por isso Branca me despreza.

— Leonel!...

— Iveta, a nossa causa está ligada; triumpharemos todos.

— E Jorge?... e Jorge?...

— Jorge é um homem de bem, e te ama apaixonadamente: não é livre, porém, como eu; tem um paé a quem tributa respeito cégo e obediencia de escravo; o seu unico defeito é um excesso de virtude.

— E sacrificar-me-ha a seu barbaro pai!

— Não; porque adiante do pai de Jorge, como adiante do tio de Branca, levantar-me-hei, e salvarei a todos.

— Mas como?... de que modo?...

— Deos me ha de inspirar.

— Leonel, tu confias de mais em ti mesmo.

— No nosso caso confio tambem em ti, Branca.

— E tens razão, Leonel: disse Iveta.

— Tratemos do que mais importa, continuou o o mancebo: eu preciso estar em dia com tudo quanto occorrer: Jorge não me deixará ignorar cousa alguma; e tu, Branca, debes igualmente prevenir-me do que se passar comigo.

— Ah... e porque meio?...

Leonel olhou para Iveta.

— Minha mãe ajudar-nos-ha, disse a *mameluca*; é necessario confiar-lhe o segredo de nossos amores.

— Era isso mesmo o que eu esperava que disseses, minha irmã; a mãe Cyriaca contar-me-ha tudo quanto alguma de vós lhe disser.

— Sim... sim... e que mais?

— Sou eu agora que pergunto, Branca: o que ha?... teu tio já te deu parte de suas intenções?

— Não, Leonel.

— E que resposta lhe preparas?...

— A unica que devo e posso dar; uma só palavra: — não.

— E se elle te ordenar?

— Repetirei: — não.

— Mas se ainda assim fores arrastada aos pés de um altar?

— Direi lá mesmo *não* á face de Deos.

— Oh Branca! Branca! e se houver um padre tão infame, que finja ouvir um *sim*, quando bradares—*não*?...

— É impossivel!

— Se todavia fosse possivel?...

— Leonel, diante de Deos, eu não estaria casada!

— E na opinião dos homens?...

— Oh! tu me fazes enlouquecer!

— Branca, é indispensavel que estejas preparada para tudo; póde se dar alguma circumstancia em que tenhas necessidade do meu braço, do meu auxilio, lá mesmo dentro de tua propria casa; e póde tambem acontecer que não te seja possivel prevenir-me d'isso.

— Oh! e então?...

— Branca, tu me bordaste uma banda: cil-a aqui; sua côr é viva e brilhante... o encarnado vê-se de longe.

— Mas... eu não entendo...

— O teu quarto na fazenda de Raphael tem janella que abra para o campo?

— Sim, tem.

— Qual é ella?

— Do lado esquerdo está a capella ; é a terceira do lado direito.

— Bem ; quando precisares de mim, pendura essa banda na tua janella, e eu juro que me has de ver ao pé de ti.

— Leonel, e por onde entrarás?

— Pela porta, sem duvida, pois que não ha outro meio, ou... quem sabe?... por uma janella... pelo telhado... ou por onde fôr : o certo é que hei de entrar.

— Ah ! fazes-me tremer !

— Branca ! exclamou Iveta ; lembra-me um recurso feliz...

— E qual ?

— Ante-hontem, quando chegámos, veio o capellão e apresentou ao Sr. Raphael uma chave da porta exterior da capella, e vi então que essa porta tinha duas chaves, uma que o padre conserva consigo, como responsavel pela capella, e a outra, que veio dar ao Sr. Raphael, o qual, considerando-a talvez inutil, foi guardal-a no pequeno oratorio do quarto de tua tia.

— Excellente ! disse Leonel ; eu tenho precisão d'essa chave.

— Mas eu não devo...

— Branca, nenhum de nós pôde prever o que tem de acontecer.

— Sim... todavia...

— Desconfias de mim, Branca?

— Oh! nunca!

— Pois então, Iveta fará chegar ás minhas mãos essa chave.

— Fal-o-hei, *irmão-velho*.

— E agora, eu desafio a Raphael, a Claudio Góes, e a todos os nossos inimigos!

— Leonel!

— Não os temo: creio em Deos, que defende e ampara os justos...

— Isso sim...

— Oh! sim! disse Iveta: ponhamos nossas esperanças em Deos!

— E juremos de novo por elle, Branca, amarmos sempre até à morte...

— Juremos, Leonel!

E os dous jovens estendião suas mãos para fazer esse juramento sagrado, quando uma voz lhes bradou:

— Suspendei-vos!

Leonel, Branca e Iveta olhárão para traz, e virão a mãe Cyriaca junto d'elles.

— Abençoado seja o vosso amor, meus filhos! disse a velha; mas não jureis n'esse lugar, porque serieis desgraçados!

— Mãe Cyriaca!

— Eu agradeço ao céu ter permittido que chegasse a tempo... Meus filhos, antes que vós mesmos o soubesseis, sabia eu já que vos amaveis, e dava graças a Deos por isso.

Leonel e Branca abraçáráo-se com a velha cabocla.

— Ainda bem que não jurastes aqui!

— Oh mãi Cyriaca! disse Leonel; mas nós tantas vezes confessamos um ao outro o nosso amor á sombra d'este *ingaseiro*...

— Fatalidade! exclamou Cyriaca; mas ainda bem que não jurastes.

— E porque?...

— Soffrereis muito... mas talvez que ainda vençais a desgraça... não sei... mas se tivesses completado o juramento... infelizes de vós, meus filhos! a morte de um, ou o infortunio de ambos seria inevitavel!

— Explicai-vos, mãi Cyriaca; disse Branca a tremer.

— Nunca ouvistes contar a historia da *araponga do Tingidor*?

— Nunca, mãi Cyriaca.

— Nunca vistes a *araponga*, que costuma pou-sar n'este *ingaseiro*?...

— Nunca.

— Pois ouve a sua historia, minha filha, e rende

graças ao céo por não teres jurado amor á sombra d'esta arvore maldita.

Leonel e as duas moças prestarão curiosa atterção á velha, que começou a fallar.

A ARAPONGA DO TINGIDOR.

Ha já bem annos, dizem os brancos ; tem passado tantas luas, quantas são as folhas da arocira, dirião os meus irmãos das florestas. depois que succedeu o lamentavel caso, que eu vou contar, meus filhos.

Esta historia teria sido esquecida, como o forão todos os grandes feitos da minha raça, se a gente que veio do mar, e que sabe conservar a lembrança de todas as historias ensopadas de lagrimas e manchadas do sangue, não nos conservasse a memoria d'ella.

E comtudo já foi ha muito tempo !

Depois que os francezes forão expulsos da formosa Nietheroy, e que os portuguezes vencedores lançárão os fundamentos da nova cidade, e dominárão exclusivamente, a despeito da opposição e das guerras que lhes fizerão os bravos tamoyos, veio no fim de alguns annos governar a colonia um homem de fogo e de sangue.

Esse homem chamava-se Antonio Salema, e

o seu governo marcou a época do extermínio e da proscricção dos tamoyos ; centenaes de *tabas* foram queimadas, milhares e milhares de victimas foram sacrificadas, e os ultimos selvagens, que restavão da valorosa e heroica tribu, fugirão atravez de montanhas, de precipicios, de abysmos e de torrentes impetuosas, até que tiverão de parar lá muito longe... muito longe, diante de um rio, que é tão grande, que se confunde com o mar.

Aquelles que não fugirão, foram reduzidos á escravidão, que é mil vezes peor que a morte.

Quando mais fortemonte travada se achava essa guerra de destruição e de desespero entre os portuguezes e tamoyos, aconteceu a historia que vou referir.

Em uma das expedições dirigidas pelos portuguezes ao interior do paiz, com o fim de exterminar os tamoyos, Lopo, jovem branco, filho de um rico e nobre senhor estabelecido na nascente cidade de S. Sebastião, vio uma moça tamoya, que passeava nos bosques vizinhos da sua *taba*.
— Meus filhos, não são somente formosas as mulheres alvas, e de olhos languidos, criadas á sombra dos palácios, e a favor de mil cuidados de seus ricos pais.

Não são somente formosas vós outras, de beiços mulheres, a quem um raio do sol abate, como as

flôres, que brillão de madrugada para murchar ao meio dia.

Ali, no seio de nossos bosques, havião mulheres morenas, de olhos negros e scintillantes, que como se fossem filhas do sol, animavão-se com^o seu calor vivificante, e rivalisavão com as mais orgulhosas flôres do bosque.

A moça que Lopo vio era uma d'essas: sua arrebatadora formosura fazia o encanto e a admiração de todos os seus irmãos da mesma raça, que lhe havião dado por isso o nome do mais delicado e do mais encantador de todos os passarinhos.

Chamava-se Guaynumby (1).

Já era moça dos mais bellos annos, e ainda não tinha amado, quando se encontrou com Lopo no bosque.

Os portuguezes quizerão prendel-a, e Lopo a defendeu.

Guaynumby fugio; avisou seus irmãos do projectado ataque de seus inimigos; salvou-os: mas escapando-se com elles levou no coração a imagem do mancebo, que a salvára da escravidão ou da morte.

Tambem Lopo não pôde mais esquecer a formosa tamoya: amavão-se ambos com esse amor,

(1) Guaynumby era o nome dado ao beija-flôr pelo gentio do Brasil.

que começa de repente, e que é de ordinario o amor, que nunca se acaba.

A guerra continuava. Affrontando mil perigos, Lopo, que tomava parte em todas as expedições de proposito para ver se descobria a mulher, que o encantára, conseguiu enfim encontrar-se de novo com ella, e bem depressa conheceu que era tambem amado.

Quiz arrancar Guaynumby dos bosques, e ella resistio: a joven tamoya preferia partilhar a sorte de seus irmãos, e sobretudo tinha um pai, a quem amava mais que a vida, e não podia sujeitar-se á condição de abandonal-o.

Mas... uma noite a aldêa em que vivia Guaynumby é cercada e atacada pelos portuguezes: o ferro e o fogo lanção por terra os homens e as choças... tudo é destruição e morte... todos vão succumbir: a mão possante de um soldado grosseiro e barbaro arrasta Guaynumby pelos cabellos; uma espada assassina já se levantava sobre sua cabeça; quando um defensor inesperado atira para longe o carrasco, e salva a misera victima.

Era Lopo.

Ao romper da aurora amanhecêrão os vencedores assentados entre cadaveres e ruinas.

A obra estava completa: retirárão-se levando captivos os tamoyos que tinham sobrevivido.

Os captivos erão arrastados pelos vencedores, menos Guaynumby, que caminhava chorando apoiada sobre o hombro de Lopo.

Ao atravessar de um bosque ouviu-se um grito, que mais pareceu um rugido de fêra, do que voz humana.

Guaynumby estremeceu da cabeça até os pés, e exhalou um gemido pungente.

— Que foi?... perguntou Lopo.

Guaynumby chegou seus labios ao ouvido do amante, para que ninguem mais a ouvisse, e murmurou baixinho:

— É meu pai que inda vive: elle fallou.

— E que disse?

— Uma palavra, que é o futuro manchado de sangue: disse — vingança!

E ella fez um esforço para arrancar-se dos braços de Lopo.

— Que intentas fazer?... perguntou elle.

— Deixa-me fugir, Lopo!

— Ainda!

— Oh! agora não é por mim, é por ti, que me levas.

— Como?

— Aquelle grito de meu pai ha de ser fatal a ti, que me levas!

— Embora! exclamou Lopo abraçando com mais força ainda a joven lamoya.

Guaynumby não resistio mais.

Lopo era um homem de coração e de honra: chegando á cidade, fez baptisar a formosa lamoya, e, a despeito da opposição, dos protestos e das violencias de seu pai, desposou-a á face da igreja, embora em segredo; mas o segredo foi em breve descoberto, e o velho portuguez, rico e nobre como era, envergonhado da filha que lhe dava Lopo, desafiou contra este a colera dos homens e do céo; porque appellou para a justiça d'estes, e lançou sobre seu filho a maldição, conjurando o céo contra elle.

Mas a justiça dos homens nada pôde; pois que, os dous amantes conseguirão escapar-lhe, e no céo confiavão elles tambem, porque do céo é que vem o amor que elles sentião.

Quando fugião, Guaynumby disse chorando:

— Oh Lopo! Lopo! nós havemos de ser infelizes por força!

— Porque? perguntou elle.

— Porque meu pai bradou — vingança! — e teu pai bradou — maldição!

— Deos é por nós; anima-te.

— Não... não... Deos não pôde proteger dous

filhos que desrespeitarão e offendêrão seus pais!...
eu já sei isto; já sou christã

Lopo afogou em beijos e caricias as queixas e os receios de Guaynumby, e os dous amantes esposos continuárão a fugir.

Depois de terem andado longas horas costeando a praia, Lopo vio uma piroga, que pertencêra sem duvida a algum indio, e que estava deposta perto do mar.

— Fugamos para bem longe d'aquelles que nos repellem, disse elle.

E empurrando a piroga para as ondas, embarcou-se n'ella com Guaynumby, e navegou para o interior da bahia; passou por entre uma myriada de ilhas pequenas e encantadoras, archipelago gracioso, que tanto embelleza a bahia do Rio de Janeiro; depois entrou n'um rio, e continuou a navegar pela corrente acima.

No fim de muitas horas, desembarcárão os dous esposos na margem esquerda do rio, e internárão-se em uma vasta floresta: descansárão á sombra das arvores, matárão a fome comendo fructos silvestres, saciárão a sêde bebendo a agua das fontes do deserto, dormirão no seio do bosque, e despertando ao romper da aurora, ao canto das aves, caminharão ainda, até que por fim chegarão a uma valle ameno escondido

no seio da floresta, e banhado por um arroio deleitoso.

N'esse valle virão os dous esposos um pequeno campo coberto de verde relva, e terminando-se na margem do arroio; e parando junto de um frondoso ingaseiro, que crescia á margem da tenue corrente, disse Lopo:

— Não achas, Guaynumby, que a nossa cabana n'este sitio retirado e formoso seria ao mesmo tempo para nós um asylo seguro, e para o nosso amor um templo e um palacio magestoso?...

— Sim, Lopo; não passemos adiante; fiquemos no lugar, que pareceu grato ao teu coração.

— E ao teu?...

— O meu?... o voto do meu coração é como o êcho dos desejos do teu: tu pensas, tu desejas por mim: eu não vivo senão por ti, Lopo.

Fixarão pois os dous amantes a sua residencia no lugar, a que tinham chegado, e que era este, em que estamos, meus filhos.

Levantarão uma cabana a alguns passos do *Tingidor*, e vivêrão do seu amor, longe do tumulto dos homens, e abrigados no regaço da solidão.

Serenos volvião-se os dias arrebatados nas azas do prazer.

Essa alegria immensa, ardente, inexprimivel,

que dá sómente a íntima união de dous entes que se adorão, não era perturbada nunca no coração de Lopo; porque seu unico senão ora o ciume, e ali no deserto, tão longe do mundo e da sociedade dos homens, elle não podia ter ciumes da formosa Guaynumby; e ella tambem apenas se entristecia ás vezes, quando se lembrava do grito de — vingança — de seu pai, e do brado de — maldição — do pai de Lopo.

E os dias forão correndo.

Lopo e Guaynumby, tinhão plantado á porta de sua cabana dous pés de mal-mequeres do prado: o que Lopo plantára, ficára sendo de Guaynumby, e esta déra a Lopo o arbusto que cultivára. As auras de amor velavão pelos dous arbustos, que se mostravão sempre coroados de flôres.

Todos os dias Lopo abraçava e beijava Guaynumby e partia para a pesca, ou para a caça; beijava-a e abraçava-a de novo na volta, e ao pôr do sol, sentados ambos á porta da cabana, Lopo tirava um mal-mequer do arbusto plantado por Guaynumby, Guaynumby tirava um mal-mequer do arbusto plantado por Lopo, e sorrindo-se ambos ensaiavão a experiencia de amor nas petalas das suas flôres.

Arrancavão as petalas das flôres uma por uma, e á princira petala que cahia repetião *amo-te!* á

segunda, *muito!* a terceira, *pouco!* e a quarta, enfim, *nada!* tornavão a começar da primeira palavra, até que chegando á ultima petala dizião um para o outro a palavra final, que era o resultado da experiencia, ou a sentença dada pela flôr.

E por feliz acaso sempre, todos os dias, ao cahir a ultima petala dos mal-mequeres, Lopo olhava para Guaynumby, e dizia :

— Muito! amas-me muito!

E Guaynumby tambem sorrindo-se respondia a Lopo:

— E tu igualmente, Lopo, amas-me muito! muito!

E abraçavão-se e beijavão-se outra vez.

Um dia ao romper da aurora o céu estava coberto de nuvens negras, e ameaçava tempestade.

Lopo estava prompto para sahir.

— Não saias hoje de casa, meu amado; disse-lhe Guaynumby: o céu nos avisa que a borrasca se approxima; fica comigo.

— Tens medo?...

— Tremo por ti.

— Não, socega: voltarei em breve; mas é preciso que eu vá buscar ao rio, ou aos bosques, o sustento de que precisamos.

E abraçando, e beijando Guaynumby, Lopo sahio.

Se houve borrasca, não a ouviu Lopo; mas quando elle voltou, e correu a abraçar a esposa, estremeceu vendo-lhe os olhos vermelhos e traços de uma dôr mal disfarçada no semblante.

— Que tens tu, minha amada? tu soffreste...

— Não, Lopo.

— Choraste...

— Chorei... tive medo hoje pela primeira vez ao ver-me só...

— E que mais?...

— Nada mais.

— Tu me enganas, Guaynumby; pela vez primeira tu não me dizes a verdade.

A moça curvou a cabeça, e não respondeu.

Porque teria ella chorado?...

Lopo, triste e confuso, sahio da cabana para ir sentar-se á sombra do *ingaseiro*; caminhando porém de cabeça baixa, como quem ia meditando, observou com espanto pegadas humanas na areã, e examinando-as com cuidado, reconheceu que os pés, que havião deixado aquelles vestigios, erão maiores que os seus... e portanto, muito provavelmente um homem tinha em sua ausencia vindo á cabana e fallado a Guaynumby, que chorára.

Que homem seria esse?... Lopo trêmeu; o seu unico *senão* era o ciume: elle desconfiou de sua esposa, e tornando a entrar na cabana conservou-se silencioso e carrancudo até á hora da experiencia das flôres.

Ao pôr do sol sentou-se, como de costume, á porta da cabana, e ao lado de Guaynumby; tirá-rão ambos os seus mal-mequeres, e começárão a arrancar-lhes as petalas.

Quando a ultima petala cahio, Guaynumby voltou o rosto e disse com voz doce:

— Muito, Lopo! amas-me sempre muito!

E Lopo respondeu com voz dolorosa, e com olhar sombrio:

— Nada! nada! nada!...

— Tambem as flôres mentem, meu amado!

— Quem sabe!...

— Duvidarias tu de mim?...

— Quem sabe!...

— Julgar-me-ias capaz de ser infiel ou ingrata?... de ter um só pensamento que não fosse teu?... de pensár em outro homem que não fosses tu, Lopo?...

— Quem sabe!... quem sabe!... repetio o esposo, que ardia em ciúmes.

— Lopo! Lopo! exclamou Guaynumby: eu já não sou a selvagem, que arrancaste do deserto;

a luz do céu me salvou das trevas : a voz da religião me ensinou a virtude ; e eu conheço hoje, graças a ti, todos os deveres de uma mulher casada ; selvagem porém fosse eu ainda, e o meu procedimento seria o mesmo ; porque até agora, Lopo, a força e a constancia do amor, que consagra a meu marido, tem tornado desnecessarios para mim todos os conselhos da virtude.

Lopo não respondeu.

— Lopo, Lopo, meu querido, continuou a esposa ; olha, não duvides jámais da fé que te jurei, e do amor que te tributo ! escuta, e acredita no que te digo : esta cabana, em que temos gozado tantos dias de indizível felicidade, não nos pôde convir mais ; fujamos d'este sitio... eu tenho presentimento de que, demorando-nos aqui, acabaremos por ser muito desgraçados : abandonemos esta cabana, Lopo ; não durmamos mais n'ella nem esta noite ; fujamos.

Lopo olhou para Guaynumby com olhos flamejantes de colera.

— Oh ! fujamos ! proseguio ella ; fujamos, esposo amado, creê no que te digo.

— Não ! bradou Lopo erguendo-se.

— Sim ! sim, por ti e por mim, e em nome de Deos, fujamos !

— Guaynumby, disse Lopo com voz surda,

um homem entrou hoje em minha ausencia n'esta cabana.

A pobre moça soltou um grito de dôr, e tornou a exclamar :

— Fugamos!...

— Que homem foi esse que esteve hoje contigo, Guaynumby?... perguntou o esposo.

— Lopo, Lopo, não desconfies de mim!...

— Tu hesitas?...

— Não ; mas estremeço, lembrando-me da desgraça que está a cahir como um raio sobre nossas cabeças.

— Mas esse homem...

— Quer matar-te, Lopo!

— Então é verdade que veio aqui um homem em minha ausencia?... que esteve ao pé de ti?... que te fallou?...

— É verdade.

Lopo atirou-se sobre a infeliz, agarrando-lhe no braço com ambas as mãos, e perguntou tremendo de raiva :

— Quem é esse homem?... dize.

— Lopo!

— Já! dize : quem é esse homem?...

— É meu pai! respondeu Guaynumby chorando desesperadamente.

; Lopo deixou cahir o formoso braço da tamoya,

que tivera apertado entre suas mãos; reflectio alguns momentos, e depois disse :

— É falso.

— Oh !... desgraçadamente é bem verdade : eu queria occultar-te isso, e obrigar-te a fugir comigo para tão longe, que não fosse mais possível á vingança o apanhar-nos ; tu me fizeste, me obrigaste a fallar : pois bem, um homem veio hoje á nossa cabana, e esse homem é meu pai que quer vingar-se de ti.

Lopo sacudio a cabeça.

— É preciso fugir, meu querido Lopo ; fujamos !

— Não ; agora, mais que nunca, devo ficar ; é necessario que eu veja teu pai, e que me convença de que foi elle realmente que esteve aqui.

— Esposo ! pelo amor que me tens, fujamos !

— Guaynumby ! queres que eu me convença de todo, que tu temes que eu venha a conhecer a verdade, e descobrir perto d'aqui um homem que não seja teu pai?... oh ! é indispensavel que eu conheça o atrevido que ousou approximar-se de ti : hei de encontral-o, ou morrerei de desespero, porque, enfim, a duvida e o ciume estão me dilacerando o coração.

Guaynumby curvou a cabeça, entrou para o in-

terior da cabana, ajoelhou-se, e começou a rezar e a chorar.

A noite se adiantava entretanto.

Lopo fechou a porta da cabana e deitou-se: reinava profundo silencio interrompido sómente pelos soluços de Guaynumby, e pelo respirar anciado de Lopo.

Finalmente a fadiga venceu a colera e a dôr: á meia noite Lopo e Guaynumby adormecêrão sem querer.

Sonhavão ambos talvez com a desgraça, ou com a felicidade, quando despertárão ao mesmo tempo suffocados pelo fumo, e abrazados de calor.

Abrindo os olhos, vírão que a cabana ardia de todos os lados.

Lopo achou-se de um salto junto da porta, e Guaynumby abraçou-se com elle.

— Meu Deos! exclamou ella; soou a hora terrível da vingança.

A porta cahio por terra a um impulso de Lopo, que saltou para fóra.

Ouvio-se um bramido de fera.

— Perdão! gritou Guaynumby na lingua de seus irmãos.

Cahio por terra.

A esposa dedicada collocára-se de repente dian-

te de Lopo, e uma setta, disparada contra elle, varou-lhe o coração.

Dous homens arrojárão-se immediatamente um contra o outro, e Lopo reconheceu o pai de Guaynumby no inimigo quo atacava.

Lopo tinha na mão um punhal, de que se armára ao sahir da cabana, e o velho tamoyo a terrível *massa*, com que os indigenas combatem corpo a corpo.

O fogo da cabana incendiada allumiava os dous ferozes inimigos.

O tamoyo descarregou um golpe tremendo sobre a cabeça de Lopo; mas este, podendo desviar-se, enterrou o punhal todo inteiro no peito do velho indio.

O tamoyo sentio que ia morrer; deixou cahir a *tacape*, e estendendo os braços, agarrou com ambas as mãos no pescoço de Lopo e cravou-lhe as unhas na carne.

Um momento depois tombárão os dous combatentes, agarrados sempre um com o outro.

No dia seguinte achava-se no lugar da cabana um monte de cinzas, e a alguns passos os cadaveres de Guaynumby, de Lopo o do velho tamoyo!

Desde essa noite de sangue, meus filhos, ficou este lugar *encantado*, segundo dizem todos.

A alma de Guaynumby transformou-se em uma *araponga*, que nunca deixa este sitio, e que vem pousar todos os dias no *ingaseiro do Tingidor*.

Fatal a todos os amantes, este prado pittoresco e bello tornou-se verdadeiramente perigoso, e, segundo affirmão, quando um homem e uma mulher que se amão jurão amor á sombra d'este *ingaseiro*, apparece de subito a *araponga* para avisal-os do perigo quo correm, ou então rebenta do centro da terra a voz terrivel de Lopo, que grita aos amantes imprudentes: — fugi!

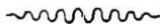
— Fugi!... bradou uma voz rouca e pavorosa.

A mãi Cyriaca, Branca e Iveta, soltárão um grito de espanto, e deitárão a correr assustadas.

Leonel ia já atirar-se em seguimento d'ellas, quando uma mão vigorosa o susteve pelo braço, e lhe disse:

— Tu ficarás.

O mancebo voltou-se rapidamente, e vio ao pé de si a figura mysteriosa do *Forasteiro*.



III.

Uma visita fóra de horas.

« São cheios de mysterio este homem e esta noite.
« Antes que tarde seja, previnamos o perigo.

LAMARTINE. — *A queda de um anjo.*

O grito pavoroso, que tinha feito com que tão inopinadamente Branca, Iveta e a mãe Cyriaca deixassem Leonel junto da arvore maldita, que em sua ignorancia dos acontecimentos do passado as duas moças haviam até então amado tanto, e escolhido de predilecção para acolher-se á sua sombra; esse terrivel grito, que parecêra ter rebentado do centro da terra, teve de ser bem depressa considerado por ellas como um aviso do céu!

Apenas entradas no campo do sitio, encon-

trarão Raphael, que as vinha buscar; se se tivessem, pois, demorado mais alguns minutos, o segredo do amor de Branca e Leonel teria sido descoberto.

As duas moças olhárão-se tremendo: a mãe Cyriaca forçou seus labios a fingir um sorriso para complimentar a Raphael, que, frio e calmo, pareceu não ter concebido desconfiança alguma.

— Alda nos espera, disse elle; vamos.

Meia hora depois um carro puxado a bois e seguido de um cavalleiro, que não era outro senão Raphael, conduzia para a fazenda d'este Alda, Branca e Iveta.

A mãe Cyriaca, que se deixára ficar em pé no terreiro de sua casa até ver desaparecer o carro, que levava suas filhas, disse com voz triste, e ar pensativo:

— A frieza e a serenidade d'aquelle homem não me enganão: elle sabe já muito mais do que devia saber; é preciso que amanhã eu diga duas palavras a minhas filhas: se Deos quizer, hei de ir vel-as ao romper do dia.

E recolheu-se para casa.

Já mal se ouvia o rincar do carro, quando surgiu do bosque para a estrada o destemido amante de Branca, que, com apressado passo, e dirigio para a fazenda de sua madrinha.

E logo após o engeitado da Aldêa, arrastando-se por baixo de uma moita, como uma serpente, que se roja pelo chão, appareceu o corpo de um homem, que sahio do bosque fronteiro, e que depois de olhar espantado para uma e outra parte, socegou pouco a pouco do medo que visivelmente se lhe podêra ler no rosto, e disse, soltando uma risada medonha, que deixou ver seus dentes amarellados :

— Ah!... era elle!... pois antes elle do que outro.

E sem cuidar em sacudir o pó e as folhas seccas, que a seus vestidos se tinhão apegado, seguiu tambem com pressa o caminho opposto áquelle que tomára Leonel.

Esse homem, que estava escondido e de espreita no bosque, e que depois de reconhecer Leonel se ia retirando, era Claudio Góes — o *Onça*.

Cabia-lhe, assentava-lhe perfeitamente o alcinha, com que o marcava a antipathia ou o justo odio do povo.

Claudio Góes deveria ter cerca de cincoenta annos de idade ; era um homem de mediana estatura, de peitos largos e corpo cheio ; seu pescoço era tão curto, que a cabeça parecia collocada immediatamente sobre as clavículas : tinha

os braços desmedidamente longos em relação ás pernas, e estas ainda mais curtas parecião, quando se attendia á enormidade de seus pés.

Mas o que sobretudo se mostrava repulsivo n'este homem era sua cabeça, e erão suas mãos.

Cabellos longos, grossos, desalinhados, e já enbranquecendo, cahindo sobre os hombros, e cobrindo uma frente estreita e turva, emmaraanhados e feios, asperos e sordidos: olhos fundos e covados por bastas e torcidas sobranceiras, olhos de uma côr verde-clara, brilhantes, incisivos, ferozes como os do tigre; nariz chato e com grandes narinas, que ás vezes se dilatavão, respirando crueza ou torpe luxuria; labios grossos, bocca rasgada e enorme; dentes longos e amarellados, maxilla larga e chata: rosto quasi redondo e côr macillenta: eis a cabeça de Claudio Góes! e como se mais alguma cousa fosse preciso para completar a eloquencia sinistra d'esse semblante feroz, pendião de seus compridos braços, mãos grossas, calejadas, desmarcadas e cabelludas, cujos dedos, igualmente grandes, erão coroados por enormes, immundas e retorcidas unhas. Se o rosto fazia lembrar o tigre; as mãos e as unhas trazião á memoria as aves de rapina!

Se havia difficuldade em retratar o homem;

nada é mais facil do que descrever seus vestidos, pois que elle se veste sempre do mesmo modo.

Um tosco o grosso chapéo de palha trançado pelos caboclos lhe cobre a cabeça; uma camisa de panno ordinario sempre trigueira e amarro-tada, debruça seus collarinhos por sobre a golla de una já bem antiga vestia de baeta preta, que desce abotoada até a altura dos quadriz: uma calça larga de velbute riscado e sapatos sem fivella e sem lustro, mas em compensação com solas dobradas e ferrados, resumem o trajar constante e infallivel de Claudio Góes.

Este homem habitava o Brasil ha quarenta annos: aos dez tinha vindo de Portugal empurrado pela miseria de sua familia. Saltára quasi nú, e com os pés descalços, na terra da Santa Cruz, sonhando com a — arvore das patacas.

Seu sonho tornou-se em breve na mais bella e completa realidade!

Com o trabalho, que honra ao homem, faria uma fortuna mediocre em pouco tempo: mas elle preferio amontoar em breves annos uma grande riqueza, deshonrando o trabalho com a avareza.

Enriqueceu votando seu corpo á miseria e sua alma ao demonio.

Enriqueceu impondo-se mil vezes o martyrio da fome, vestindo trapos, ao mesmo tempo que guardava barras de ouro, e sacrificando os seus semelhantes ao vicio da avareza, que o dominava.

Emprestou dinheiro a juros de suor e de sangue !

Mentio, quando a mentira podia ser lucro.

Ajoelhou-se diante dos que erão mais ricos que elle, e insultou mil vezes o indigente que lhe veio pedir uma esmola.

Quando um homem se chegava a elle, elle propunha uma transacção, ou se tornava seu devedor, o avarento tomava entre suas mãos o misero, e não o deixava mais, até arrancar-lhe, se podia, a derradeira camisa com que se furtava á nudez : era como a aguia, que recebe em sua gaiola a ave que lhe atirão, e cujas pennas arranca pouco a pouco, e da qual finalmente dovora as entranhas !

Claudio Góes casou, não com uma mulher, mas com o dote d'essa mulher, que foi a mãe de Jorge, e que tendo sido um anjo antes de casar, acabou sendo martyr depois de casada.

Insensivel, desconfiado, violento, despotico, miseravel no meio de immensa riqueza, insaciavel, e portanto desgraçado, aborrecido pelos pobres,

desprezado pelos ricos, ingrato para todos, por ninguem acreditado — tal era Claudio Góes, que nunca se lembrára de seus pais, deixados em pobreza na patria, que nunca amára a sua esposa, e nem mesmo talvez amava a seu filho.

Era a esse homem, que o povo tinha dado a alcunha de — *Onça* — : a alcunha, pois, assentava-lhe bem.

Por mais que seja desagradavel acompanhar essa figura hedionda, esse homem repulsivo e miseravel, tanto mais que seria possivel seguir de perto o carro, que conduz Branca e Iveta, tão moças, tão bellas, e tão candidas e nobres; força é que por agora nos imponhamos o sacrificio de ir passo a passo trilhando o mesmo caminho, que vai com uma celeridade, que não era de esperar dos seus cincoenta annos, o avarento Claudio Góes.

Como homem habituado a viajar a pé, Claudio Góes venceu em pouco tempo a distancia que o separava de sua casa: chegou e bateu: um escravo magro e andrajoso veio correndo e abriu a porta.

— Jorge?... perguntou o usurario.

— Está lá dentro.

— O meu cavallo; já!

O escravo precipitou-se para o campo, e d'ahi

a um quarto de hora o cavallo estava sellado junto da porta.

— Jorge! gritou Claudio Góes, que não tinha entrado em casa.

O mancebo acudio á voz de seu pai.

— Volto cedo, e não quero achar-te fóra de casa; disse Claudio Góes.

Jorge curvou a cabeça. O velho montou a cavallo, e, contra seu costume, tocou-o a galope.

Erão nove horas da noite; Claudio Góes nunca até esse dia tinha sabido a essa hora.

Jorge havia ficado pensativo á porta da casa: o escravo esperava de braços cruzados a curta distancia.

A cancella bateu; Claudio Góes já tinha vencido o campo.

— O meu cavallo; já! disse Jorge de repente.

O escravo olhou espantado para o mancebo, que pela primeira vez parecia querer desobedecer uma ordem de seu pai.

— O meu cavallo; já!

O escravo estremeceu; mas ia executar a determinação de seu senhor moço.

Jorge o comprehendeu, e suspendendo-o, disse:

— Espera: irei eu mesmo; não quero que pagues pela minha desobediencia.

Alguns minutos depois o cavallo de Jorge corria

a toda brida pela estrada que se dirigia á fazenda de Constança.

Claudio Góes tinha pelo contrario seguido o caminho da fazenda de Raphael.

Ás nove horas e meia da noite batião ao mesmo tempo: Claudio Góes á porta da casa de Raphael, e Jorge á janella do quarto de Leonel.

— Que é isso lá?... perguntou o *engeitado da Aldêa*, apparecendo.

— Leonel, meu pai acaba de montar a cavallo e de sahir apressado.

— E que tem isso?

— Elle nunca sahio a taes horas...

— E então ?...

— Hoje á tarde Raphael veio fallar-lhe, e agora sou capaz de jurar, que meu pai foi ter com elle; tenho presentimento de que vão tramar contra nós...

Leonel ainda estava vestido, e tendo tomado o chapéo, saltou da janella abaixo.

— Que vás fazer?... perguntou Jorge.

— O que fôr preciso: parto immediatamente.

E despedindo-se de Jorge, correu para a estribaria, onde o seu valente alazão alaranjado se achava recolhido.

Ao tropear do cavallo de Jorge que de novo

corria á desfilada, respondeu bem depressa, como se fôra um écho, o tropear de outro cavallo.

Ainda ninguem dormia na casa de Raphael, quando Claudio Góes bateu á porta.

As duas moças tinham-se recolhido como se estivessem fatigadas do passeio, e conversavão.

Iveta, sorrindo-se maliciosamente, acabava de mostrar á sua collaça a chave da capella, que tinha promettido fazer passar ás mãos de Leonel, e que já havia achado occasião de subtrahir.

— Ah! Iveta, eu receio bem, que nos venhamos a arrepender d'esta acção... tinha dito Branca.

Iveta havia córado, e ia sem duvida responder á sua collaça, quando ambas se suspendêrão, ouvindo bater á porta.

No campo não é uso fazerem-se visitas depois das nove horas da noite; e se o lavrador não espera alguém, a pancada que sôa á porta de sua casa, ou é o annuncio de um viajante, que vem pedir pousada, que nunca se lhe nega, ou é tambem, muitas vezes, uma noticia inesperada, que chega, e que nem sempre é agradavel áquelle que a recebe.

— Que será?... perguntou Branca.

— Sabes, minha irmã, que me estremeceu o coração?...

— Tens medo, Iveta?...

— Do futuro, Branca: desde que o *irmão-velho* me contou, que o Sr. Raphael e Claudio Góes assentárão de te casar com Jorge, tudo me assusta, e em tudo presinto a aproximação da minha desgraça...

— Mas que tem esse fatal projecto de casamento com a pessoa que acaba de bater á porta?...

— Não sei: lembrei-me d'isso, ouvindo bater... ouyes?... repara... o Sr. Raphael lá está trancando a porta do corredor... não ouviste a bulba da chave?...

— Sim... mas...

— Branca! disse Iveta erguendo-se tremula e sobresaltada: Branca! é de um segredo que se trata, e esse segredo é o teu casamento.

— Iveta! disse Branca levantando-se também.

A *maneluca* apertou a mão de sua collaça, e com o dedo apontou para fóra do quarto.

— Entendo-te, murmurou Branca; queres dizer, pobre irmã! que é preciso ver quem chegou, e saber de que se trata... vamos.

As duas moças sahirão de manso, e vencendo o corredor, que se dirigia á sala, forão até á

porta ver se podião descobrir quem tinha chegado.

Não lhes foi possível ver ninguém, olhando pelo buraco da fechadura; mas uma voz soou respondendo a Raphael, e ouvindo essa voz, Branca e Iveta apertarão as mãos com um impulso nervoso.

A voz era de Claudio Góes.

As moças collocarão-se á porta, entreabrirão a bocca, comprimirão a respiração, e não perderão mais uma só palavra do que se dizia na sala.

— Sr. Claudio Góes, dizia Raphael, vossa mercê se engana, sem duvida; minha sobrinha é uma criança, que ainda não pensou um só momento no que chama — paixão — O seu coração é livre e puro: é virgem como o seu corpo.

— E se eu lhe disser o nome do apaixonado, e lhe contar tin tin por tin tin uma historia, cujo fio apanhei de surpresa esta mesma tarde?...

— Duvido, que me convença.

— Pois escute com paciencia, e não se exaspere com o que vai ouvir.

— Póde fallar sem receio; estou seguro de que se engana.

Raphael affectava uma segurança e uma sere-

nidade, que não tinha no coração. Claudio Góes começou sem procurar adoçar a desagradavel confidencia, que ia fazer.

— Meu caro, comecemos do principio da cousa; vossa mercê me é devedor de uma somma avultada, que me devia pagar em oito mezes, contados do dia de hoje, e que por certo não o poderá fazer; ora, eu não gósto de apertar com os amigos; mas tambem não cavo ouro para deitar fóra o que ganhei com o suor de meu rosto.

— Mas a que vem...

— Espere; vá ouvindo. Vi que vossa mercê tinha uma sobrinha rica, e que o seu dote, ou os seus bens, devem importar seguramente no triplo da sua divida; pensei no caso, e disse-lhe: case sua sobrinha com meu filho, que convirei em esperar oito annos pelo que me devia pagar em oito mezes; bem entendido, satisfazendo regularmente ao premiosinho insignificante, a que se obrigou. Ora, casamento è negocio, e o negocio se arranjou entre nós.

— Bem: e que ha de novo agora?...

— Contei e calculei com os bens, e a riqueza da nora; disse duas palavras a meu filho, e descancei; mas...

— Mas?...

— As cavalladas e as dansas de mascarados pozerão-me de orelha em pé: vi que meu filho não quiz tirar argolinha alguma para não offercer a que tirasse á noiva, que lhe destino; e vi que um cavalleiro desconhecido fez o que meu filho deveria ter feito, e logo depois o mesmo cavalleiro, transformando-se em indio, deu pancas e zombou de todos nós.

— Ah! pois era isso?...

— Espere, vamos de vagar: primeiro fiz os meus entes de razão, e disse comigo mesmo: se meu filho não gosta de Branca, é porque gosta de outra; tratei de descobrir quem era a outra, e tive quem me aclarasse a duvida, dizendo-me logo tudo.

— E quem foi, que...

— Que me disse?... ora! forão os olhos de meu filho e os olhos da tal *outra*, que eu procurava.

Iveta sentio-se desfallecer.

O avaro prosequio.

— Faltava-me descobrir quem era o apaixonado da minha futura nora, e saber se era correspondido: tive logo minhas desconfianças, e hoje cheguei á certeza.

Branca abraçou-se com Iveta, para não cahir por terra.

— Então hoje... disse Raphael hesitando.

— Hoje tive a honra de receber a sua visita, e sabendo que as senhoras tinham ido passar a tarde no sitio da velha Cyriaca, logo que vossa mercê sahio, sahi eu tambem; partimos ambos para o mesmo ponto; mas com uma pequena differença.

— Qual?...

— É que vossa mercê foi pela estrada, e eu pelo mato.

-- E para que fim?...

— Para acabar de uma vez com as minhas duvidas: o tal passeio á casa da velha cabocla e a desconfiança que eu tinha, determinarão a minha viagem por dentro do mato. Espihei-me todo... mas agora sei o que queria saber.

— Sabe o que, Sr. Claudio Góes?

— Sei quem é o namorado da senhora sua sobrinha.

— Senhor!...

— Qual senhor! isto é vergonha para lá e vergonha para cá: e para consolal-o, vou primeiro pô-lo ao facto da minha vergonha. Quer saber quem é a menina dos olhos do meu tratante?... Quer saber quem é a nora que me preparava Jorge?...

Sentia-se a raiva ferver nas palavras, que sahião trêmulas da bocca do avarento.

— Quem é pois?... perguntou Raphael.

— É... é... é a *mameluca*.

— A *mameluca*?!!

— É verdade! a filha de uma vil cabocla, uma miseravel *mameluca*!...

Branca apertou Iveta contra o coração; Iveta deixou escapar de sua garganta a palavra *mameluca*, que soou surdamente como um écho sinistro.

— A *mameluca*! repetio ainda Raphael: Sr. Claudio Góes, seu filho podia ter-se lembrado d'ella para esposa?

— Basta de minhas vergonhas, disse Claudio Góes; vamos agora ás suas.

Raphael cravou os olhos no velho.

— Sabe, meu caro, quem foi o cavalleiro da *perpetua branca*?...

— Diga!

— Sabe quem foi o indio mascarado?...

— Acabe!...

— Sabe quem é o namorado de sua sobrinha?...

— Oh... enfim!

— Não se exaspere; olhe que é um seu amigo do peito, e pertence a uma casa de sua predilecção...

— O seu nome... o seu nome...

— É o *engeitado da Aldêa*... Leonel...

— Leonel! o engeitado da velha Constança!...

bradou Raphael saltando da cadeira, em que se achava sentado.

— Tal e qual.

— Oh!... antes o demonio!

— Pois hade contentar-se com elle.

— Não! nunca! respondeu com voz terrivel Raphael, deixando-se outra vez cahir sobre a cadeira.

Iveta arrastou para o seu quarto a pobre colação, que estava quasi desmaiada.

As duas moças ficarão, durante alguns momentos, silenciosas, pallidas e tremulas, em pé no meio do quarto.

— Oh! balbuciou finalmente Iveta: o meu coração não me enganou!... elle tinha, portanto, adivinhado!...

— Sim... sim... disse Branca; era mesmo a desgraça, que batia á porta, a desgraça, que chegava, a desgraça, que vai agora descarregar-nos o seu golpe terrivel...

E depois de reflectir um instante, continuou com voz surda.

— Comprehendes o que é, Iveta?... é o amor jurado á sombra do *ingaseiro do Tingidor*... lem-

bra-te a historia que nos contou hoje a mãe Cyriaca?... Oh! não é só a desgraça... é talvez tambem a morte...

— A morte?!!

— Sim... a minha morte ou a de Leonel; a mãe Cyriaca tem razão: aquelle lugar é fatal e maldito!

— Branca! Branca! não me falles assim; não desanimes: esperemos.

— Esperar... esperar o que?... não vês o abysmo aberto a nossos pés?... que faremos nós, pobres moças, sem protecção nem amparo?...

— Olha... disse Iveta hesitando; eu tenho uma idéa.

— Falla.

— É talvez um conselho imprudente...

— Embora, eu o seguirei: dize-o.

— O Sr. Raphael é um homem violento e despotico, que não sei se respeita a Deos do céo; mas que ao menos na terra, elle que parece desprezar a todos, curva-se mil vezes, ouvindo a voz magoada e triste de sua mulher.

— Sim, e então...

— Tua tia tem um coração de anjo... vames fallar-lhe.

— Minha tia, Iveta?... olha: eu mal a conheço

ainda; creio, porém, que é uma mulher que vive menos n'este, do que no outro mundo: seu coração é talvez a urna que encerra e esconde uma dôr profunda, e tão grande e poderosa, que ella só vive para essa dôr! Minha tia não nos ouvirá.

— Tentemos, Branca.

— Queres, pois?...

— Que lhe confessemos tudo, e que procuremos alcançar a sua protecção. Se a alcançarmos, teremos feito muito.

— Oh Iveta! eu tenho o coração despedaçado, e nem sei...

— E eu, Branca?... já te esqueceste do que ouvimos ha pouco?... Branca! Branca! ninguém se espanta de que Leonel tenha pensado em casar contigo!... entendes?...

Havia indizível amargura nas palavras de Iveta.

— Vamos, minha irmã, disse Branca.

Sahirão ambas e dirigirão-se ao quarto de Alda: a porta estava apenas cerrada; batêrão, e não tiveram resposta.

— Entremos, disse Iveta: não percamos tempo: as circumstancias em que nos achamos desculpão tudo.

Entrarão; mas ficarão logo suspensas diante

da figura dolorosa e meditativa da esposa de Raphael.

Pallida como os raios da lua, immovel como se fôra uma estatua de marmore, Alda estava sentada junto de um bufete, com a fronte pouxada sobre a mão, e o cotovello firmado sobre o bufete; seus formosos olhos azues fitos na parede, que alvejava diante d'ella, parecião embebidos e presos em algum objecto, que lhe arroubava os sentidos; seus cabellos cabião soltos sobre as espaduas nuas e bellas, e toda vestida de branco, muda, insensivel, indifferente, e com uma expressão de profundissima melancolia derramada no rosto, dir-se-ia a imagem da dôr resignada.

Alda não tinha ouvido bater á porta de seu quarto, e nem tão pouco vio entrar as duas moças.

Depois de um momento de hesitação, Branca e Iveta approximárão-se de Alda, e ajoelharão-se a seus pés.

Alda ainda não as via; seus olhos estavam pregados no mesmo ponto, e a sua immobilidade continuava: se não respirasse, dir-se-ia que, apanhada de subito pela morte, era apenas um cadaver sentado.

Foi preciso que a voz de Branca a arrancasse d'aquelle singular embevecimento.

— Minha tia ! disse Branca pondo-lhe as mãos nos joelhos.

Alda, sem que o mais leve estremeamento denunciasse surpresa ou perturbação, voltou vagarosamente os olhos para as duas moças, e perguntou quasi antes de vel-as :

— Quem é?...

— Somos nós, minha tia, nós, Branca e Iveta.

— Ah ! sois vós?... Branca... Iveta... de joelhos?... levantai-vos, minhas filhas ; que tendes?... que me quereis?...

— Oh minha tia, nós somos desgraçadas !

— Desgraçadas !... disse Alda com um d'esses sorrisos tão tristes e dolorosos, que se podem dizer irmãos das lagrimas : vós desgraçadas?... oh ! acreditai-me : n'este mundo a desgraça não é tão commum como se suppõe ; de ordinario confunde-se uma contrariedade com a desgraça.

Parecia que aquella mulher, á força de pensar no que por ventura soffria, comparando os outros comsigo, via só entes felizes no mundo.

— Mas nós somos realmente infelizes, senhora.

— Pois então rezai, disse Alda quasi que com insensibilidade.

— Oh ! porém nós queremos e podemos ser ainda ditosas, se vós vos compadecerdes de nós.

— Eu?... minhas pobres meninas : o que sou

eu n'este mundo?... nada mais que uma triste ruína do passado!... Mas que quereis de mim?... dizei.

— Minha tia, sêde boa e compassiva para conosco... perdoai o nosso atrevimento; poupai o nosso pudor...

— Não tendes receio.

— Nunca amastes, senhora?...

— Eu?!? exclamou Alda erguendo-se com violento tremor nervoso... eu?!?

— Oh! nós amamos!... ambas nós, senhora!

— Vós amais?... exclamou ella; vós amais? e ides ser infelizes?... fallai, depressa... depressa; eu vos escuto.

Branca e Iveta, muito occupadas com os seus proprios soffrimentos, não tinham reparado na exaltação de Alda.

— Fallai; repetio esta.

Branca quiz começar, e as lagrimas cortárlhe a voz: como sempre, foi Iveta a mais animosa, e com clareza e concisão referio a Alda a historia d'esses dous amores, que enchião seus innocentes corações, e os ultimos acontecimentos que ameaçavão apagar suas esperanças, e tornar impossivel para ellas a felicidade.

— Que quereis então de mim?... perguntou Alda que se tinha ido socegando pouco a pouco

ouvindo a relação d'aquelles doces e puros amores.

— Que nos protejais, senhora !

— E esse velho máo ainda está ahí?...

— Provavelmente.

— Pois bem ; não se dirá que fui surda á voz de dous anjos : ide em paz ; eu vou fallar a meu marido, e se a minha voz chegar a seu coração, o casamento de Jorge e Branca não se realisará.

— Oh minha boa tia !...

— Retirai-vos ; eu vou fallar a meu marido.

As duas moças lançárão-se chorando nos braços de Alda, que depois de as apertar contra o seio, despedio-as, e sahio tambem para encontrar-se com Raphael e Claudio Góes.

Branca e Iveta recolhêrão-se a seu quarto cheias de esperanças ; enquanto Alda triste, como sempre, tomou pelo corredor, que venceu com passos vagarosos.

Parando' diante da porta, disse :

— Não... não devem ser infelizes !... Deos tomará em conta o que vou fazer por ellas.

Emquanto esta scena se passava no quarto de Alda, Raphael e Claudio Góes continuavão a conversar na sala, combinando ambos os meios mais promptos e seguros para, sem mais de-

mora, fazer celebrar o casamento de Jorge e Branca.

Raphael, por mais que suspeitasse também, desde a tarde das cavalhadas, que sua sobrinha já amava a um homem, e que só a proprio pezar daria sua mão a Jorge, se havia determinado a defendel-a das accusações que lhe ia fazer Claudio Góes; desde, porém, que este fez soar a seus ouvidos o nome de Leonel, seu espirito exacerbou-se, esqueceu sua primeira e generosa resolução, e só pensou em cortar de um só golpe os laços que prendião os corações da filha de Pedro de Almeida, sua sobrinha, e de Leonel, o engeitado da Aldêa, o afilhado de Constança, sua fidal inimiga.

— Sr. Claudio Góes, disse Raphael; até agora, eu o confesso, era só o meu interesse que lhe assegurava o casamento de minha sobrinha com seu filho; de agora por diante, é mais do que o meu interesse: é a minha vingança.

— Oh! sim! o diabo me leve se eu não contava com isso, quando corri a fallar-lhe ás horas em que costume metter-me na cama; porém, meu caro, se apezar do nosso interesse e da sua vingança ficarmos logrados?...

— Logrados! como?...

— Se a pequena disser que *não*, e teimar?...

— Direi eu que *sim*, e teimarei mais do que ella.

— Olhe que, quem diz mulher, diz o diabo, e quem diz duas mulheres diz o inferno todo inteiro!

— Mas onde estão, ou quaes são as duas mulheres?

— Ah! pois já esqueceu a *mameluca*?...

— Amanhã ouvirá Branca as minhas ordens, e ha de sujeitar-se a ellas.

— E a *mameluca* aconselhará a resistencia; observará tudo quanto se passar em sua casa, e fará participação de tudo a Leonel, por intermedio da velha cabocla.

Raphael olhou com olhos abrazados de colera para Claudio Góes.

— E tem razão, disse com voz abafada: deve acontecer assim mesmo... ambos bebêrão o mesmo leite... são quasi irmãos!

— Ah!... já vai entendendo...

— Oh! *sim*... eu deveria tel-o comprehendido ha mais tempo.

— A conselheira é a *mameluca*; repetio com uma risada de escarneo o avarento.

— Naturalmente protege os amores de seu irmão adoptivo...

— E espia...

— Sim... é um espião que tenho em minha casa !

O avarento inflammava de proposito a raiva que enchia o peito de Raphael, e accendia-lhe cada vez mais terriveis suspeitas.

— Sem duvida alguma foi ella, continuou Claudio Góes, foi a *mameluca* quem ensinou sua sobrinha a amar ao afilhado da Sra. D. Constança.

Raphael olhou de revez para o avarento.

— E mais dia menos dia ha de ver que as duas pequenas lhe fogem de casa...

— Não !... não ha de ser assim ; exclamou Raphael.

— Oh se ha de ! e depois que se tiverem recolhido á fazenda da velha Constança, vossa mercê acabará por entregar a herança de sua sobrinha ao engeitado...

— Senhor ! senhor !...

— E a *mameluca* receberá dos noivos o justo premio da sua obra.

— Não ha de ser assim, juro-lh'o eu ! bradou Raphael, levantando-se exasperado.

— E será segredo o que pretende fazer, meu caro amigo?...

— Não ; é bem simples, e o senhor o verá, se quizer ter a bondade de demorar-se alguns minutos.

— Pois não! Mas que vai fazer?... diga, por quem é...

— Vou pôr immediatamente fóra de minha casa essa indigna *mameluca*.

Claudio Góes occultou com um fingido movimento de admiração a alegria que sentira ouvindo as ultimas palavras de Raphael.

— Oh!... mas a estas horas... disse, querendo simular compaixão.

— Fal-a-hei acompanhar por algum de meus escravos; mas não consentirei que durma ainda uma noite em minha casa a mulher perigosa, que já talvez perverteu o coração de Branca. Assim é preciso!... se eu consentisse que ella continuasse a viver no seio de minha familia, nunca mais teria socego: a cada passo que dêsse parecer-me-ia ter fitos sobre mim os olhos da *mameluca*; e não pronunciaria, mesmo em segredo, uma só palavra, sem que receiasse vel-a apahadà pelo ouvido da irmã do *engeitado*!

— Como agora, por exemplo; disse rindo-se medonhamente o usurario: quem sabe se ella não nos está escutando ali do corredor?

Raphael deu um pulo para a porta, e n'esse momento sentio que batião n'ella.

— Batem! disse o usurario.

— Quem é que está ali?... perguntou Raphael.

— Sou eu, senhor: respondeu uma voz de mulher.

A porta abriu-se, e Alda appareceu.

— Senhora! disse Raphael: n'esse estado?... com os cabellos soltos, e assim vestida... Que novidade ha?... que aconteceu?...

— Vim pedir um favor a meu marido, e ao Sr. Claudio Góes; respondeu Alda.

O avarento comprimou então a esposa de Raphael, que triste e vagarosamente avançou para tomar uma cadeira no lugar em que os dous tinham estado conversando.

Alda ia cumprir a sua promessa, tomando a peito a causa das duas moças.

Mas tinha dado apenas dous passos, quando subitamente parou, ouvindo o canto nocturno de um passageiro, que atravessava n'esse momento o campo da fazenda.

Era provavelmente algum tropeiro que passava cantando, com voz aspera e forte, uma cantiga rude, que quebrava o silencio da noite. Alda pallida, immovel, com a cabeça inclinada para o lado do campo, com os labios entre-abertos, e um braço estendido, como designando o canto, que soava, parecia dominada por um encanto inexplicavel, poderoso, mas terrivel.

O canto era todavia bem simples e tosco : era uma verdadeira cantiga de tropeiro.

O gallo cantou tres vezes,
Meia noite já chegou !
Pensei que amor me esperava,
E a tração me apanhou.

Ai que perfidia tão negra
A' meia noite soffri !
De magoa morrer devia,
P'ra vingar-me não morri.

Não choro amores perdidos,
Que se não devem chorar ;
Choro pela meia noite,
Em que me devo vingar.

Meia noite ! meia noite !
Meu coração te esperou :
O gallo cantou tres vezes
E a vingança não chegou.

O canto cessou : e Alda deixando cahir o braço, que conservára estendido, soltou um gemido pungente, pavoroso e terrivel, semelhante ao ultimo grito que arranca do seio a victima succumbindo ao golpe do assassino.

— Alda... exclamou Raphael abraçando-a :
Alda !... que sentes ?...

A misera correu toda a sala com um olhar es-

pantado, murmurou palavras inintelligiveis, e levada nos braços de seu marido, foi recostar-se em uma cadeira, onde durante alguns momentos respirou anciosamente, como se um peso enorme lhe estivesse carregando sobre o peito.

Um quarto de hora depois pareceu socegar.

— Estás melhor, Alda?... perguntou Raphael.

— A chave? disse ella sem responder á pergunta de seu marido.

Raphael levantou-se, e da gaveta de uma mesa tirou uma chave, que entregou a sua esposa.

Alda ergueu-se, e sem dizer palavra sahio por uma porta, que ficava na extremidade da sala.

Alda tinha-se completamente esquecido de Branca e de Iveta.

Ficarão na sala Raphael, muito commovido e Claudio Góes estupefacto.



IV.

Uma porta que se fecha, e outra que se abre.

A noute está cheia de assombro e de desastres. Oh, meus amigos, recebei-me, salvai-me d'esta noute.

Ossian.

Ainda hoje um pouco, infelizmente ainda hoje um pouco n'esses longinquos reconcados de algumas vastas e menos civilisadas provincias. onde o braço da lei chega enfraquecido e debilitado pelas distancias, ainda hoje um pouco encontra-se no Brasil o potentado, o despota de aldêa, que manda no districto, como o senhor feudal na idade média mandava nos dominios do seu castello: no tempo colonial, porém, era uma regra, o que hoje é excepção, e que amanhã desaparecerá de todo.

Na colonia portugueza da America via-se em cada parochia, em cada lugarejo homens notaveis ou por um nome de nobreza real, ou improvisada, trazido da orgulhosa metropole, ou pela posição elevada que sempre tem o poder de proporcionar o ouro, que deslumbra, vião-se poderosos senhores, alguns ricos sem nobreza, e outros ricos e dizendo-se descendentes de nobre linhagem, que dominavão, e muitos cruelmente opprimião o povo que habitava em suas visinhanças.

Era no tempo em que um capitão-mór valia e impunha mais do que um ministro de estado hoje : tempo em que o pobre peão tirava o seu chapéo ao *reisinho* do seu lugar, ainda a dez braças de distancia d'elle, e se o não fazia... misero peão !...

Era o nosso feudalismo : se o rei não reconhecia, nem dava o direito de baração e cutello a esses potentados, não mentirá quem disser, que elles o tomavão algumas vezes por suas mãos, e quasi sempre impunemente.

Era o nosso feudalismo incompleto, é verdade, obscuro, não reconhecido pela corôa, ante a qual se curvavão os *senhores* ; mas sentido pelo povo, sobre quem elle pesava demasiadamente.

Havia muitos senhores humanos, bons, caridosos, conscienciosos; mas isso não tira, que houvessem outros barbares e cruéis. Também não era preciso ser auctoridade civil, ou militar, senhor de linhagem, capitão-mór, ou juiz ordinario, para ser potentado: a espada à cinta, ou a vara entodilhada sobre a parte superior da aba da casaca não são necessarias: para se representar o papel de potentado bastava ser muito rico, ou somente passar por tal-o.

A prova d'isso estava em Raphael.

Simplez fazendeiro, e fazendeiro, porque em parte sua mulher lhe trouxera uma fazenda. Raphael nem por isso era menos orgulhoso, nem por isso menos oppressor.

E era preciso que o fosse: a população da sua parochia, simples, boa, alegre, hospitaleira, generosa, como ainda hoje o é, não soffrendo nem tyrannias, nem aggrayos e prepotencias, de nenhum potentado, deveria contar ao menos com Raphael, um d'esses perseguidores dos pobres e fraços, que tolerados pela governança de então, servião para a plantaçao da perniciosa aborrecimento a um systema de governo, que não protegia, e o desampara, a metropole, que lhe impunha esse viver de escravidão.

Raphael, vaidoso, perfido, vingativo e máo, era um homem detestado, mas temido de todos os habitantes pobres do lugar: insensível e duro não havia pranto de viuva nem de orphão que lhe abrandasse o coração: se alguma vez por acaso parecia fazer o bem, a ostentação com que o praticava era uma demonstração de que o fazia menos para soccorrer um infeliz, do que para dar que fallar de si. O egoismo era o movei de todas as suas acções: não pensava em Deos nem se lembrava dos homens: cuidava só de si.

Entretanto, a porta da casa de Raphael nunca se fechava ao pobre que n'ella ia bater. Alda, a esposa d'esse homem, mostrava-se affavel, sensível e boa para todos, e principalmente para aquelles que soffrião: ella, a filha dos ricos, não tinha a altivez do orgulho, nem a indifferença propria muitas vezes d'aquelles, que nunca sentirão privações.

Os pobres, que tremião diante de Raphael, animavão-se e sorrião diante de sua interessante esposa, em quem encontravão sempre uma complacente amiga, e uma carinhosa mãe.

Raphael nunca se havia lembrado de oppôr-se, nem de procurar corrigir esses sentimentos, e esse proceder de Alda, que em tão pouca harmonia com os seus se mostravão. Por uma ad-

miravel anomalia de seu character, elle, que era inflexivel e duro para todos, elle, que a ninguem amava, e só de si cuidava, fazia uma notavel excepção d'esta regra a respeito de sua mulher. Alda exercia, sem o pensar, um poder absoluto sobre seu marido: a sua vontade importava uma lei para elle, um sorriso passageiro de seus labios valia um dia inteiro de consolação e de felicidade para Raphael.

Tambem os sorrisos de Alda erão tão raros!... e quando por acaso vinha algum deslisar-se em seus labios, durava tão pouco, que realmente devia seu marido não deixar escapar-lhe nenhum d'esses tristes sorrisos, que se podião comparar ás flores mofinas e mirrhadas, abertas em um arbusto, que vai deíñhando.

Raphael adorava sua esposa, e como ella era, fóra de sua pessoa, o unico objecto a que tributava affeição no mundo, essa affeição enchia seu coração e sua vida.

Mas, por isso mesmo que amava Alda apaixonadamente, sentia-se ferido no intimo da alma ao vel-a ir desfallecendo pouco a pouco, e a seus olhos marchando passo a passo para a sepultura.

Desde longos annos, desde o seu casamento, e talvez mesmo antes d'elle, que Alda soffria

uma enfermidade nervosa, contra a qual nada pôde-
ra a medicina, posto que mil vezes invocada
fôra para combatê-la.

Sempre triste e pensativa, pallida, e como que
fatigada do peso da vida, Alda passava seus dias,
ou na solidão de seu quarto, ou no seio da ca-
pella da fazenda, onde rezava horas inteiras a
sós.

Muitas vezes parecia delirar, e então pronun-
ciava a tremor palavras destacadas, cujo senti-
do ninguem comprehendia; no meio da noite
bastava ouvir o tropear de um cavallo, ou o can-
to longinquo de um carreiro, ou de um viajau-
te nocturno, para ser acommettida d'esses de-
lirios terriveis, que nunca serenavão de todo;
senão depois que de joelhos no altar da capella
rezava longo tempo; e chorava ás vezes horas
inteiras.

Quando em tal estado se achava, era preciso
deixal-a só; a companhia de seu proprio marido
parecia affligil-a e contrarial-a; fazia-se preciso
deixal-a só com Deos e a sua dor, sob pena de
ver prolongar-se o seu delirio, e redobrarem
seus soffrimentos.

Os melhores e mais afamados licenciados do
lugar; e cirurgiões da cidade já tinham sido em
vão consultados: na opinião d'elles o mal tor-

nára-se incurável; e talvez a morte não fosse uma grande desgraça para Alda: porque a loucura a esperava em breve.

Esse tremendo infortunio, que receio d'essa grande calamidade, fazia com que Raphael cercasse a misera doente de todos os cuidados possíveis, e não hesitasse nunca em satisfazer o mais difícil de seus desejos.

Se Alda não se tivesse esquecido da promessa que fizera a Branca e Lyeta, e do fim para que se dirigira á sala, a causa de Claudio Góes estaria talvez perdida, ou pelo menos adiada a execução da violenta e reprehensivel medida que Raphael se deliberára a tomar; o canto, porém, do tropeiro desafiou o delirio de Alda, e as duas pobres moças não foram mais lembradas.

Alda recebeu da mão de seu esposo a chave da capella e foi ajoelhar-se aos pés do Senhor.

Ficarão na sala, como dissemos, Raphael muito commovido, e Claudio Góes estupefacto.

Passarão alguns momentos de silencio. O marido pensava na morte ou na loucura: o usurario escravizando sua imaginação aos prejuizos da época, lembrava-se de que aquella mulher, que soffria uma enfermidade, que nenhum medico podia curar, e nem mesmo explicar, talvez tivesse no corpo o espirito maligno.

— Que terrível málestia! disse enfim Claudio Góes, persignando-se.

— Terrível, sim; respondeu Raphael com profunda tristeza; terrível porque atormenta a minha querida Alda desde tantos annos, e ainda mais terrível, porque a levará á sepultura!

— E não lhe manda fazer alguma applicação?... talvez eu o esteja incommodando.

— Não; ella foi rezar: é sómente a oração que tem o poder de acalmar os seus soffrimentos.

— Ah!... disse o usurario, lembrando-se do espirito maligno.

— D'aquí a uma, a duas, ou tres horas Alda voltará socegada; entretanto é preciso deixal-a só; a vista e a companhia de quem quer que seja, em vez de consolal-a, a affligé a ponto de desesperal-a.

— Ah... n'esse caso ainda não lhe estou incommodando, meu caro.

— Não, de modo nenhum, e tanto mais que os padecimentos de minha mulher não são taes, que nos impeção de levar a effeito o pensamento, em que assentámos ainda ha pouco.

— Que pensamento?... perguntou hypocritamente Claudio Góes.

— Se já o esqueceu, Sr. Claudio Góes, vai

ver agora, que eu me lembro bem da honra e do soccego da minha familia.

E dando um passo para a porta do corredor, Raphael chamou uma escrava e ordenou-lhe que fosse convidar Iveta a chegar immediatamente á sala.

A escrava encontrou Iveta e Branca sentadas defronte uma da outra esperando ansiosas o resultado da intervenção de Alda.

A escrava deu o recado que trouxera a Iveta, e retirou-se.

A *mameluca* pareceu adivinhar o golpe que ia receber; pois desatou a chorar desesperadamente, e abraçou-se com sua collaça.

— Iveta! Iveta! o que pensas?...

— Branca! disse a filha de Cyriaca; Branca! minha irmã! Deos sabe o que vou ouvir e o que me espera: adeos!

E arrancando-se, com rapido movimento, dos braços de Branca, sahio do quarto, e d'ahi a pouco appareceu na sala.

Atravessando o corredor o sentimento da propria dignidade fez calar a dôr e os receios: enxugou as lagrimas, e mostrou-se a Raphael e a Claudio Góes com a serenidade e pureza da innocencia na face, e com o fogo do resentimento nos olhos.

— Eis-me aqui, senhor; disse ella, parando diante de Raphae.

Claudio Géés cravou seu colhar de tigre n'aquelle rosto de cherubim.

Raphael, que tinha sempre aborrecido a velha Cyriaca, e nunca havia estimado a *mameluca*, não se sentio commovido á vista de sua peregrina formosura: vio n'ella a irmã adoptiva de Leonel, a protectora dos amores d'este e de sua sobrinha, e detestando-a por isso, encarou-a com uma expressão de despeito e ira, que já não fazia por disfarçar, e com voz alterada disse: —

— *Mameluca*, eu te recebi compassivo e caridoso em minha casa; e não contava arrependere-me tão depressa do que fiz.

As faces cor-de-jambo de Iveta tornáno-se cor-de-sangue: em seus olhos brillou um lampejo de cólera.

— Senhor, disse ella com voz um pouco tremula, mas não abatida; não implerei compaixão, nem caridade, para que vossa mercê me acolhesse á sua casa; tenho a casa de minha mãe para abrigar-me, e só vim aqui para acompanhar minha collaça.

— Sim! e para acabar a tua obra de perversão.

— Só os pervertidos pervertem; e eu estou

purá aos olhos de Deos, e dos que me conhecem.

— *Mameluca!* és digna da raça de que descendes por parte de tua mãe: mordes o seio que te aqueceu, e a que te acolheste; e em paga da honra que te fiz, esquecendo a baixezinha da tua classe, e levantando-te até a minha, tu tiveste a idéa de perder minha sobrinha, fazendo-a não cõrar de uma paixão vergonhosa, e procurando movel-a a amar um manco, que é tão vil como tu és; porque, se não é *mameluco*, o que eu não sei, é um enfeitado, o que todos sabem!

Tão despeitados e em tanta exaltação se achavam Raphael e Iveta, que não ouvirão um gemido doloroso que alguém deixára escapar á porta do corredor.

Claudio Gões o percebeu, e lançou seus olhos de tigre para o corredor; mas immediatamente os cravou de novo no rosto da *mameluca*, como se o quizesse devorar com elles.

Iveta respondeu a Raphael com nobre socego e voz calma:

— Sr. Raphael, insultais em mim uma mulher innocente e pura; lembrai-vos, porém, que haveis de responder perante Deos nosso Senhor por todos esses aleives, que me levantai.

— Insolente ! bradou Raphael levantando a mão em um impeto de furor.

— Dai ! disse a *mameluca* avançando um passo.

Os grandes e bellos olhos negros de Iveta parecião desferir chammias abrasadoras ; seus labios agitados por um tremor convulsivo, como que se sorrião com esse rir nervoso do louco, ou do desesperado ; gotas de suor cabião de sua fronte encrespada, como se a tempestade que agitava sua alma ali terrivelmente ondeasse ; suas sobrancelhas pretas e arqueadas negrejavão, como uma nuvem precursora de borrasca : o seu seio arfava ; e ella encarava Raphael como se o desafiasse com sua firmeza.

Estava formosa, arrebatadora, sublime no meio de sua justa cólera.

Claudio Góes recuou um passo, deixando escapar uma exclamação de assombro.

Raphael sentio, que o braço que levantára cahia inerte, como tomado de subita paralyisia.

— Dai ! repetio a *mameluca*, que triumphava de seus algozes.

— Agradece á tua idade e ao teu sexo o perdão da injuía que me disseste ; balbuciou Raphael.

Iveta não respondeu ; mas lia-se o desprezo na contracção de seus musculos labiaes.

Raphael proseguio :

— Mas para que não continues com perfidos conselhos a envenenar o coração de minha sobrinha ; para que não leves ávante teus negros planos ; para que eu não me sinta sempre exposto á traição de um vil espião, que vigia meus passos e minhas acções ; para que, enfim, esse miseravel eugeitado não veja e observe tudo quanto se passa no interior de minha casa, e tudo quanto n'ella se diz pelos olhos e pelos ouvidos de sua irmã adoptiva ; tu, *mameluca*, tu, que és a irmã adoptiva de Leonel e a protectora de seus indignos projectos, tu, *mameluca*, sahirás esta mesma noite, e já, de minha casa, para nunca mais entrar nella.

Duas grossas lagrimas rolarão pelas faces de Iveta, que enxugando-as depressa, disse :

— Não são de fraqueza, repárai bem ; são de vergonha talvez mal entendida.

E voltou-se, como se quizesse sahir.

— É alta noite ; continuou Raphael ; e para que ninguem enxergue falta de compaixão, onde ha só justiça, não te deixarei ir só, e te farei acompanhar por um escravo.

A *mameluca* voltou-se promptamente.

— Obrigada, disse; a filha da selvagem não tem medo nem da solidão, nem das sombras; regeito a companhia de vosso escravo, como regeitaria tudo o mais, que de vós partisse.

E ia retirar-se quando de subito rompeu do corredor a figura graciosa de Branca, que se foi atirar no seio de sua collaça.

— Iveta! minha irmã!...

— Branca!... Branca!...

E misturárão-se as lagrimas e os beijos das duas formosas moças.

Raphael arrancou Branca desmaiada dos braços de Iveta.

— Adeos, minha irmã!... exclamou a *mameluca*: adeos!...

E lançou-se apressadamente fóra da sala, sahindo, talvez para sempre, da casa de Raphael.

Claudio Góes, que não arrancára os olhos do rosto encantador da *mameluca*, deixou-se cahir em uma cadeira, apenas a viu desaparecer.

Raphael chamou algumas escravas, e mandou-as conduzir Branca para o seu quarto.

Enfim! disse elle, sentando-se tam em por sua vez.

— Qué demonio de mulher! marmurou Claudio Góes: é formosa, insolente, perigosa e tentadora, como o anjo, que se revoltou contra o Senhor!

— Agora, continuou Raphael, fica o resto por minha conta: amanhã arrancarei a palavra de minha sobrinha, e depois d'amanhã assignar-se-hão as escripturas do casamento de Jorge e Branca.

— Assim seja; disse Claudio Góes, levantando-se e tomando o chapéo para retirar-se.

— Não quer ficar?... perguntou Raphael.

— Não; nunca em minha vida passei uma noite inteira fóra de minha casa: os homens de bem devem dormir ao pé do que é seu. Boa noite!

— Boa noite!

Mas ainda os dous amigos, ou fingidos amigos, não tinham retirado as mãos, que se davão a apertar em despedida, quando a porta, que da sala se dirigia para a capella, abriu-se de repente, e Alda espavorida, descabellada e delirante entrou correndo, soltou um grito pavoroso, e como arrancado das entranhas, e cahio estendida no assoalho.

— Alda!... soccorro!... acudão!... gritou Raphael, levantando em seus braços a esposa, que estava fria, e sem sentidos.

No meio da confusão, que reinou por alguns minutos na casa de Raphael, Claudio Góes, que tinha conseguido o que queria, e que não se im-

portava muito com os desgostos e incommodos da familia do futuro sogro de seu filho, deixou desaperebidamente a sala, montou a cavallo, e tocou-o outra vez a galope para casa.

Apenas apeiou-se, acudio-lhe ao primeiro signal o escravo.

— Jorge?... perguntou o usurario.

— Dorme; respondeu o escravo.

— Não sabio?...

— Não, senhor.

— Alguem lhe veio fallar.

— Ninguem.

Com um olhar, que brilhava na escuridão, como o do gato, o avarento pareceu querer romper pelo rosto do escravo até o amago de seu coração, e o intimo de sua alma; mas o semblante do negro conservou-se calmo e impassivel.

O avarento fechou a porta de sua casa; foi observar se seu filho estava com effeito dormindo, e achando-o a resonar socegradamente, retirou-se, e foi dormir o resto da noite.

Os mãos tambem dormem: os tigres não velão sempre nos antros a que se recolhem; Claudio Góes dormio.

Emquanto se travava a luta, e se passavão as scenas, que acabamos de descrever no interior da casa de Raphael; um mancebo audaz e im-

prudente, tendo deixado seu cavallo atado a uma arvore de um bosque visinho, passeava ao redor d'essa casa, parando ás vezes para ver se lhe era possivel descobrir alguma cousa, observando uma certa janella, como se algum signal podesse d'ella ser-lhe dado, e ás vezes andando precipitadamente, e indo até examinar a porta exterior da capella da fazenda.

Ninguem hesitará um instante em reconhecer Leonel, n'esse joven, cujo arrojo está sempre a ponto de passar á louca temeridade.

Leonel se convenceu, apenas chegou á frente da casa de Raphael, que de facto Claudio Góes se dirigira a entender-se e a fallar com o tio de Branca, conforme o pensára Jorge.

Nas cidades adivinha-so a presença de um homem notavel em qualquer parte, pelas armas de sua carruagem, ou pelas côres das librés de seus criados: no campo a côr e os signaes de um cavallo fazem quasi sempre reconhecer o seu dono.

Leonel convenceu-se de que Claudio Góes estava em companhia de Raphael, reconhecendo o cavallo do usurario preso a pouca distancia da porta da casa.

Mas o que viera fazer Claudio Góes a semelhante hora, o que viera discutir com o tio de

sua querida Branca, era o que Leonel não podia adivinhar, e o que a todo trance jurára a si mesmo descobrir n'aquella mesma noite.

Era por isso que o mancebo corria de um para outro lado, parando muitas vezes defronte da janella, que devia ser a do quarto de Branca, e onde procurava ver se distinguia o signal ajustado com a sua bella amada na tarde d'esse dia, que acabava de passar; e era por isso tambem que outras vezes chegava-se á porta da capella, cuja chave lhe fôra promettida, e que felizmente ainda não tinha em seu poder; felizmente, sim, porque se a tivesse, Leonel teria penetrado na casa de Raphael, e Deos sabe qual seria o resultado de semelhante imprudencia!

Fatigado, enfim, mas sempre decidido a esperar por algum feliz acaso, que lhe decifrasse os mysterios d'essa noite, o mancebo afastou-se um pouco, e foi descansar, sentando-se debaixo de uma sapucaeira, que a breve distancia se erguia.

Tinha acabado apenas de sentar-se, quando vio abrir-se a porta da casa, e sahir d'ella um vulto que lhe pareceu de mulher.

Leonel ergueu-se e observou: a noite estava escura; mas seus olhos ha algumas horas habi-

tuados ás trevas, distinguão com menos difficuldade os objectos.

A porta da casa tinha-se outra vez fechado: o cavallo de Claudio Góes continuava a conservar-se atado, e o vulto dirigia-se para a mesma arvore, junto da qual fôra descansar Leonel.

O mancebo recuou algumas braças, deitou-se no campo, e, com os olhos fitos no vulto, esperou.

O vulto chegou-se á arvore, sentou-se no mesmo lugar em que estivera sentado Leonel, e desatou a chorar, soluçando e lamentando-se dolorosamente.

Era a pobre *mameluca*! Desde que se separára de Branca, desde que sua collaça fôra arrancada de seus braços, Iveta sentio que o coração se lhe afogava em saudades, e não pôde reter mais as lagrimas que corrêrão em rios de seus lindos olhos!

Devia chorar, devia lamentar-se; ella, que não curvára a cabeça diante de Raphael; ella que suffocára a sua dôr para ostentar em frente de seus oppressores a força de sua dignidade propria, e a coragem de sua innocencia, agora, que se achava no seio da soledade, precisava deixar correr o pranto de seus olhos, e exhalar as queixas de sua

alma para abrandar assim a afflicção, que lhe enchia o seio, trasbordando do coração.

Iveta chorou, pois, e queixou-se; mas no fim de cada queixa, que deixava escapar n'esse soliloquio doloroso, acabava sempre repetindo uma palavra, que parecia resumir toda a humilhação porque passára :

— *Mameluca! mameluca!*... dizia ella.

Leonel, que de perto observava aquelle vulto, que á arvore se chegára, ergueu-se apenas n'elle reconheceu uma mulher, como logo a principio julgára, avançou alguns passos percebendo-a chorar, e logo que ouvindo algumas palavras, pareceu distinguir a voz da *mameluca*, correu promptamente para ella.

— Iveta!... exclamou.

— Oh! Leonel!... disse Iveta levantando-se sorprendida.

— Como te achas aqui?... porque choras?... que aconteceu?...

— Leonel, acabo de ser ignominiosamente expulsa da casa de Raphael!...

— Tu?... e quem ousou...

— Elle mesmo, elle em pessoa, ajuntando á vergonha o insulto.

— Será possível?... de noite, e a estas horas!

Iveta contou a Leonel tudo quanto se havia

passado em casa de Raphael n'essa noite tormentosa.

— Oh! é inacreditavel!... disse o mancebo.

— Mas é verdade: uma das victimas d'esses dous homens, sem generosidade e sem honra, está aqui a teus olhos: quanto á outra, Deos sabe o que a esta hora está soffrendo lá dentro!

Leonel estremeceu.

— Tu dizes então que Branca...

— Branca ficou desmaiada, quando eu sahi.

— Desmaiada!... desmaiada!...

— Sim; mas isso não é o peor: o seu desmaio passará; mas o martyrio a que vai ser sujeita, quem terá o poder de pôr-lhe um termo?...

— Quem?... eu...

Iveta sorriu-se tristemente.

— Minha irmã, disse Leonel: não tens pai, pois que a morte prematuramente t'o arrancou d'este mundo; mas tens em mim um irmão, que te ha de defender e vingar: foste ultrajada, insultada por um homem, cobarde por força, pois que não teve pejo de injuriar uma mulher: eu te protesto, que hei de fazel-o arrepender-se: tua mãe me deu o leite de seus peitos; *mameluca*, derramarei por ti, se fôr preciso, todo o sangue de minhas veias: não chores mais, eu t'o peço.

— Leonel, meu irmão, respondeu Iveta; nem

penso em vingar-me, nem tão pouco desejo que alguém me vingue; se em tal pensasse, Deos me perdôe, o sangue ardente de minha raça, este sangue que ás vezes sinto ferver no coração, me está dizendo que bastava eu só para a minha vingança.

— Pobre criança!

— Oh! juro-te, que não penso em vingar-me; penso agora sómente n'essa misera moça, em minha... em *nossa* irmã, Leonel, em Branca, que se acha abandonada e só, exposta ao furor de seus tyrannos!

— Branca!... ah, Iveta! eu tenho passado toda noite a correr ao redor d'esta casa amaldiçoada... Jorge me foi prevenir da vinda de seu pai para aqui, e eu corri... oh! e teria corrido inutilmente, se não te houvesse encontrado por acaso em baixo d'esta arvore; mas agora...

— Agora o que?...

— Tu me prometteste uma chave da porta da capella.

— Eil-a aqui, disse Iveta, mostrando-lhe uma chave: que tentas fazer?...

— Dá-me a chave...

— Leonel, tu és um louco...

— Não; tu estás vendo, que é necessario salvar *nossa* irmã: a chave, Iveta!

— Não é com infructíferas imprudências que poderemos salva-la : espera.

— Não ! exclamou Leonel, arrancando a chave das mãos de Iveta.

— Leonel, que vás fazer?...

— Iveta, não te afastes d'aqui ; dentro de meia hora, ao muito, estarei de volta.

— Estás armado, meu irmão?...

— Para que armas?... lá dentro não encontrarei senão um homem cobarde.

Iveta ouviu as ultimas palavras de Leonel pronunciadas já de longe.

O temerario mancebo precipitou-se para o lado da capella.

Em seu ardor Leonel não tinha ainda pensado que ia commetter um crime introduzindo-se furtivamente na casa alheia, e com um fim, que a sociedade não saberia desculpar.

Nenhuma consideração, porém, seria capaz de suspender o impetuoso mancebo : chegou á porta exterior da capella, e, sem hesitar, introduziu a chave na fechadura, abriu a porta ; mas de subito recuou um passo.

Appareceu no lumiar um vulto negro e agigantado.

— Volta sobre teus passos, Leonel ! disse o vulto ; vai acompanhar Iveta á casa de sua

mãe, e descansa : Branca está sob a minha guarda.

Leonel acabava de reconhecer o homem que lhe fallava.

Era o *Forasteiro*.



V.

O tio Anselmo e o sobrinho André

OBERON.

.... Sê zeloso e acutelado no desempenho da tua missão...

PUK.

Não vos inquieteis, meu soberano; vosso humilde servo saberá executar as vossas ordens.

SHAKSPEARE. — *O sonho do estio.*

Leonel, que havia recuado um passo ao ver, como se surgisse do centro da terra, apparecer no lumiar da porta da capella a figura do mysterioso *Forasteiro*, hesitou um momento; mas logo depois avançou de novo, e respondeu ás palavras que acabavão de lhe ser dirigidas.

— Velho, quem quer que és, que te importa a minha vida, e o que pretendo fazer?... arreda-te, e deixa-me passar...

— Que me importa?... disse o velho com voz melancolica; um dia o saberás, mancebo.

— Afasta-te, pois!

— Não: retira-te, já t'ò disse: eu vélo por Branca; acompanha tu Iveta.

— E com que direito pretendes tomar a peito a defesa de Branca?...

— Não a amas tu, Leonel?...

A voz rouca e pavorosa do *Forasteiro* tomára uma tal expressão de doçura, que o mancebo sentio-se enternecer.

— Leonel, farei por ti mais do que tu mesmo podes fazer; confia no velho, que te deve a vida: vai-te; em nome de Constança, que é tua mãe, em nome de Branca, que será tua esposa; em nome de Deos, que é o pai de nós todos: vai-te, Leonel!

O *engeitado da Aldêa* não podia lutar com o *Forasteiro*: lembrava-se do juramento que fizera á sua madrinha, e, ainda mais, sempre que se achava diante d'esse velho mysterioso, sentia-se possuido de uma força irresistivel, que o obrigava a respeitá-lo, e como que a considerá-lo um ente de natureza superior. Sua imaginação exaltada pela influencia do mysterio dominava sua razão.

Leonel reflectio.

Até áquella hora o *Forasteiro* sempre lhe parecêra um homem impertinente talvez, mas seguramente devotado : na tarde que precedêra essa noite, a não ser elle, Raphael o teria encontrado na margem do *Tingidor*, em uma entrevista amorosa com Branca : esse velho, portanto, esse velho, a quem tinha salvado de um imminente perigo de vida, não podia ser seu inimigo.

E quando o fosse : como penetrar no interior da casa de Raphael, e arrancar Branca de seu poder, depois de descoberto ao querer penetrar na capella?...

Se o *Forasteiro* era um amigo, devia confiar n'elle : se era inimigo, o seu projecto estava evidentemente burlado.

Leonel arrancou da fechadura a chave que lhe fôra dada por Iveta, e disse :

— Eu me vou, senhor ; é a primeira vez, que recuo na minha vida : praza a Deos que não me arrependa de tel-o feito !

— Não te arrependerás, mancebo.

Leonel tinha dado alguns passos, retirando-se ; mas voltou logo ao lembrar-se que não havia fechado a porta.

— Velho, disse elle, vendo o *Forasteiro* ainda em pé no lugar em que o deixára : velho, essa porta não deve amanhecer aber-

ta: arredai-vos por vossa vez: deixai-me fechada.

O *Forasteiro* afastou-se, e deixou que Leonel fechasse a porta.

— Agora vai-te em paz; disse elle.

— E vós?...

— Eu fico, e velarei por ella.

E estendendo o seu grande *ponche* negro na relva, o *Forasteiro* deitou-se, como se devesse passar ali a noite.

Leonel foi apressadamente encontrar-se com Iveta.

A *mameluca* estava tremendo de medo.

— O que houve, *irmão-velho*?... perguntou.

— Nada; respondeu Leonel sentindo-se envergonhado por não haver conseguido penetrar na capella: nada... até recuei!

— Oh! fizeste bem; mas eu percebi que estavas fallando com alguém... e tive medo.

— Sim... estava.

— E com quem, Leonel?

— Iveta, já ouviste fallar no *Forasteiro*?...

— O *Forasteiro*?... sim... sim... um homem desconhecido e mysterioso... uma especie de feiticeiro, de quem contão, e dizem uns muito mal, e outros muito bem... sim, ouvi referir muitas historias do *Forasteiro*, e tanto eu como Branca ti-

— — —
nhamos medo d'esse personagem sem nome christão, e de fama contraditória.

— Pois era com elle, que eu fallava, Iveta.

— Com o *Forasteiro*?... meu Deos!

— Não te assustes, minha irmã: foi o *Forasteiro* que esta tarde vos fez fugir do lugar, onde conversavamos, prevenindo assim um encontro com Raphael: esse desconhecido nos protege e nos ama, e acaba de prometter-me que velará por Branca.

Assim praticando sahio Leonel do campo da fazenda com Iveta, e indo buscar o seu cavallo á arvore, onde o deixará atado, saltou sobre a sella, poz sua irmã adoptiva na garupa, e partio para o sitio da mãe Cyriaca.

O *Forasteiro* tinha ficado só e deitado sobre o seu longo poncho ao pé da capella.

Ouvio o bater da cancella do campo, e pouco depois sentio o tropel do cavallo, em que se retirava Leonel: ergueu então a cabeça, sentou-se, e ficou por alguns momentos meditando com a frente apoiada entre as mãos.

Seu chapéo desabado estava no chão junto d'elle: a lua mostrava-se, emfim, surgindo de detraz de uma floresta: soprava uma brisa fria, que levantava os longos cabellos brancos do velho acima de seus negros vestidos, como uma onda de espuma.

Um gemido doloroso e prolongado rompeu do seio do mysterioso velho; como despertando ao som d'esse gemido, elle de repente levantou-se, tomou o chapéo, envolveu-se no ponche, e lançando um ultimo e ardente olhar para a casa de Raphael:

— Até mais ver! murmurou com os dentes cerrados.

E com passos precipitados sahio do campo da fazenda.

Que homem será esse?... como adivinha elle os passos, os pensamentos, os projectos de Leonel para acompanhal-o por toda parte, e em toda parte apparecer aos olhos do mancebo, como se fosse a sombra de seu corpo?...

Como é que desconhecido e estranho para todos em uma terra, em que elle apparece, ave arribada, sem que ninguem o espere, póde conhecer a todos, e dizer o nome, a historia, a vida, e enumerar os parentes e determinar as familias de todos?...

Porque porta passou elle; porque meios se introduzio na casa de Raphael, para mostrar-se á entrada da capella da fazenda d'este, quando Leonel fez voltar a chave, e abriu a porta, por onde pretendia entrar?...

Será o *Forasteiro* um traidor vendido ao ouro

de Raphael?... será um amigo votado de coração a Leonel?...

Ninguém pôde decifrar o mysterio de sua vida : esse mysterio é negro como seus vestidos. Sempre só, sem um amigo, tem por sua casa uma lapa no centro de um bósque: vive pobremente, e espalha ouro; ouve a todos, e raramente falla a alguém; ninguém lhe sabe ao certo a idade; tem nos cabellos e na longa barba a marca da velhice, e no braço de ferro todo o vigor da mocidade: quando ouve um gemido de dôr acode sempre; se escuta uma palavra de agradecimento, foge; se lhe chega aos ouvidos uma phrase de compaixão, irrita-se. Nunca pede nada: ás vezes, porém, ordena com a voz e o accento de um soberano.

Tal é o *Forasteiro*.

Não pensão todos do mesmo modo sobre elle; correm a seu respeito diversas versões entre o povo.

Segundo uns, é um homem que soffreu tremendas desgraças, e que fugio para a solidão com todas as suas riquezas, e que desconfiando de todos, e nada mais querendo do mundo, emprega seus ultimos dias em fazer o bem que pôde aos pobres e aos infelizes.

Na opinião de outros, é um miseravel que, em

contracto infernal, cedeu sua alma ao demonio, e que pratica certas acções que parecem philantropicas e boas, com o fim unico de se insinuar no espirito d'aquelles que elle quer levar para o caminho da perdição.

Alguns sustentão, que é um doudo.

Muitos asseverão que é um feiticeiro.

E todos confessão dentro de si, que não sabem o que é, nem quem é verdadeiramente o *Forasteiro*.

Em uma pequena casa, coberta de palha, situada a curta distancia da margem direita do *Aldêa*, estavam, na mesma noite em que occorrerão os acontecimentos, de que acabamos de dar conta, conversando exactamente a respeito do *Forasteiro*, dous pobres lavradores, com quem já tomámos conhecimento.

Erão um tio e um sobrinho; o bom e prudente Anselmo, e o malicioso André, aquelles mesmos que jantárão com o *Forasteiro* no *Outeiro das Pedras*, na tarde das *cavalhadas*.

A casa em que habitavão estes dous lavradores tinha sido levantada pelo pai de Anselmo, e demorava em terras pertencentes á fazenda de Constança.

O tio e o sobrinho conversavão.

— Então, dizia Anselmo: a nossa velha dona disse-te isso, André?

— Sim, tio Anselmo: e é preciso obedecer e servir aquella a quem tanto devemos.

O tio sacudiu a cabeça tristemente.

— Não entendeis assim, tio Anselmo?

— Rapaz, a nossa velha dona vale bem que por ella se faça alguma cousa: tem sido até o dia de hoje a protectora constante de nossa familia toda; mas, olha, que o serviço que agora exige de nós, nem é bonito, nem, Deos me perdôe, me sahe da cabeça, que nos ha de custar caro!

— Embora: eu penso que a gente deve aproveitar a occasião de mostrar-se agradecida aos beneficios que recebe.

— Sim... sim... isso é assim; mas os ricos, quando se achão em guerra uns com os outros, empregão os pobres como instrumentos de suas vinganças, e se acontece fazerem as pazes, abandonão os pobres, de que se servirão para suas vinganças e desaffrontas, e por fim de contas são sempre os pobres que pagão as favas: ouviste, André?

— Ouvi, tio.

— A Sra. D. Constança e o Sr. Raphael são inimigos jurados... os annos não tem podido extinguir o odio, que ambos se volão, e, ou em me engano muito, ou elles se preparão agora para se declararem em guerra aber-

ta, e a nossa velha dona quer nos metter na alhada!

— Está me parecendo que a cousa anda por ahi, disse André: mas que se ha de fazer, tio Anselmo?

— Atiça o fogo, André, disse-lhe o tio coçando a cabeça.

Esta conversação se passava na parte da casa, a que os dous lavradores chamavão a sua sala; sobre o chão duro e entremeiado de ligeiras fendas, estavão sentados Anselmo e André junto de um braseiro, que elles alimentavão com achas de boa lenha, e sobre o qual estendião as mãos e se aquecião.

André atiçou o fogo, como lhe ordenára o tio, e este continuou.

— Sobrinho, pensemos bem no caso: eis-aqui o que querem que façamos: a pretexto de uma rixa levantada entre nós dous, porque eu te ordenava, que te alugasses ao Sr. Leonel, como seu guarda-costas, e tu a isso te oppuzeste, ponho-te ou fóra de nossa casa em castigo da tua desobediencia, e a Sra. D. Constança não te quer mais em suas terras: tu, sem asylo, e sem meios, corres a procurar a protecção do Sr. Raphael, e fazes tudo para ser recebido em sua casa, e desde que n'ella ficares, não tirarás mais o olho de cima

do homem, e darás conta do que fôr preciso que se saiba, a quem te manda para lá. Não é assim ?...

— Tal e qual.

— Pois digo-te que é uma especie de entremez da casa da opera, no qual nós vamos fazer os mais feios papeis : eu serei um tio máo, e sem alma, tu um sobrinho desobediente : isto é quanto ás apparencias ; porque no fundo do caso, tu, André, serás um espião, e eu te ajudarei a sel-o.

— Tio Anselmo, ninguem me fallou ainda assim !

— Mas é o caso.

— É que nós devemos tudo á velha Constança : é que nós amamos todos ao Sr. Leonel, que é o nosso amigo, o nosso protector, o nosso anjo : e é finalmente que o Sr. Leonel corre talvez risco de ser mais dia menos dia assassinado : porque o Sr. Raphael descobriu que elle e a Sra. D. Branca se amão ; e julga-se ultrajado por isso, tanto mais que a noticia corre de boca em boca, e já muitos desconfião, que o cavalleiro-negro das cavalladas foi o nosso valente Leonel.

— Quem te disse tudo isso ?...

— A nossa velha dona, que não mente.

— É assim : lá mentir, ella não mente.

— Pois então, tio Anselmo...

— Pois então o que?...

— Quando eu posso introduzir-me na casa do Sr. Raphael, e observando-o passo a passo salvar talvez o nosso bom amigo de ser assassinado...

— Psio! olha que já duas vezes deixaste escapar essa palavra...

— Mas quando tenho occasião de fazer este serviço ao nosso protector; hei de dizer, que não, tio Anselmo?... e se elle um dia apparecer morto?...

— Atiça o fogo, André: disse Anselmo suspirando.

André foi atiçando o fogo, e ao mesmo tempo fallando.

— E demais, tio Anselmo, demais...

— Demais o que, vingativo?...

— Ah! é isso mesmo: a gente guarda ás vezes suas lembranças do mal, que fazem aos seus... já vos não lembrais, tio?...

— Não... não falles d'isso.

— Lembra-me bem! Eu era pequenino, mas lembra-me perfeitamente, como se fosse hoje! meu pai vivia e era feliz ao lado de minha mãe: moravamos em uma boa casa, boa e melhor do que esta; mas que tinha o defeito de estar nas

terras do Sr. Raphael : uma vez, e depois d'essa muitas vezes mais, o gado da fazenda do Sr. Raphael devastou as roças de meu pai; elle queixou-se a esse homem duro e cruel, mas inutilmente: um dia alguns animaes, tres ou quatro sómente, que meu pai possuia, fugirão do nosso campo e forão apanhados em uma das roças do Sr. Raphael, que orgulhoso e colerico, como é, vendo uma vingança, no que, quando muito, poderia ser descuido, enfureceu-se, insultou-nos, chamou-nos canalha vil, e, apesar das lagrimas de minha mãe e dos pedidos de meu pai, mandou deitar fogo á nossa casa, e enxotou-nos para fóra de suas terras, como se enxotasse a gente pervertida ou faccinorosa. Oh tio Anselmo, tio Anselmo!... deveis lembrar-vos bem d'este terrivel caso; porque fostes vós que nos recebestes n esta casa, e aqui ficámos.

— Esquece, André, esquece e perdôa.

— Oh! não! eu me lembro bem, lembro-me de tudo, como se fosse hoje; bem que então, criança e pequeno ainda, eu tivesse apenas os meus dezeseis annos de idade.

O tio Anselmo sorriu-se ao ver a seriedade com que seu sobrinho se dizia pequenino e criança, com os seus dezeseis annos.

André não o vio sorrir-se: tinha os olhos

pequenos e vivos cheios do brilhantismo da colera.

— Oh! eu me lembro bem! repetio elle; minha pobre mãe veio para aqui chorando, e meu pai bramindo: seu bramido foi impotente... Raphael era rico, e nós canalha vil, oh!... mas hoje...

— Hoje serás sómente um miseravel instrumento da vingança do rico contra o rico!

— Sómente não, tio Anselmo: porque d'esta vez o rico, sem o saber, será tambem um instrumento da vingança do pobre.

— André, tu não és christão... disse Anselmo com voz grave.

Em resposta a seu tio, André se poz a rezar em meia voz.

Passado algum tempo, Anselmo continuou:

— Juras-me, que não meditarás projecto algum de vingança, e que te limitarás a cuidar em salvar o Sr. Leonel de qualquer traição?...

André tinha rezado.

— Juro; disse sem hesitar.

— Atiça o fogo, André.

O sobrinho satisfez a ordem do tio.

— E como, perguntou este: como farás tu para prevenir a tempo o Sr. Leonel de alguma cilada que lhe armem?...

— Eu não direi, nem vós direis nada ao Sr. Leonel.

— Porque?...

— Porque elle ignora tudo, e rejeitaria certamente os nossos serviços.

— E então?...

— De noite e a uma hora convencionada, a menos que não seja preciso dar alguma noticia logo e logo mesmo de dia, de noite, digo, e á hora que se ajustará, eu me irei encontrar com o *homem*.

— O *homem*!

— Sim, tio Anselmo, o *Forasteiro*.

— Sempre elle!...

— É o mysterioso defensor do nosso bom amigo.

— Quem sabe?...

— Pois então?... a cabeça que arranjou todo este plano não foi a d'elle?... e se elle fosse suspeito, quando me mandastes fallar e entender-me com a nossa velha dona, por certo que ella não aprovaria tudo, e ainda menos insistiria para que tudo fosse immediatamente executado.

— André! André! tu és rapaz e não tens experiencia, e eu já tenho muitos annos pesando-me nas costas: André, este homem me faz medo!

— Pois a mim já não me assusta : o que sinto agora por elle é só respeito, respeito como o que tenho ao Sr. vigario.

— O homem innocente e bom, aquelle que não tem máos pensamentos, aquelle que só pensa em fazer o bem a seus semelhantes, não se envolve em um mysterio impenetravel, e não vive em uma cova no meio do mato, como uma féra no seu antro.

— Tio Anselmo, o *Forasteiro* ainda não fez mal a ninguem.

— André, a onça, ás vezes, acompanha horas inteiras o viajante que pretende atacar : segue-o, caminhando cautelosa pela beira do mato, que abainha a estrada, com os olhos fitos na victima ; segue-o uma, duas, e mais leguas, até que no momento opportuno, salta na anca do cavallo, fere e mata o cavalleiro.

— Mas porque havemos de julgar mal dos homens antes de vel-os proceder mal?... o que faz o *Forasteiro*?... dá esmolos aos pobres, cura doentes abandonados, enxuga as lagrimas dos afflictos, defende os fracos e innocentes : que mais provas quereis?...

— E porque não faz elle tudo isso á luz do dia e aos olhos dos homens?... porque prefere as trevas ao sol, como as aves nocturnas?... por-

que sua fronte se mostra sempre enrugada, e seu rosto sempre nublado, como a imagem da tempestade?... porque sua voz tem sempre o accento da cólera concentrada?... para que tanto mysterio annuviando á beneficencia e á virtude?... Procura-o de dia, ao romper da aurora, quando brillão as flores, e cantão os passari-nhos; não o encontrarás: trata de evital-o de noite, quando bramem as feras, e velão os bandidos, e vel-o-has surgir inesperadamente diante de ti!...

— Tio, quereis que atice o fogo?...

— Nós nos vamos entregar de mãos e pés atados a esse homem; André, damos-lhe assim a prova da mais completa e cega confiança: porque então não se confia elle em nós tambem?... porque nos não diz quem é, e o que pretende n'estes lugares?... Oh! meu sobrinho, mysterio, e só mysterio rodeia esse homem! isso não é bom... isso não é bom... isso me faz ficar banzeiro, e é até capaz de me tirar o juizo!... isso não é bom... isso não é bom!

— Tio, repetio André: quereis que atice o fogo?...

— Mysterio, e só mysterio!... proseguio Anselmo sem attender á pergunta do sobrinho: eu não gósto dos mysterios dos homens; mysterios só

os de Deos Nosso Senhor! Oh! ninguém comprehende o *Forasteiro*, ninguém!... ninguém o procura, e elle está em toda parte... em toda parte elle apparece como uma alma do outro mundo; em toda parte... na estrada, no bosque, no meio da festa, á porta ou á janella da cabana, elle sempre!...

— Tio! que é isso?...

— Oh! nem me espantaria, se mesmo n'este momento sua mão pesada batesse á nossa porta...

Uma forte pancada soou effectivamente na porta da casa de Anselmo.

— É elle!... balbuciou empallidecendo o tio Anselmo.

— Talvez, meu tio; respondeu André.

A porta abriu-se e appareceu o *Forasteiro*.

Os dous lavradores, que se havião levantado, conservárão-se de pé.

— André, disse o *Forasteiro* com voz grave: partirás amanhã para a casa de Raphael: tu, Anselmo, guardarás em teu coração o segredo d'este ardil indispensavel.

O *Forasteiro* não tinha pedido, ordenára.

— Irei, senhor; respondeu André.

Anselmo quiz tentar um ultimo esforço.

— Senhor... senhor, exclamou elle; eu estou velho e cansado, e vou assim separar-me do unico arrimo de minha velhice: meus braços

debilitados já se prestão mal a cavar a terra : André é quem me sustenta com o seu trabalho, e quem me acode em minbas molestias!...

O *Forasteiro* franzio as sobranceiras, olhou com expressão de desconfiança para o lavrador, pareceu com o seu olhar penetrante perscrutar até o fundo o coração de Anselmo; e depois, como se tivesse comprehendido o pensamento íntimo e occulto do pobre homem, seus supercilios de novo se dilatárão, e elle, arrancando do seio uma bolsa cheia de ouro, atirou-a nas mãos de Anselmo, e disse :

— Toma : se trabalhasses dous annos com teu sobrinho ao lado, não ganharias o ouro que enche essa bolsa : não precisas; pois, do braço de André : ahí tens ouro : se adoeceres, não te faltará quem te acuda, e quem por ti se desvele.

O *Forasteiro* nunca tinha fallado tanto.

Anselmo, vendo baldado o pretexto de que se servira para embarçar a partida do sobrinho, avançou um passo, e apresentando a bolsa, que lhe fòra atirada :

— Ahí tendes o vosso ouro, senhor : eu menti ; meu braço é forte ainda, e o meu trabalho me dá tanto, quanto me é preciso para viver. André partirá : serei seu connivente ; mas recebei vossa bolsa.

O *Forasteiro* descansou a mão direita sobre o hombro do lavrador.

— Anselmo! eu te perdôo o mal que pensas de mim: não sou bandido, nem féra; sou desgraçado. Adeos!

E sahio sem receber a bolsa.

Os dous lavradores ficarão olhando um para o outro sem dizer palavra.

Ao romper do dia seguinte, André entrouxou a sua roupa, tomou a benção ao tio Anselmo, e sahio de casa.

O primeiro lavrador que n'esse dia se encontrou com Anselmo, soube que o tio e o sobrinho tinham tido uma desavença, e que em consequencia d'ella André havia deixado talvez para sempre a casa de Anselmo.

O dia chegou ao seu termo: era meia noite, quando sahio de uma casa pequena e rude, como são de ordinario as casas dos feitores das fazendas, e que se mostrava a poucas braças da grande e espaçosa morada de Raphael, um homem alto e robusto, o qual depois de observar com todo cuidado se havia alguem que o podesse ver, ou que o estivesse espiando, tomou socegada, mas sempre vigilantemente o caminho de uma das cancellas da fazenda.

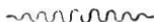
Esse homem era André.

Tinha promettido encontrar-se com o *Forasteiro* á meia noite em um lugar visinho da fazenda, para dar-lhe parte do que com elle e Raphael se tivesse passado, e ia, muito satisfeito de si, dizer-lhe que Raphael, tendo ouvido a historia, que lhe fôra ensinada para explicar a sua retirada da casa de seu tio, não só lhe promettêra protegê-lo, mas ainda o contratára logo para lhe servir de feitor.

André, ancioso por dar conta do feliz resultado do primeiro dia da sua commissão, apressára o passo, como dissemos, e dirigindo-se á cancella, ia já seguro de que todos dormião, e ninguem observára o seu passeio nocturno, quando vio levantar-se o vulto de um homem que se achava deitado debaixo de uma arvore.

André deu um salto para traz.

— Sou eu : disse o *Forasteiro*.



VI.

A velha cabocla.

Filha, socega; da esperança ainda
Não se foi todo o albor. Confia e guarda:
Deos ha de ouvir teu pranto... e o meu.

GARRETT. — *Lyrical de J. Minimo.*

O espirito de Raphael não podia estar menos agitado, do que o das duas innocentes moças, a quem tanto fizera soffrer n'essa noite, em que, cedendo ás instigações do velho usurario, lançára fóra de sua casa a pobre *mameluca*.

Longas horas d'essa noite dolorosa tinha-as elle passado velando junto do leito da esposa. Alda nunca parecêra soffrer tanto: em um prolongado e terrivel delirio a misera lutava com um phantasma aterrador, que erguido diante d'ella ora a cobria de maldições e ameaças, ora

estendia para ella gigantescos braços, querendo agarral-a e arrastal-a para um abysmo, em cujo fundo ardia o fogo do inferno.

Raphael conservava-se em pé junto do leito, onde Alda se debatia em uma agitação incessante: ás vezes estremecia violentamente ouvindo sahir dos labios da esposa um nome, uma exclamação, um juramento, ou um protesto desarrazoado e inexplicavel, e então, como se receasse que alguem podesse ouvir aquellas phrases desconexas, soltas no delirio, elle afflicto e cuidadoso, posto que tivesse feito retirar todas as escravas, corria á porta do quarto para examinar se algum ouvido curioso e indiscreto procurava penetrar o mysterio d'aquella dôr imensa e profunda.

Havia talvez algum segredo lamentavel e tremendo n'esses soffrimentos constantes da esposa de Raphael, segredo para todos, menos para elle, que por isso mesmo com tão temeroso cuidado o escondia.

A prostração succedeu emfim á febre e ao delirio, e Alda fechou os olhos, e adormeceu: tão pallida e desfigurada se achava, que se poderia confundir o seu somno com a morte, se de instante a instante estremecimentos nervosos não viessem manifestar a vida nos signaes do seu padecer.

Longe ainda estava o dia ; mas Raphael comovido e agitado, tendo debalde procurado conciliar o somno, ergueu-se do leito, sahio do quarto, e, abrindo de manso as portas, desceu para o terreiro.

A despeito da lua, que se deslisava no céo, tudo se achava envolvido em densos véos de neblina.

Raphael insensível á brisa geladora, que soprava, e ao orvalho que cahia peneirado das nuvens, passeava ao longo do terreiro todo abysmado em suas reflexões, quando de subito os latidos de um cão, que mostrava ter presenciado alguém, que se avisinhava, vierão attrahir sua attenção.

O cão, que nos primeiros momentos latira, enfezado, como annunciando a approximação de um estranho, pouco depois pareceu festejar a chegada de um conhecido.

Raphael suspeitoso, e reconhecendo que alguém se vinha chegando, recuou alguns passos, e foi encostar-se á parede de sua casa, onde a sombra se tornava mais impenetravel e era mais espessa a neblina.

Um instante depois passou perto d'elle, e sem vel-o, um vulto de mulher, que carregava sobre os hombros um objecto, que Raphael não pôde distinguir.

O vulto parou diante da janella do quarto de Branca.

Raphael approximou-se cauteloso, e sem se desviar da parede.

A janella do quarto de Branca era alta demais para que a ella podesse chegar o vulto; mas o objecto que este trazia sobre os hombros era uma pequena escada de páo, mercê da qual pôde chegar á janella e bateu com a precaução de quem receia ser descoberto.

Raphael esperava ancioso: ainda não tinha reconhecido o vulto.

O vulto esperava tambem, batendo de momento a momento, até que enfim uma voz tremula de medo perguntou de dentro :

— Quem é?...

— Abre, minha filha! respondeu o vulto.

— Mãi Cyriaca!... disse Branca abrindo logo a janella.

Raphael susteve a custo um rugido de tigre, que lhe partira do coração.

Era com effeito a velha cabocla: mas que vinha ella buscar ali a semelhante hora?...

A chegada imprevista de Iveta tinha sobresaltado a velha Cyriaca: mas sabendo do que occorrêra em casa de Raphael, esquecêra de improviso o insulto recebido por sua filha para só lembrar-

se dos martyrios a que ficára condemnada, e dos traques porque estava passando Branca.

Não era que amasse mais a sua filha adoptiva do que a propria; mas esta achava-se a seu lado e livre das perseguições e da tyrannia de Raphael, emquanto aquella, longe de seus olhos, e abandonada e só, via-se exposta a todos os tormentos, que lhe quizesse impôr a prepotencia.

Cyriaca tinha dado a Branca o leite de seus peitos, e o amor de seu coração. O amor nos selvagens é sempre ardente e violento, como todas as suas paixões. Cyriaca adorava Branca.

Em sua rudez medio toda a extensão do infortunio da infeliz e idolatrada moça, e ainda em sua rudez procurando-lhe um remedio, acertou logo com o mais decisivo e extremo, e adoptou-o sem hesitar, por isso mesmo que elle cortava o mal pela raiz.

O remedio era livrar Branca da oppressão de seu tio, arrancando-lh'a de casa.

A velha Cyriaca não calculava com as consequencias do acto, que pretendia praticar: tinha trazido dos bosques, e da sua tribu o costume de só pensar no presente, e de abandonar o futuro ao acaso. Christã, pensava sempre n'esse ponto, como pensara selvagem, e apenas se

limitára a confiar o futuro á bondade de Deos, em vez de abandonal-o ao acaso, como d'antes.

A idéa estava concebida, só faltava realisal-a: Cyriaca julgou-se capaz de pôl-a em execução, sem auxilio de mais alguém: não quiz confiar o seu projecto nem a Leonel, nem a Iveta; abraçou e despedio o mancebo; abraçou e recolheu a filha a seu quarto, depois sabio.

Tinha dado alguns passos, quando voltou atraz: acabava de lembrar-se da altura da janella do quarto, onde Branca dormia: tomou uma grosseira escada de páo sobre os hombros, e partio ligeira, como uma mãe, que corre a salvar sua filha.

Chegou junto da casa de Raphael arfando de fadiga, e palpitando de esperança: Branca appareceu emfim á janella, e Cyriaca pensou que tinha já vencido todos os obstaculos, que podião oppôr-se á fuga da infeliz moça.

Não contava com Raphael, que de perto a estava observando.

— Mãi Cyriaca!... havia dito Branca.

— Sim, sou eu, respondeu a velha; nada temas; sou eu, que venho salvar-te.

— Salvar-me?... e como?...

— Vem, dá-me a tua mão, para que eu te ajude a descer, minha filha: vem! foge d'esse inferno!

— Que diz, mãe Cyriaca?...

— Digo-te que deves fugir d'esta casa maldita, e acolher-te á pobre cabana de tua mãe adoptiva: vem!

— Querida mãe, o que me veió propôr é um impossivel!

— Impossivel!... e porque?...

— Primeiramente porque o meu retiro seria descoberto ámanhã, e não só eu voltaria para o poder de meu tio, mas ainda vós terieis de soffrer por minha causa as perseguições dos meus oppressores.

O olhar da velha cabocla brilhou com uma luz sinistra: era um olhar de desafio.

— E depois, continuou Branca, não é verdade, mãe Cyriaca, não é verdade, que uma moça honesta não deve fugir nunca da casa de seus pais, ou de seus tutores?... que se diria de mim ámanhã, se eu fugisse d'aquí esta noite?...

— Dirião que uma filha fugio com sua mãe, e nada mais.

— Oh! mãe Cyriaca, o amor que me tendes vos cega: o coração me diz que eu não devo fazer o que me viestes propôr.

— O coração!... Branca! minha filha! então não ha amor dentro d'esse coração?...

— Duvidais de que eu vos ame, minha boa mãe?

— Eu?... mas não é de mim que se trata: é de ti, e d'elle...

— D'elle?...

— Sim, d'elle: por ventura não amas a Leonel?... como?... eu vos criei ambos aos meus peitos, com o meu leite, e com o meu amor, ensinei-vos a adorar-vos um ao outro desde pequeninos, para agora consentir, que me separem meus dous filhos, meus dous anjos!... não! não!... hasde fugir, Branca, hasde fugir! vem! não percamos tempo...

Branca, em vez de responder desatou a chorar.

— Choras?... tu choras?... louca, minha pobre criança! minha filha do coração! pois tens o caminho da felicidade aberto diante de ti, tens o meu seio para te esconder, tens o meu amor para te defender, e recusas?... e choras?... oh! é melhor então ficar, e entregar-te de mãos atadas a teus algozes?... é melhor perder Leonel, e ser escrava de Raphael, de Claudio Góes, de Jorge, de todos elles emfim?...

— Mãe Cyriaca!...

— Não entendo... não entendo isto! disse a velha sentidamente: este amor dos brancos é a fraca chamma de uma vela, que se apaga com um sopro: o amor do selvagem é outro, é amor que abrasa como o sol; que se defende e resiste,

como a fera mais bravia; que não se dobra como o caniço; que resiste ás tempestades como a rocha; é emfim um amor, que morre com o coração; mas que não cede.

— Mas eu tambem não cedo, mãe Cyriaca.

— Deixar-te-has morrer então?...

— Antes.

— Não! não! eu não quero que morras! enheço-te, és capaz de o fazer! porém eu quero que vivas, e hasde viver para mim, para Léonel, para Iveta: oh! vem! vem!...

— Não... não... eu não fugirei.

— Ingrata! por tua causa deixei minha filha, que está curtindo a vergonha de uma affronta; por tua causa corri trazendo ás costas uma pesada cseada; por tua causa... oh! mas tu hasde vir comigo... olha: essa gente que te opprime, opprime-te porque deseja apoderar-se da tua riqueza; pois bem: foge comigo, deixa-lhe o teu oiro, traz-nos só o teu coração, e nós teremos tudo; vem!

— Mãe Cyriaca; disse a moça com uma voz, que trazia ao mesmo tempo o accento da dôr e da resolução; mãe Cyriaca, eu vos agradeço, quanto tendes feito, e quanto quereis ainda fazer por mim: n'este momento o vosso amor delira, e me aconselha um erro; mesmo assim porém eu

abençoarei toda vida esse erro, que é todo filho do amor santo e puro que vos devo; entretanto fiquei certa, de que não fugirei da casa de meu tio. Sei bem, que me esperão aqui horriveis tormentos; sei que me querem impôr um casamento, com um homem que me não ama, e a quem nem posso, nem heide jámais amar; sei que tratado de prender-me em laços abominaveis, e que para conseguil-o hão de lançar mão de todos os meios, e ainda dos mais reprovados; mas eu saberei resistir ás ordens dos meus oppressores, como resisto ao conselho que me déstes ha pouco: não fugirei, mãe Cyriaca, e não me casarei com o filho de Claudio Góes. Retirai-vos segura d'isso, minha boa mãe, e podeis dizel-o a Leonel.

— Branca!

— Sim, posso dizel-o hoje; hoje, que a desgraça cahio sobre mim, o pudor não embaraça mais a expressão singela e franca dos meus sentimentos; eu amo a Leonel, e serei d'elle esposa ou morrerei solteira.

— Minha filha, vê o que fazes? ámanhã já não será tempo.

— Embora: ainda não houve quem se arrependesse de ter seguido sempre o caminho da virtude. Não, não fugirei, mãe Cyriaca: se al-

guma vez em minha immensa fraqueza entender, que me cumpre deixar a casa de meu tio, e resolver-me a fazel-o, heide sair de dia, aos olhos de todos, e pela porta da rua; mas de noite, e ás escondidas, nem comvosco, mãe Cyriaca.

A velha, apesar do amor que a cegava, e da sua rudez primitiva, que nunca a sociedade dos homens civilizados tinha podido vencer de todo, pareceu reconhecer, que a razão fallava nos labios de Branca, e curvando a cabeça, suspirou dolorosamente.

— Adeos, mãe Cyriaca! disse ainda a moça; é tempo de retirar-se: não tarda a romper o dia, e não convém, que suspeitem; o que acaba de passar-se entre nós. Adeos! talvez que o céo nos conceda ainda dias melhores, e menos tristes, e então seremos todos felizes! adeos! beije por mim a minha querida irmã, e...

— E Leonel?...

— Oh! sim!... diga-lhe que eu o amo mais do que nunca, e que ninguem terá o poder de roubar-lhe o meu coração. Adeos!

— Adeos! disse a velha Cyriaca descendo a escada tristemente: adeos, minha filha! não quizeste fugir comigo... quem sabe o que succederá!

— Espere... suba outra vez! tornou a moça; olhe, mãe Cyriaca, meu tio despedio de sua casa

minha pobre irmã, e é bem possível, que pela mesma razão, porque o fez, também não consinta mais que nos vejamos: separão-me de todos aquelles, que me amão: é portanto bem provavel, que me não deixem receber aquella, que me servio de mãe. Oh! sim!... suba, mãe Cyriaca, eu quero beijar-lhe a mão e o seio ainda uma vez!...

A velha subio chorando e soluçando até a altura da janella, e emquanto Branca a abraçava, e beijava-lhe as mãos, e molhava-lhe de lagrimas o seio, ella imprimia seus labios na fronte angelica da moça.

Emfim, Cyriaca e Branca se separárão; a velha desceu a escada, e tomou-a de novo sobre os hombros, olhou outra vez para a janella e disse com a voz e com os soluços:

— Adeos, minha filha!... adeos!...

— Adeos! respondeu a moça: ide em paz, minha boa mãe, ide depressa, e sobre tudo, que todos ignorem, que aqui viestes...

— Não... não tenhas medo; ninguem me viu: ninguem o saberá..

— Excepto eu! bradou Raphael apparecendo inopinado.

Branca deu um grito, e ficou immovel pregada á janella: a velha Cyriaca deixou cahir a

escada, e conservou-se impavida e firme diante de Raphael.

— Excepto eu! repetio elle.

— Pois que é assim, não importa; disse a velha com voz socegada e grave: no que acaba de se passar não vio vossa mercê mais do que um grande amor de mãe, e uma grande virtude de filha: deve portanto desculpar a primeira, e respeitar a segunda.

— Velha e insolente cabocla! exclamou Raphael enfurecido; pois tu, que te atreveste a pretender lançar a vergonha e a deshonra no seio de minha familia, em vez de cahir de joelhos a meus pés, e de implorar de mãos postas o teu perdão, ainda te atreves a fallar-me assim?...

— Cabocla sou, respondeu Cyriaca exaltando-se tambem; velha cabocla, como dissestes, e ainda que envelhecida no meio de vós outros, conservo sempre no coração as paixões da minha raça, e da minha primitiva bruteza: sim! lembrai-vos d'isso! sei amar, e sei vingar-me; e agora olhai para aquella janella... ali está um de meus amores; e olhai tambem para vós mesmo... oh! pensai bem, que podeis vir a ser o objecto da minha vingança!...

— Miseravel!...

— Lembrai-vos d'isso!... insultastes a Iveta, minha innocente e formosa filha; vós a insultastes... lembrai-vos! vós a puzestes fóra de vossa casa, como se uma donzella pura e virtuosa fosse o mais vil dos malfeitores... vós insultastes minha filha, lembrai-vos! pois bem: a velha cabocla vos perdôa; mas com uma condição... ouvi! não maltratareis, não opprimireis, não fareis a desgraça de Branca!...

Os olhos abrasados de Cyriaca lampejavão, como o olhar ardente da onça.

A tamoya do deserto substituiu n'aquelle momento a catechumena dos padres portuguezes, e a mulher arrancada á selvaticidade pela civilisação.

Raphael recuou diante d'ella, como se recuá diante de uma féra embravecida.

— Lembrai-vos d'isso!... repetia Cyriaca com os dentes cerrados.

Branca tremia por sua mãe adoptiva; mas não ousava pronunciar uma só palavra.

Breves momentos passarão em silencio: Raphael comprehendeu, que devia pôr um termo áquella scena, e que não lhe estando bem lutar com uma mulher, nem lhe convindo para expellir-a á força, ou mesmo castigar-a, chamar alguns de seus escravos, que virião a ser testemunhas de

um facto, que revelava a desharmonia, e o desgosto, que perturbavão a paz de sua familia, cumprira-lhe sómente abafar a sua colera, e adiar a vingança, com que em seu profundo resentimento jurava a si proprio opprimir e abater a soberba cabocla.

— Misera e estúpida selvagem, disse elle; vai-te de meus olhos, e para sempre! agradece á lembrança de que amamentaste a minha sobrinha o não receberes o castigo, que merecias: mas vai-te já d'aqui, e para sempre! vai-te, e nunca mais penses em voltar a esta casa, porque a porta que se fechou para tua filha, nunca mais se abrirá para ti! vai-te!

— Vou-me, sim!... respondeu a velha; porém lembrai-vos! lembrai-vos do que eu vos disse!

— Vai-te! vai-te! a vibora não me hade morder, porque ainda a tempo a lancei fóra do seio: nem tu, nem tua indigna filha poderão continuar a perverter minha sobrinha com insanos conselhos: d'ora ávante um muro de bronze vos separa d'ella para sempre...

E depois accrescentou com um rir sinistro:

— E consinto, que ainda uma vez lhe digas adeos; porque esse adeos será o último!

A estas palavras Branca não se pôde conter,

e começou a chorar com tanta força, que seus soluços chegáram aos ouvidos e cabirão no coração de Cyriaca.

A velha estendeu os braços para a janella e exclamou com desespero, e dôr :

— Não chores, minha filha, não chores! estanca esse pranto... engole esses soluços... chora dentro d'alma; mas ri no rosto, diante d'este homem: não vês que elle folga, que se alimenta, que elle exulta e triumphá, quando sente que estamos soffrendo?! oh! não chores!... no teu pranto está a sua felicidade; nas tuas angustias a sua festa! oh!... não lhe dês o gosto de te ver chorar... é um homem máo... é... oh! não chores... retira-te... adeos! adeos!...

E voltando-se para Raphael, disse com voz rouca e tremula :

— E quanto a vós, cuidado! Branca é minha filha... bebeu o leite de meus peitos: é minha filha, e se ousardes...

— Miseravel!...

— Branco! branco!... não acordes no coração da velha cabocla os furores da tamoya selvagem!... pensa bem, que a mansa ovelha pode-se tornar em féra accessá em raiva... pensa bem!...

E dardejando sobre Raphael um ultimo olhar

de colera, e de ameaça, a velha Cyriaca retirou-se apressadamente.

Branca, apenas vio desaparecer sua mãe adoptiva, sahio da janella, e foi cahir sobre o leito quasi desfallecida.

Raphael arquejando de ira e de despeito ficou immovel, entregue á mais tremenda meditação duas longas horas, em que nem vio abrirem-se no céo as rosas da aurora, nem reflectirem na terra os primeiros raios do sol.

Quando André chegou, e apresentou-se a Raphael, achava-se este ainda no mesmo lugar.



VII.

A capella abandonada.

« Aberta em par do templo estava a porta ;
Entrei.

GARRETT. — *Camões.*

E elles se afastarão o mais depressa que
pudérão.

BYRON. — *D. João.*

Alguns dias tinham passado, depois dos acontecimentos, que acabamos de narrar, dias de lagrimas para o amor infeliz, de martyrios para o arrependimento, de maquinações tenebrosas para o odio e a vingança, de temores e de calculos sinistros para a avareza.

Das diversas personagens, que representam n'este afadigoso drama, umas esperavão, algu-

mas maquinavão, todas ou quasi todas temião, e uma, a esposa de Raphael, devorava em silencio sua inexplicavel e mysteriosa dôr.

A mãe Cyriaca não voltára mais a ver sua filha adoptiva e conservava-se triste e obumbrada no interior de sua cabana ao pé da *mameluca*, que chorava por sua irmã, e certamente tambem por seu amor.

Branca, recolhida a seu quarto, constantemente observada por seu tio, mostrava-se abatida e resignada: parecia haver tomado um partido, e só dava livre curso ás suas lagrimas, quando a deixavão só.

Alda soffria sempre; ninguem porém comprehendia a causa do seu padecer: suas escravas a olhavão quasi com terror, e ao vel-a passar silenciosa e branca como uma sombra, dizião tremendo umas ás outras: «está louca!»

Raphael parecia preocupado de algum difficil projecto: conferenciava ás vezes horas inteiras com Claudio Góes, praguejando e jurando castigar o atrevido *engeitado*, que ousára levantar os olhos para sua sobrinha.

O usurario retinha em casa, como em uma prisão a um criminoso, a seu filho, o fraco e submisso Jorge, que tremia ouvindo a voz de seu pae, e não se atrevia a resistir-lhe.

Leonel, o imprudente, velára debalde noites inteiras correndo em torno da casa de Raphael, sem que jámais visse abrir-se a janella do quarto da sua amada, e sentindo ás vezes passar perto d'elle o vulto negro do *Forasteiro*, ou vendo-o apparecer, e suspender-lhe o braço, quando em algum momento de desespero, lembrava-se de penetrar na capella, mercê da chave, que lhe déra Iveta.

E o *Forasteiro* enfim vivia a vida do mysterio, ignorado de todos, embrenhando-se de dia nos bosques, e vagando de noite, como um genio benefico, ou como um demonio perseguidor.

Não nos prevaleceremos do nosso indisputavel direito de autor para ir perscrutar os corações d'estas diversas personages, esmerilhando seus sentimentos, recolhendo seus pensamentos occultos, aparando suas lagrimas e estudando suas dôres, ou seus favores.

Deixaremos fallar os acontecimentos: a voz dos factos sôa sempre mais alto do que o raciocinio do melhor philosopho: a lição, que penetra pelos olhos é mais depressa recebida pela alma, do que aquella que entra pelo ouvido: a melhor lição é o exemplo: o facto tem mais poder, que a palavra.

Acompanharemos sómente a marcha dos acon-

tecimentos: os dias das meditações, dos projectos, dos sonhos, e das lagrimas silenciosas passarão: tocamos a hora, em que a acção continúa.

A acção é um discurso vivo: deixemol-a fallar por si mesma.

Era uma noite de sexta feira: um escravo do Raphael tinha chegado algumas horas antes da cidade, trazendo cartas, que este parecia esperar ansioso: um outro escravo partio logo depois para a casa de Claudio Góes, que d'ahi a algumas horas apresentou-se na casa de Raphael, risonho e satisfeito.

O rir de um usurario corresponde sempre ao pranto de alguma victima: a alegria de Claudio Góes era sinistra.

Claudio Góes e Raphael trocarão vistas e palavras de intelligencia, e d'ahi a pouco Branca, que provavelmente devia ser a victima, que o rir do usurario festejava, appareceu na sala em obediencia a uma ordem de seu tio.

Branca estava pallida, e triste; seus olhos mostravão-se amortecidos: trajava roupas da côr do seu nome: sua figura, seu andar sereno, sua melancolia profunda, todo seu aspecto tinhão um não sei que, que á força farião lembrar uma virgem condemnada ao martyrio.

Chegando ao meio da sala cumprimentou a Claudio Góes com um leve movimento de cabeça, e sem dizer nada, voltou-se para seu tio, e esperou que elle lhe fallasse.

Até ali era a obediencia, ou a resignação, que tinha chegado á sala; mas o seu calculado silencio demonstrava, que a proprio pezar havia obediencia.

— Senta-te, Branca; disse Raphael.

A moça deixou-se cahir sobre uma cadeira como se fôra uma maquina inerte.

O silencio de Branca contrariava Raphael.

— Estás incommodada?... perguntou.

Em vez de responder, ella sorriu-se com um d'esses risos, que se podem chamar as lagrimas dos labios.

A resposta de Branca era como um protesto da victima contra o algoz.

Raphael estava visivelmente contrafeito; foi só depois de alguns momentos de reflexão, que elle pôde encetar a conversação atacando de frente o objecto d'ella.

— Adivinhas, certamente, a razão porque nos achamos aqui reunidos...

Esperou debalde que Branca lhe respondesse: proseguio no fim de alguns instantes:

— O Sr. Claudio Góes, que ha pouco chegou á

nossa casa, veio dar-nos a honra de pedir-te para esposa de seu filho.

Um leve estremecimento nervoso agitou o corpo de Branca; também foi esta a sua única resposta.

— Como tio, tio e tutor, continuou Raphael, já aceitei e agradei a proposição do Sr. Claudio Góes: todos os ajustes necessários se achão concluídos, e o teu casamento deverá em breve ter lugar; mas como bom parente que sou, e visto que aprecio tuas qualidades, e recto juízo, quiz ter a complacência de prevenir-te, do que se trata, e dar-te hoje mesmo occasião de agradecer a teu futuro sogro a dita que te offerece.

Raphael contava já com a continuação do silencio de Branca; mas sorprendido ficou ao vel-a erguer-se, encaral-o sem tremer, e responder com voz calma:

— Meu tio, o *sim* da mulher é essencial para que se realise o seu casamento: ora, eu não me quero casar com o filho do Sr. Claudio Góes, e juro por meu pae, e por minha mãe, que estão no céu, que hei de dizer *não* diante do altar.

— Insensata!... bradou Raphael, que não pôde vencer um impeto de colera.

Branca tornou a sentar-se placida, e indiffe-

rentemente, como se nada tivesse dito, e nada tivesse ouvido.

Raphael serenou pouco a pouco.

— Faremos por dispensar o teu sim, minha bella menina; disse elle com ironia: a bocca de um homem de juizo o dirá por ti, e o sacerdote ouvirá o tal *sim* indispensavel.

— E Deos?... perguntou Branca levantando ao mesmo tempo a cabeça e a voz.

— Deos manda que me obedeças.

— E vos ordena tambem, que me não sacrifiqueis, meu tio!

— Ousas então...

— Senhor! senhor! exclamou a moça erguendo-se outra vez; sou orphã de pae e mãe, sou na terra uma desgraçada, e aos olhos de Deos um objecto sagrado: não tenho nem o braço de meu pae para me defender, nem o scio de minha mãe para me abrigar... oh! mas tenho a Providencia divina para velar por mim: Deos é pelas orphãs:.. Deos é por mim!...

Claudio Góes, o *Onça*, não tinha até ali pronunciado palavra; vendo porém a direcção, que ia tomando a conversação, com a manha, que lhe era natural, fallou de modo a não parecer um tyranno a Branca, e a accender ainda mais as fúrias de Raphael.

— Minha boa senhora, disse elle, por quem sois, não me façais a injustiça de pensar que'desejo perturbar a tranquillidade da vossa vida, ou desfazer os planos de futuro, em que o vosso coração adivinha a felicidade: ao senhor vosso tio tenho eu preso por uma solemne promessa, mas não seja essa a duvida... se elle n'isso convier, eu o desligo da sua palavra.

— De modo nenhum! exclamou Raphael.

Claudio Góes estava certo de que Raphael assim responderia; continuou pois no mesmo sentido, posto que Branca não mostrasse prestar-lhe attenção alguma.

— Confesso que desejei que meu filho casasse com a senhora; visto porém que o seu coração repugna este casamento... convenho até, se o senhor seu tio convier tambem, que não se falle mais n'isso: eu respeito muito certos sentimentos, e gósto dos casamentos de inclinação; sou um exemplo d'elles, pois me casei sómente por amor.

O usurario mentia, mas sem córar, e sem hesitar proseguio:

— Provavelmente a senhora já fez a sua escolha, e por certo que terá escolhido um noivo digno do seu nome, da sua riqueza, e da sua posição; pois bem... fique livre com o seu amor...

case com o homem que ama... leve-lhe a sua fortuna... faça-o feliz... o Sr. Raphael hade concordar n'isto.

— Não! e não! bradou este enfurecido, pois acabava de lembrar-se de Leonel: minha sobrinha não pôde dispôr de si, e a mim é que cumpre determinar o que lhe convém: Sr. Claudio Góes, sustento a minha palavra, e não o desligo da sua: nossas mutuas promessas devem ser cumpridas.

Claudio Góes levantou um pouco os hombros como se não concordasse, e apenas se sujeitasse ao parecer de Raphael.

— O coração de minha sobrinha está livre, continuou elle; ella não fez ainda, e nem podia fazer escolha alguma. Branca ainda não ama.

— Amo: disse a moça com voz firme.

Claudio Góes trahio-se, soltando uma risada.

— Amas?... tu dizes que amas?... perguntou Raphael com os dentes cerrados: amas?...

— Sim, meu tio, amo.

— E a quem?... a quem?...

— A Leonel, o *engeitado da Aldéa*.

— E atreves-te a confessal-o?...

— Porque não, se é verdade?...

— Que baixeza de sentimentos!... foi o leite que bebeste nos seios de uma vil cabocla, que as-

sim te envileceu, e te afogou no coração o nobre orgulho de uma familia illustre!... Quem diria, que a filha de Pedro de Almeida e de minha irmã se lembraria de abaixar os olhos até um homem de nada, um fructo do crime apanhado no meio de uma estrada por uma velha tresloucada?... oh que famosa escolha!...

— Meu pae e minha mãe terião abençoado o meu amor.

— Mentos ! exclamou Raphael ; mentos e calumnias teus paes, assim como pretendes deshonnar a sua memoria.

Branca sentíra o sangue acudir ás suas faces, e o fogo aos seus olhos.

— Nunca menti, senhor ! disse ella com voz firme : nem jámais fui maltratada, como por vós o sou.

— Que amor ! proseguio Raphael : assentava bem na *mameluca* ; mas em ti, juro que não : far-te-hei lembrar de que não és Iveta...

— Sou pura como ella, meu tio, e em nossa pureza é que somos nobres, ambas igualmente nobres, aos olhos de Deos.

— E accita a comparação!...

— De toda a minha alma.

Branca sempre debil, fraca e condescendente, nunca tinha deixado suspeitar que podésse uma

vez em sua vida ostentar tanta firmeza : natureza eminentemente nervosa, tornava-se forte e decidida sem affectação e sem esforço de vontade : sua força não provinha d'ella, mas sómente de um estado anormal, em que se achava desde alguns dias, e a que fôra levada por uma constante, e exaggerada excitação nervosa.

Raphael comprehendeu que era já tempo de pôr um termo áquella desagradavel scena de familia.

— Branca, disse elle ; mandei-te chamar á sala não para pedir que conviesses no teu casamento com o Sr. Jorge ; mas para annunciar-te simplesmente, que elle deve ter lugar dentro de tres dias. Não te fiz um pedido : o que acabas de ouvir é uma ordem : uma criança não pôde decidir do seu futuro : as orphãs tem um tutor para pensar por ellas : pensei por ti ; eis tudo.

Branca não respondeu, nem se levantou.

— Nada mais tens que fazer aqui : podes retirar-te.

A moça ergueu-se, e sem mesmo comprimentar Claudio Góes, sahio da sala com passos vagarosos.

Apenas Branca desapareceu, o usurario tomou o chapéo, e voltando-se para Raphael disse riudo-se com um rir satânico :

— Agora, olho vivo, e chaves dobradas nas portas, meu caro.

— Todas as medidas de segurança estão tomadas, respondeu Raphael; e demais, posso assegurar, que minha sobrinha é incapaz de uma acção indigna, e nunca se lembraria de fugir da casa de seu tio.

— Homem, com mulheres não é bom brincar, e toda cautela é pouca: não ha cabeça de mulher que não tenha seus momentos de loucura; cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem!

Raphael fingio um sorriso em resposta aos graças grosseiros do usurario.

Alguns minutos depois separárão-se os dous algozes.

A noite correu placida e tranquillã: nenhum ruido, nenhum movimento perturbou o somno da familia de Raphael; mas no dia seguinte a janella do quarto de Branca amanheceu aberta, e de balde se procurou a promettida esposa de Jorge — o *Triste*.

Raphael parecia succumbido: o desaparecimento de Branca, a sua fuga inesperada vinha destruir todos os seus projectos; mas sem que um só momento perdesse a serenidade de espirito sempre tão indispensavel em circumstancias dolorosas, começou primeiro por impedir que um

só de seus escravos sahisse de casa, para que fóra não transpirasse a noticia do lamentavel caso, e só ao principiari da tarde mandou por emissarios de sua inteira confiança observar se sua sobrinha se havia recolhido á cabana da mãe Cyriaca, ou se por acaso era encontrada pelas circumvisinhanças.

Os emissarios voltárão tristes e desanimados: Branca tinha escapado a todas as suas indagações e pesquisas.

O aspecto da casa de Raphael era melancolico e luctuoso: morno sileneio peava todas as linguas, ou só se fallava em voz baixa e temerosa, como perto do leito de um moribundo.

Alda conservava-se sempre no mesmo estado: a noticia da fuga de Branca produzira n'ella uma terrivel impressão; uma hora, porém, depois que lhe tinhão dado a funesta nova, de todo a havia esquecido, e retirada no seu quarto, nem sentia os signaes de afflicção que em sua casa se notavão.

Fóra da fazenda de Raphael, e logo que os emissarios por elle mandados partirão em busca de Branca, a noticia do desaparécimento da bella moça espalhou-se por toda a parte com essa rapidez fabulosa, que faz chegar a todos os ouvidos a nova de um acontecimento desagradavel.

Quanto mais ridicula ou terrivel é a historia que se conta, tanto mais com ella se alimenta a curiosidade do povo: aquelle que ouve a narração de um caso recente, e desgraçado, vòo logo a contal-o ao visinho, que por sua vez o vai passando a outros: o fio electrico da maledicencia faz desaparecer as distancias, e a historia corre dez leguas em uma hora, ornando-se no fim de cada legua com circumstancias novas que se inventão, com explicações quasi sempre alheias da verdade, até que no fim da decima legoa chega tão cheia de atavios e de ornamentos, tão correcta e emendada, que os primeiros que a contãrão não a reconhecem mais no termo da viagem.

A tarde apenas tinha chegado ao seu meio, e já todos os habitantes das circumvisinhanças da fazenda de Raphael sabião que Branca havia fugido da casa de seu tio; e cada qual fazia sobre o caso as reflexões que mais justas julgava.

— Aposto, dizia um, que foi o *cavalleiro negro* quem furtou a sobrinha do Sr. Raphael!

— Qual furtar, nem meio furtar! acudia outro: pois tu acreditas que mulher é cousa que se furte?... a mulher foge muitas vezes, mas não se furta nem uma só vez.

— Pois deixou-se furtar pelo *cavalleiro negro*: não te lembrás das cavalhadas?...

— Sim; mas hoje todos sabem que o *cavalleiro negro* foi o Sr. Leonel, o engeitado da Al-dêa, e eu o vi ainda esta manhã muito socegado ir visitar a velha Cyriaca.

— Só se não foi elle!

— Então quem foi?... dizem todos que a Sra. D. Branca amava o Sr. Leonel.

— Que tem isso?... chegaria um terceiro mais feliz do que elle; a mulher vai para onde lhe dá o vento, e é capaz de mudar de namorados como de vestidos.

— Fugio! fugio! pensava outro: sou capaz de jurar que o *Forasteiro* anda mettido n'essa embrulhada: vão á toca do feiticeiro, e verão como lá encontrão a menina enfeitçada: aquelle velho é o diabo com figura de gente!

Mais longe rião-se outros da desgraça de Raphael, e vingavão-se do homem máo festejando o infortunio de sua casa, e o ridiculo, que cahira em sua familia.

Alguns pacs de familia censuravão acremente o procedimento de Branca diante de suas filhas: os mancebos defendião-na, e as senhoras, que nunca se perdoão umas ás outras, tanto mais severas se mostravão para com a infeliz Branca, quanto mais se lembravão de sua formosura, e de seus encantos.

Mas onde estará, onde se teria ido abrigar a sobrinha de Raphael?...

Cyriaca e Iveta havião ficado sorprendidas, ao receberem a inesperada noticia, e tinhão cahido de joelhos rezando por sua filha e irmã adoptiva.

Leonel, ignorando o que succedera, conservárase a tarde inteira junto de sua madrinha, que lhe dava sabios conselhos de prudencia, que elle fingia ouvir, emquanto pensava na formosa Branca.

O *Forasteiro*?... o *Forasteiro* a ninguem tinha apparecido na noite que acabava de passar: seria elle autor de um rapto?... Branca ter-se-ia confiado a esse homem desconhecido e mysterioso?... ninguem o poderia asseverar.

O desaparecimento de Branca era um facto ainda inexplicavel; tinha desaparecido: mas como?... em que abrigo se acolhera?... ninguem o sabia.

Ao declinar da tarde, á hora do crepusculo, n'essa hora de encanto e de magia, em que o dia aeaba, e a noite começa, em que a luz e as trevas parecem tocar-se, um cavalleiro correndo á desfilada chegou á fazenda da velha Constança, atirou uma carta a um escravo, que ehegára á porta, voltou e desapareceu com a mesma rapidez, com que viera.

A carta era dirigida a Leonel: o escravo foi

ter com elle, que ainda se achava conversando com a velha Constança e entregou-lhe o papel, que recebera.

Leonel abriu a carta, e leu para si.

« Se o *cavalleiro negro* quer salvar a dama de seus pensamentos, corra, se é tempo ainda; Branca é n'este momento arrastada para uma casa sinistra, que lhe servirá de prisão, até que obedeça ás ordens de seu tio, e case com o filho do usurario: onde a levão não sei bem: além do rio Iguá ha uma velha casa, que os algozes chamão asylo, e que a victima terá de chamar carcere: cumpre que o *cavalleiro negro* acorde á voz de um — amigo. »

A pallidez de que se cobrio o rosto de Leonel não podia escapar aos olhos da velha Constança.

— Que carta é essa, meu filho?... perguntou ella.

Em vez de responder, Leonel correu á janella e bradou:

— O meu cavallo alazão sellado e prompto já, immediatamente!

— Que carta é essa?... tu não sahirás...

— Oh minha madrinha! sahirei, ainda que vá buscar a morte...

— Mas essa carta?

— É a revelação de uma infamia! é a trai-

ção de Raphael, que me rouba sua sobrinha, e a arrasta para uma prisão, e para o martyrio!

— Meu filho!

Leonel tinha já deixado a sala: foi ao seu quarto, escondeu no seio um punhal, tomou o chapéo, e correndo como um louco montou a cavallo, e partio.

Apenas Leonel passou além da cancella do campo da fazenda, Constança tremula e agitada fez chamar o mais fiel de seus feitores, que recebendo em voz baixa uma ordem mysteriosa, montou tambem a cavallo e partio apressadamente.

Leonel levava o seu ardente alazão-alaranjado á redea solta, e corria sem saber bem para onde.

Sempre temerario e precipitado. não reflectira, que a carta que pouco antes recebera, mais parecia ter partido da mão de um inimigo, do que ser um aviso dado por amigo. Porque não trazia ella assignatura?... não era talvez um meio grosseiro de attrahir o mancebo para alguma emboscada?...

A mãe Cyriaca, Iveta, e o *Forasteiro* não hesitarião em ir fallar a Leonel; Jorge, se tivesse escripto, assignaria a carta, e qualquer dos numerosos amigos de Leonel; qualquer dos lavradores pobres, que tão dedicados erão ao *engei-*

tado da Aldêa, correria a ter com elle, e nenhum se lembraria de appellar para um meio, que podia naturalmente inspirar desconfiança, quando quizesse prevenir o mancebo dos perigos que ameaçavão Branca.

Mas Leonel não se dera o tempo de reflectir : a noticia do desaparecimento de Branca perturbava-lhe a razão ; seu sangue ardia com o fogo da febre ; tinha no coração a raiva, junto do seio um punhal, e na alma a negra idéa da vingança.

A carta fallava de uma casa solitaria do usurario, que demorava para além do rio Iguá : Leonel tinha ouvido muitas vezes fallar d'ella ; era uma casa sinistra ; mas infelizmente nunca a havia visitado, nem visto, nem sabia o lugar onde ficava. Não importa ; alguém lhe ensinaria o caminho ; Leonel corria.

Os camponezes que o vião passar apiedavão-se d'elle, pois que já conhecião a causa, que o levava em tão desesperado impeto ; e alguém que mais attento havia podido ler-lhe na physionomia os pensamentos, que agitavão sua alma, dizia tremendo :

— Ai de Raphael !...

A noite começava a envolver a terra com seu manto, quando Leonel, tendo passado além do

rio Iguá, e vendo-se embaraçado sobre o caminho, que devia seguir, lembrou-se, que a poucas braças da estrada vivia uma familia de pobres lavradores, que lhe erão dedicados: atirou-se logo para o pequeno *sítio*, chegou em poucos instantes á casa, saltou do cavallo e entrou.

— Meu padrinho!... exclamou batendo as mãos uma linda menina, que teria seis ou sete annos de idade.

— Adeos, Clara, adeos; mas onde está teu pae?... já, já... vai chamal-o, preciso fallar-lhe.

A menina não teve de sahir; porque, ouvindo a voz de Leonel, corrêrão a recebê-lo o pae, que era um homem de meia idade, rosto franco, leal, e alegre; e a mãe, que apenas teria trinta annos, e que trazia um filho pela mão, e uma filhinha recém-nascida ao collo.

Parárão ambos admirados ao ver Leonel coberto de suor, e poeira, com os olhos em chamas, e os traços pbysonomicos decompostos.

— Cosme, Lucia, adeos! preciso que um de vós me ensine o caminho da casa, que tem n'estes lugares Claudio Góes, o *Onça*; já, e depressa...

— Como?... pois quer...

— Depressa, e já, ou parto em procura de quem melhor me attenda.

— Mas que acontece?...

Em duas palavras Leone! disse o que succedera.

— Agora ensina-me o caminho d'essa casa.

— Oh meu compadre! não caia vossa mercê em lá ir, respondeu Cosme; não sabe que todos chamam essa casa, a casa mal-assombrada?...

— Embora! estou perdendo o tempo mais precioso da minha vida!...

— Deixe então, que eu lhe conte as cousas extraordinarias e pavorosas, que se tem passado n'aquella maldita casa.

— Não! e não! Cosme, pela ultima vez, ou ensina-me o caminho que vai ter a essa casa, ou nunca mais me verá chegar á porta da tua.

— Ensina-lhe, Cosme, disse Lucia; tu bem vêes que elle está fóra de si, e que é capaz de se perder ahi por esses caminhos, ou...

— Está bem, meu bom compadre, visto que não quer attender-me, iremos juntos.

Lucia empallideceu.

— Não: quero e heide ir só: ninguem se ha de ir arriscar por mim: ensina-me o caminho. e basta.

Poucos minutos depois Cosme e Lucia, que tinham ficado á porta, enquanto pudêrão ouvir o ruido do galopar do cavallo, recolhêrão-se, e olhando um para o outro, disserão em voz baixa:

— Malditos sejam Raphael, o máo, e Claudio Góes, o *Onça*.

Seguindo a direcção que Cosme lhe indicára, Leonel no fim de alguns minutos deixou a estrada real, e lançou-se por um estreito e tortuoso carreiro, pelo qual foi obrigado, apesar de toda sua sofreguidão, a levar o cavallo a passo.

Ao cabo de meia hora de marcha difficil e penosa, o mancebo desceu a um valle estreito e profundo, onde a natureza era triste, o solo ingrato, e o coração do homem dolorosamente se apertava: vegetação enfezada, apenas em um ou outro ponto apparecia na encosta de montes pedregosos; em vez de uma corrente, um verdadeiro paul se estendia no seio do valle, em cujo fundo avistava-se uma casa arruinada, que era propriedade de Claudio Góes.

A casa era como o sitio de triste ou sinistra apparencia: suas paredes ennegrecidas pelo tempo, estavam em muitos lugares esburacadas: as portas e janellas fechadas; mas, quasi todas fendidas, não podião impedir que olhos curiosos lhe devassassem o interior: um degráo apenas a levantava acima do terreno; mas tinha um sótão, que aliás ameaçava imminente ruina.

Ao pé da casa uma simples cabana dava guarida a dous pobres velhos. O interesse e não o

amor do proximo os havia ali acolhido : Claudio Góes sob pretexto de fazer uma esmola áquelles infelizes , tinha-os encarregado da guarda de sua propriedade, e do cultivo e conservação de um miseravel pomar.

Leonel correu primeiramente a ter com os velhos, aos quaes vio sentados ao pé de um fogo á porta da cabana, e que admirados se levantarão ao sentirem que um cavalleiro se aproximava.

— Onde está Claudio Góes?... onde está Raphael?... perguntou Leonel saltando do cavallo.

Os velhos olhárão espantados um para o outro, e nada respondêrão.

— Não procureis esconder-me a verdade: sei que esses dous miseraveis arrastárão para aqui uma infeliz menina : quero saber onde estão.

— Senhor , respondeu um dos velhos : vossa mercê veio enganado ; ha seis mezes, que não se tem visto na *Cova-negra* um vulto humano , não contando comuoso.

Cova-negra era o nome d'esse valle feio e antipathico. Leonel olhou com olhos abrasados de colera para os dous velhos, e apontando para a casa, replicou:

— Estão ali, eu o sei.

— Ali?... oh! não : ninguem pensaria em se recolher áquella casa.

— Pois bem : quero entrar dentro d'ella e convencer-me de que não mentis ; uma luz, ou um facho, e a chave.

— Senhor... aquella casa é maldita !

— Zombais de mim ; mas eu saberei fazer tudo por minhas mãos : não me quereis dar a chave?...

— Senhor... vossa mercê deve saber...

— Negais-me aquillo de que não preciso, meus velhos : ides ver o que faço.

Apenas o disse, Leonel tomou algumas varas, que ardião na fogueira, precipitou-se para a casa, com um pontapé deitou a porta dentro, e entrou.

Os dous velhos ficarão mudós e boqui-abertos.

Leonel agitando sobre sua cabeça as varas ardentes, correu a casa toda, subio ao sótão, examinou todos os quartos, e sabindo triste e contrariado, porque a ninguem tinha encontrado, dirigio-se de novo aos velhos.

— Dissestes a verdade, ninguem está ali dentro ; perdoai-me se duvidei da vossa palavra ; mas agora jurai-me pela salvação das almas de vossos paes, e das vossas, jurai-me que nem Claudio Góes, nem Raphael aqui vierão ?

— Nós o juramos, senhor.

Leonel não quiz ouvir mais ; montou a cavallo, e voltou com toda a pressa que o caminho permittia.

Pela primeira vez brilhou no seu espirito a idéa, de que a carta, que recebera, podia ser obra de Raphael, ou de Claudio Góes.

Mas que fazer então?... o impetuoso mancebo começava a duvidar de si proprio, e a acreditar, que se o seu braço era sempre vigoroso e prompto na acção; a sua cabeça ás vezes era pouco feliz na reflexão.

» Tudo concorria para augmentar-lhe as difficuldades e os tormentos: a propria natureza principiava a conspirar contra elle: á medida que a noite se adiantava, uma terrivel tempestade se ia preparando em nuvens carregadas e negras, que se amontoavão no horisonte. Relampagos offuscadores rasgavão já os ares, que cada vez mais se toldavão: a borrasca estava imminente e proxima a desabar.

Leonel vio-se emfim livre do trilho quasi intransitavel, que o levára á *Cova-negra*, e entrando na estrada real, tornou a fazer o seu ginete correr a toda brida, voltando para o lado, em que corre o rio Aldêa.

Tinha perdido inutilmente algumas horas e exasperado maldizia a sua inexperiencia e credulidade: em sua cabeça já não fervia nenhum projecto... não sabia o que lhe cumpria tentar, e arquejava de raiva.

Mas atravessando o campo da fazenda de Iguá, que se abre junto do rio do mesmo nome, algumas luzes vierão tocar os olhos de Leonel, e um canto religioso chegou aos seus ouvidos.

Sciante dos costumes da sua terra, o mancebo não tardou a adivinhar o que era que ali se passava.

Depois da mudança do local da freguezia de Itaborahy, que era d'antes n'essa mesma fazenda, servindo de matriz uma capella consagrada a Nossa Senhora da Conceição, grande parte da população, tendo levado a mal, que um outro orago se tomasse para a nova parochia, redobrára de ardor no culto da Sacrosanta Virgem.

Entre numerosas e ferventes demonstrações de devoção, um terço era na capella celebrado em todas as noites dos sabbados, e numerozo concurso de fieis acudia sempre para rezar aos pés da sagrada imagem da Mãe dos Christãos.

Ainda quando Leonel não fosse profundamente religioso, de sobra erão as circumstancias tormentosas em que se via para que elle deixasse de recorrer ao poder divino.

A mais doce e consoladora das esperanças, aquella que é filha da fé em Deos, que tudo pôde, encheu de consolação e de suavidade o coração de Leonel, que diligente se dirigio para a capella, e foi ajoelhar-se nos degrãos do altar.

No meio de suas orações pedia á Santissima Virgem, que lhe restituísse a sua querida Branca, e quando o terço acabou, quando todos os devotos se haviam retirado apressados, porque a tempestade já bramava, Leonel ergueu-se, e dirigindo-se ainda uma vez á sagrada imagem, exclamou em alta voz :

— Oh! Mãe Santissima! ouvi os meus rogos! fiz com que eu torne a ver aquella a quem amo, a escolhida do meu coração!...

Logo depois sahio reanimado pela fé, e com a alma cheia de esperanças.

No campo a escuridão era profunda; Leonel avançou um passo para o sitio, onde deixára preso o seu cavallo, quando uma voz, que partia da sombra, soou a seus ouvidos, dizendo :

— Leonel! hasde ver Branca esta mesma noite.

O mancebo atirou-se para o lado d'onde partira a voz, e achou-se diante de um vulto negro, que segurava o seu cavallo pelas redeas.

— Quem és tu?...

— Não me conheces?... perguntou o vulto.

Leonel reconheceu o *Forasteiro*.

— E Branca?... e Branca?...

— Tu a verás, eu o disse.

D'ahi a pouco Leonel e o *Forasteiro* fazião seus cavallos correr a toda brida para o lado do Aldêa.

VIII.

Tempestade e luta.

Nunca vi funcção, que menos se
pareça com uma bôda.

SHAKSPEARE.

Ruge, ruge, tormenta desvairada,
O' filha do deserto!

A. HERCULANO.

A tempestade acabava de desabar com furor e violencia.

A chuva, impellida pelo vento, cahia em vastos leuções d'agua: as nuvens escondião o céu com a negridão da borrasca: os trovões se succedião de instante a instante, entremeiados e annunciados pelos relampagos, que brilhavão deslumbrantes no espaço, como enormes serpentes de fogo.

A natureza gemia sob o imperio do terror.

Nas cidades não se pôde fazer uma idéa exacta e completa do que seja uma tempestade.

E na solidão immensa do oceano, ou nos desertos de um paiz novo que a borrasca sabe ostentar todos os seus horrores e impetuosidades.

É terrivel ver bramir um céu ennegrecido por cima de florestas seculares: a estrada que corta os bosques torna-se uma torrente; o rio que trasborda, rugindo como o leão, transforma o campo e o valle em um lago immenso: os échos das montanhas repetem o bramir das nuvens, o trovejar do céu; os fuzis são tochas infernaes que se accendem um momento para mostrar as scenas do horror, e se apagam logo para que redobre o horror no abysmo das trevas; e o vento arrojado e impetuoso arranca de cima do monte a arvore de cem annos e a arroja no valle, fazendo-a levar diante d'ella ramos, que rebentão, e outras arvores, que estalão e se desprendem, misturando todo esse pavoroso ruido com o ronco das cachoeiras, com o fragor das catadupas, e com o estampido dos trovões.

Era assim a tempestade, que acabava de desabar.

Mas a despeito das trevas e da borrasca, arrostando as torrentes, que alagavão a terra, e os

raios que partião do céu, dous cavalleiros ião levando seus cavallos a troté largo para o lado da nascente povoação de Itaborahy.

Felizmente para elles, tendo partido da margem direita do rio Igná, não tinham mais nenhum rio que passar até á povoação que nomeámos.

Como é facil de adivinhar, esses dous cavalleiros erão Leonel e o *Forasteiro*.

O ancião e o mancebo, igualmente apressados, apertavão as esporas contra o ventre dos cavallos, que trotavão bufando desinquietos; porque a chuva, arrojada com força pelo vento, cahia-lhes de encontro ás caras, e lhes ofiendia os olhos.

Os dous cavalleiros guardavão um silencio que não rompião uma só vez: como se estivessem certos de que um unico pensamento os dirigia a ambos, e que suas idéas e seus projectos em tudo se assemelhavão, não se lembravão nunca de trocar a mais simples palavra.

Caminhavão, pois, em silencio ao bramir da tormenta, açoitados pelo vento, e alagados pela chuva, e apenas uma ou outra vez, quando por acaso se interrompião os trovões, ouvião, passando diante de algum *sítio*, que demorava á beira da estrada, sahir da humilde cabana a reza entoada em voz alta, dolorosa e tremula pelos seus pobres habitantes.

Emfim, o *Forasteiro* e Leonel chegarão á povoação de Itaborahy; mas em vez de irem bater á porta de algum amigo, ou conhecido, até que cessasse a tempestade, apressarão ainda mais os cavallos, lançando-os pela ladeira do *Bom-Fim*, e seguindo a estrada que vai ter ao rio Varzea.

Tres a cinco minutos depois os dous cavalleiros estacarão de repente os seus cavallos.

O rio Varzea trasbordára : sua corrente tornára-se impetuosa, e lançava-se raivosa e arrojava-se violenta levando diante d'ella os arbus-tos, que cresião á sua margem, e que depois de enrolados na areia, erão arrancados e levados pela ruidosa torrente.

O rio não tinha ponte; era pois quasi uma loucura pretender atravessal-o.

Os dous cavalleiros acabavão de respirar, quando o *Forasteiro*, voltando o rosto para o mancebo, perguntou :

— Tens medo?...

Por unica resposta Leonel picou com as esporas o seu ardente cavallo, que de um salto foi atirar-se no meio da corrente.

O *Forasteiro* seguiu immediatamente Leonel...

Houve alguns minutos de luta terrivel para os cavallos, que bufavão, nadando com as cabe-

ças levantadas; os relampagos mostravão-lhes a estrada além do rio; os cavalleiros procuravão animal-os com vozes e signaes, a que sem duvida aquelles animaes se achavão habituados: por vezes pareceu impossivel aos dous cavalleiros resistir á força e violencia do rio, até que enfim os cavallos tocárão a margem desejada, e sem lhes ser concedido um só momento de descanso, continuárão no seu largo trote a vencer a estrada, que fugia debaixo de seus pés.

Uma hora ainda de longa e incommoda viagem passou para os dous cavalleiros, que, finalmente, tornárão a parar, não como da outra vez, diante de um rio, mas diante da cancella de uma fazenda.

O *Forasteiro*, como se fosse o mais habil pratico d'aquelles lugares, tinha conduzido o mancebo por atalhos e trilhos, umas vezes para encurtar as distancias, e outras para fugir de atravessar algum regato engrossado pela chuva, de modo que Leonel, apezar de muito conhecedor de todas as estradas e caminhos da sua freguezia, ou por muito occupado de seus pensamentos de amor e de vingança, ou porque verdadeiramente se achasse desnorteado, no primeiro momento não conheceu a fazenda a que acabava de chegar.

Mas um relampago mostrou a seus olhos o campo, as casas, o engenho, e as senzalas, e apenas as distinguio, o mancebo exclamou sorprendido :

— A fazenda de Raphael!

Por unica resposta o *Forasteiro* abriu a cancella, e disse a Leonel:

— Avante!

O mancebo passou adiante, e voltando o cavallo, fallou ao seu companheiro de viagem:

— Entreguei-me a vós, como um cego ao seu conductor...

— Que mais?... perguntou o ancião.

— Promettestes mostrar-me Branca.

— Sim.

— Acompanhei-vos sem vos perguntar para onde me levaveis; não procurei nem mesmo examinar a estrada e os atalhos, por onde me conduzistes, e de subito vejo, que me arrastastes até á fazenda de Raphael...

— Então?...

— Branca foi arrancada d'aquella casa; não era portanto aqui, que me devieis ter trazido!

O velho não respondeu.

— Senhor! disse Leonel levantando a voz: uma vez que m'o promettestes, haveis de dizer-me, onde se acha Branca.

— Trazes o teu relógio, Leonel? perguntou o *Forasteiro* friamente.

— Não; respondeu de mau humor o manco.

— É o mesmo: trago eu o meu; esperemos um fuzil, que nos allumie.

E abrindo o seu relógio diante dos olhos, esperou alguns instantes.

Um relampago brilhou no espaço e foi logo seguido de um horroroso trovão.

— Chegamos a tempo, disse o ancião com voz calma e serena: faltão cinco minutos para a meia noite.

— E que tem isso?...

— As luzes vão accender-se na capella.

E como se os factos devessem vir logo verificar as palavras d'aquelle homem mysterioso, Leonel viu atravez da escuridão começarem a scintillar algumas luzes na capella da fazenda de Raphael.

— Adivinhastes... cil-as!... exclamou o manco.

— Chegamos a tempo: tornou o velho, approximando-se tanto de Leonel, que pôde pousar a mão sobre a cabeça do cavallo do seu companheiro de viagem.

— E Branca? perguntou este com anciedade.

— Sabes o que deve ter lugar ali na capella, Leonel?...

— Dizei... dizei...

— Um casamento...

— E Branca?... Branca?:...

— Está lá... é a noiva...

Leonel enterrou as esporas no seu fogaço cavallo; mas este em vez de precipitar-se em violenta carreira, empinou-se, e depois bateu com as mãos no mesmo lugar, e ficou immovel bu-fundo de raiva.

— Mancebo, disse o *Forasteiro*, adivinhei o teu pensamento; caleulei com a tua precipitação, e felizmente já tinha a mão no freio do teu cavallo, quando o feriste com as esporas.

— Senhor!

— Nada, nada de observações; prosigamos em nossa viagem: não vêdes que nos achamos tão perto do termo d'ella?

— Mas...

— Nada de observações, já disse: segui-me, que é tempo; a hora solemne acaba de soar.

Leonel curvou a cabeça, sentindo-se dominado, apesar seu, pela influencia d'aquelle homem extraordinario; e conseguindo triumphar de seu desespero, fez o seu cavallo marchar a passo ao lado de seu companheiro de viagem.

Quanto mais avançavão, mais distinguião as luzes, que brilhavão na capella.

O *Forasteiro* ouvia a respiração agitada de Leonel, apesar do ruído da tempestade e do tropel dos cavallos, e no meio da escuridão via o brilho sinistro dos olhõs do mancebo.

Finalmente, os dous cavalleiros parárão a algumas braças de distancia da capella; apeárão-se e prendêrão seus cavallos a uma arvore.

— Jura-me, que hasde ser prudente! disse o *Forasteiro*, voltando-se para Leonel.

— Juro, que farei o que devo; respondeu este.

— E perderás tudo! e Branca será esposa de Jorge!

— Nunca!

— Leonel, deixa que eu seja a cabeça, que pense por ti: não te arreponderás.

— Senhor!

— Jura, que me obedecerás!

— Pois bem: serei obediente... serei fraco uma vez... disse Leonel apertando a mão do velho.

— Agora, vem comigo: murmurou o *Forasteiro* visivelmente sensibilizado.

O velho e o mancebo avançárão até á porta da capella.

Leonel ia entrar ; mas o *Forasteiro* travou-lhe do braço e o suspendeu.

— Nem mais um passo, disse.

O mancebo parou junto do lumiar

— Agora vê, tornou o *Forasteiro* apontando para a nave da capella.

Leonel vio então um padre em pé junto do altar : logo depois entrárão na capella, e se enca-minhárão para o altar Branca, que era levada pela mão de Raphael, e Jorge, que era quasi arrastado por Claudio Góes.

Duas outras personagens, dous homens decentemente vestidos, approximárão-se tambem : crão complices de Raphael, devião ser testemunhas de um casamento.

O *Forasteiro* sustinha Leonel prendendo-lhe o braço entre os seus dedos de ferro.

Agora devemos suspender por breves instantes a narração que estamos fazendo. Cumpre antes de proseguir n'ella dar uma ligeira idéa do theatro em que se vai passar a scena a que chegamos, e em que se passarão ainda outras de não menor importancia.

O romancista tem obrigação de escrever o drama e ao mesmo tempo de edificar o seu theatro.

Lancemos pois uma vista d'olhos sobre a capella da fazenda de Raphael.

A capella tinha uma unica porta, que abria para o campo, e que dava entrada immediatamente para a nave, de modo que o christão que buscava aquella casa de Deos, apenas tocava o lumiar via logo em frente o sagrado altar.

Um pouco abaixo das escadas do altar havião mais duas portas; a que lbe ficava á esquerda communicava-se com a sacristia, e esta era logo seguida, para o lado da entrada da capella, de uma sala, que dava sahida, ainda para a parte direita, para o cemiterio da fazenda. Chamava-se — a sala dos mortos.

A porta da esquerda abria-se em uma sala, por cima da qual ficava a tribuna destinada á familia do senhor e dono da fazenda: um longo e escuro corredor ladeado de quartos, ou pequenas saletas, que ninguem habitava, servia para estabelecer facil communicação entre a capella e a casa de vivenda.

Contentamo-nos com o pouco, que acabamos de dizer: a imaginação do leitor pinte de vermelho as portas da capella, e as grades de páo da tribuna, e carregue de pesados ornatos o altar, todo de obra de talha dourada, e faça alvejar as paredes altas e nuas.

E ainda mais alguns momentos de paciencia.

Talvez que o leitor não tenha podido compre-

hender como Branca, que havia fugido na noite antecedente da casa de seu tio, apparecia então na capella conduzida pela mão de Raphael, aos pés de um padre, que a esperava junto do altar, sem duvida para casal-a com o filho do usurario.

Poucas palavras serão de sobra para encher de luz as trevas e desnublar o mysterio.

Volte o leitor connosco á noite antecedente: é privilegio nosso fazer viver os dias já vividos, e renovar o passado. Se não fôra esse privilegio, ninguém quereria ser romancista.

Voltemos pois á noite antecedente.

É meia noite.

Na casa de Raphael dormem todos, menos elle o Branca. Alda sonha gemendo: a sua dôr não dorme nunca.

Raphael, que parecia descansar ao lado da esposa, ergue-se, e tomando uma luz, encaminha-se para o quarto de Branca.

A triste amante de Leonel, que velava pensando no escolhido do seu coração, vio a luz, que penetrava por baixo da porta do seu quarto, e levantou-se assustada da cadeira em que estava sentada.

Logo depois ouviu a voz de Raphael.

— Branca, ainda não dormes? eu preciso falar-te: estás vestida?

— Sim, meu tio; respondeu a moça.

— Abre então.

Branca abriu a porta: julgou que seu tio vinha desconfiado observá-la, e apresentou-se a seus olhos firme e calma.

— Aqui estou, meu tio; disse ella.

Raphael pareceu hesitar.

— Que me quereis, senhor? perguntou a joven com voz socegada e triste.

— Venho perguntar-te, se estás enfim resolvida a casar-te com o Sr. Jorge?

— Não respondi eu já, senhor?

— Mas agora?...

Branca encarou Raphael com firmeza e dignidade; mas não respondeu.

O seu silencio era quasi desprezador.

— Estás ou não disposta a obedecer-me?... repetio-lhe Raphael com autoridade.

— Não; disse a joven.

— Pensa bem no que respondes, Branca!

— Já declarei que amava a outro, senhor.

— E portanto...

— E portanto, esposa d'elle, ou esposa de Deos.

— Bem: em tal caso, segue-me.

— Seguir-vos?!!

— Sim, e immediatamente.

— Seguir-vos?... e para onde?...

— Sabel-o-has dentro em pouco.

— E minha tia?...

— Dorme.

— Seguir-vos então?... É para onde quereis levar-me?...

— Tens medo?...

— Oh senhor! eu já não tenho medo de nenhum perigo: o perigo assusta, porque é o caminho da morte, e eu desejo morrer.

— Receias então que eu te vá condemnar a tormentos, que sejam superiores á tua constancia, e que te fação sacrificar o teu acrisolado amor?...

A ironia de Raphael ferio o coração de Branca e despertou-lhe o orgulho: ella ergueu a cabeça, lançou sobre o seu algoz um brilhante olhar de desafio, e com um sublime sorriso nos labios, disse sem hesitação:

— Vamos; eu vos sigo.

Raphael não contava com tão facil victoria: voltou-se, pois, com rapidez para não deixar ver a alegria que ella lhe causava, e tomou logo a direcção da sala.

Branca o seguiu de perto.

Chegados á sala, Raphael não parou, e abrindo a porta, que dava passagem para a capella, avançou pelo corredor.

A misera joven estremeceu, mas foi sempre andando em seguida de seu tio.

Emfim, entrárão na sala, que ficava contigua á nave da capella, e por baixo da tribuna.

Raphael voltou-se para traz, e disse:

— Esta sala será de hoje em diante todo o teu mundo, até que te mostres obediente aos justos desejos d'aquelle, que te governa, e te serve de pae.

— Como?... prendeis-me então?...

— É isso pouco mais ou menos, senhora; ficarás encerrada aqui até o dia em que me declarares, que estás prompta a receber Jorge por teu marido.

— Oh meu pae!... oh minha mãe!... exclamou Branca elevando as mãos, como se appellasse para o céu!

— Pódes fazer quantas exclamações quizeres, ia dizendo Raphael.

— Perdão, meu tio, disse Branca interrompendo-o: escapou-me involuntariamente um grito partido do coração: hade ser o ultimo, e aqui ficarei toda a minha vida.

Raphael rio-se com escarneo.

— Vêl-o-eis, senhor! tornou a moça alçando a voz.

— Como te aprouver, menina; continuou no

mesmo tom de zombaria o algoz; ali tens agua e alimentos para o dia de amanhã: não morrerás á fome e á sêde; serei um bom e humano carcereiro: que mais queres?

— Nada mais, senhor; tenho a dous passos o altar de Deos para ir orar, e pedir á Santa Virgem, que alcance de seu Bemdito Filho o vosso perdão, senhor!

— Pódes orar todo o tempo que quizeres, minha sobrinha; e se tiveres medo da solidão, e desejares soccorro, ou se te vier ao pensamento dar a conhecer que estás aqui presa, grita, e grita bem; porque é preciso que grites bem alto para que te possam ouvir!

— Gritar?... e quem me acudirá n'esta casa, se eu gritar?

— Eu... pelo menos, eu, sem duvida eu.

— Oh senhor! podeis estar seguro de que me deixaria morrer sem exhalar um só gemido com receio de que me ouvissem.

Raphael fingio não entender o que lhe queria dizer a sua victima, e deixando a luz sobre uma mesa, olhou de novo para Branca, deu-lhe as boas noites com um accento de ironia insultuosa, e retirou-se.

Branca ouviu o ruido de tres ou quatro portas, que se fechavão sobre ella, e levantando-se

correu á capella, atirou-se de joelhos aos pés do altar, e bradou :

— Meu Deos! meu Deos! meu pae do céu!... devo eu ficar aqui presa toda a minha vida?...

Raphael, depois de trancar a ultima porta, que abria para o corredor da capella, entrou na sala, sentou-se para descansar alguns momentos, e logo depois erguendo-se, disse fallando comsigo mesmo :

— Agora estou seguro : dentro de vinte e quatro horas ella será mulher do filho de Claudio Góes.

E accrescentou com voz quasi imperceptivel :

— E além de vingar-me, e de ferir ainda uma vez os meus inimigos... não verei desabar a minha fortuna.

E satisfeito do que fizera, foi dormir o somno do máo, ao lado d'aquella que dormia o somno da loucura, do remorso ou da desgraça.

Branca tinha ficado de joelhos junto do altar da capella, e tanto orou, e tanto chorou, que os anjos do céu derramarão sobre ella as papoulas do paraíso, e a joven ali mesmo adormeceu.

Duas horas depois despertou : levantou-se assustada parecendo-lhe que ouvia passos de alguem, que se retirava da nave da capella ; voltou

a cabeça tremendo de susto, e julgou ver um vulto negro, que fugia pelo lado da sacristia; quiz gritar, e não pôde; faltou-lhe a voz, e cahio outra vez de joelhos.

No dia seguinte ninguem vio Branca na casa de Raphael.

A noticia da fuga da infeliz joven correu por toda a parte.

Raphael esperou longas horas a observar, se a sobrinha denunciava a sua prisão com seus gritos e brados: seguro, emfim, do silencio da victima, fingio acreditar na fuga de Branca, e mandou procural-a pelas circumvisinhanças.

As indagações, que por sua ordem fizeram os seus emissarios, tinham por fim illudir a Leonel, e para definitivamente livrar-se do mancebo, e afastal-o dos arredores da sua fazenda, Raphael fez escrever aquella carta auonyma, em que elle proprio e Claudio Góes, seu complice, erão accusados.

Já vimos que a carta havia produzido o effeito desejado, graças á imprudencia e ao genio impetuoso do *engeitado da Aldéa*.

Tudo pois corrêra o melhor possivel para Raphael: habil e previdente elle tinha calculado com todos os obstaculos, e todos os obstaculos havia conseguido remover para chegar ao seu

fim: apenas se esquecêra de um homem: não contára com o *Forasteiro*.

Mas que poderia importar ao *Forasteiro* o casamento de Branca?... que tinha elle que ver com os projectos de Raphael?... e o que ousaria tentar, e chegaria a realisar esse personagem desconhecido, solitario, sem recursos, e sem amigos?...

Raphael contou com anciedade e impaciencia as horas d'aquelle dia, que lhe parecião arrastar-se pesadas. Seus emissarios chegavão a cada momento annunciando-lhe os vãos esforços que tinhão feito para descobrir a sua victima; e alguns espiões de confiança corrião a dar-lhe parte de todos os passos de Leonel.

André, o esperto sobrinho do velho Anselmo, que se tinha feito o mais activo e desvelado d'esses espiões, chegou coberto de suor e poeira ao pôr do sol á casa de seu novo amo.

— Então?... que ha?... perguntou-lhe este em voz muito baixa.

— Novidade; respondeu André no mesmo tom: o Sr. Leonel faz o seu cavallo voar, como uma flecha de caboclo, em direitura da freguezia.

Um sorriso quasi imperceptivel passou pelos labios de Raphael.

— Tanto melhor, disse elle comsigo; o cami-

nho da freguezia é o mesmo que vai ter ao rio Iguá: a minha carta está dando de si.

Algun tempo depois começou a tempestade.

Erão dez horas da noite; ribombava a borrasca: Alda rezava no seu quarto; Raphael conversava com dous amigos, que tinhão chegado antes da chuva, com grande felicidade para elles, pois que vinhão encasacados, e ataviados, como se tivessem de assistir a alguma festa.

— Santa Barbara! São Jeronymo! exclamou um d'elles deslumbrado por um fuzil e aturrido por um trovão pavoroso.

— Que é lá isso, compadre?... perguntou Raphael: pois tem medo do perigo que já passou?...

— Com a fortuna!... como me póde faltar o tempo para ter medo do raio, que ha de vir, vou me assustando com aquelles de que escapo... mas... quer saber, compadre?... duvido que o *Onça* se atreva a metter-se a caminho com este tempo!

— Oh! hade, hade! o *Onça* conta apoderar-se hoje de uma bella presa.

— E o noivo, disse o outro, e o noivo?... esse viria por entre relampagos e coriscos.

— Mas já erão horas... creio eu.

— Pois bem: sinto tropel de cavallo... eil-os ahi!

Com effeito, Claudio Góes, o *Onça*, e Jorge, o *Triste*, entrárão na sala alguns momentos depois. Como era de prever, chegavão alagados.

Em quanto o velho usurario e seu filho mudavão de roupa, e preparavão-se para o acto solemne, que ia ter lugar, Raphael foi dar as ultimas ordens.

Seguido de duas escravas que levavão os vestidos e a corôa de noiva, dirigio-se á sala contigua á capella, onde Branca se achava encerrada.

As escravas ollárão espantadas uma para a outra: acabavão de comprehender tudo.

— O teu casamento com o Sr. Jorge vai celebrar-se dentro em poucos minutos; disse Raphael á sua sobrinha: eis ahí os teus vestidos de noiva; creio que te deixarás vestir.

Branca ergueu-se: tinha as faces afogueadas, os olhos brilhantes, e ardente febre a devorava.

— Vestir-me-hei, sim, disse ella com voz tremula e agitada: as vestes de uma noiva são iguaes á mortalha de uma virgem; hão de por tanto assentar-me bem. Retirai-vos pois, meu tio! a noiva quer vestir-se.

Raphael voltou para a sala, onde o esperavão os seus amigos, em quanto Branca com uma agitação verdadeiramente febril deixava-se pentear e vestir pelas escravas.

Pouco antes da meia noite, Raphael, Claudio Góes, Jorge, e as duas testemunhas encaminhãrão-se para a capella.

Parárão um momento na sala em que estava Branca já vestida e prompta.

O noivo, que até alise conservára silencioso, e, por assim dizer, inerte, avançou alguns passos para a formosa joven, que ia em breve ser sua mulher.

Branca levantou a cabeça com singular ousadia.

Os dous noivos encarárão-se.

A mulher, que devia estar confundida pelo pudor, e tremula de receio, mostrava-se cheia de fogo, e dardejava vistas inflammadas.

O homem, que devia naturalmente apresentar-se com todo o ardor de um affecto vehemente, e de uma esperança luminosa, achava-se pallido, abatido, e desanimado.

Parecia que tinham ambos trocado os papeis que lhes cabião; entretanto ambos se comprehêrão.

Jorge chegou até junto de Branca, curvou-se ante ella, e tomando-lhe a mão para beijar-lh'a, disse-lhe baixinho:

— Soçegai, senhora; eu direi que « não ».

— Se eu não disser primeiro, senhor; respondeu-lhe Branca também em voz baixa.

As luzes brilhavam já na capella.

— Vamos, senhores! disse Raphael.

E dando aos outros o exemplo, tomou elle a mão de sua sobrinha, e rompeu o cortejo.

Claudio Góes seguiu logo apóz com o filho.

As duas testemunhas fechavam o cortejo.

Alda não tinha vindo assistir á cerimonia: rezava, gemia, ou dormia.

Um sacerdote já estava ao pé do altar esperando os noivos.

Era o capellão da fazenda de Raphael, e chamava-se Christiano.

O padre Christiano era um homem de quarenta annos de idade; alto, magro, e pallido; sua figura, seu aspecto parecião annunciar uma vida passada em jejuns e nos martyrios da carne: sua fronte alta e bella dava fianças de uma intelligencia brilhante: sua voz sonóra e melancolica enchia de um encanto inexplicavel suas palavras sempre notaveis pela gravidade e sabedoria dos pensamentos, que exprimião; tinha os cabellos negros, crescidos e cahidos ao redor do pescoço: as mãos brancas e bem feitas; mas o que n'elle sobretudo agradava, era o olhar sereno, doce, animador, angelico talvez, que derrama-

vão meigamente seus grandes olhos de um azul admiravel.

Tinha o olhar de um santo: adivinhava-se o coração do homem n'aquelles olhos.

O padre Christiano apenas vio chegarem os noivos, deu alguns passos para elles, trazendo na mão direita algumas folhas de papel.

Dirigio-se antes de todos a Raphael.

— Tudo está em regra, senhor, disse, mostrando os papeis: tudo está, como era de esperar que estivesse: temos a licença para celebrar o casamento a esta hora, e n'esta capella; temos a dispensa dos pregões: nada pois nos falta, e portanto podemos dar começo a esta sagrada solemnidade.

— Um momento, senhor padre! disse Branca afastando-se de Raphael: um momento!... Tenho eu o direito de dizer algumas palavras?

— Senhora, respondeu o padre Christiano; ninguem aqui tem mais direito de fallar do que vós e o senhor vosso noivo: é meu dever ouvir-vos: fallai pois!

— Não a ouçais, padre! exclamou Raphael avançando um passo.

Começava a reinar tanta confusão e ruido na capella, e era ainda tão forte a tempestade, que ninguem se apercebeu da entrada de dous novos

personagens na capella: se alguém, no entanto, tivesse voltado os olhos, veria um ancião sustentando á força um mancebo, e procurando occultar-se com elle na sombra.

— Não a ouçais, padre! repetio Raphael.

— Por Deos, que nos ouve, Sr. Raphael, nunca tal faria eu!

E voltando-se para a noiva, o padre Christiano continuou dizendo:

— Em nome de Deos, senhora, podeis fallar. Raphael recuou bramindo de raiva.

— Temos arenga?... perguntou Claudio Gócs em sua linguagem ridicula e baixa.

— Eu me havia esquecido de que este padre é ás vezes louco... respondeu Raphael.

Branca dirigio-se ao sacerdote.

— Padre, disse ella: póde-se casar uma mulher á força, e contra a sua vontade?... Póde-se prendel-a em sagrados laços, quando ella diante de Deos, diz — *não!* — e repelle esses laços?

O padre Christiano olhou com severidade para Raphael, e depois voltando os olhos para a joven, respondeu com doçura:

— Não, mil vezes não, minha filha; Deos quer os juramentos, que partem do coração, e não aceita outros.

— Pois bem: eu vos declaro, que me arras-

tárão aos pés do altar... eu vos declaro, que não quero casar com o Sr. Jorge, e juro-vos que elle também foi para aqui arrastado, e que também não quer casar comigo!

— É impossivel?!?! exclamou o padre Christiano!

— É verdade, meu padre! balbuciou Jorge tremendo.

Claudio Góes deu um salto para traz, como tendo recebido um golpe inesperado.

— Padre, disse Raphael; cerrai os ouvidos ás loucas palavras de duas crianças inexperientes, e ensinai-lhes a respeitar a authoridade de seus paes, ou tutores: vamos, celebrai o casamento!

O padre dobrou socegradamente os papeis, que tinha na mão direita, subio os degráos do altar, e voltando-se para os assistentes, disse com voz grave e serena:

— Retirai-vos, senhores! em nome de Deos, este casamento não póde ter lugar.

Branca soltou um grito de alegria.

O padre Christiano desceu do altar, sereno e bello, como tinha a elle subido.

Ia retirar-se.

Quando passou junto de Raphael, e Claudio Góes, disse-lhes com voz doce:

— Meus irmãos, arrependei-vos, porque peccastes.

— Padre Christiano! exclamou Raphael enraivecido; padre Christiano! d'ora ávante não sois maiso capellão da minha fazenda!... padre Christiano!... sahi!...

— Padre Christiano!... bradou uma outra voz rouca e terrivel; padre Christiano! d'ora ávante sois o capellão da fazenda de Constança!... padre Christiano! vinde!...

Todos olhárão, e virão com espanto um ancião de barbas brancas, e envolvido em um longo ponche negro, que se retirava levando comsigo quasi á força um gentil mancebo.

O ancião era o — *Forasteiro*.

FIM DO SEGUNDO TOMO.





